

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Linha de pesquisa “Estudos Psicanalíticos - Conceitos Fundamentais em Psicanálise e
Investigações no Campo Clínico e Cultura”

ROBERTO LOPES MENDONÇA

**A REALIDADE MOSTRADA À MANEIRA DOS GEÔMETRAS:
Um estudo topológico sobre o conceito de realidade em Psicanálise**

Belo Horizonte

2018

ROBERTO LOPES MENDONÇA

**A REALIDADE MOSTRADA À MANEIRA DOS GEÔMETRAS:
Um estudo topológico sobre o conceito de realidade em Psicanálise**

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Máris Campos Guerra

Belo Horizonte

2018

150

M539r

2018

Mendonça, Roberto Lopes

A realidade mostrada à maneira dos geômetras
[manuscrito]: um estudo topológico sobre o conceito de
realidade em psicanálise / Roberto Lopes Mendonça. - 2018.

290 f. : il.

Orientadora: Andréa Máris Campos Guerra.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2, Realidade - Teses.
3. Topologia - Teses. 4. Psicanálise - Teses. I. Guerra, Andréa
Máris Campos. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

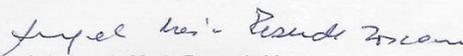
A REALIDADE MOSTRADA À MANEIRA DOS GEÔMETRAS: um estudo topológico sobre o conceito de realidade em psicanálise

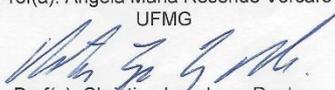
ROBERTO LOPES MENDONÇA

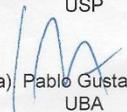
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

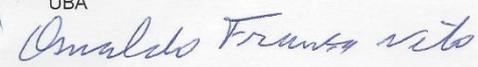
Aprovada em 27 de fevereiro de 2018, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Andrea Maris Campos Guerra - Orientador
ufmg


Prof(a). Angela Maria Resende Vorcaro
UFMG


Prof(a). Christian Ingo Lenz Dunker
USP


Prof(a). Pablo Gustavo Amster
UBA


Prof(a). Oswaldo Franca Neto
UFMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2018.

À toda a minha família, agora em várias gerações.

AGRADECIMENTOS

Há muitos que merecem agradecimentos, porque contribuíram, cada um à sua maneira com a escrita desta tese.

Em primeiro lugar agradeço à Andréa Guerra pela orientação que, ao longo dos anos, permitiu que eu tivesse *coragem* na *batalha* da escrita;

A todos os membros da banca com quem discuti vários pontos teóricos ao longo dos anos: Pablo Amster, Christian Dunker, Ângela Vorcaro e Oswaldo França Neto;

A alguns autores que não apenas me auxiliaram com seus escritos, mas literalmente os enviaram a mim ou os discutiram comigo, como Fabian Schejtman, Emanuel Fragoso e Nieves Dafunchio;

De maneira muito especial à minha esposa, Geo, pelos inúmeros momentos de leitura e discussão, mesmo com o texto *já* escrito;

Aos amigos Mardem Leandro, Carlos Eduardo (Kadu) e Daniela Couto pela leitura e discussão de meus textos, além dos auxílios nas horas de dúvidas;

À Jandira Santos, que tanto me auxiliou com os termos alemães de Freud, permitindo uma leitura mais precisa dos textos do pai da Psicanálise;

À François Sauvagnat pela enorme paciência em discutir boa parte deste texto, sobretudo a parte axiomática, em uma forma próxima à Torre de Babel (francês, espanhol, português, alemão, etc);

Aos alunos do curso *Quer que eu desenhe?* ministrado na FAFICH/UFMG, que permitiram um grande aprofundamento da ferramenta utilizada ao longo da escrita – a topologia de Lacan;

Aos colegas do PSILACS, assim como aos colegas de doutorado, pelas discussões ao longo dos anos;

Aos colegas da UEMG, professores e alunos, que sempre mostraram seu apoio durante esta jornada;

A todos, meus sinceros agradecimentos.

Ἄγεωμέτρητος μηδεὶς εἰσίτω
(Platão)

RESUMO

Este trabalho discute o conceito de realidade em Psicanálise. Utiliza-se um método híbrido entre a Matemática, a Filosofia e a Psicanálise, tendo como ferramenta principal a topologia. O método geométrico é tomado como a inspiração, mas subvertido pela mostração da topologia. Os pontos de discussão passam pelas dualidades freudianas como os mundos externo e interno e as realidades psíquica e material. Também se discute as topologias lacanianas, sobretudo seus trabalhos sobre os grafos, a topologia de superfície e a topologia dos nós. Apresenta-se a realidade em Freud e Lacan, no primeiro focando na origem e cisão do aparelho psíquico e no segundo a partir das diferentes topologias. Faz-se uma discussão pormenorizada do conceito de recalque em Freud até suas elaborações sobre a inibição, o sintoma e a angústia, utilizados depois por Lacan em sua teorização borromeana enquanto nominações. No ponto central são apresentadas duas visões da realidade que partem da teorização lacaniana para então propor que a realidade é o efeito da amarração dos três registros com o auxílio de um quarto elo, um efeito de haver sujeito. Dada nossa forma de inferência abdutiva, faz-se necessária uma mostração que confirme nossa tese, o que é feito a partir do caso do Homem dos Lobos, o qual apresentamos em uma perspectiva nodal em diversos autores que tiveram algum contato com este personagem. Concluimos que a realidade em Psicanálise pode ser pensada como o efeito da amarração dos três registros auxiliada por um quarto elo, coextensivo ao fato de haver sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise. Realidade. Método geométrico. Topologia. Mostração.

ABSTRACT

This work discusses the concept of reality in Psychoanalysis. A hybrid method is used between Mathematics, Philosophy and Psychoanalysis, having as the main tool the topology. The geometric method is taken as the inspiration, but subverted by the topology showing. The points of discussion pass through the freudian dualities as the outer and inner worlds and the psychic and material realities. We also discuss lacanian topologies, especially their work on graphs, surface topology, and knot's topology. The reality is presented in Freud and Lacan, in the first focusing on the origin and division of the psychic apparatus and in the second from the different topologies. There is a detailed discussion of the concept of repression in Freud to his elaborations on inhibition, symptom and anxiety, later used by Lacan in his borromean theorization as nominations. At the central point are presented two visions of reality that depart from lacanian theorizing and then propose that reality is the effect of the lashing of the three registers with the aid of a fourth link, an effect of having subject. Given our form of abductive inference, it is necessary a demonstration that confirms our thesis, which is done from the case of Wolf Man, that we present in a nodal perspective in several authors who had some contact with this character. We conclude that reality in Psychoanalysis can be thought of as the binding effect of the three registers aided by a fourth link, coextensive with the fact of having subject.

Keywords: Psychoanalysis. Reality. Geometric method. Topology. Showing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Toro com linha da demanda	36
Figura 2 – Toro com linha que contorna o objeto do desejo	36
Figura 3 – Toro com linha do desejo	37
Figura 4 – Abraço tórico com linha do desejo em comum	37
Figura 5 – Esquema simplificado da nosologia freudiana	43
Figura 6 – Esquema simplificado da nosologia lacaniana	47
Figura 7 – Cadeias isomorfas	51
Figura 8 – Aparelho psíquico da primeira tópica	64
Figura 9 – Aparelho psíquico da segunda tópica (primeira versão)	66
Figura 10 – Aparelho psíquico da segunda tópica (segunda versão)	67
Figura 11 – Esquema R simplificado	71
Figura 12 – O campo do sentido	72
Figura 13 – Cadeia significante mínima	72
Figura 14 – Funcionamento da realidade, primeiro passo	73
Figura 15 – Funcionamento da realidade, segundo passo	73
Figura 16 – Funcionamento da realidade, terceiro passo	74
Figura 17 – Real e realidade em Miller	74
Figura 18 – Figuras homeomorfas	79
Figura 19 – As sete pontes de Königsberg	88
Figura 20 – Esquema das pontes de Königsberg de Euler	88
Figura 21 – Um cubo	89
Figura 22 – Linhas do esquema R	89
Figura 23 – O esquema R simplificado, como plano projetivo	91
Figura 24 – O quadrilátero MImi	91
Figura 25 – Cortes no esquema R	92
Figura 26 – Esquema R estirado	92
Figura 27 – Esquema R no formato de uma banda de Möbius	93
Figura 28 – Pontos no esquema R	94
Figura 29 – Esquema R com pontos em forma de plano projetivo	94
Figura 30 – Esquema R prestes a se fechar	95
Figura 31 – Esquema R fechado como um <i>cross cap</i>	95
Figura 32 – Do esquema R ao <i>cross cap</i>	96
Figura 33 – O <i>cross cap</i> com os pontos do esquema R	96

Figura 34 – Primeiro corte no <i>cross cap</i>	97
Figura 35 – Segundo corte no <i>cross cap</i>	98
Figura 36 – O <i>cross cap</i> e o matema do fantasma.....	99
Figura 37 – Brasão das armas da família Borromeu	100
Figura 38 – Nó trivial e nó de trevo	101
Figura 39 – Nó trivial e nó de trevo aplainados	102
Figura 40 – Cadeia Brunniana.....	103
Figura 41 – Cadeia borromeana completa	104
Figura 42 – Categorias dos três registros.....	105
Figura 43 – Ex-sistência, consistência, buraco	105
Figura 44 – Esquema da representação para Brentano	115
Figura 45 – A clínica diferencial em <i>De uma questão preliminar</i>	122
Figura 46 – Esquema de Skriabine adaptado	124
Figura 47 – Triângulo edípico.....	134
Figura 48 – Primeiro momento do Édipo	135
Figura 49 – Terceiro momento do Édipo.....	136
Figura 50 – O triângulo edípico modificado	137
Figura 51 – Primeiro esquema da realidade.....	137
Figura 52 – Segundo esquema da realidade.....	138
Figura 53 – Terceiro esquema da realidade	139
Figura 54 – O esquema L simplificado.....	140
Figura 55 – Esquema R completo	140
Figura 56 – Esquema I simplificado.....	142
Figura 57 – O quarto elo como a realidade psíquica (Édipo)	145
Figura 58 – Enodamento a três elos – o Édipo implícito.....	145
Figura 59 – Cadeia borromeana de 3 elos em preto e branco	163
Figura 60 – Nomações na cadeia de três elos	164
Figura 61 – Combinatória das nomações.....	165
Figura 62 – Nomação imaginária	165
Figura 63 – Nomação Real	166
Figura 64 – Nomação simbólica.....	166
Figura 65 – Cadeia de três elos com cruzamentos	169
Figura 66 – Resultado após lapsos nos pontos <i>a</i>	170
Figura 67 – Reparação dos lapsos	170

Figura 68 – Cadeias levógira e dextrógira	171
Figura 69 – Trança com três cordas	172
Figura 70 – Da trança ao nó	173
Figura 71 – Primeira forma de sintoma	174
Figura 72 – Primeira forma de inibição	174
Figura 73 – Primeira forma de angústia	175
Figura 74 – Segunda forma de sintoma	175
Figura 75 – Segunda forma de angústia	176
Figura 76 – Segunda forma de inibição	176
Figura 77 – Resultado após lapso no ponto <i>b</i> central.....	179
Figura 78 – Interpenetração de R e S e soltura do I	180
Figura 79 – Reparação do lapso	180
Figura 80 – Lapso em cruzamento <i>b</i> da periferia.....	185
Figura 81 – Reparação anterior ao desencadeamento	186
Figura 82 – Início da manobra com o elo verde (I).....	186
Figura 83 – Passagem do elo vermelho por dentro do elo verde	187
Figura 84 – O elo verde finalmente solto	187
Figura 85 – O elo verde finalmente solto: desencadeamento da psicose	188
Figura 86 – Reparação <i>sinthomática</i> após a manobra de soltura do elo verde	188
Figura 87 – Reparação sem efetividade	189
Figura 88 – Lapso na Psicose Maníaco-depressiva.....	225
Figura 89 – Melancolia desencadeada	226
Figura 90 – Amor por Teresa, reparação não- <i>sinthomática</i>	226
Figura 91 – A falta de apetite do Homem dos Lobos.....	232
Figura 92 - O sintoma que caduca.....	232
Figura 93 – Rede de palavras	235
Figura 94 – A fobia do Homem dos Lobos.....	236
Figura 95 – O desaparecimento do medo do lobo.....	236
Figura 96 – A religião como inibição no Homem dos Lobos.....	237
Figura 97 – Sutura dos três registros	241
Figura 98 – Nó da paranoia.....	242
Figura 99 – Nó de trevo e nó de trevo com lapso	242
Figura 100 – Reparação esperada para a paranoia	243
Figura 101 – Alucinação do dedo cortado no Homem dos Lobos	250

Figura 102 – Reparação no Homem dos Lobos	251
Figura 103 – A cicatriz no nariz.....	252
Figura 104 – Reparação do lapso da cicatriz	252
Figura 105 – Um quarto elo que não enlaça os três registros?.....	257
Figura 106 – Sutura dos seis cruzamentos.....	258
Figura 107 – A crise em relação ao nariz	269
Figura 108 – A forma de inibição típica do Homem dos Lobos	269

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Combinações possíveis de RSI	167
Tabela 2 – Relações entre os elos nas configurações levógira e dextrógira	171
Tabela 3 – Ordem dos registros pós-lapsos nas cadeias levógira e dextrógira	172
Tabela 4 – Resumo das nomeações.....	177

SUMÁRIO

1 À GUISA DE INTRODUÇÃO.....	17
2 PROBLEMAS E IDEIAS	27
2.1 QUESTÕES DE MÉTODO	27
2.1.1 O método geométrico	28
2.1.2 O método psicanalítico	30
2.2 DE FREUD A LACAN... E RETORNO.....	38
2.2.1 Freud.....	39
2.2.2 Lacan	44
2.2.3 Lacan... mais, ainda.....	48
2.3 DOS PARES DE OPOSTOS FREUDIANOS.....	53
2.3.1 Díades, dualidades, dualismos, dicotomias e dialéticas	55
2.3.2 Dois mundos distintos?.....	62
2.4 UMA NOVA DUALIDADE EM LACAN?	70
3 TOPOLOGIAS.....	76
3.1 DA MEDIDA DA TERRA AO ESTUDO DOS LUGARES.....	76
3.2 AS TÓPICAS FREUDIANAS	80
3.3 LACAN E A TOPOLOGIA	83
3.3.1 Dos grafos e da superfície.....	87
3.3.2 De nós e amarrações.....	100
4 A REALIDADE EM PSICANÁLISE.....	108
4.1 A REALIDADE – GENERALIDADES	108
4.1.1 Sujeito sem mundo e mundo sem sujeito	110
4.2 A REALIDADE EM FREUD.....	113
4.2.1 O ponto de partida da realidade	117
4.2.2 A prova de realidade	125
4.2.3 A perda da realidade	131
4.3 A REALIDADE EM LACAN.....	133
4.3.1 O esquema R - o esquema da realidade	134
4.3.2 Nome-do-Pai, Édipo e realidade psíquica: o quarto nó	143
5 DE NOMINAÇÕES E SUPLÊNCIAS	150
5.1 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RECALQUE	152
5.2 AS NOMINAÇÕES EM LACAN	162
5.2.1 Os lapsos na cadeia borromeana	167

5.3 CADEIAS OLÍMPICAS	178
5.3.1 De volta às origens.....	181
5.4 A PSICOSE ORDINÁRIA NA CADEIA BORROMEANA.....	183
5.4.1 Lapsos periféricos.....	184
5.4.2 Consequências	190
6 A REALIDADE MOSTRADA À MANEIRA DOS GEÔMETRAS.....	192
6.1 DEFINIÇÕES	195
6.1.1 Definição I.....	195
6.1.2 Definição II	195
6.1.3 Definição III.....	196
6.1.4 Definição IV	196
6.1.5 Definição V	197
6.1.6 Definição VI.....	197
6.1.7 Definição VII	198
6.1.8 Definição VIII.....	198
6.1.9 Definição IX.....	198
6.2 PRIMEIRA VISÃO SOBRE A REALIDADE	199
6.2.1 Postulados.....	199
6.2.1.1 Postulado I	199
6.2.1.2 Postulado II	200
6.2.1.3 Postulado III.....	200
6.2.2 Proposições	201
6.2.2.1 Proposição I.....	201
6.2.2.2 Proposição II	201
6.2.2.3 Proposição III.....	201
6.2.2.4 Proposição IV.....	202
6.2.2.5 Proposição V	202
6.2.2.5.1 <i>Teorema I</i>	203
6.2.2.5.2 <i>Teorema II</i>	203
6.2.2.6 Proposição VI.....	204
6.2.2.6.1 <i>Teorema III</i>	204
6.2.2.6.2 <i>Teorema IV</i>	205
6.3 SEGUNDA VISÃO SOBRE A REALIDADE	205
6.3.1 Postulados.....	205

6.3.1.1	Postulado IV.....	205
6.3.1.2	Postulado V.....	206
6.3.1.3	Postulado VI.....	206
6.3.1.4	Postulado VII.....	206
6.3.2	Proposições	207
6.3.2.1	Proposição VII.....	207
6.3.2.2	Proposição VIII.....	207
6.3.2.3	Proposição IX.....	208
6.3.2.3.1	<i>Teorema V</i>	208
6.3.2.4	Proposição X.....	208
6.3.2.4.1	<i>Teorema VI</i>	209
6.3.2.4.2	<i>Teorema VII</i>	209
6.3.2.5	Proposição XI.....	209
6.3.2.5.1	<i>Teorema VIII</i>	210
6.3.2.5.2	<i>Teorema IX</i>	210
6.3.2.5.3	<i>Teorema X</i>	211
6.3.2.6	Proposição XII.....	211
6.3.2.6.1	<i>Teorema XI</i>	211
6.4	NOSSA VISÃO SOBRE A REALIDADE.....	212
6.4.1	Proposições	212
6.4.1.1	Proposição XIII.....	212
6.4.1.2	Proposição XIV.....	212
6.4.1.3	Proposição XV.....	213
6.4.1.3.1	<i>Teorema XII</i>	213
6.4.1.4	Proposição XVI.....	214
6.4.1.4.1	<i>Teorema XIII</i>	214
6.4.1.5	Proposição XVII.....	214
6.4.1.5.1	<i>Teorema XIV</i>	215
6.4.1.5.2	<i>Teorema XV</i>	216
6.4.1.6	Proposição XVIII.....	216
6.4.1.6.1	<i>Teorema XVI</i>	217
6.4.1.6.2	<i>Teorema XVII</i>	217
6.4.1.7	Proposição XIX.....	217
6.5	TESE.....	218

7	UMA MOSTRAÇÃO FINAL	220
7.1	COM KRAEPELIN.....	225
7.2	COM FREUD	227
7.3	COM BRUNSWICK.....	238
7.4	COM LACAN.....	243
7.5	COM MILLER.....	253
7.6	CONOSCO	258
8	UM MOMENTO PARA CONCLUIR	272
	REFERÊNCIAS	279

1 À GUIA DE INTRODUÇÃO

Realidade. Algo que tomamos como óbvio. Algo que tomamos como já dado, inquestionável. Algo que tomamos como próximo à verdade última dos fatos e coisas, como um critério distintivo entre o que é verdadeiro ou falso. Mas seria exatamente isto? Seria a realidade este ponto no qual devemos nos ancorar para estar em certa conformidade com o mundo?

Estas aproximações entre a realidade e a verdade podem nos trazer alguma complicação. É que se pensarmos que há uma verdade definitiva, uma verdade inabalável à qual devemos nos submeter, sob a pena de sermos considerados loucos, temos que pensar também que a realidade desta verdade seria distinta de nós. Estaria posta em algum lugar e seria de alguma maneira verificada por algo ou alguém, que lhe conferiria o caráter de verdade. Somente com este breve pensamento já criamos uma série de problemas: existe uma verdade absoluta? Existe uma realidade independente de nós? Se conferirmos a esta realidade independente de nós um *status* de verdade não estaríamos apenas dando algum significado aos fatos e coisas, e então este sentido seria a própria realidade? Tudo soa paradoxal, pois se a realidade é o sentido que damos aos fatos e coisas, então não necessariamente os fatos e coisas têm uma realidade independente de nós. Ou se eles possuem esta independência, qual a importância de atrelarmos sentido à sua existência?

Seja a realidade dada de maneira independente de nós, seja ela tomada como um sentido que imputamos aos fatos e coisas, seja ela próxima do que chamamos de verdade, ainda nos resta a grande questão: afinal de contas, o que é a realidade? Ela é constituída de partes ou é algo mais simples, formada de uma única parte? Ela é uma pura abstração ou tem aspectos tomados das coisas mesmas? Ela é única para todos, universal, ou pode ser particularizada? Talvez até mesmo singularizada? Nos casos de realidades particulares ou singulares, então teríamos realidades distintas para diferentes grupos ou pessoas? Elas se comunicariam de alguma forma ou seriam absolutamente distintas? No caso de realidades distintas, haveria algumas formas que teriam privilégios sobre as demais? Teríamos alguma forma de realidade que seria considerada mais verdadeira que outras? Haveria realidades falsas? Não nos deteremos aqui nas inúmeras perguntas que poderiam vir às nossas mentes, mas buscaremos apresentar neste momento, de maneira simples, alguns pontos bastante iniciais sobre o tema da realidade, a título de apresentação e problematização.

Quando tomamos a realidade como algo independente de nós, pensamos por uma perspectiva que está na própria raiz da palavra: *res*, coisa em latim. Desta maneira a realidade estaria posta nas coisas ou nos fatos externos a nós e já seria dada de antemão, cabendo a nós apenas nos adequarmos a ela. Por este viés, poderíamos pensar que haveria apenas uma realidade, objetiva, material, e que seria passível de apreensão por qualquer um que fosse detentor de suas capacidades perceptivas e intelectuais em pleno funcionamento. Qualquer desvio desta apreensão da realidade poderia ser julgado como errôneo, loucura, ou mesmo uma manipulação intencional. Haveria um sentido inerente às coisas e fatos aos quais seríamos totalmente passivos.

Tal visão sobre a realidade nos traz algumas dificuldades, como por exemplo a da realidade do pensamento ou dos conceitos mais abstratos como os da Matemática e da Filosofia. Poderíamos pensar por esta via que a justiça é uma realidade? Que o conceito de número é uma realidade? A dificuldade posta aqui é a de se confundir realidade com existência material, o que tornaria os conceitos passíveis de discussão.

Há outras propostas que nos apresentam a realidade como nossa maneira de significar o que é dado no mundo. Esta seria uma forma de nos incluir no processo, pois desta maneira poderíamos pensar que uma pedra só tem realidade quando apreendida por nossa percepção e representada psiquicamente. A antiga questão sobre a existência, ou realidade, da flor que desabrocha no deserto apenas uma noite e ninguém vê, volta ao debate: poderíamos imputar um caráter de realidade a esta flor? É que se a realidade é a significação dada por cada sujeito ao mundo que o rodeia, como poderíamos falar da realidade do mundo que não rodeia este sujeito? Existiriam mesmo os japoneses? Alienígenas? Eles fariam parte de minha realidade? Estas questões são mais fáceis de se responder nesta visão da realidade, posto que, se consigo representar psiquicamente a existência destes seres distantes de mim, eles também seriam passíveis de realidade.

Da mesma forma os conceitos matemáticos ou filosóficos entrariam no jogo, pois posso conceder a eles o caráter de realidade. Sim, existe o conceito de número. Sim, existe a justiça. Mas o que dizer dos unicórnios? Seriam eles realidades? Estariam eles no mesmo grupo dos conceitos posto que não têm realidade material, mas sim uma representação psíquica? Como poderíamos aqui distinguir se algo é real ou não? Como poderíamos buscar critérios que pudessem atestar a realidade de determinadas representações psíquicas? Parece haver uma certa convenção com a qual todos concordamos que nos diz que há a justiça, mas não os unicórnios. Entretanto, esta mesma convenção é falha quando passamos a questionar a realidade de Deus.

Este embate entre duas visões sobre a realidade, que neste momento apenas apresentamos de forma simplista, nos traz o questionamento sobre dois atores em jogo na discussão: o mundo externo e o mundo interno. Mas até mesmo estes atores devem ser discutidos: o que queremos dizer com interno e externo? A prótese de metal que uso em minha perna após um sério acidente para sustentar meu fêmur, e que está claramente dentro de meu organismo, sob minha pele, é interna? Ou poderíamos pensar que mesmo dentro de meu organismo ela não faz parte de mim, e eu poderia assim tomá-la como externa? O que trazemos como hipótese é que o que chamamos de interno seria aquilo que pertence ao meu psiquismo, o que levaria mesmo o meu organismo como um todo a ser externo. Ainda que eu tenha uma representação psíquica de meu corpo, ela não se cola diretamente ao meu organismo, o que nos é facilmente lembrado pelas conversões histéricas que tanto causaram estranheza aos médicos da época freudiana, justamente por não seguirem a anatomia.

Todas estas questões mais iniciais sobre a realidade nos trazem diversos problemas e nos levam novamente ao início de nosso questionamento: o que é a realidade? Zilhões de perguntas ainda poderiam vir às nossas cabeças, mas preferimos parar por aqui, pois a busca por suas respostas deve passar por outro caminho, e tal caminho, como qualquer outro, não é trilhado sem tomadas de decisões, posicionamentos e também consequências. O próprio caminho já é uma tomada de posição e é dele que parte a inspiração para o título de nosso trabalho.

A realidade mostrada à maneira dos geômetras tem clara inspiração no texto de Spinoza sobre a *Ética* (2013), também conhecido como *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*, assim como em seu método, o qual, por sua vez, é inspirado nos *Elementos* de Euclides (2009), livro magistral que inaugura uma forma de se construir argumentos seguindo uma ordenação que vai de pontos fundamentais a outros mais complexos, por via demonstrativa. Entretanto, como nosso foco teórico é a Psicanálise, sobretudo com as teorias de Freud e Lacan, buscamos ainda no título algo próprio da subversão característica desta disciplina. Assim, neste trabalho não propomos a demonstração, mas a mostraçã, um recurso muitas vezes usados pelos matemáticos e muito caro a Lacan, pela via da topologia.

As tomadas de posição não param apenas no método, mas se espalham por boa parte do texto. Como exemplo, podemos tomar a leitura detalhada dos textos freudianos em seu original, o que por diversas vezes nos conduziu a pontos impossíveis de se esclarecer quando levamos em conta apenas as traduções brasileiras de sua obra. Nesta mesma esteira, buscamos não fazer a leitura de Freud por um viés lacaniano, tão comum em nosso meio psicanalítico brasileiro, tentando sempre apresentar as teorizações freudianas o mais próximo possível de sua própria

escrita, para depois adentrar as propostas de leitura e subversão do psicanalista francês. Este caminho é percorrido ao longo de todo nosso texto, quase sempre passando em cada capítulo de uma apresentação mais geral sobre o tema em questão para as teorizações freudianas, e então às lacanianas, sem pensar este caminho como uma evolução do simples ao complexo, ou do inacabado ao acabado, mas tão somente como um desenvolvimento histórico de cada tema. A exceção se dá em nosso quinto capítulo, quando tomamos somente as propostas lacanianas.

Como dissemos, toda tomada de posição tem seus méritos, seus ganhos e também seu preço. Algumas receberão críticas, outras, louros. As decisões que nos propusemos tomar nos indicam o percurso para que nossa proposta possa ser considerada válida, lembrando sempre que para se entender os argumentos de um autor é necessário que se conheça seu método, assim como os pontos de partida e tomadas de decisão, o que pensamos ter deixado claro ao longo de nosso texto. Posicionamentos contrários ao nosso são possíveis, o que não inviabiliza nossa proposta. Tomamos como exemplo novamente o livro de Spinoza citado acima que parte de seu axioma primeiro: a existência de Deus. Mesmo um ateu pode ler o livro e tomá-lo como uma forma exuberante da apresentação do que seria a ética, ainda que não acredite em seu axioma fundamental.

Também não podemos deixar passar ao largo de nossa apresentação o fato de que não nos propusemos a tarefa de dizer o que é a realidade para todo o universo de conhecimento humano, pois isto seria não apenas impossível, mas também de uma enorme arrogância ou megalomania. Apenas nos detemos sobre o conceito de realidade em Psicanálise, o que, por si só já é uma tarefa hercúlea, ainda que façamos uso de outros campos do saber para embasar nossa tese. Estes empréstimos também não são sem consequências e por isto nos limitamos a poucos deles, sobretudo os já utilizados pelos autores com os quais nos dispomos a dialogar: Freud e Lacan. Assim, alguns pontos da Filosofia e da Matemática serão abordados, sem a pretensão de fazer Filosofia ou Matemática, mas apenas com a intenção de apresentar e sustentar os argumentos destes autores psicanalíticos.

Dados estes pontos iniciais, passamos a uma breve apresentação do itinerário de nosso texto a fim de localizar o leitor ao longo do percurso. Tal apresentação tem o objetivo de mostrar o fio de nossa argumentação para que não soe estranho a passagem de um capítulo ao outro, posto que pensamos estes capítulos, sobretudo os iniciais, como pontos centrais para o entendimento de nossa proposta sobre a realidade.

Desta feita, iniciamos pela apresentação de nosso método que, como dissemos, tem uma clara inspiração no método geométrico criado por Euclides. Entretanto nosso método se apresenta como híbrido, posto que não apenas segue uma organização ou ordenamento peculiar,

mas também traz outras fontes de pensamento como a Filosofia e a Psicanálise. Apresentamos então em nosso capítulo sobre *Problemas e ideias* (cf. item 2.1 abaixo) a construção de nosso método híbrido, partindo de uma apresentação sucinta do método geométrico, vastamente utilizado na Filosofia e na Matemática, assim como de uma apresentação sobre o método psicanalítico, desde algumas concepções freudianas até outras lacanianas.

Entretanto, este primeiro capítulo não se esgota com a apresentação do método, mas também traz discussões fundamentais que já foram minimamente citadas ao início de nossa introdução. A primeira delas é o percurso histórico da teorização psicanalítica, passando por nossos autores de referência, Freud e Lacan (cf. item 2.2 abaixo). A intenção é apresentar algumas diferenças existentes entre a teorização destes dois grandes nomes da Psicanálise e algumas das propostas teóricas por eles utilizadas para embasar seus textos. Encontramos então três momentos: um Freud não laciano, o que é óbvio; um primeiro Lacan freudiano, vastamente conhecido no meio psicanalítico em seu retorno a Freud; e por fim um Lacan claramente laciano, embasado em outras formas de pensamento que não mais o estruturalismo e a teoria dos conjuntos, mas sim nos nós borromeanos e na teoria das categorias, o que amplia muito as possibilidades de entendimento de nossos fenômenos contemporâneos pela teoria psicanalítica. Para mostrar esta distinção entre os autores, tomamos a nosologia de cada um para discussão, o que nos traz diferenças na maneira de pensar cada um dos possíveis diagnósticos: neurose, psicose e perversão.

Um terceiro ponto a ser discutido neste primeiro capítulo (cf. item 2.3 abaixo) também tem a intenção de resolver pequenos problemas, notadamente a questão dos conflitos tão caros a Freud em sua teorização, pensando-os como dualidades em que se fazem necessários os dois polos do conflito. Este constante embate presente na teorização freudiana perpassa toda sua obra, sendo ponto fundamental para o entendimento de seu pensamento. E é justamente neste sentido que retomamos a discussão sobre a dualidade entre os mundos interno e externo, que é largamente discutida no texto freudiano como uma dualidade de realidades – psíquica e material. Após as discussões sobre este ponto em Freud também o fazemos em Lacan, investigando uma possível dualidade entre o Real e a realidade. Tomamos tais pontos como base para o entendimento de nossa proposta, haja vista que são norteadores de nosso percurso: uma diferenciação entre as teorias de Freud e Lacan, assim como as teorizações freudianas sobre a realidade psíquica e material, e as lacanianas sobre o Real e a realidade.

Posicionados sobre estas questões iniciais, apresentamos um novo capítulo – *Topologias* (cf. item 3 abaixo) – no qual discutimos a ferramenta que utilizaremos para nossa mostra ao final de nosso texto. Partimos novamente de uma contextualização mais geral sobre o que seria

este ramo da Matemática apresentando brevemente sua história e suas principais divisões (cf. item 3.1 abaixo). Como sempre, nosso percurso envereda pela teoria freudiana (cf. item 3.2 abaixo), aqui discutindo suas duas tópicas do aparelho psíquico, focando sobretudo em como Freud tratava os lugares de tal aparelho. Entretanto, é com Lacan que o uso estrito das topologias ganhará força na Psicanálise (cf. item 3.3 abaixo). Não nos propomos a abordar todas as topologias utilizadas por Lacan, mas apenas aquelas que nos interessam em nossa argumentação, notadamente, os grafos, a superfície e os nós. Posto que é com esta ferramenta que nos propomos a discutir o conceito de realidade, nada mais coerente que mostrar, como expresso no título de nosso trabalho, a realidade pela via da topologia, trazendo ganhos que a demonstração não poderia nos dar.

Em um terceiro capítulo – *A realidade em psicanálise* (cf. item 4 abaixo) – tocamos de maneira mais enfática as teorizações sobre o tema central de nossa tese. Seguimos o mesmo percurso: generalidades; Freud; Lacan. Na primeira parte (cf. item 4.1 abaixo) trazemos à baila duas das principais correntes de pensamento que discutem de alguma forma a realidade – o realismo e o idealismo, não esgotando a questão, mas preparando o terreno para o que será discutido posteriormente com nossos autores de referência. Em Freud (cf. item 4.2 abaixo) abordamos três pontos principais: um momento inicial em que se constitui a primeira separação entre os mundos interno e externo, concomitante do surgimento da cisão inicial do aparelho psíquico em Inconsciente¹ e Consciente; um segundo momento em que acompanhamos Freud em sua teorização sobre a prova de realidade ao longo de sua obra: uma maneira de o aparelho psíquico fazer uma ligação entre o externo e o interno, o psíquico e o material; esta prova de realidade nos conduz ao terceiro momento, uma importante distinção freudiana sobre como cada um de nós lida com a realidade. Focado na divisão entre neurose e psicose, Freud nos propõe duas maneiras distintas: na neurose fugiríamos da realidade enquanto na psicose reconstruiríamos a mesma, nos dois casos por acharmos a realidade insuportável. A resposta que damos à perda da realidade no momento inicial poderia ser utilizada então como um critério de diferenciação entre estas duas formas subjetivas de organização do psiquismo – neurose e psicose.

¹ Grafamos Inconsciente (assim como Consciente e Pré-consciente) com letra inicial maiúscula quando nos referimos à instância do aparelho psíquico freudiano (o Inconsciente); grafamos com letra minúscula, inconsciente, para nos referirmos ao adjetivo (por exemplo, estados inconscientes). Esperamos com isto concordar com a proposta freudiana que, ao criar a Psicanálise, eleva o Inconsciente a um conceito (substantivo), não apenas a uma qualidade (adjetivo). A exceção a isto serão as citações diretas do texto freudiano, nas quais o tradutor brasileiro não se preocupou com tal questão.

Ainda neste mesmo capítulo (cf. item 4.3 abaixo), porém agora sob a lente lacaniana, passamos por dois pontos que a princípio parecem contraditórios, mas que pensamos ser nada mais que um avanço possibilitado pela evolução de sua teoria. O primeiro trata das concepções lacanianas sobre a realidade focadas nos grafos e na topologia de superfície, e assim apresentamos a realidade como um entrecruzamento entre os registros do Simbólico e do Imaginário. No segundo momento voltamos à discussão para a leitura borromeana, mais ao fim do ensino de Lacan que, incluindo outros elementos na discussão, sobretudo o registro do Real com mais ênfase e as possibilidades de amarração borromeana, muda o foco da teorização, em nosso entendimento, não mais colocando a realidade como o entrecruzamento entre o Simbólico e o Imaginário, deixando este lugar para o sentido. Neste momento inicial de sua teorização borromeana, Lacan apresenta a realidade psíquica freudiana como um quarto elo que enoda os outros três, sustentando a cadeia borromeana.

Tendo em vista a discussão sobre a realidade no contexto da teoria dos nós, torna-se necessária uma reflexão mais profunda sobre este tema para que possamos sustentar nossa tese, e por este motivo partimos para o estudo das construções lacanianas sobre tal teoria em nosso quarto capítulo – *De nomeações e suplências* (cf. item 5 abaixo). Entretanto, como o surgimento desta teoria se dá juntamente com sua proposta do quarto elo funcionando como diferentes nomeações, nomeadamente o trio freudiano inibição, sintoma e medo (angústia, na proposta lacaniana), faz-se também necessário o resgate da teorização do psicanalista vienense sobre o recalque, que culminaria em seu texto *Inibição, sintoma e medo*^{2 3} (Freud, 1926 [1925]/1996).

Neste ponto de nosso texto (cf. item 5.1 abaixo), as discussões sobre a tradução de Freud ganham vulto na tentativa de buscar da maneira mais fidedigna possível o que o pai da Psicanálise intentava dizer com este mecanismo que para ele era o pilar fundamental do edifício de sua teoria⁴. Revisitamos seus textos desde os artigos pré-psicanalíticos, em meados da década de 1890, até o momento de sua virada conceitual sobre o assunto, em 1926. Este trajeto

² Título na Edição Standard Brasileira: *Inibições, sintomas e ansiedade*.

³ Como dito na nota de rodapé número 2 acima, nos textos freudianos adotaremos nossa própria tradução para alguns títulos sempre que supormos a tradução brasileira destoante do original e, logo a seguir, em nota de rodapé, apresentaremos o título como consta na Edição Standard Brasileira, tal qual fizemos na nota anterior.

⁴ Durante todo nosso texto, as citações dos textos de Freud (tanto diretas quanto indiretas) sofreram pequenas alterações de tradução de nossa parte, provenientes da comparação entre a versão brasileira da *Standard Edition* e a versão alemã *Gesammelte Werke*. O original em alemão virá entre colchetes [] logo após a palavra alterada. Nossa intenção é tentar a maior aproximação possível do sentido original de Freud. Também indicaremos em nota de rodapé os títulos dos textos freudianos que tiveram sua tradução por nós modificada. Nas referências, ao fim do trabalho, os títulos dos textos se encontrarão como traduzidos pela *Edição Standard Brasileira*.

nos propiciou um esclarecimento sobre os possíveis destinos do retorno do recalçado, nas formas da inibição, do sintoma e do medo, o que nos permitiu compreender melhor as construções lacanianas sobre o tema.

No que se refere à leitura laciana deste tema (cf. item 5.2 abaixo), também trouxemos para a discussão as propostas de uma clínica nodal estudadas por um grupo de psicanalistas argentinos. Com este intuito, apresentamos algumas construções sobre a teoria dos nós em Matemática para que sirvam de base ao entendimento desta clínica nodal, fazendo uma diferenciação entre as cadeias borromeanas (neuróticas) e olímpicas (psicóticas) (cf. item 5.3 abaixo). A partir destas discriminações trazemos nossa própria proposta do entendimento do que poderia ser a leitura de uma psicose ordinária na perspectiva da clínica nodal (cf. item 5.4 abaixo), o que nos serviu de base para nossas construções futuras.

Dados todos estes pontos discutidos ao longo destes quatro capítulos preparatórios, chegamos finalmente ao núcleo de nossa tese – *A realidade mostrada à maneira dos geômetras* (cf. item 6 abaixo), no qual buscamos mostrar, e não apenas demonstrar, que *a realidade humana é o efeito da amarração dos três registros auxiliada por um quarto elo*, o que também é coextensivo à ideia de que *a realidade humana é o efeito de haver sujeito*. Surge neste ponto mais uma parte importante sobre o método, que preferimos deixar separada daquele item específico para melhor compreensão. É o momento em que apresentamos nossa forma de inferência como abdutiva, ou de maneira bem simples por enquanto, uma forma de se escolher a melhor alternativa possível para a conclusão por nós estabelecida, o que precisará ser mostrado com mais cuidado posteriormente.

Tomamos de início nove definições que nos pareceram suficientes para desenvolver todos os pontos seguintes, sendo elas: Real, Imaginário, Simbólico, *Sinthome*, ex-sistência, consistência, buraco, Nome-do-Pai e significação fálica.

Dadas as definições, passamos à primeira visão sobre a realidade (cf. item 6.2 abaixo). Neste capítulo não abordamos as construções freudianas, posto que pensamos que a teorização laciana deste momento não foge às construções do pai da Psicanálise, mas apenas lhe dão uma nova roupagem, ainda que subvertendo alguns pontos, sobretudo a relação dentro/fora. Nesta visão sobre a realidade tomamos um primeiro Lacan, mais afeito ao estruturalismo e à teoria dos conjuntos, na qual a realidade se apresenta como a interseção entre o Simbólico e o Imaginário. As duas figuras que melhor mostram tal apresentação são o esquema R e o *cross cap*, que Lacan apresenta como homeomorfas. O registro do Real não surge aqui de forma tão proeminente, mas pode ser subentendido na forma em que o objeto *a* é extraído nas neuroses, e como retorno no Real do que foi foracluído no Simbólico.

Passamos então à segunda visão sobre a realidade (cf. item 6.3 abaixo), na qual abordamos as construções borromeanas de Lacan. Neste ponto, a inclusão do Real de forma mais destacada, assim como a do quarto elo enquanto aquele que cumpre a função do enodamento, abre diversas possibilidades de se discutir a realidade, tornando-a mais ampla, com maiores possibilidades de entendimento das singularidades. Neste ponto também fazemos a distinção entre o Nome-do-Pai, um significante estruturador que faz a diferenciação inicial das cadeias, e os Nomes do Pai, reparações possíveis para os diversos lapsos que podem se apresentar.

O passo seguinte é a mostraçãõ de nossa tese (cf. item 6.4 abaixo), através da qual apresentamos nosso próprio entendimento do que é a realidade, não como a função de amarração que é exercida pelos Nomes do Pai, mas por todo o conjunto dos elementos. Nosso esforço se dá na direção de mostrar como a realidade não pode deixar de lado nenhum dos elos, pois a deriva de qualquer um ou mesmo todos eles, se torna insuportável. Apresentamos a realidade então como o efeito da amarração dos três registros auxiliada por um quarto elo, ou mesmo por mais alguns em caso de polienodamentos. Com isto pensamos deixar claro que podemos singularizar a realidade a cada um, posto que um mesmo quarto elo em sua mostraçãõ, um sintoma por exemplo, pode representar diferentes sintomas, enquanto fenômenos, em pessoas diferentes.

Vemos assim que as diferentes construções de realidade, seja pela via da fuga ou da reconstrução, para utilizar o par freudiano, é apaziguador, pois mantém a cadeia enodada e estável, ainda que esta estabilidade não seja permanente. Neste ponto apresentamos também nossa ideia de que quem faz o enodamento dos registros, utilizando-se do quarto elo, é o sujeito do Inconsciente, seja ele neurótico, pela via do fantasma, seja psicótico, pela via do delírio.

Como dissemos que nossa forma de inferência é abduativa e requer confirmações de nossa escolha da conclusão, trazemos ao fim de nosso texto a mostraçãõ do caso do Homem dos Lobos publicado por Freud, em nosso capítulo *Uma mostraçãõ final* (cf. item 7 abaixo). Este caso é conhecido não só como o mais intrincado e discutido da história da Psicanálise, mas também é reconhecido como o único no qual o personagem de uma das cinco grandes psicanálises de Freud manteve contato com o meio psicanalítico até sua morte. Neste capítulo fazemos a mostraçãõ nodal dos grandes nomes que se debruçaram sobre este jovem russo analisado por Freud, notadamente Kraepelin, Freud, Ruth Brunswick, Lacan e Miller, ainda que tomemos outros autores e comentadores do caso, assim como próprio Homem dos Lobos em sua autobiografia, para auxiliar no entendimento desta tão apaixonante história, finalizando com nossa própria visão sobre tal caso. Comentamos as principais construções teóricas que cada um

destes autores fizeram sobre o caso e também apresentamos como esta análise rendeu diversos embaraços clínicos, em uma ampla discussão sobre seu diagnóstico, que vai da psicose maníaco-depressiva imputada por Krepelin, passando pela neurose obsessiva proposta por Freud, a paranoia diagnosticada por Brunswick, e as leituras lacanianas sobre a paranoia, e de Miller sobre a psicose ordinária.

Notamos como este personagem serviu a cada um destes autores para justificar sua própria leitura teórica, o que nos sugere algumas leituras precipitadas ou mesmo o não entendimento de alguns pontos do discurso do próprio Homem dos Lobos. Com Freud há a grande discussão sobre a cena primária; com Lacan, a teorização sobre o mecanismo de defesa específico da psicose – a forclusão; e com Miller, um exemplo claro do que seria sua psicose ordinária. Posto que todas estas construções teóricas puderam ser extraídas do mesmo caso, tanto para a neurose como para a psicose, incluindo o caminho de ida e vinda entre neurose e psicose, nos é forçoso entender que algumas das leituras sobre o caso poderiam estar equivocadas, o que fez com que nós nos debruçássemos sobre uma enormidade de textos sobre a história do Homem dos Lobos, na busca não apenas de um diagnóstico mais preciso, mas também de uma amarração dos registros que pudesse mostrar sua realidade, tal como ele mesmo disse ser em diversas entrevistas e em sua própria autobiografia.

Esta forma de amarração deveria ser condizente com sua história de vida, não apenas com seu diagnóstico clínico. Pensamos que, com nossa leitura sobre o caso, conseguimos chegar muito próximo do que é relatado pelo próprio Homem dos Lobos, e também pelo que é relatado por aqueles com quem ele conviveu, sobretudo após a morte de Freud.

Assim, com os pontos iniciais estabelecidos, com nossa leitura sobre a realidade e sua mostração no caso do Homem dos Lobos, pensamos poder concluir que nossa proposta é válida, ou seja, que a realidade humana pode ser pensada psicanaliticamente como a amarração dos três registros (Real, Simbólico e Imaginário) com o auxílio de um quarto, um dos possíveis Nomes do Pai, trazendo estabilidade à cadeia, e apaziguando o insuportável do desenodamento.

Este será o percurso de nossa argumentação que, a partir deste ponto, se dará com maior aprofundamento. Esperamos ser suficientemente rigorosos no que se refere à leitura e apresentação dos conceitos por nós abordados, mas também suficientemente claros no que diz respeito à forma de colocar cada ponto, proporcionando uma leitura agradável, mesmo dos temas mais pesados ou avessos àqueles que normalmente se interessam pela Psicanálise, como as teorias matemáticas e suas mostrações. Fazemos assim o convite a trilhar conosco o caminho que se inicia agora, pelos rumos da Psicanálise, tendo como destino o conceito de realidade.

2 PROBLEMAS E IDEIAS

O caminho que nos leva do grande tema da realidade tomado em seu sentido mais comum até nossa proposta final é longo e se depara com diversos problemas: problemas de método, problemas de posicionamento, problemas entre teorias, e tantos outros que nos fazem iniciar o percurso localizando diversos pontos e buscando soluções para cada uma destas dificuldades. Cada uma destas soluções propostas é em si mesma um posicionamento quanto a escolhas teóricas, metodológicas e epistemológicas.

Com o intuito de preparar o terreno para que o leitor possa acompanhar tão próximo quanto possível nossas escolhas e posicionamentos, iniciaremos então por um capítulo que busca localizações, ainda em uma visão panorâmica, até chegarmos ao momento de poder, face a face, nos debruçar sobre a questão bem de perto.

Este percurso se dará através da teoria psicanalítica, sempre de Freud a Lacan, lançando mão de diversos outros recursos que se fizerem necessários, tal qual o estilo lacaniano que incorpora, digere e transforma.

2.1 QUESTÕES DE MÉTODO

O primeiro ponto a ser tratado é sem dúvida, o que se refere ao método. O próprio título deste trabalho já aponta para um método híbrido entre a Filosofia, a Matemática e a Psicanálise. Métodos desta espécie trazem dificuldades em sua construção, execução e também posteriormente, na leitura do texto por parte de terceiros.

Podemos buscar em Cossutta (1994), ainda na introdução de seu livro sobre elementos que auxiliariam na leitura de textos filosóficos, quando ele trata justamente das dificuldades metodológicas para a leitura de tais textos, um fato que é comum à Filosofia e que nos daria certo aval para o que traremos nesta sessão sobre o método. O autor afirma que toda obra filosófica elabora, ou pelo menos pretende elaborar, as condições de sua própria validade. Desta feita, com o entendimento do método proposto por cada filósofo, podemos adentrar seu texto e superar as dificuldades que poderiam surgir ao longo de nossa leitura.

Não é nossa intenção fazer Filosofia, mesmo porque esta é uma tese de pesquisa teórica no âmbito da Psicanálise em interface com outras disciplinas, mas sugerimos que uma boa aproximação de nosso método de construção do texto pode superar possíveis dificuldades de entendimento, e por este motivo, apresentaremos a seguir nosso método híbrido.

2.1.1 O método geométrico

O método utilizado pelos antigos geômetras e que conseqüentemente leva seu nome – método geométrico – na verdade é bem mais complexo do que um simples sistema de axiomas, postulados, e outras derivações como geralmente encontramos em pequenas descrições do que hoje se chama *método axiomático* (Bunge, 1974).

Este método é classicamente utilizado pelos matemáticos desde a antiguidade, mas ficou conhecido a partir do livro de Euclides – *Os elementos* (2009). Neste livro, Euclides demonstra toda sua geometria partindo de noções simples das quais derivam todo o restante de sua teoria até que tudo esteja provado. A organização interna do texto não é apenas um estilo de escrita (cf. item 3.1 abaixo). Ela é necessária para que as conclusões sejam obtidas partindo destas noções simples.

Na Filosofia muito também foi escrito partindo-se da mesma ideia de organização interna, e alguns filósofos fizeram grandes textos utilizando-se muito do que chamamos método geométrico. Entre eles podemos citar Descartes e Spinoza como alguns dos mais proeminentes, e também dos mais próximos a nós. Entretanto, há diferenças sensíveis na maneira de se organizar os textos destes dois autores, e estas diferenças podem nos dizer muito de como funciona este método (Fragoso, 2011), de modo que, num segundo passo e a partir da Psicanálise, possamos mostrar como iremos operar.

Segundo Kaplan (1998), o método somente será geométrico se satisfizer quatro condições, a saber: em primeiro lugar, devem ser postas logo ao início, as definições e os axiomas evidentes, ou seja, que não necessitam de demonstração; em segundo lugar, utilizam-se somente estas definições e axiomas; em terceiro lugar somente por dedução lógica, todas as outras proposições se sucedam indefinidamente; e por fim, estas proposições devem ser no mínimo, em número superior ao das definições e dos axiomas iniciais.

De maneira um pouco diferente, Wolfson (1999) vai descrever o método geométrico também em quatro partes como se segue: primeiramente haverá algumas verdades

fundamentais – chamadas de noções comuns, postulados, axiomas ou definições – que serão reunidas e dispostas à parte como primeiros princípios sobre os quais as demonstrações repousam. Em segundo lugar, o que se quer demonstrar, ou seja, a conclusão que será obtida pela demonstração, é resumida em forma de proposição, independentemente da demonstração ser apresentada. Em terceiro lugar, a demonstração é apresentada procedendo do conhecido (os primeiros princípios) para o desconhecido (a conclusão que a demonstração pretende). Por fim, as deduções, explicações e proposições suplementares são fornecidas na forma de corolários, escólios e lemas.

A grande diferença entre Wolfson e Kaplan parece ser apenas o rigor da definição, mas os dois discorrem sobre o mesmo método. Entretanto este rigor traz consequências. Tomando o modelo de Wolfson, tanto Descartes quanto Spinoza escreveram no método geométrico. Por outro lado, no modelo de Kaplan, apenas Spinoza teria escrito no método geométrico.

Sigamos com mais cuidado os critérios que justificam tal diferença e para isto tomaremos o texto de Fragoso (2011). Vemos com Descartes, em alguns de seus textos nos quais este método aparece de forma proeminente – as *Regras para a direção do espírito* (1985) e o *Discurso do método* (1996) – que o método geométrico pode aparecer em duas ordens: uma analítica e outra sintética.

A maneira (modo, forma) de escrever dos geômetras (*more geometrico*) seria então dividida em duas ordens (aqui no sentido de regra): uma ordem primária ou grande ordem, que pressupõe que uma demonstração deve se assentar sobre algo dado anteriormente, o que estabelece uma ordem (aqui no sentido de disposição, arranjo) de relações entre os argumentos; e uma ordem secundária ou pequena ordem (novamente no sentido de regra) que se refere à maneira de demonstrar, seja na ordem analítica (dos efeitos à causa) ou na ordem sintética (da causa aos efeitos). A ordem analítica seria a ordem da invenção, enquanto a ordem sintética seria a ordem da demonstração (Fragoso, 2011).

Descartes escreve seus textos na ordem analítica, apesar de encontrarmos alguns trechos na ordem sintética. Spinoza, assim como Euclides, escreve na ordem sintética. Desta feita, podemos dizer que temos uma maneira geométrica de se escrever (*more geometrico*) e também uma ordem geométrica (*ordine geometrico*) que pode ser analítica ou sintética.

Podemos agora notar as diferenças entre as definições de Kaplan e Wolfson. Kaplan só considera geométrico o método que se apresenta na forma sintética, como Euclides e Spinoza. Já Wolfson considera como geométrico ambas as ordens, o que inclui Descartes. Tomamos partido pela definição de Wolfson (1999), com a qual Fragoso (2011) parece concordar, de que há diferenças entre o *more geometrico* e a *ordine geometrico*: há uma maneira geométrica e

uma ordem geométrica. A maneira geométrica, portanto, supõe duas ordens, uma analítica e outra sintética, e somente esta é considerada como a ordem geométrica por Kaplan (1998). Não entramos em contradição em nosso próprio trabalho, pois propomos a maneira geométrica e não a ordem. Desta forma propomos seguir o método geométrico na ordem sintética quando nos propusermos a mostrar nossa própria tese (cf. item 6 abaixo), mas a tomaremos na ordem analítica quando, na forma de um corolário, apresentarmos o caso do Homem dos Lobos (cf. item 7 abaixo).

Dispostas estas diferenciações sobre o método geométrico outros pontos se fazem necessários em nosso próprio método de investigação, haja vista que não estamos focados na Filosofia ou mesmo na Matemática, mas sim na Psicanálise.

2.1.2 O método psicanalítico

Freud colocava a Psicanálise como um método de investigação das neuroses. Ele sempre quis fazer da Psicanálise uma ciência, tal qual as ciências da natureza, como veremos ao longo desta seção (cf. também item 2.3.1 abaixo). Basta para isto nos lembrarmos do *Esboço de uma psicologia*⁵ (Freud, 1950 [1895]/1996), texto que costumamos chamar de *Projeto*, seguindo a tradução brasileira, ainda anterior à Psicanálise, mas que já continha o cerne de boa parte da teorização futura.

O método psicanalítico de investigação está sempre aberto e não tem a intenção de chegar a uma verdade universal ou mesmo a conclusões específicas. Ele é um processo investigativo, não conclusivo. É neste sentido que Freud aproxima a Psicanálise da *Weltanschauung*⁶ da ciência, pois para Freud a Psicanálise faz parte da ciência. Esta *visão de*

⁵ Título na Edição Standard Brasileira: *Projeto para uma psicologia científica*.

⁶ Em nota de rodapé ao início do texto desta conferência, o editor brasileiro da Edição Standard de Sigmund Freud propõe que a palavra alemã *Weltanschauung* possa ser traduzida como *visão do universo* e posteriormente sugere também *cosmovisão*. Podemos ainda observar a construção da palavra alemã, compreendendo-a em suas partes constitutivas. Assim teríamos as seguintes partes: *Welt* – um substantivo que significa mundo, universo (preferimos para esta parte da palavra a tradução por *mundo* por ser mais utilizada em outros termos utilizados por Freud como *mundo interno* [*Innenwelt*] e *mundo externo* [*Außenwelt*]); *an* – preposição que significa ao, à, no, na, junto a, para (esta preposição supõe que algo está junto a; [como exemplo a frase *O quadro está na parede*, que em alemão seria *Das Bild hängt an der Wand*], lembrando que o quadro está junto à parede e não dentro dela); *schau* – raiz do verbo ver, assistir [*schauen*]; a junção da preposição *an* com o verbo *schauen* cria o verbo *anschauen* que tem o significado mais voltado para o sentido de contemplar, examinar ou verificar; *ung* – sufixo de substantivação, correlato ao *ção* do português. Desta maneira, podemos tentar traduzir a palavra *Weltanschauung* como uma *visão sobre o mundo*, *visão que recobre o mundo* (Keller,

mundo científica se distancia de outras como a da religião, sendo que esta última se encaixa muito melhor na descrição freudiana:

em minha opinião, a *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma *Weltanschauung* desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos (Freud, 1933 [1932]b/1996, p. 155).

A *Weltanschauung* científica, segundo Freud (1933 [1932]b/1996), também não pode honrar o nome que leva pois não se trata de uma visão completa de mundo, dado que é característica da ciência não ser capaz de abranger tudo, de ser muito incompleta e não pretender ser autossuficiente, características que atribuímos também à Psicanálise.

A Psicanálise é também um processo em que a teoria e a clínica estão sempre intimamente juntas, indissociáveis. Vemos na pena de Freud que “um só e mesmo procedimento servia simultaneamente aos propósitos de investigar o mal e livrar-se dele, e essa conjunção fora do comum foi posteriormente conservada pela psicanálise” (1924 [1923]b/1996, p. 218).

Pensando com Herrmann e Lowenkron (2004, p. 63), temos que o fazer psicanalítico

tem sido, a um tempo, a expressão concentrada da teoria do aparelho psíquico e o lugar de sua paulatina liquefação. Concentrados em procedimento clínico, os conceitos psicanalíticos não retêm seu estado teórico; equivalente ao estado sólido, digamos. O uso clínico desmancha sua estrutura, reagrupa os conceitos, operacionaliza-os, cõa deles as partículas teóricas reificadas, numa palavra, transforma-os no fluído metodológico que alimenta a análise.

De toda forma, não podemos duvidar que o método psicanalítico de construção de sua clínica e teoria segue um caminho que vai dos efeitos conhecidos (sintoma, sonhos, atos falhos ou chistes) para a causa (o Inconsciente). Isto aproxima não apenas o método freudiano de investigação do método cartesiano, mas também nos traz consonâncias entre os nomes: método analítico (Descartes) e método psicanalítico (Freud). Será, entretanto, no texto lacaniano *A ciência e a verdade* (Lacan, 1966/1998), que esta relação ganhará corpo. Antes, porém, sigamos um pouco mais com Freud. Este método freudiano é descrito de uma maneira bastante simples

2002; Hanns, 1996). Consequentemente não é uma visão no sentido da sensação (enxergar, ver, olhar), mas no sentido de uma construção feita sobre algo, uma abstração, ou, nas palavras de Freud, uma *construção intelectual*.

em um texto escrito por Freud para uma enciclopédia britânica: *Psicanálise e teoria da libido*⁷ do qual tomamos o primeiro verbete – *Psicanálise* (Freud, 1923 [1922]/1996). Ao fim do texto deste primeiro verbete, em seu último parágrafo, Freud diz algo que pode nos desencorajar:

a psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro (Freud, 1923 [1922]/1996, pp. 269-270).

O início deste parágrafo parece não recomendar o método geométrico para estudos em Psicanálise e o restante está de acordo com o que Freud prevê para a relação teoria e técnica da Psicanálise, assim como sua visão da Psicanálise como ciência, uma ciência natural. Ainda assim é indiscutível que o método freudiano, que pensamos não por acaso ter recebido o nome de analítico, seguir o caminho analítico proposto por Descartes, indo dos efeitos conhecidos para a causa.

Esta concepção freudiana do que é a pesquisa, em especial a psicanalítica, está bastante explícita no primeiro parágrafo de seu texto *Pulsões e destinos da pulsão*⁸ (Freud, 1915c/1996). Ali Freud fala da ciência concebida cartesianamente, com princípios claros e distintos, mas acrescentará que em sua fase inicial nenhuma ciência pode ser concebida desta maneira, mas antes como uma descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e correlacionados entre si. Estas ideias, a princípio indefinidas, tornar-se-ão os futuros conceitos de tal ciência, mas enquanto em estado de indefinição serão constantemente remetidas ao material da experiência do pesquisador, sendo, a rigor, convenções. Tais ideias, entretanto, não devem ser escolhidas arbitrariamente, mas sim em relação com o material empírico. Somente depois de uma investigação mais detalhada e profunda é que poderemos formular com mais precisão os conceitos básicos e modificá-los progressivamente até que se tornem utilizáveis e livres de contradição. A partir deste ponto é que poderemos dar aos conceitos o estatuto de definições, mas ainda assim eles não podem ser rígidos, sob a pena de perderem sua amplitude

⁷ Título na Edição Standard Brasileira: *Dois verbetes de enciclopédia*.

⁸ Título na Edição Standard Brasileira: *Os instintos e suas vicissitudes*.

com o passar do tempo. Há uma relação indubitável entre o método freudiano e o cartesiano, mas como pudemos acompanhar a pouco, Freud ainda estava em fase de construção de sua ciência e por isto não poderia ainda usar seus conceitos como definições. Além disto, ao incluir a causalidade inconsciente enquanto objeto e, ao mesmo tempo, ponto de escape da teoria, na sua relação indissociável com a clínica e com a investigação, Freud sabia da impossibilidade de, com a Psicanálise, estabelecer uma visão teórica, definitiva e fechada de mundo, como vimos em suas próprias palavras ao tratar da *Weltanschauung* psicanalítica.

Neste ponto de nosso texto faz-se então necessário estabelecer a relação entre Psicanálise e ciência para que possamos avançar, e para isto lançamos mão do texto lacaniano *A ciência e a verdade* (Lacan, 1966/1998). Nele Lacan parte da discussão sobre o estatuto do sujeito em Psicanálise para discutir sua condição de possibilidade conferida pelo método cartesiano, que busca clareza e distinção dos conceitos. Se a ciência moderna fundada por Descartes implica um sujeito, o sujeito da ciência, ela, ao mesmo tempo, o exclui; e é justamente por incluir o sujeito novamente na cena que a Psicanálise se institui como um corte discursivo. Este sujeito que a Psicanálise reintroduz é o sujeito do Inconsciente e, segundo Lacan, ele é o mesmo sujeito da ciência, um sujeito sem qualidades. Consequentemente podemos pensar com Elia (2000, p. 21) que “a psicanálise constitui um saber inteiramente derivado, porém não integrante do campo científico, porquanto resulta de uma operação de ‘subversão’ desse campo pelo viés do sujeito”.

Meio século depois de Freud, Lacan fez um trabalho de sistematização da teoria psicanalítica e tem como um de seus preceitos a matematização dos conhecimentos obtidos. Esta matematização prevê o rigor e a exatidão da Matemática, assim como o trabalho de invenção próprio desta disciplina, em especial em sua vertente analítica (ordem oposta à sintética). É claro que o uso lacaniano da Matemática também passou pela subversão tão característica do uso lacaniano de outras teorias dentro da Psicanálise. Para ele, a Matemática sempre foi um dos pontos fundamentais em sua teorização em todo seu ensino. Lacan busca uma matematicidade como tal, o que torna o matemático um matemático, e encontra no projeto bourbakista⁹ “uma matemática baseada ela própria no cálculo, na medida em que o cálculo não

⁹ Nicolas Bourbaki é o pseudônimo de um grupo de matemáticos, quase todos franceses, que propuseram uma enorme reorganização da Matemática no século XX. As principais formulações do grupo que se formou na *École Normale Supérieure* de Paris giravam em torno dos seguintes temas: Análise, Álgebra, Teoria dos Conjuntos e Topologia. Uma de suas publicações mais famosas é o tratado de mais de 3000 páginas chamado *Éléments de Mathématique*, no qual a formalização da Matemática era o eixo central. Encontramos então alguns pontos que aproximam Lacan de Bourbaki, dentre eles, a Escola Normal Superior, a Topologia e a formalização.

é uma dedução, e na letra, na medida em que a letra não é um signo” (Milner, 1996, pp. 109-110).

Este desejo de dar forma (formalizar) a algo que opera como núcleo (estrutural) da Psicanálise é apresentado por Lacan em suas conferências nos EUA, em 1975. Para isto, ele lança mão de seus matemas, ou letrinhas como também gostava de dizer, e de vários outros recursos como a lógica e a topologia. Não tinha a intenção de matematizar tudo, mas de isolar um mínimo matematizável (Lacan, 1975). Todavia, não é o uso de figuras geométricas como as da topologia de superfície que aproxima Lacan do método geométrico (o que a princípio parece evidente), mas sim sua intenção de formalização.

Não podemos nos esquecer também de um termo caro a Lacan e que será fundamental em nosso método: a subversão. Discutindo a conhecida revolução copernicana apresentada por Freud (e Kant), Lacan propôs a subversão como oposta à revolução. Enquanto Copérnico nos traz algo que gira e retorna ao mesmo lugar, ele apresenta algo que muda, mas não tanto. Muda-se em torno do que se gira (a Terra passa a girar ao redor do Sol), mas as órbitas ainda permanecem círculos perfeitos, orbes celestes. Mantém-se a noção de centro. A grande mudança teria sido feita por Kepler, pois com este astrônomo, mesmo o centro perde seu lugar. Não há mais esferas celestes, mas sim elipses. Ainda que tudo gire, gira de outra forma. Não há mais centro. É neste ponto que Lacan (1972-1973/1985) situa o descentramento, tão importante na Psicanálise. Para Lacan a revolução é apenas uma volta que se dá ao redor de algo, chegando sempre ao mesmo ponto. A subversão, ao contrário, sempre traz algo novo (Eidelsztein, 2012).

Há ainda mais um entrave em nosso método que precisa ser avaliado, agora buscando unir o método geométrico e o psicanalítico. O método geométrico trabalha com demonstrações, provas. Nós buscaremos a *mostração*, pois isto será de grande valor para nosso interesse. Este termo já pode ser pinçado no texto da *Metafísica* de Aristóteles e, segundo Berti (1998) a mostração não opera como a demonstração, mas diz de uma exposição progressiva que busca tornar claro, clarificar o que é como se é.

Lacan utiliza este recurso – a mostração – valendo-se da topologia e trata disto especialmente na década de 1970, mais ao final de seu ensino. Partimos do princípio de que não há metalinguagem, fala lacaniana que, seguindo Wittgenstein (1968), diz que o que se exprime na linguagem não pode ser expresso por meio da linguagem. Por isto, para o filósofo, a proposição *mostra* a forma lógica da realidade e o que pode ser mostrado não pode ser dito, decorrência de seu aforismo de que a figuração é um modelo da realidade.

Já que, daquilo que não se pode falar, deve-se calar, como diria o filósofo (Wittgenstein, 1968), por que não mostrar? Como não podemos dizer de uma construção da linguagem, como

a realidade, precisamos mostrá-la. Isto condiz com a teoria da figuração de Wittgenstein, que apenas citamos de maneira sumária, e também condiz com uso lacaniano da topologia. Desta feita, a topologia proposta por Lacan é uma ferramenta única que nos permite *mostrar* a realidade, o que a torna não apenas uma questão de estilo ou requinte, mas algo necessário para a *mostração* que pretendemos.

Próximo ao fim de seu ensino Lacan apresenta sua predileção pela *mostração* em detrimento da *demonstração*:

é aí que se mostra a diferença entre mostrar e demonstrar.

Há, de certo modo, uma ideia de decadência no demonstrar em relação ao mostrar. Há uma escolha pelo mostrar. Todo o blá-blá-blá a partir da evidência não faz senão realizar o esvaziamento, se o fizer significativamente.

O *more geometrico*, que durante muito tempo foi o suporte ideal da *demonstração*, repousa sobre a falácia de uma evidência formal (Lacan, 1975-1976/2007, p. 109).

Suas críticas à maneira geométrica de escrever revelam o caráter subversivo que o próprio Lacan apresenta ao longo de seu ensino, pois o trabalho de formalização de vários conceitos da Psicanálise não se deu em uma ordem de *demonstração* simples, sempre houve algo de subversivo. Também temos que lembrar que Lacan sempre foi um ótimo retórico e sempre se valeu deste recurso em suas apresentações.

Tendo tais pontos em mente, pretendemos desde o início propor este caráter subversivo, até mesmo porque, ao contrário do método geométrico que tenta provar seus axiomas, nosso primeiro axioma, sobre o Real, trata de algo que não se prova. A subversão se dará inclusive no método geométrico, ao propormos a *mostração* em contraposição à *demonstração*. Isto é difícil de se conciliar com o método geométrico mas, fácil na maneira lacaniana de apresentar sua teoria. Em nossa proposta de um método híbrido – matemático/filosófico/psicanalítico – não haverá maiores dificuldades em prosseguirmos em nosso percurso.

Por fim, podemos dizer que o método apresentará uma forma *retórica*, posto que ao longo do texto traremos argumentações a partir da teoria psicanalítica; apresentará também uma forma *lógica*, tão comum a Lacan, aos matemáticos e alguns filósofos (como Descartes e Spinoza) que poderemos observar na maneira geométrica de se apresentar os argumentos; e por fim uma via topológica, subversão típica da maneira lacaniana de expor: a *mostração*.

Exemplos de retórica (argumentação) como os próprios livros de Freud, e de lógica (demonstração) como os *Elementos* de Euclides, podem ser encontrados em diversos livros, mas raramente temos exemplos topológicos (*mostração*). Por isto apresentaremos agora um

pequeno exemplo de como fazer esta mostraçãõ. Partindo das linhas traçadas por Lacan no toro, mostraremos, ou seja, faremos uma apresentação topológica (nem retórica e nem lógica) de que o desejo do homem é o desejo do Outro, aforismo lacaniano com genética hegeliana.

Temos uma das figuras da topologia de superfície trabalhadas por Lacan ao longo de seu ensino – o toro. Na figura abaixo é apresentado o toro com a linha da demanda, que contorna o buraco chamado por Lacan de vazio.

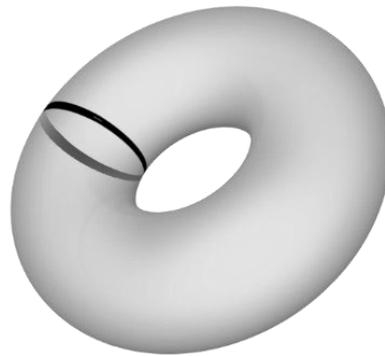


Figura 1 – Toro com linha da demanda
(adaptado de Lacan, 1961-1962/2003, p. 186)

Nesta próxima figura podemos observar a linha que contorna o objeto do desejo, ao redor do buraco nomeado por Lacan de nada fundamental.

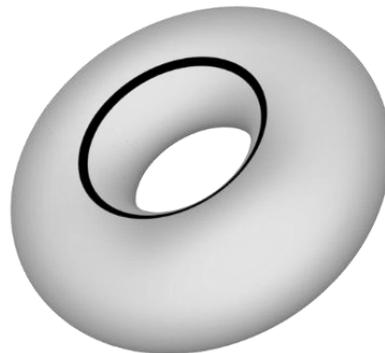


Figura 2 – Toro com linha que contorna o objeto do desejo
(adaptado de Lacan, 1961-1962/2003, p. 186)

Lacan também apresenta uma outra linha, que é a soma das duas anteriores, pois faz a volta nos dois buracos do toro, o vazio e o nada. A esta linha Lacan dá o nome de linha do desejo, conforme podemos ver abaixo.

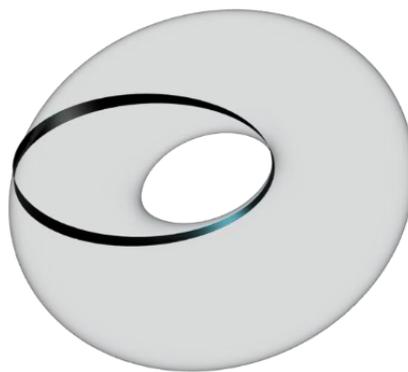


Figura 3 – Toro com linha do desejo
(adaptado de Lacan, 1961-1962/2003, p. 187)

Lacan também apresenta dois toros abraçados, para dizer da relação entre o sujeito e o Outro. Neste abraço tórico, o vazio de um toro coincide com o nada do outro, ou seja, a linha da demanda de um coincide com a linha que contorna o objeto do desejo do Outro. Mas o grande ponto é que no abraço tórico, a linha do desejo, que é uma banda de Möbius (outra figura da topologia de superfície trabalhada por Lacan), coincide nos dois toros, mostrando que o desejo do homem é o desejo do Outro, como podemos ver na mostraçãõ abaixo:

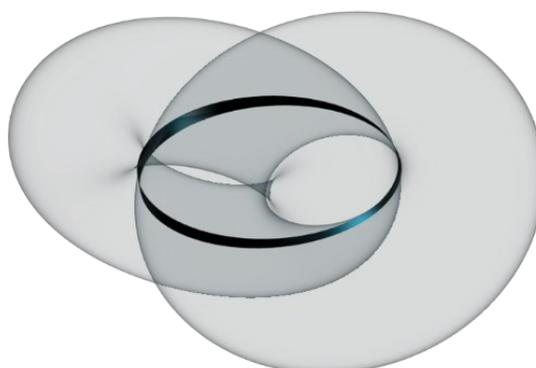


Figura 4 – Abraço tórico com linha do desejo em comum¹⁰

Roudinesco (2008) diz que as figuras topológicas foram utilizadas como um elemento de ilustração da teoria durante 25 anos do ensino de Lacan. Mas a partir da leitura que fez de Wittgenstein e da elaboração das noções de *matema* e *lalíngua*, impõe-se a Lacan em 1971 uma nova forma de pensar o estatuto do discurso psicanalítico em relação às demais formas discursivas. Por isto Roudinesco (2008, p. 490, grifos da autora) diz que “para pensar tal

¹⁰ Em todo nosso trabalho, as figuras nas quais não constam fontes foram idealizadas por nós.

estatuto, era preciso poder passar do *dizer* ao *mostrar*, ou seja, incitar cada sujeito do auditório – até mesmo o próprio Lacan – a fazer exercícios que não dependessem mais do discurso, mas da ‘mostração’.

Como pudemos ver na mostraçãõ proposta por nós do aforismo lacaniano de que o desejo do homem é o desejo do Outro, não há ali uma simples ilustração da teoria. Conhecendo os conceitos empregados (demanda, desejo, objeto do desejo, etc.), basta a simples visão da última figura da mostraçãõ (cf. Figura 4 acima) para que possamos apreender claramente o aforismo. Esta é a intenção.

Assim, buscando o mesmo ideal de formalização de Lacan, a mesma trajetória teórico/clínica de Freud e a mesma sistematização geométrica de Descartes, pretendemos caminhar em busca de um estudo rigoroso do conceito de realidade em Psicanálise, conceito este que será distinto do mesmo em Filosofia e Matemática. Construimos nosso método, então, como uma maneira geométrica de escrever baseada nas ideias cartesianas, mas em uma ordem psico-analítica para ser mais coerente com o método freudiano. A tudo isto soma-se o caráter subversivo, tão caro a Lacan, que pretendemos encarnar na forma topológica de mostrar a realidade.

2.2 DE FREUD A LACAN... E RETORNO

Ao longo de nosso texto um mesmo caminho será percorrido diversas vezes, sempre com o intuito de apresentar as construções psicanalíticas sobre o tema por nós proposto: a realidade. Este caminho leva invariavelmente de Freud a Lacan, buscando as modificações, os acréscimos e as novidades que se estabeleceram na teoria psicanalítica ao longo do século XX. Entretanto, este caminho não é uma via tão simples como parece de início. Na verdade, é um caminho tortuoso, cheio de curvas, desvios e tomadas de decisão quando do encontro com alguma encruzilhada. Nossa intenção é apresentar, na medida do possível, cada um destes momentos de escolha, incluindo nossa própria decisão a cada passo, para que cheguemos ao fim da empreitada.

Este caminho tortuoso não se dá apenas na passagem de Freud a Lacan, mas também pode ser percebido ao longo de percursos separados – o de Freud e o de Lacan – nos quais vemos a teoria ir e vir, de acordo com as dificuldades e obstáculos que se apresentaram. A

grande dificuldade que podemos encontrar ao olhar tal caminho apenas superficialmente, é tomar as construções lacanianas como decorrência natural da teoria freudiana, o que nos colocaria diante de um Freud lacaniano, o que não é o caso. Diversas vezes Lacan se intitulou freudiano, e quanto a isto não há dúvida. O inverso, entretanto, não é verdadeiro. Talvez poderíamos até supor que Freud não concordaria com algumas das propostas lacanianas e teria com ele dissidências, assim como ocorreram com diversos discípulos do pai da Psicanálise, notadamente Jung e Adler, com os quais houve um rompimento, ou mesmo Melanie Klein e sua filha Anna Freud, com as quais as dissidências não levaram a um fim mais drástico.

Ao longo de nosso texto alguns destes impasses serão apresentados e discutidos, cada um a seu tempo, como por exemplo no que se refere à tradução da palavra *Angst* (cf. item 5 abaixo), no estabelecimento lacaniano da distinção entre *Realität* e *Wirklichkeit* (cf. item 2.3 abaixo), na discussão entre o Édipo, o Nome-do-Pai e os Nomes do Pai (cf. item 4.3.2 abaixo). Pensamos que este recurso é não apenas inevitável, mas também necessário, e pode trazer maior clareza para nosso empreendimento.

A título de ilustração, tomaremos um ponto dentre estes, a nosologia psicanalítica freudiana e a lacaniana, abordando o caminho feito por Freud, e posteriormente o retorno efetuado por Lacan, focando sobretudo o estabelecimento da *Verwerfung* como mecanismo de defesa da psicose.

2.2.1 Freud

“A teoria do recalque é o pilar fundamental [*Grundpfeiler*] sobre o qual repousa o edifício [*Gebäude*] da psicanálise” (Freud, 1914a/1996, p. 26). Com esta frase Freud nos apresenta aquilo que durante anos foi o grande conceito necessário para o entendimento das neuroses, e até mesmo para outros grupos nosológicos. Desde seu texto sobre *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/1996) podemos encontrar a noção de defesa [*Abwehr*] tomada como algo mais geral, e dentro deste grupo encontramos alguns subitens, no caso, o recalque [*Verdrängung*] e a rejeição [*Verwerfung*]¹¹.

¹¹ Ainda que tenhamos claro que a palavra alemã *Verwerfung* foi traduzida por Lacan como forclusão, e este é um termo corrente em psicanálise, usaremos aqui a tradução por rejeição, respeitando a letra freudiana.

Trataremos do desenvolvimento da teoria do recalque muito mais detalhadamente adiante (cf. item 5.1 abaixo). Aqui apenas trataremos da distinção proposta entre estas duas defesas, distinguidas por Freud. Primeiro o recalque. Nesta forma de defesa, o afeto e a representação se separam, ficando o afeto livre, enquanto que a representação é afastada da consciência¹². O resultado deste processo é uma neurose (neste texto Freud trata da histeria, fobia e das obsessões, os três tipos clínicos da neurose que seriam mais bem desenvolvidos posteriormente). Bem ao início da seção três deste texto inicial, Freud apresenta uma outra forma de defesa ainda mais radical – a rejeição. Nela tanto a representação quanto o afeto são rejeitados, e o Eu se comporta como se tal representação jamais lhe houvesse ocorrido. O resultado desta segunda defesa é, para Freud, uma psicose, uma confusão alucinatória.

Temos então dois caminhos possíveis: quando somente a representação é recalçada, o resultado é uma neurose; quando a representação é rejeitada juntamente com o afeto, temos uma psicose. Até aqui parece que temos dois processos diferentes com destinos diferentes. Entretanto, em *Observações ulteriores sobre as neuropsicoses de defesa*¹³ (Freud, 1896/1996, p. 174) outro texto deste período inicial, Freud discute a paranoia, dizendo que “a paranoia deve ter um método ou mecanismo especial de recalque [*Verdrängung*] que lhe é peculiar”. Este mecanismo, como apresentado no texto de 1894, é a rejeição, tomada por Freud como uma forma peculiar de recalque, e isto aproxima novamente as duas formas de defesa. Temos então um grande quadro chamado neuropsicoses de defesa [*Abwehr-Neuropsychosen*], que se subdivide em neurose de defesa [*Abwehrneurose*] e psicose de defesa [*Abwehrpsychose*]. O que distingue a maneira como estas entidades nosológicas se desenvolvem é a forma de defesa, com ou sem o recalçamento (mais especificamente a rejeição) do afeto.

A teoria do recalque se desenvolveu longamente e ficou muito mais precisa ao longo das décadas seguintes, mas este conceito único ainda será tratado como a forma de defesa de todas as entidades nosológicas durante toda a teorização freudiana. Basta recordarmos a maneira como Freud discorre sobre o recalque ao tratar da psicose de Schreber, muito especialmente no item *III - Sobre o mecanismo da paranoia* (Freud, 1911b/1996), no qual o pai da Psicanálise nos recorda os três tempos do recalque: o momento da fixação [*Fixierung*], equivalente ao recalque primário; o do recalque propriamente dito [*eigentliche Verdrängung*], recalque secundário ou pós-calcar [*Nachdrängen*]; e o do retorno do recalçado [*Wiederkehr des*

¹² Notemos que no texto sobre *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/1996) não é encontrado o termo Inconsciente.

¹³ Título na Edição Standard Brasileira: *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*.

Verdrängen]. Tudo ocorre como se no início de sua teorização Freud tratasse de forma indistinta os termos defesa e recalque. Somente na década de 1920 ele distinguiu mais especificamente tais termos, deixando a defesa como um termo genérico que englobaria o recalque [*Verdrängung*] e o desmentido/contestação [*Verleugnung*], distinguindo assim mecanismos de defesa para a neurose de um lado, e para a perversão e a psicose de outro.

Neste texto sobre Schreber, Freud toma como etiologia da paranoia uma defesa contra a homossexualidade, e o mecanismo mais específico do retorno do recalcado nesta forma de loucura seria a projeção, quando algo interno é projetado fora do indivíduo. É neste momento da discussão que dois pontos muito conhecidos da teoria freudiana nos são apresentados: primeiro aquele que chamamos de *A gramática do amor*, quando, partindo da frase “eu (um homem) o amo” (Freud, 1911b/1996, p. 71), e mudando a cada momento um dos elementos da oração (sujeito, objeto e verbo, ou a frase inteira), Freud deduz o delírio de perseguição, o delírio de ciúmes, etc.; depois, também é dentro desta discussão sobre a projeção que surge uma frase que foi tornada famosa por Lacan posteriormente, devido à sua leitura. Geralmente temos apenas uma parte desta frase em mente, devido à leitura lacaniana, mas a incluiremos no total, para discutirmos seus pontos principais: “foi incorreto dizer que a sensação reprimida [*unterdrückte Empfindung*] internamente tornou-se projetada no exterior, vemos, pelo contrário, que algo internamente abolido (revogado/invalidado) [*Aufgehobene*] retorna desde fora” (Freud, 1911b/1996, p. 78)¹⁴.

Temos alguns pontos a discutir. Um deles é que neste trecho vemos a ideia da divisão dentro/fora de forma bastante clara, o que será abordado por nós adiante (cf. item 2.3.2 abaixo). O outro ponto requer escolhas de tradução. É que neste trecho encontramos um dos poucos momentos em que Freud utiliza a palavra reprimido [*unterdrückte*] como sinônimo de recalcado [*verdrängte*], e também o uso de outra palavra – *abolido* – para dizer de algo que foi rejeitado. Se pensarmos que Freud utiliza estas duas palavras como sinônimos para outras palavras que ele utiliza normalmente em outros trechos – recalcado e reprimido de um lado, rejeitado e abolido de outro – podemos pensar que a troca das palavras utilizadas na citação original pelas equivalentes pode nos levar de volta à proposta que abordávamos anteriormente (de que a

¹⁴ A tradução que encontramos na *Edição Standard* nos traz algumas dificuldades com o uso das palavras *percepção suprimida*, ou inserção de palavras como *a verdade é*, não utilizadas por Freud. Vejamos a citação como se encontra na Edição Standard “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora”. Temos no corpo do texto nossa própria opção de tradução. A seguir, apresentamos o original alemão, para conferência: “*Es war nicht richtig zu sagen, die innerlich unterdrückte Empfindung werde nach außen projiziert; wir sehen vielmehr ein, daß das innerlich Aufgehobene von außen wiederkehrt*“ (Freud, 1911/1999, p. 308)

rejeição seria um subtipo do recalque, nesta época da teorização freudiana), ficando a frase após a modificação da seguinte maneira: “foi incorreto dizer que a sensação *recalcada* internamente tornou-se projetada no exterior, vemos, pelo contrário, que algo internamente *rejeitado* retorna desde fora” (Freud, 1911/1996, p. 78, com alterações e grifos nossos). Assim novamente retomamos a diferença entre rejeição e recalque, supondo a rejeição como uma forma mais radical de recalque que culminaria em uma psicose, tudo concordando plenamente com a proposta inicial de Freud (em uma leitura lacaniana, a diferenciação do retorno do recalcado na neurose e do retorno no Real na psicose será abordada por nós no item 7.4 abaixo).

Nos artigos de metapsicologia, escritos em meados de 1915, o que temos é uma grande expansão da teoria do recalque, muito especialmente nos textos sobre *O Inconsciente* (Freud, 1915b/1996) e *O recalque*¹⁵ (Freud, 1915a/1996). No caso do Homem dos Lobos (Freud, 1918 [1914]/1996) (cf. item 7 abaixo), escrito aproximadamente na mesma época dos artigos de metapsicologia, porém publicado apenas em 1918, tornamos a encontrar a discussão sobre o recalque e a rejeição.

Neste texto parece que os dois processos incidem sobre pontos diferentes na história do Homem dos Lobos, e esta é a proposta de Miller (2010a): o recalque incidiria sobre a representação insuportável, a rejeição incidiria sobre a castração. Neste texto freudiano há uma frase que também se tornou célebre devido à leitura lacaniana, pois é a partir dela que o psicanalista francês discute a forclusão. Mas por enquanto nos manteremos em Freud. No item VII - *Erotismo anal e o complexo de castração*, há uma longa discussão deste tema. Tomaremos um ponto de suma importância: a frase freudiana tornada célebre por Lacan: “um recalque [*Verdrängung*] é algo muito diferente de uma rejeição [*Verwerfung*]” (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 88). A explicação da diferença nos é dada pelo próprio Freud poucas páginas adiante, quando diz que o Homem dos lobos rejeitava [*verwarf*] a castração, e o significado de tal expressão é que o paciente não queria saber disso, no sentido do recalque [*daß er von ihr nichts wissen wollte im Sinne der Verdrängung*] (Freud, 1918 [1914]/1996). Vemos que os dois processos são distintos e que a rejeição parece ser algo mais profundo, o que concorda com a leitura freudiana que temos feito até o momento. Sobre este mesmo ponto, Agnès Aflalo, em dois ótimos artigos dedicado ao caso do Homem dos Lobos (1994/2011; 1999/2011), também tem a mesma opinião de que a rejeição em Freud é uma forma mais severa e profunda de recalque.

¹⁵ Título na Edição Standard Brasileira: *A repressão*.

Colocados estes pontos em relação ao recalque e à rejeição, tomaremos agora outro rumo para focarmos o ponto final da construção nosológica freudiana, e que ocorre por volta do fim da década de 1920, seguindo até o fim dos dias de Freud, com pequenos acréscimos. A questão agora girará em torno de outro mecanismo de defesa – o desmentido/contestado [*Verleugnung*]¹⁶. No artigo sobre o *Fetichismo* (Freud, 1927/1996) encontramos este novo mecanismo de defesa ligado a duas entidades nosológicas – a perversão e a psicose. Com isto há uma nova separação e encontramos de um lado a neurose, e de outro a perversão e a psicose. Na neurose teríamos uma fuga da realidade, enquanto nas outras duas teríamos uma contestação desta realidade, mais especificamente, da realidade da castração. Estes pontos sustentam a afirmação freudiana de que a perversão é o negativo da neurose tal qual apresentado em textos do início do século XX, como os *Três tratados sobre a teoria sexual*¹⁷ (Freud, 1905/1996), tese muito criticada por Lacan, como veremos mais adiante (cf. item 2.2.2 abaixo). Esta forma se mantém até o último dos escritos de Freud, e com isto podemos fazer o seguinte esquema para melhor compreensão, com o qual finalizamos a proposta nosológica freudiana:

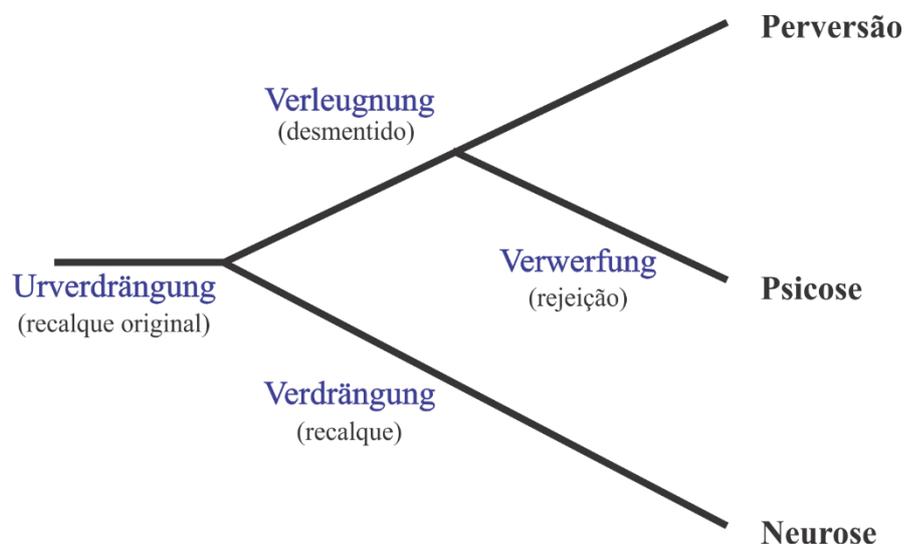


Figura 5 – Esquema simplificado da nosologia freudiana¹⁸

¹⁶ Novamente faz-se necessário uma nota de tradução. A palavra *Verleugnung* é uma das mais aleatoriamente traduzida na obra freudiana. Traduz-se por *rejeição*, como no texto sobre o *Fetichismo* (Freud, 1927/1996), por *recusa da realidade*, *denegação*, *negação*. Temos uma proposta interessante de tradução que adota o português *desmentido*, uma das possíveis traduções do verbo *verleugnen* – desmentir. O verbo *leugnen*, raiz de *verleugnen*, também tem o sentido de contestar, negar.

¹⁷ Título na Edição Standard Brasileira: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

¹⁸ Este esquema é baseado na proposta de Skriabine (cf. Figura 45 abaixo).

2.2.2 Lacan

O ato de leitura das obras de Freud empreendido por Lacan é dos mais importantes da história da Psicanálise. É inquestionável o valor do *retorno a Freud* determinado por Lacan no início dos anos de 1950. Talvez seja inimaginável a importância deste ato de leitura, pois jamais poderemos supor como seria a Psicanálise nos dias de hoje sem a grande intervenção lacaniana. A frase tornada aforismo ou quase jargão em meio psicanalítico nos diz que “o sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud” (Lacan, 1956 [1955]/1998, p. 406). Mas que sentido (acepção, significação) freudiano Lacan almeja com o sentido (propósito, objetivo) de um retorno?

O propósito nos é dado pelo próprio Lacan, e não é um retorno às fontes, ainda que seja necessário corrigir alguns desvios que se deram no pós-freudismo. O retorno não diz então de uma regressão, mas sim da topologia do sujeito, que só se revela após uma segunda volta sobre si mesma. Uma segunda volta na própria teoria, fundando uma nova borda, deixando de lado a antiga esfera e refazendo a questão de um sujeito que esteja dentro e fora (Lacan, 1965-1966/1998).

O sentido do retorno também fica evidente nas seguintes palavras de Lacan:

não é de um retorno do recalcado que se trata para nós, mas de nos apoiarmos na antítese constituída pela fase percorrida desde a morte de Freud no movimento psicanalítico, para demonstrar o que a psicanálise não é e, junto com vocês, buscar o meio de recolocar em vigor aquilo que não cessou de sustentá-la em seu próprio desvio, ou seja, o sentido primeiro que Freud preservava nela por sua simples presença (Lacan, 1956 [1955]/1998, p. 404).

Não se trata de um retorno às fontes, ou seja, não é um simples ato de leitura comentada; não se trata de simplesmente corrigir os erros de leitura dos pós-freudianos, ainda que isto se dê ao longo da obra lacaniana; trata-se sim de restabelecer o vigor da teoria buscando o sentido primeiro de Freud, mostrando o que a Psicanálise não é. Entretanto, esta prática de retorno ao sentido primeiro também implica em correções de desvios propriamente freudianos, ou mesmo na construção de desvios lacanianos, que levaram Lacan a seus atos de leitura, ainda que em algum momento elas discordassem da letra freudiana, mas tentando jamais discordar do sentido freudiano. Este é o ponto do retorno a Freud, e é com ele que retomamos a discussão da nosologia psicanalítica a partir de Lacan.

Outra frase lacaniana que também se tornou jargão é “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1964/1998, p. 25), e que alude às três grandes teorias que seriam trabalhadas bem da maneira lacaniana: devorando, refazendo, subvertendo. As três teorias são a Psicanálise de Freud (*o inconsciente*), a antropologia estrutural de Lévi-Strauss (*é estruturado*) e a linguística de Saussure (*como uma linguagem*). Buscamos esta frase para deixar marcada a palavra *estrutura*, marco da teorização do que chamamos normalmente de primeiro Lacan (sobre as divisões propostas para a obra de Lacan, cf. item 2.2.3 abaixo). É com esta palavra que costumamos localizar os diagnósticos na Psicanálise atual, em especial com os seguidores de Lacan. Falamos hoje de estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão) incluindo em cada um destes grupos outros subgrupos, os tipos clínicos. É interessante notar que Lacan utilizava as expressões *estruturas subjetivas* ou *estruturas freudianas* e não *estruturas clínicas* como costumamos usar (Mazzuca, Schejtman, & Slotnik, 2000).

Lacan toma de Freud dois de seus mecanismos de defesa em sua forma original – o recalque para as neuroses e o desmentido para as perversões. Entretanto, buscando uma maneira de possibilitar o tratamento das psicoses, ele vai retirar do texto freudiano a palavra *Verwerfung* e dar a ela um *status* diferenciado daquele freudiano. Façamos um breve percurso. Inicialmente Lacan segue as mesmas propostas de tradução para este vocábulo alemão utilizadas pelos demais psicanalistas de sua época: rejeição e recusa. Mas na *Resposta ao comentário de Jean Hypollite sobre a “Verneinung” de Freud* (Lacan, 1954/1998) ele apresenta a primeira de suas propostas de tradução: supressão [*retranchement*]. Esta discussão surge justamente no ponto em que Lacan discute o caso do Homem dos Lobos de Freud, discutindo as frases freudianas que já apresentamos anteriormente para este caso, da diferenciação entre *Verdrängung* e *Verwerfung* (cf. item 2.2.1 acima). Todo leitor de Lacan sabe atualmente que esta não é a tradução que se consolidou na escola lacaniana, mas desde este momento já encontramos um novo conceito surgindo, ainda em seus rudimentos, como um novo mecanismo de defesa que promove uma abolição simbólica.

Foi apenas em 04 de julho de 1956 que a tradução definitiva surgiu. Esta é a data da última lição do seminário sobre *As psicoses* e ali, ao discutir a relação do psicótico com o significante Lacan diz que “não torno a voltar à noção da *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a *foraclusão*” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 360, grifos do autor). A rigor o termo *foraclusão* (ou *forclusão* como preferem alguns) não existe em português. É um aportuguesamento do termo *forclusion* francês. Em português temos o termo jurídico, *preclusão*, que vem “[do latim *praeclosure*.] Perda de uma determinada faculdade processual

civil, ou pelo não exercício dela na ordem legal, ou por haver-se realizado uma atividade incompatível com esse exercício, ou ainda, por já ter sido ela validamente exercida” (Ferreira, 2009, p. 1617).

Esta é a proposta lacaniana ao traduzir a *Verwerfung* de Freud. Há algo que deveria advir, mas que não ocorreu no prazo necessário. Por isto, uma falha simbólica fica irremediavelmente estabelecida. Entretanto, o que é que foi foracluído? Isto já teria sido posto antes ainda da tradução do termo freudiano, ainda no seminário sobre *As psicoses*, quando Lacan, comentando o chamado à virilidade pelo qual passou Schreber, diz que tal virilidade lhe faltou e, em resposta, o juiz louco traz uma “compensação imaginária do Édipo ausente, que lhe teria dado a virilidade sob a forma, não da imagem paterna, mas do significante, do *nome-do-pai*” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 220).

É no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* que Lacan (1957-1958/1998) apresenta pela primeira vez o sintagma completo, a *forclusão do Nome-do-Pai*, entre a apresentação dos dois esquemas: R e I. Agora que temos o percurso completo de Lacan podemos apresentar uma forma também bastante resumida da nosografia lacaniana.

Vemos no simples esquema abaixo que a nosologia lacaniana inverte alguns pontos em relação à freudiana. Em relação ao esquema da nosologia freudiana (cf. Figura 5 acima) podemos notar que esta inversão ocorre especialmente no que se refere à psicose. É ela agora que ocupa um lugar separado das demais entidades nosológicas ou estruturas psíquicas. Com este novo rearranjo, Lacan pode também criticar a ideia freudiana de que a perversão é o negativo da neurose, pois agora as duas estão do mesmo lado.

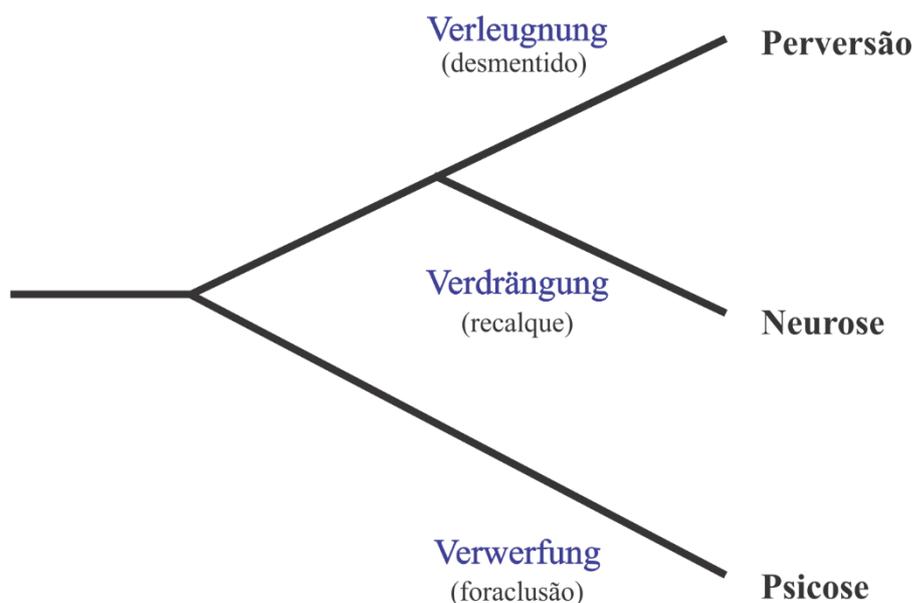


Figura 6 – Esquema simplificado da nosologia lacanianiana¹⁹

Não incluímos em nosso esquema nenhum mecanismo inicial, como era o recalque original em Freud, pois isto não fica claro em Lacan. A nosso ver o que há inicialmente é a afirmação [*Bejahung*] e a expulsão [*Austoßung*], mas isto é tema para uma discussão futura (cf. item 4.2.1 abaixo).

Nossa intenção nesta seção foi apresentar um único exemplo do ato de leitura lacanianos que, ainda que se atenha ao sentido de Freud, pode muitas vezes diferir da proposta freudiana original. Há que se ter cuidado para não pensarmos um Freud lacanianos, pois isto seria um absurdo. O Lacan freudiano, em contrapartida, é indubitável. Lembramos também que ser freudiano para Lacan não implica em ser alguém totalmente submetido aos ensinamentos do pai da Psicanálise. Afinal, há que se ultrapassar esta tendência edípica de que não se pode ser como o pai. Este é o ato lacanianos em si. Ao subverter inclusive a Psicanálise freudiana, Lacan se mantém no sentido freudiano original: o de descentramento do homem em sua contemporaneidade.

Algo a se destacar e que será ponto de discussão futura em nosso texto (cf. item 7 abaixo), é que tanto Freud quanto Lacan colocam em lugar especial a entidade nosológica/estrutura à qual mais dedicaram seus estudos – em Freud as neuroses ocupam lugar especial, assim como em Lacan são as psicoses que ocupam tal lugar. Isto diz dos interesses de cada um em teorizar cada entidade/estrutura, privilegiando este grupo como o paradigma de sua teoria.

¹⁹ Este esquema também é baseado na proposta de Skriabine (cf. Figura 45 abaixo).

2.2.3 Lacan... mais, ainda

Ainda há algo mais a se pensar desta passagem de Freud a Lacan. Neste momento, especificamente, pensar a passagem de um primeiro a um segundo Lacan: de um primeiro Lacan, estruturalista, para um segundo Lacan, borromeano. Por que seria necessária a mostraçãõ no nó? O que teríamos de ganho nesta passagem?

De início precisamos pensar que alguns olhares incidem sobre esta divisãõ. Há uma divisãõ proposta por Miller (2002) que aponta para três momentos do ensino de Lacan: um com foco no Imaginário, posterior à sua tese de doutoramento e anterior ao início de seu ensino propriamente dito; outro com foco no Simbólico, paralela ao início de seu ensino em forma de seminários; e por fim, um terceiro momento com foco no Real, mais próximo dos últimos anos de seu ensino. Até o próprio Lacan (1974-1975/19_, p. 18) exemplifica este caminho nas seguintes palavras:

que eu tenha começado pelo Imaginário e, em seguida, precisado um bocado mastigar essa história de Simbólico com toda essa referência linguística sobre a qual efetivamente não encontrei tudo aquilo que me teria facilitado. E depois, esse famoso Real, que acabei por lhes apresentar sob a forma mesmo do nó.

Este percurso no qual a trilogia Real, Simbólico e Imaginário se apresenta ao mesmo tempo como teoria e como história de uma construção de conhecimento parece ter sido abandonado por Miller, haja vista que ele mesmo assume posteriormente a divisãõ mais conhecida em nosso meio atual, ou seja, a divisãõ entre uma primeira e segunda clínica, ou um primeiro e segundo ensino.

É justamente esta outra divisãõ que iremos utilizar, não apenas por ser a mais usual nos dias de hoje, como também por ser considerada por outros autores. Temos como exemplo a divisãõ proposta por Milner (1996) de dois classicismos lacanianos: o primeiro das décadas de 1950 e 1960, centrado na noção de estrutura; o segundo a partir da década de 1970, centrado no matema e no nó borromeano. Por fim, devemos atentar para o fato de que estas divisões de um percurso laciano estão muito mais próximas de um contexto didático do que necessariamente clínico, mesmo sabendo que há diferenças teóricas e avanços no fazer da clínica. É importante lembrar também que, assim como em Freud, as teorizações lacanianas não são excludentes, mas complementares. Portanto, uma segunda clínica como normalmente ouvimos falar, não exclui os conceitos da primeira.

Antes mesmo de abordarmos o primeiro Lacan, é necessário precisarmos a amplitude que sua primeira proposta traz como avanço em relação à clínica freudiana. Com Freud temos uma clínica do sintoma, baseada em mecanismos de defesa e conseqüentemente nas modalidades de defesa de cada indivíduo em relação a este ponto primário. É uma clínica que se referencia no surgimento e formação dos sintomas. Já pudemos ver isto anteriormente (cf. item 2.2.1 acima) e ainda teremos a oportunidade de trabalhar o mesmo ponto com mais vagar (cf. item 5.1 abaixo). A primeira clínica lacaniana, por ser uma clínica do sujeito, uma clínica das estruturas subjetivas, se distingue claramente da clínica freudiana (Mazzuca, Schejtman, & Slotnik, 2000).

Podemos assim supor que o primeiro Lacan, o Lacan dos significantes, de uma primazia do Simbólico, o conhecido Lacan estruturalista, tinha como pano de fundo de sua teorização as propostas matemáticas da teoria dos conjuntos e dos grupos, que trabalha com a pertinência de elementos em determinados conjuntos.

Célio Garcia (2003) diz que o primeiro Lacan se marca pelo binarismo grafado na barra (/) ou no traço (-); o primeiro encontrado, como exemplo, na própria constituição do sujeito do Inconsciente (S) e o segundo, também como exemplo, entre o par de significantes que representa a cadeia significante mínima ($S_1 - S_2$). Estas são características da leitura estruturalista de Lacan, na qual a presença (+) e a ausência (-) são marcas indeléveis.

Badiou (2002) nos apresenta a teoria de grupos, relacionando-a à teoria estruturalista e de conjuntos, como uma forma de tratar os elementos a partir de uma operação, com notação +. Disto decorrem as três grandes propriedades da teoria de grupos, a saber: associativa, elemento neutro, e existência do oposto²⁰. O foco de tal teoria são os elementos, não as operações, o que confere a esta teoria um caráter ontológico.

Talvez o exemplo mais claro desta proposta dentro da teorização lacaniana, sobretudo no primeiro Lacan, possa ser a questão do significante do Nome-do-Pai. A presença ou ausência deste significante, assim como a reação a esta presença ou ausência, determina a estrutura. Na neurose e na perversão teríamos tal significante como ordenador, aceito na neurose e contestado, desmentido, na perversão. A psicose seria a estrutura definida pela ausência do mesmo (cf. Figura 45 abaixo). Fica clara a importância da pertinência ou não de um determinado elemento nos diversos conjuntos, em nosso exemplo, na definição das estruturas

²⁰ A primeira diz que $a + (b + c) = (a + b) + c$; a segunda diz que $a + e = e + a = a$, sendo e o elemento neutro; e a terceira diz que $a' + a = e$, sendo $a' = -a$ (por exemplo, $-4 + 4 = 0$).

(Mazzuca, Schejtman, & Slotnik, 2000). Este pano de fundo, a teoria dos conjuntos, lida com referências à estrutura interna de cada conjunto.

Entretanto, o segundo Lacan caminha para uma proposta diversa, a da teoria das categorias, que lida com as relações externas aos conjuntos. Desta maneira, não é mais tão importante quais são exatamente os elementos que estão agindo, mas sim como eles se relacionam.

Célio Garcia (2003) diz que o segundo Lacan se apoia não mais na barra ou no traço, mas sim na flecha (\rightarrow); não apenas implicação lógica ou um vetor que apresenta um início e um fim, mas sim algo que apresente a relação entre os elementos, algo que indique movimento.

Na mesma esteira segue Badiou ao dizer que, na teoria das categorias, o que está em primeiro plano são as relações estabelecidas pelas flechas e não mais os elementos, pois “a relação precede o ser” (Badiou, 2002, p. 144). Ainda que algumas das proposições da teoria das categorias confirme de alguma maneira a teoria dos conjuntos, o que nos mostra que a teoria das categorias não invalida a teoria dos conjuntos, há uma grande virada no que diz respeito à forma do pensamento categorial, pois o ponto central não é mais a visão ontológica, e sim a visão lógica.

Há ainda algo de muito importante a ser notado nos enodamentos e que é algo também importante na teoria das categorias: os morfismos. É claro que a topologia como um todo trabalha com a ideia de transformações: transformação topológica ou homeomorfismo nas figuras que utilizaremos na topologia de superfície (cf. Figura 18 abaixo) e isomorfismos nos nós (como exemplo, as cadeias borromeanas levógira e dextrógira, que podem se transformar uma na outra com apenas alguns movimentos, cf. Figura 68 abaixo)²¹. Para Badiou (2002) o conceito de isomorfismo é um conceito chave dentro da teoria das categorias, pois com ele admitimos que dois objetos são indiscerníveis, ainda que ontologicamente sejam diferentes, se entre eles há um isomorfismo. Talvez seja esta propriedade a que mais conduza todos ao pensamento de que a segunda clínica lacaniana seria uma clínica continuísta, com fronteiras entre as estruturas subjetivas menos nítidas. Entretanto, não é esta a nossa posição, pois pensamos que, ainda que haja certos isomorfismos entre alguns encadeamentos, eles apenas se dão entre encadeamentos do mesmo tipo. Como exemplo temos algumas possibilidades entre

²¹ As noções de homeomorfismo e isomorfismo serão abordadas mais detalhadamente adiante, conforme indicado ao longo de nosso texto, mas aqui, de maneira bastante intuitiva, podemos dizer que os dois conceitos tratam de mudanças nas apresentações (das figuras ou nós) sem que ocorram grandes rupturas, como cortes ou desenodamentos, permitindo assim que uma figura ou nó possa ser transformada em outra equivalente.

encadeamentos borromeanos, mas nunca de um encadeamento borromeano para um olímpico. Observemos as figuras abaixo:

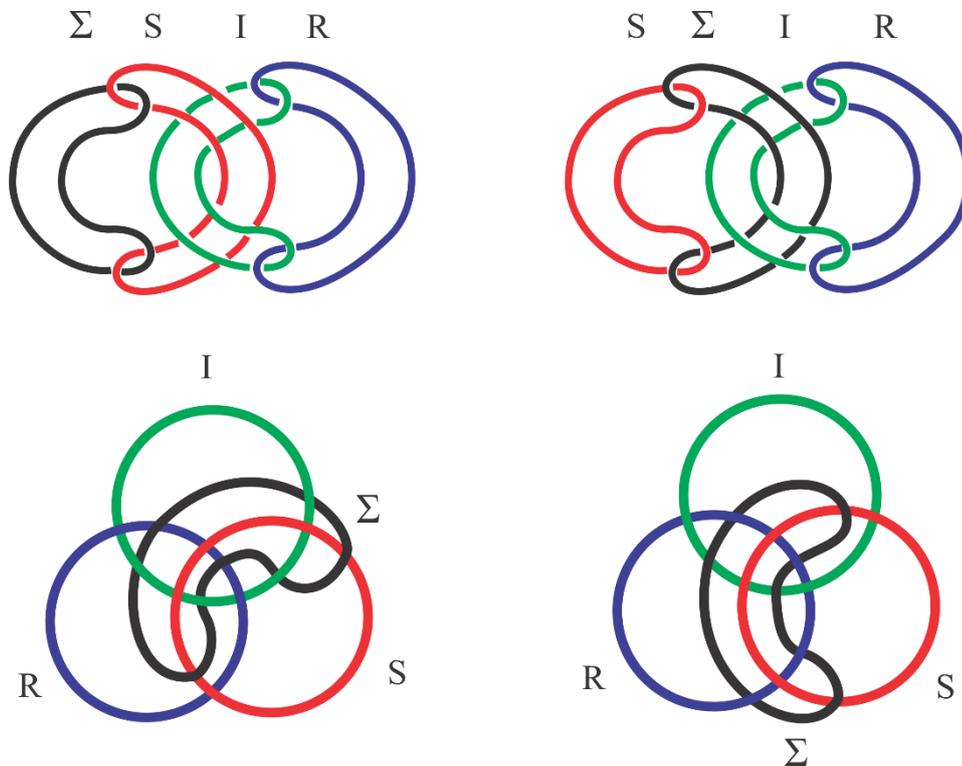


Figura 7 – Cadeias isomorfas

Todas as quatro apresentações da cadeia borromeana de quatro elos acima são isomorfas, ou seja, podemos passar de uma para outra com alguns movimentos específicos, sem fazer nenhum corte, ou lapso em algum dos nós (cf. item 5.2 abaixo). Entretanto, seria impossível mudar uma cadeia olímpica em uma borromeana (cf. item 5.3.1 abaixo).

É nesta perspectiva que a pluralização dos Nomes do Pai pode ser discutida. Se não há mais apenas um elemento definidor, a saber, a presença ou ausência de um elemento, abre-se a possibilidade de que outros elementos venham a se relacionar de maneiras diversas, cumprindo funções semelhantes.

Temos então um ponto muito importante a ser esclarecido: a diferença entre Nome-do-Pai e Nomes do Pai. Tomamos o primeiro como o significante que fará a distinção entre as cadeias, o qual será o significante que trará a diferença entre as estruturas subjetivas (neurose e perversão como estruturas nas quais o Nome-do-Pai foi inscrito, e psicose, como a estrutura na qual o Nome-do-Pai não foi inscrito). Os Nomes do Pai, diferentemente, dizem das diversas formas de reparação possíveis, buscando sempre retornar a cadeia ao seu aspecto o mais próximo possível de uma cadeia borromeana de três elos. Assim, temos o Nome-do-Pai como

um ponto inicial, estruturador, e os Nomes do Pai como pontos de restauração dos lapsos, portanto, um ponto posterior, de tratamento do retorno daquilo que foi recalçado ou foracluído. Esta relação entre o Nome-do-Pai e os Nomes de Pai pode ser ouvida nas próprias palavras de Lacan:

não é por nada que chamara isso de "*Os Nomes do Pai*" e não *o* Nome-do-Pai, eu tinha algumas ideias da suplência que o campo toma, o discurso analítico que faz com que essa estreia, por Freud dos Nomes do Pai, e porque essa suplência é indispensável que ela tem vez: nosso Imaginário, nosso Simbólico e nosso Real estão talvez para cada um de nós ainda num estado de suficiente dissociação para que só o Nome-do-Pai faça nó borromeano e mantenha tudo isso junto, faça nó a partir do Simbólico, do Imaginário e do Real (Lacan, 1974-1975/19_, p. 32, grifos do autor).

Observamos que neste momento Lacan foca na cadeia borromeana de três elos e ainda propõe que o Nome-do-Pai é o elemento enlaçador. Veremos mais adiante (cf. item 5.2 abaixo) como esta proposta lacaniana se modifica, sobretudo no que diz respeito à necessidade de um quarto elo.

Na teoria das categorias, ainda que possamos estabelecer propriedades universais para certas relações (mesmo que pensemos o universal de outra maneira nesta teoria)²², os elementos que estão se relacionando não necessitam ser os mesmos. Isto não inviabiliza a teoria dos conjuntos, apenas abre um leque novo de possibilidades, o que nos leva a pensar que não se exclui da teoria lacaniana as ideias de que possamos ter diferentes estruturas subjetivas (neurose, psicose e perversão), mas apenas que a maneira de se pensar as relações entre elas possa ser abordada de maneira distinta (Mazzuca, Schejtman, & Slotnik, 2000).

A título de exemplo, mais que a presença ou ausência de um elemento (aqui tomamos o Nome-do-Pai) que produziria distintas estruturas subjetivas – neurose e psicose – como podemos ver respectivamente nos esquemas R e I de Lacan (cf. Figura 55 e Figura 56 abaixo), é possível pensar os enodamentos borromeanos como relações entre elementos (não mais apenas o Nome-do-Pai, mas elementos que funcionam como Nomes do Pai) (cf. Figura 71 a Figura 76 abaixo).

O percurso que fizemos até o momento, de Freud a Lacan, nos traz agora nova questão a ser trabalhada, pois vimos no segundo Lacan uma nova forma de pensar em que os raciocínios binários não mais estão presentes, pelo menos não como pontos centrais da teoria. Isto nos leva

²² Sobre a questão do universal nas duas teorias, de conjuntos e das categorias, sugerimos a leitura do capítulo 13 *Grupo, categoría, sujeto*, do livro de Badiou, *Breve tratado de ontología transitoria* (2002).

então ao questionamento sobre como a Psicanálise lida com as questões binárias, tão caras a Freud em sua teoria, e bastante relevantes no primeiro Lacan. Tomemos então este ponto.

2.3 DOS PARES DE OPOSTOS FREUDIANOS

Qualquer um que se interessar pela Psicanálise, cedo irá se deparar com uma característica marcante da teorização freudiana: os pares de opostos. Esta forma de organizar a teoria e pensar o psiquismo se apresenta de diversas maneiras e em vários pontos. Como exemplos podemos pensar no par *princípio de prazer* e *princípio de realidade*, que regem outro par, o *processo primário* e o *processo secundário*, respectivamente; temos também os pares de pulsões: *pulsão sexual* e *pulsão de auto conservação* (ou *do Eu*) na primeira tópica, e *pulsão de vida* (que engloba as duas anteriores) e *pulsão de morte* na segunda tópica; *mundo interno* [*Innenwelt*] e *mundo externo* [*Außenwelt*]. Até mesmo nas formulações sobre o aparelho psíquico da primeira e da segunda tópica, reconhecidamente ternários, há uma colocação de pares de opostos – *Inconsciente* e *Consciente* na primeira tópica (sendo o Pré-consciente tomado como inconsciente) e *Eu* e *Isso* na segunda tópica (ainda que o Supereu faça parte do aparelho, ele tem, a princípio, uma importância secundária).

Outro par que nos interessa diretamente é aquele que se refere à *realidade psíquica* e à *realidade material* (objetiva, factual, efetiva, externa). Freud trabalha este par diversas vezes ao longo de sua obra e, coincidentemente, em alemão, temos duas palavras que exprimem a ideia de realidade, com pequenas variações - *Realität* e *Wirklichkeit* – que poderiam ser usadas para definir tais realidades distintas.

Lacan tomou posição sobre estas palavras em seu texto *De nossos antecedentes* (19__/1998) e propôs uma separação que se apresenta da seguinte forma: o primeiro termo (*Realität*) teria sido utilizado por Freud para a realidade psíquica e o segundo (*Wirklichkeit*), para a material. Entretanto, em uma pesquisa mais detalhada no original freudiano podemos notar que Freud não faz esta distinção²³, o que nos sugere que talvez esta seja mais uma interpretação lacaniana dos conceitos freudianos em busca de sua precisão conceitual.

²³ Buscamos estes conceitos em duas das versões publicadas da obra de Freud em alemão, principalmente a *Gesammelte Werke*, mais completa e com vários textos publicados após a morte de Freud. Esta versão, posteriormente, ao ser assumida pela editora Fischer de Frankfurt, ainda foi acrescentada de um volume suplementar chamado *Nachtragsband* com diversos textos menores e inéditos que não foram publicados na

Vejamos alguns exemplos do texto de Freud para notarmos sua indiferenciação: “o que caracteriza os neuróticos é preferirem a realidade psíquica [*psychische Realität*] à factual [*faktische*], reagindo tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais às realidades [*Wirklichkeiten*]” (1913 [1912-13]/1996, pp. 160-161)²⁴. Neste exemplo notamos a palavra *Realität* ligada à realidade psíquica e a *Wirklichkeit* ligada à realidade material, como na leitura lacaniana. Tomemos agora outro ponto da obra freudiana, quando ao tratar da prova de realidade²⁵, Freud diz que “a equação ‘percepção = realidade (mundo externo) [*Realität (Aussenwelt)*]’ não mais se sustenta” (1940 [1938]a/1996, p. 176). Neste trecho a palavra *Realität* está diretamente ligada à realidade material, externa, contrariando a leitura lacaniana.

De acordo com o *Vocabulário técnico e crítico da filosofia* (Lalande, 1999), podemos ver que esta divisão também não é tão frequente na Filosofia alemã, haja vista que os exemplos dados de Kant em tal dicionário, também utilizam estas palavras como Freud, ou seja, indiferenciadamente. Entretanto, de uma maneira mais geral parece que a palavra *Realität* tem seu uso mais indiferenciado, ligando-se a qualquer uma das significações. A palavra *Wirklichkeit* concorda com a proposta lacaniana de uma realidade material, objetiva, sendo esta palavra também de uso coloquial em alemão²⁶. Em geral a *Wirklichkeit* é utilizada como realidade efetiva, ou em alguns momentos como a efetivação de uma realidade anteriormente pensada, psíquica.

Com Garcia-Roza (2002) pensamos que a melhor forma de fazer esta distinção, em Freud, seria pensar a *Wirklichkeit* como *realidade efetiva*, ou seja, aquela advinda de um processo, uma realidade operante psiquicamente, como os produtos da fantasia. A *Realität*, por sua vez, aponta para o que tem um compromisso com a realidade externa, um conteúdo objetivo. Com isto, são postas duas dificuldades na terminologia freudiana – o princípio de realidade

versão londrina que surgiu entre 1940 e 1952; a outra versão utilizada para a pesquisa é denominada *Gesammelte Schriften*, possui bem menos textos e foi publicada em grande parte ainda durante a vida de Freud.

²⁴ Este trecho tem uma tradução brasileira que muito compromete o sentido original proposto por Freud. Na verdade, o que ele quis dizer é que a neurose se caracteriza por colocar a realidade psíquica acima da factual, e que os neuróticos reagem tão seriamente a pensamentos como as pessoas normais a realidades. No original: „Die Neurose ist dadurch charakterisiert, daß sie die psychische Realität über die faktische setzt, auf Gedanken ebenso ernsthaft reagiert wie die Normalen nur auf Wirklichkeiten“ (Freud, 1913 [1912-13]/1999, p. 192).

²⁵ O termo *Realitätsprüfung* é normalmente traduzido como *teste de realidade*, mas a palavra *Prüfung* diz de uma prova, não no sentido de um concurso ou exame escolar, para os quais teríamos a palavra *Test* e *Examen*. Mesmo que todas elas estejam próximas em um grande campo semântico, tanto em alemão quanto em português, preferimos a tradução por *prova*, mais ligada ao sentido de provar, verificar a autenticidade, mantendo também a semelhança sonora entre *prova* e *Prüfung*.

²⁶ Por exemplo, se dissermos algo que possa ser duvidoso a um alemão ele responderia com outra pergunta: *Wirklich?* Ou seja: *verdade?* Também é corriqueiro o uso da expressão *in der Wirklichkeit...* que podemos traduzir em português por: *na verdade...* ou *na realidade...*

[*Realitätsprinzip*] e a realidade psíquica [*psychische Realität*]. Ainda seguindo as propostas do autor, vemos que no princípio de realidade o que está em questão não é a *Wirklichkeit*, mas sim a *Realität*. Desta maneira a realidade psíquica não se confunde com a *Wirklichkeit*. Assim,

quando dizemos que os produtos da fantasia possuem uma realidade efetiva, dizemos que eles têm *Wirklichkeit*, e estamos também querendo dizer que eles remetem ao desejo inconsciente, àquilo ao qual não temos acesso diretamente mas que constitui *psychische Realität* (realidade psíquica) por oposição à realidade dos nossos pensamentos conscientes (Garcia-Roza, 2002, p. 222).

Ponto interessante, por ser tomado em direção oposta àquela das traduções que apresentamos anteriormente, encontra-se no famoso *Psicopatologia Geral* de Jaspers (1987, p. 132), no qual lemos “realidade (*Wirklichkeit*) é a objetividade (*Realität*) no espaço e tempo”. O que podemos notar então, de maneira geral, é que não há um consenso sobre o uso destas duas palavras. De toda forma, o que nos interessa neste ponto não é a precisão da palavra utilizada por Freud, mas sim a precisão do que ele propõe: duas realidades distintas. Mas estas realidades estabeleceriam entre elas que tipo de relação? Como este par de opostos e os demais citados anteriormente se apresentam na obra freudiana?

2.3.1 Díades, dualidades, dualismos, dicotomias e dialéticas

Buscar palavras que realmente expressem o que queremos é uma tarefa muito difícil, ou talvez até mesmo impossível dado ao caráter de equivocidade da linguagem. Ainda assim buscar o máximo de precisão pode ser uma tarefa recompensadora, especialmente quando se trata de cernir uma questão conceitual com maior precisão. Trata-se neste caso menos de buscar um sentido para o termo, e mais de circunscrever seu alcance num dado corpo teórico. Por este motivo tentaremos trazer algumas definições para que possamos entender melhor os pares de opostos freudianos que desde o início podemos chamar de díades. Esta palavra é utilizada para falar da dualidade ou de pares contrários utilizados como princípios de explicação (Lalande, 1999)²⁷, o que nos remete diretamente aos pares freudianos, ainda que nos exemplos que apresentamos anteriormente tenhamos tríades que possuem internamente uma díade forte.

²⁷ Neste ponto de nosso texto traremos as definições de reconhecidos dicionários de Filosofia, com o intuito de facilitar nossa apresentação. Uma busca mais profunda por definições dos termos aqui discutidos em diversos

Uma das significações da díade, como vimos anteriormente, é que ela se refere à dualidade que, de acordo com Lalande (1999), trata do que é duplo ou contém dois elementos. Abbagnano (2007) diz que este termo não tem um significado preciso em Filosofia, apenas tratando de pares que contenham alguma relação. Freud utiliza esta palavra pouquíssimas vezes²⁸ (apenas uma vez a palavra *Dualität* e três vezes a palavra *Zweiheit/Zweiheiten*). A primeira, *Dualität*, Freud diz trazer de Herbert Spencer e aproxima do dualismo [*Dualismus*] corpo e alma, tão utilizado no senso comum (Freud, 1913 [1912-13]/1996). A segunda, *Zweiheit*, é utilizada para tratar das díades biológicas (sexo biológico masculino e feminino) (Freud, 1940 [1938]a/1996) e dos pares culturais que concorreram historicamente para a formação de duas grandes religiões monoteístas – o judaísmo e o cristianismo (Freud, 1939 [1934-38]/1996). Vemos que o uso freudiano coincide, de certo modo, com as definições de Lalande e Abbagnano.

Se Freud aproxima a dualidade do dualismo, vejamos então o que podemos dizer desta última palavra. Para Lalande (1999), o dualismo trata da relação de termos que se correspondem um a um (por exemplo: espírito e matéria). Também diz de uma doutrina que admite dois princípios essencialmente irreduzíveis (por exemplo: a vontade e o entendimento). Segundo este dicionário, esta palavra surge com Thomas Hyde em 1700, admitindo um princípio do bem e do mal, mas foi Wolff quem deslocou a expressão para a relação alma e corpo, opondo o dualismo ao monismo. Segundo Abbagnano (2007) Wolff colocaria Descartes como o fundador do dualismo. Este termo também foi amplamente empregado para tratar da distinção entre a aparência e a realidade.

Freud emprega o termo *Dualismus* uma única vez, como vimos anteriormente, aproximando-o da dualidade, e quatro vezes o termo dualista [*dualistische*], referindo-se à visão do homem primitivo sobre o sistema animista (Freud, 1913 [1912-13]/1996), e mais especialmente ao falar de suas duas classes de pulsões. Neste último sentido encontramos três passagens: duas em *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/1996, p. 60) sendo que na

autores da Filosofia poderia tornar nosso texto muito cansativo, e talvez possa culminar em um desvio por demais longo. Também há que se notar que um dos dicionários que utilizamos, o *Vocabulário técnico e crítico da filosofia* de Lalande (1999), tem com a Psicanálise dois pontos de aproximação marcantes: o conceito laciano de *lalíngua* (*lalangue*), criado a partir do nome do autor do referido dicionário; e o nome de um dos primeiros dicionários de Psicanálise, que tem seu nome inspirado no nome de tal dicionário, o *Vocabulário da psicanálise* de Laplanche e Pontalis (Laplanche & Pontalis, 2001).

²⁸ Faremos uma pesquisa pelos termos escolhidos por nós no título deste item em toda a *Gesammelte Werke* com o intuito de buscar o sentido pretendido por Freud; em português a versão escolhida é a *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, por ser a versão de referência no país e, até o momento, a única versão completa, sem contar o fato de ser uma tradução, ainda que indireta, da *Gesammelte Werke*.

primeira aparição do termo ele fala “sobre essa visão preeminentemente dualística da vida pulsional” e pouco adiante, ainda seguindo a mesma ideia, faz uma crítica a Jung dizendo:

nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais acentuadamente do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre pulsões do eu e pulsões sexuais [*Ich- und Sexualtriebe*], mas entre pulsões de vida e de pulsões de morte [*Lebens- und Todestriebe*]. A teoria da libido de Jung é, pelo contrário, monista [*monistische*]; o fato de haver ele chamado sua única força pulsional de ‘libido’, destina-se a causar confusão (Freud, 1920/1996, p. 63).

Vemos nesta crítica de Freud a Jung a importância que o pai da Psicanálise dava aos pares de opostos. Este parece ser um ponto fundamental da doutrina freudiana, sem o qual seu edifício teórico poderia perder força. Mais adiante, em *O Eu e o Isso*²⁹ (Freud, 1923/1996), há o terceiro surgimento do termo dualista. Ali Freud remete novamente ao texto *Além do princípio de prazer* para tratar de seu ponto de vista dualista fundamental.

O ponto de vista dualista sobre a teoria das pulsões em Freud é ponto pacífico para a grande maioria de seus comentadores. Tomemos a princípio dois destes comentadores brasileiros – Marco Antonio Coutinho Jorge em seu livro *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, e Luiz Alfredo Garcia-Roza com seu *Introdução à metapsicologia freudiana*, ambos publicados em três volumes.

Primeiro Garcia-Roza. O autor diz que devemos pensar o dualismo pulsional freudiano não como um dualismo de *natureza* das pulsões, mas sim como um dualismo de *modos* da pulsão, pois teríamos uma única pulsão e ela se presentificaria em modos distintos – pulsão de morte e de vida (Garcia-Roza, 2000).

Isto nos lembra dois grandes filósofos que têm concepções diferentes, mas que podem nos auxiliar no entendimento desta questão. Primeiro Descartes, reconhecidamente dualista e que apresentaria duas substâncias: a *res cogitans* e a *res extensa*, uma coisa pensante e uma coisa extensa, um psíquico e um material, próximo, a princípio, ao que propõe Freud com suas duas formas de realidade. Outro filósofo, Spinoza, propõe apenas uma substância, a saber, Deus, e que se apresentaria de dois modos: *res cogitans* e *res extensa*. Temos então um monismo ontológico, com um dualismo de modos. Esta é a proposta de Garcia-Roza para a questão das pulsões em Freud – um monismo (só há uma pulsão) que se presentifica em um aparente dualismo (pulsão de morte e pulsão de vida).

²⁹ Título na Edição Standard Brasileira: *O ego e o id*.

Mas ao fim do mesmo volume, o autor ainda propõe uma outra questão. Para ele na verdade Freud não apresenta dualismos, mas sim dualidades. Para tal, apresenta a seguinte justificativa:

a diferença que estou fazendo, aqui, entre “dualismo” e “dualidade” pode ser resumida no seguinte: no dualismo, as entidades implicadas preexistem e são exteriores às relações que estabelecem, enquanto que numa dualidade, os elementos que a formam só existem na e pela relação estabelecida. Neste sentido, os “dualismos” freudianos são muito mais dualidades do que dualismos propriamente ditos (Garcia-Roza, 2000, p. 276).

Esta proposta de Garcia-Roza concorda com as definições que apresentamos anteriormente de Abbagnano e também com as de Lalande. Se pensarmos o par de opostos como dualismos, eles têm que ser irredutíveis uns aos outros, ou seja, pulsão de morte e de vida deveriam ser absolutamente distintas, uma não necessitando da existência da outra para ter sua própria existência; entretanto, se pensarmos como dualidades, a relação entre os pares se torna necessária.

É nesta mesma via que segue Coutinho Jorge (2010). Para este, o dualismo pulsional freudiano é na verdade um monismo. Ele toma seus argumentos do fato de que Freud nunca tenha nomeado uma energia específica para a pulsão de morte, e também da afirmação lacaniana de que “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (Lacan, [1960] 1964/1998, p. 863). Vemos que a proposta monista de Coutinho Jorge segue então a mesma ideia que exemplificamos com Spinoza: um monismo fundamental que se apresenta de dois modos. Coutinho Jorge também concorda com a proposta e com os argumentos de Garcia-Roza de que, na verdade, o que temos em Freud são dualidades e não dualismos.

Entretanto, há mais um monismo em Freud que se apresenta disperso ao longo de sua obra, mas que encontra um bom trabalho de ordenação no texto de Assoun (1983) sobre a epistemologia freudiana. Segundo este autor, há em Freud um monismo epistemológico: para Freud a Psicanálise é uma ciência da natureza [*Naturwissenschaft*] tal como a Física e a Química de sua época, recusando o dualismo epistemológico entre ciências do espírito [*Geisteswissenschaften*] e ciências da natureza [*Naturwissenschaften*]. O argumento é que toda ciência seria ciência da natureza, não havendo nada fora da natureza. Assim, ciência da natureza corresponderia simplesmente à ciência [*Wissenschaft*].

Há ainda mais um ponto interessante a ser observado nas pontuações de Assoun. Ele se refere à proposta monista de Haeckel, que teria influenciado diretamente a Freud. Assoun (1983) diz que, para Haeckel,

o monismo tem por efeito recusar a separação de duas substâncias distintas que seriam caracterizadas como "alma" e "corpo". Ora, somente essa distinção ontológica funda a distinção epistemológica: uma vez recusada a primeira, a segunda se torna, *ipso facto*, caduca (Assoun, 1983, p. 51).

Neste ponto então podemos buscar a união do que trabalhávamos anteriormente sobre a pulsão, como uma única pulsão que se apresenta sobre dois modos, e a proposta de uma única ciência. Se houvesse duas classes totalmente distintas de pulsões, uma que rege o inorgânico e outra que rege o orgânico, precisaríamos de duas ciências distintas para estudá-las. Assim, a proposta freudiana mantém sua coerência interna: apenas uma substância (aqui pensada na forma da pulsão) e apenas uma ciência que a estuda (a Psicanálise como ciência da natureza).

Tomemos outro termo que nos leva à ideia de divisão, mas não necessariamente de pares de opostos – o termo dicotomia [*Dichotomie*]. Segundo Lalande este termo se refere à “divisão lógica de um conceito em dois conceitos (geralmente *contrários*) de maneira que eles esgotem a extensão do primeiro” (1999, p. 257, grifos do autor). Abbagnano (2007) também se aproxima desta definição, acrescentando que esta divisão segue o método da dialética platônica, como veremos adiante.

A palavra alemã não é encontrada nos textos da *Gesammelte Werke*, mas ocorre algumas vezes na tradução brasileira da *Edição Standard*. Ao buscarmos tais palavras (as que foram traduzidas como dicotomia em português) no texto alemão encontramos palavras que se referem à divisão em duas partes [*Zweiteilung*]: ao discutir a suposta epilepsia de Dostoievski como uma dupla válvula de escape, para a descarga orgânica, cerebral, e para a descarga pulsional (1928 [1927]/1996); a mesma palavra, *Zweiteilung*, é utilizada em *O mal-estar na cultura*^{30,31} (1930[1929]/1996) para dizer da divisão em duas partes do objetivo de todo ser humano – de um lado evitar o sofrimento e o desprazer, e de outro conseguir a experiência de intensos sentimentos de prazer; também encontramos outra palavra, muito próxima das anteriores, *Zwiespältigkeit*, para tratar da conflitualidade da relação com os pais mantida no animal totêmico, ou na escolha por um lado do conflito [*Zwiespalt*] entre a força física e a intelectualidade no povo judeu, em seu texto *O homem Moisés e a religião monoteísta: três tratados*³² (1939 [1934-38]/1996).

³⁰ Título na Edição Standard Brasileira: *O mal-estar na civilização*.

³¹ No caso específico do título deste texto *Das Unbehagen in der Kultur*, o termo *Unbehagen*, literalmente desconforto, incômodo, é traduzido como mal-estar, e este termo foi assumido por todos no meio psicanalítico, sendo que sua tradução foi aceita por Freud pelo francês *malaise*, mal-estar.

³² Título na Edição Standard Brasileira: *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*.

Não visamos esgotar todos os exemplos, mas vê-se claramente que nos momentos em que encontramos a palavra *dicotomia* na tradução da *Edição Standard brasileira*, o que encontramos em Freud é algo próximo ao sentido de conflito, termo que abordaremos mais adiante. Em nenhum momento, os trechos citados remetem a um conceito dividido em duas partes para uma melhor explicação, como nos sugerem os dicionários de Lalande e Abbagnano. Com isto propomos que também não encontramos dicotomias em Freud.

Outro termo que também nos apresenta pares de opostos em relação é a dialética [*Dialektik*] e que é muito pouco utilizado por Freud. Seguindo os dicionários de Lalande (1999) e Abbagnano (2007), temos basicamente quatro definições para esta palavra.

O primeiro sentido (Lalande, 1999) deriva do uso platônico, origem do termo dialética. Nele, dialética se apresenta como a divisão das coisas em espécies e gêneros, classificando os conceitos, para examiná-los e discuti-los. Um bom exemplo deste método platônico pode ser encontrado no diálogo *O sofista* (Platão, 2007), no qual o *Estrangeiro* e *Teeteto*, personagens do diálogo, fazem a divisão do conceito de arte em geral até a definição de arte da pesca com anzol, no trecho entre 219a e 221a. Ainda que possamos pensar aqui na maiêutica socrática e sua proximidade com o método psicanalítico de tratamento (associação livre e atenção flutuante), esta não é uma forma discutida por Freud ao longo de seus textos.

O segundo sentido vem de Aristóteles, que distingue a *Dialética* da *Analítica* (esta última, conhecida hoje mais comumente como lógica), sendo uma arte intermediária entre a *Retórica* e a *Analítica*. A *Dialética* aristotélica trata dos raciocínios que se assentam sobre opiniões, portanto raciocínios prováveis. Assim, a *Dialética* é tomada como a arte da discussão e exercitação lógica (Abbagnano, 2007). Esta forma foi assumida posteriormente por Kant para tratar da lógica das aparências, ou dos raciocínios ilusórios.

Neste sentido, encontramos um uso próximo do termo em Freud em sua *Conferência XVI* (1917 [1916-17]/1996, p. 252). Neste texto, Freud trata de sua “disputa científica regular” com Löwenfeld, de Munique. Outras discussões tornaram-se célebres, como as com Jung e Adler. Todavia, o uso deste recurso do debate teórico com outros autores nem sempre surge nos textos de Freud, ocorrendo apenas em alguns poucos momentos, o que nos remete então a uma pequena importância da dialética, neste sentido, em Freud.

O terceiro sentido (Lalande, 1999) trata a dialética como lógica formal, oposta à retórica. Este foi utilizado durante a Idade Média e também não foi utilizado por Freud.

Por fim, o quarto sentido (Lalande, 1999), talvez o mais utilizado atualmente, vem de Hegel e se apresenta como uma luta entre opostos (tese e antítese) que resultam em algo novo (síntese) que seria uma nova tese. Este processo se torna infinito e supõe certo desenvolvimento.

É também um sentido discutido e criticado por Freud em sua *Conferência XXXV* (1933 [1932]b/1996). O pai da Psicanálise diz soar estranho para ele a teoria marxista (que sabemos ter uma relação com a dialética hegeliana), “como a afirmação de que o desenvolvimento de formas de sociedade é um processo histórico natural, que as mudanças na estratificação social surgem umas das outras segundo um processo dialético” (Freud, 1933 [1932]b/1996, p. 172). Ele então opõe a este argumento marxista sua própria ideia de surgimento de nossas sociedades, oriundo de suas teses de *Totem e tabu* (1913 [1912-13]/1996).

Não se vê na obra de Freud nenhum momento em que um destes sentidos de dialética possa ser pensado em relação a pares de opostos, ainda que haja um uso proposto por Coutinho Jorge (2010), pensando os três tempos da fantasia infantil de espancamento em *Bate-se em uma criança*³³ (Freud, 1919/1996), que sugeriria um desenvolvimento dialético.

Há ainda outras palavras que nos remetem a pares de opostos e que são tipicamente freudianas. Tomaremos duas de especial importância: ambivalência/ambivalente [*Ambivalenz/ambivalente*, respectivamente] e conflito [*Konflikt, Zwiespalt*]³⁴, ambas com algumas dezenas de aparições durante a obra freudiana. Tais termos em alguns momentos se apresentam com significações bastante próximas, ocorrendo até mesmo a junção dos dois quando, ao tratar de uma pessoa que não violou nenhum tabu, Freud diz que ela pode se tornar um tabu por provocar nos outros desejos proibidos ou um conflito de ambivalência [*Ambivalenzkonflikt*] (Freud, 1913 [1912-13]/1996).

Tomemos primeiro a ambivalência. Em nota acrescentada ao comentário de Freud sobre o termo ambivalência (1915c/1996), James Strachey, o editor inglês das Obras de Freud, diz que o termo originalmente criado por Bleuler não tinha a acepção usada por Freud. Para o criador do termo haveria três formas de ambivalência: a primeira emocional, oscilação entre amor e ódio; a segunda voluntária, uma incapacidade de decidir quanto a uma ação; e a terceira intelectual, que seria a crença em proposições contraditórias. Ainda segundo o editor inglês, Freud normalmente usa apenas o primeiro sentido, mesmo que existam algumas exceções. Bons exemplos deste uso em Freud encontram-se na sessão II de *Totem e tabu – O tabu e a ambivalência das moções emocionais* (1913 [1912-13]/1996).

Por fim, o termo conflito talvez seja o que mais representa a posição freudiana em relação aos pares de opostos. Segundo Lalande (1999, p. 190) o termo trata da “relação entre

³³ Título na Edição Standard Brasileira: *Uma criança é espancada*.

³⁴ Apesar de o alemão utilizar a palavra estrangeira *Konflikt*, Freud também utilizava outra com origem na própria língua alemã, que supõe a ideia de um conflito interno, um dilema – *Zwiespalt*.

dois poderes ou dois princípios cujas aplicações exigem num mesmo objeto determinações contraditórias”, e ainda diz ser um conceito importante em Psicanálise, ao tratar, por exemplo da relação entre Consciente e Inconsciente. Kaufmann (1996), aproxima este termo dos conceitos de defesa e recalçamento e cita como exemplo o caso do *Homem dos ratos*³⁵, no qual encontramos conflitos nas relações com o pai, com a amada e outros mais. Laplanche e Pontalis (2001), por sua vez, tratam a ideia de conflito psíquico, interno ao sujeito, como constitutivo do ser humano e cita exemplos de conflitos em Psicanálise: entre o desejo e a defesa, entre os sistemas ou instâncias, entre as pulsões e também o conflito edipiano.

Resumindo, podemos pensar que em Freud temos dois monismos: o pulsional e o epistemológico, mas sua teoria se apresenta em forma de dualidades, pares de opostos que não se excluem, porém são necessários ao conflito existente em toda a vida psíquica.

Há, porém, um conflito proposto por Freud que nos interessa mais de perto. O conflito entre os mundos interno e externo, o dentro e o fora, o psíquico e o material. Este é o ponto sobre o qual nos debruçaremos a seguir.

2.3.2 Dois mundos distintos?

Este é um ponto bastante difícil de ser tratado e requer, ao fim, uma tomada de posição. Freud diferenciaria dois mundos absolutamente distintos – um psíquico e outro material? Estaria ele então próximo das ideias de Descartes, com uma *res cogitans* e uma *res extensa*, e com isto apresentando um autêntico dualismo? Ou estaria ele pensando em um único mundo com dois modos distintos, mais próximo às ideias de Spinoza, e então sua proposta seria um monismo com dualidade de modos?

Uma dicotomia seria algo estranho de se pensar neste sentido, pois realidade material e psíquica não seriam uma simples divisão didática para se apresentar um todo – a realidade. Esta ao menos não parece ser a proposta freudiana. Também não podemos pensar em dialética, pois estas duas apresentações, material e psíquica, não estariam em um embate do qual resultaria algo novo.

Somos obrigados então a tomar partido de uma das duas primeiras propostas – dualismo ou dualidade. Se tomarmos como base em nossa distinção a proposta de Garcia-Roza (2000)

³⁵ *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (Freud, 1909b/1996).

que, ao diferenciar dualismo de dualidade, apresenta para o primeiro, o dualismo, dois elementos que preexistem e são exteriores à relação estabelecida entre eles, enquanto no segundo, a dualidade, os elementos que se formam somente existem na e pela relação, não é difícil notar que o que se apresenta em Freud é uma dualidade, concordando assim com a ideia de Garcia-Roza de que Freud apresenta dualidades, e não dualismos. Vejamos isto com mais vagar.

Primeiramente temos que aproximar mundo interno de psíquico e mundo externo de material. Assim, se pensarmos o psíquico, interno, como independente do externo, material, estaríamos criando um Freud platônico, idealista, o que não é o caso. Basta para isto imaginarmos quão descabido seria pensar, em Freud, uma entidade psíquica sem nenhuma referência ao mundo material, algo como um espírito ou uma alma errante, ou até mesmo uma Ideia platônica. Em Descartes isto é possível. Em suas *Meditações metafísicas* (Descartes, 2005) podemos ver como, partindo do *Cogito*, ele chega à sua prova da existência de Deus e da imortalidade da alma, e retorna depois disto apresentando a possibilidade de existência das coisas materiais. Deus seria preexistente às coisas materiais e a garantia da existência destas, mesmo que a realidade material, entretanto, pareça a nós, preexistir à realidade psíquica. Deixemos isto em aberto por enquanto.

Assim, por exclusão das demais possibilidades, acabaríamos tomando partido pela dualidade existente entre os mundos interno e externo, o psíquico e o material. Mas apenas a exclusão das demais hipóteses não confirma a nossa. Tomemos alguns exemplos do próprio Freud, como justificativa para construir nosso argumento.

Em 1915, ao apresentar as características especiais do sistema Ics., Freud nos brinda com quatro destas características que se inter-relacionam: “a isenção de contradição mútua, o processo primário (mobilidade dos investimentos [*Besetzungen*]), a atemporalidade [*Zeitlosigkeit*] e a substituição da realidade externa pela psíquica [*Ersetzung der äußeren Realität*]³⁶ *durch die psychische*” (Freud, 1915b/1996, p. 192). Aqui notamos que há uma substituição de uma forma de realidade pela outra. Só este fato em si já supõe que as duas realidades são distintas.

O Inconsciente não trabalha com a realidade material, mas sim com a psíquica. Justamente por isto, pode trabalhar com representações e ligá-las como for conveniente (processo primário – deslocamento e condensação) sem se preocupar com contradições entre

³⁶ Este é um dos exemplos do uso freudiano da palavra *Realität* referindo-se à realidade externa, contrariando a proposta lacaniana que separa os termos *Realität* para a realidade psíquica e *Wirklichkeit* para a realidade material.

as representações (isenção de contradição mútua) e nem mesmo com quando estas representações adentraram o aparelho psíquico (atemporalidade). Assim, a realidade psíquica é bastante distinta da realidade material, mas as duas apenas existem em relação uma com a outra. Uma possibilidade de criação a partir apenas da realidade psíquica, sem o nexos com a material, é tratada por Freud como alucinação.

Neste ponto é importante lançarmos mão do aparelho psíquico proposto por Freud no livro inaugural da Psicanálise, *A significação dos sonhos*³⁷ (1900/1996) como podemos ver abaixo:

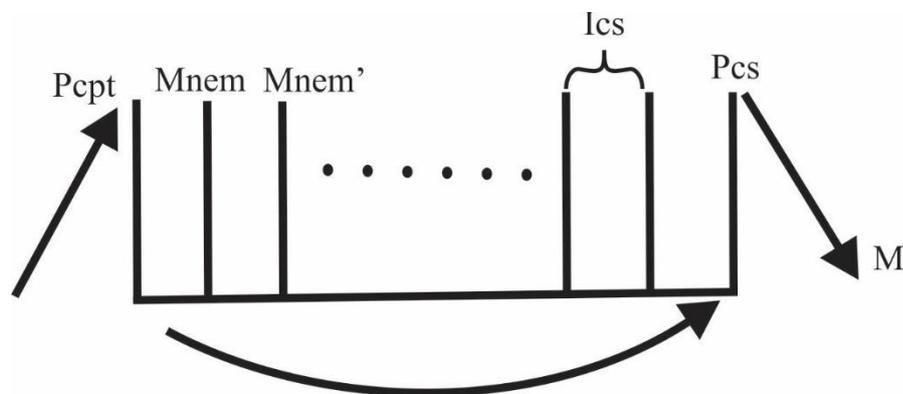


Figura 8 – Aparelho psíquico da primeira tópica
(Freud, 1900/1996, p. 571)

Esta é a forma final do esquema freudiano que tem sua construção iniciada algumas páginas antes. Ele é carinhosamente chamado pela escola argentina de *esquema do pente*. Vemos na parte central algo como uma *caixa sem tampa* que contém alguns traços e pontos. Os primeiros traços à esquerda apresentam os traços mnêmicos (não são memórias). Após os pontos, que representam uma infinidade de traços mnêmicos, encontramos o sistema Ics.. E ao fim da *caixa*, em sua borda direita o sistema Pcs. Também temos três setas: uma de entrada (Pcpt) e outra de saída (M), que fazem a ligação com o mundo externo, e abaixo da *caixa* encontramos uma seta curva que vai da esquerda para a direita, da seta Pcpt para a seta M. A primeira seta, a da esquerda (Pcpt), indica a entrada no aparelho psíquico das percepções, enquanto a última seta, a da direita (M), indica a descarga motora feita pelo indivíduo com o intuito de modificar o ambiente em que está. A seta curva abaixo da *caixa* indica um movimento de progressão.

³⁷ Título na Edição Standard Brasileira: *A interpretação dos sonhos*.

De maneira bastante simplificada, podemos dizer que o esquema do pente apresenta o funcionamento do psiquismo da seguinte maneira: através de nossos órgãos sensoriais entram em nosso aparelho psíquico algumas percepções que fazem marcas neste aparelho. Estas marcas a princípio seriam apenas traços mnêmicos. Tomemos como exemplo um bebê sendo amamentado pela primeira vez e vendo o peito da mãe. Quando percepções semelhantes entram novamente no aparelho, os traços mnêmicos são ativados por este novo investimento e a experiência do evento anterior (a amamentação) é ativada. Tais traços ficarão retidos para sempre em nosso psiquismo, mas não conseguiremos jamais lembrar do traço inicial, pois ele mesmo não é uma memória. Vemos, então, que em Freud a memória está ligada à associação de novas percepções e aos traços mnêmicos que foram fixados anteriormente, ao entrar em nosso aparelho psíquico.

O próximo lugar do aparelho psíquico é o Inconsciente, que está para além dos traços mnêmicos, portanto já lida com representações, seguindo as características do sistema Ics. que vimos anteriormente. Mais adiante, o Pré-consciente (aqui associado ao Consciente) é que nos daria a função chamada consciência³⁸. Imaginando nosso exemplo do bebê, caso ele se encontre em uma situação onde o peito da mãe está em outra posição, dificultando o reconhecimento, o bebê irá se movimentar para buscar reconhecer o peito tal qual ele o viu quando foi amamentado. Este movimento que busca modificar a relação com o mundo externo é a seta M, uma descarga motora. A alternativa a isto seria buscar encontrar novamente a percepção original, fazendo o caminho inverso no aparelho psíquico, indo do Pcs. ao Pcpt.. Freud associa este percurso regressivo à alucinação (lembramos que o sentido da seta curva é progressivo e neste momento fazemos o caminho inverso). Esta ideia de alucinação será muito importante para nossa mostraçãõ do caso do Homem dos Lobos mais adiante (cf. item 7 abaixo).

Este pequeno resumo se presta a nos mostrar que as percepções chegam do mundo externo e, depois de algum trabalho psíquico interno ao aparelho, buscamos a modificação necessária novamente no mundo externo. Isto nos leva a pensar que temos, então, dois mundos distintos – um interno e outro externo, mas que vivem em uma incessante relação.

Um outro esquema, mais tardio, também pode nos auxiliar. Vejamos a modificação proposta por Freud no esquema do aparelho psíquico da segunda tópica, que se dá em duas formas bem próximas:

³⁸ Vale a pena deixar claro que Freud diferencia a instância Consciente [*Bewußte*], um lugar do aparelho psíquico, da função consciência [*Bewußtsein*], característica deste lugar em questão.

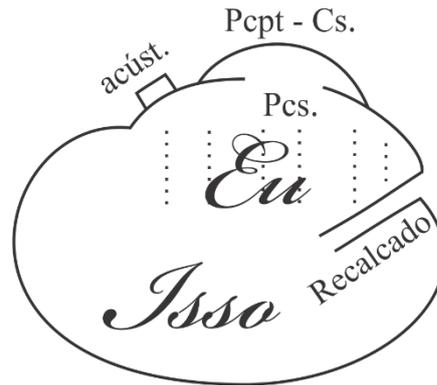


Figura 9 – Aparelho psíquico da segunda tópica (primeira versão)

(Freud, 1923/1996, p. 38)³⁹

Nesta forma, publicada no texto *O Eu e o Isso* (1923/1996), Freud nos apresenta o esquema do aparelho psíquico não apenas com outras instâncias, mas também em outra forma, agora arredondada. Esta versão é carinhosamente chamada pela escola argentina de *esquema do ovo*. Vemos o Eu colocado sobre pequenos pontos com a intenção de apresentá-lo na superfície do aparelho, como uma fronteira. Vejamos como Freud descreve isto, logo após o surgimento do esquema:

é fácil ver que o Eu é aquela parte do Isso que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pcpt.-Cs.; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o Eu procura aplicar a influência do mundo externo ao Isso e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no Isso, pelo princípio de realidade. Para o Eu, a percepção desempenha o papel que no Isso cabe à pulsão. O Eu representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o Isso, que contém as paixões (Freud, 1923/1996, pp. 38-39).

Cerca de dez anos depois o esquema do ovo reaparece remodelado e com alguns acréscimos importantes. Agora surgem no próprio esquema o Supereu e também o termo inconsciente⁴⁰. O Eu surge novamente sobre um pontilhado, mantendo sua característica de superfície, fronteira.

³⁹ Na versão alemã são utilizadas as palavras Eu [*Ich*] e Isso [*Es*] grafadas em fonte diferente, caligráfica, e tamanho bem maior que as demais palavras, aparentemente realçando a importância destas duas instâncias no aparelho. Adaptamos o esquema da versão brasileira com estes mesmos detalhes.

⁴⁰ Note-se que neste esquema a palavra inconsciente está grafada com inicial minúscula, assim como no original alemão. No original, as três instâncias da segunda tópica estão grafadas com caixa alta, e apenas a sigla *W-Bw* (Pcpt-Cs) está grafada com iniciais maiúsculas, indicando que se tratam de substantivos. Estaria Freud não se referindo à instância do Inconsciente, mas sim à qualidade (adjetivo) que cada instância da segunda tópica apresenta de ser pré-consciente ou inconsciente? Esta parece ser a intenção freudiana, sobretudo quando vemos a última frase da citação que apresentamos logo após o esquema. Entretanto, no original, na frase encontramos *Vorbewusten*, com inicial maiúscula, indicando um substantivo, portanto, a instância. Outro ponto a ser

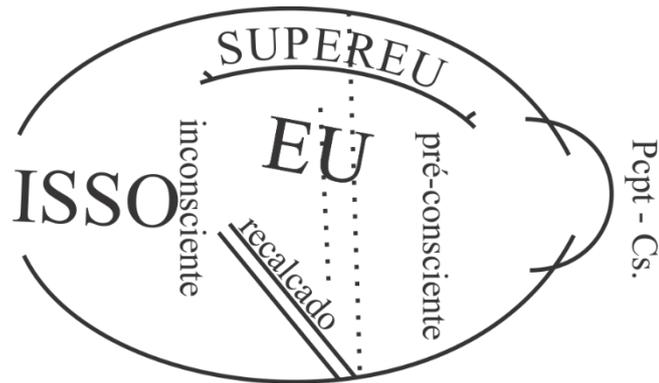


Figura 10 – Aparelho psíquico da segunda tópica (segunda versão)

(Freud, 1933 [1932]a/1996, p. 83)⁴¹

O trecho do texto freudiano que se segue a este esquema é também bastante elucidativo:

como veem, o Supereu se funde no Isso; na verdade, como herdeiro do complexo de Édipo, tem íntimas relações com o Isso; está mais distante do sistema perceptual do que o Eu. O Isso relaciona-se com o mundo externo somente através do Eu — ao menos de acordo com esse diagrama. Por certo é difícil dizer, atualmente, em que medida o esquema está correto. Em um aspecto, indubitavelmente não está. O espaço ocupado pelo Isso inconsciente devia ter sido incomparavelmente maior do que o do Eu ou do Pré-consciente (Freud, 1933 [1932]a/1996, p. 83).

Notemos que Freud apresenta a relação do Isso com o mundo externo apenas como mediada pelo Eu, ao menos de acordo com o diagrama apresentado. Tal comentário nos faz supor que a abertura que se apresenta à esquerda do esquema, bem próximo ao Isso não é na verdade uma abertura, mas sim uma opção gráfica, talvez para não ficar sobreposta à palavra *Es* (Isso) no original. Outra possibilidade é justificada por uma frase logo adiante, na qual Freud diz que o Isso é incomparavelmente maior que o Eu ou o Pré-consciente. Seria a abertura apenas uma maneira de ilustrar o quão maior é o Isso?

O que pretendemos apresentar com estes esquemas freudianos é nossa ideia de que o Inconsciente freudiano é interno ao indivíduo, tal como nos diz Eidelsztein em alguns pontos de seu texto, como quando, ao diferenciar a proposta de Inconsciente lacaniana da freudiana diz que “para Lacan, o inconsciente se dirige a um analista; para Freud o inconsciente está

discutido é que, se Freud fala de um Isso inconsciente, podemos pensar que haveria outras partes do Isso pré-conscientes ou conscientes? Deixamos a questão em aberto.

⁴¹ A versão brasileira apresenta o esquema em outra disposição, na vertical, diferente da maneira como é representada no original alemão. Optamos por apresentar a figura na mesma disposição da versão alemã.

dentro de certa pessoa” (Eidelsztein, 2012, p. 57, grifos do autor, tradução nossa)⁴². Esta maneira de pensar o Inconsciente nos traz um Inconsciente individual, interno a cada um, de certa forma herdeiro das concepções neurológicas de Freud, como pudemos ver em seus esquemas.

Um trecho do verbete freudiano sobre a Psicanálise enviado a uma enciclopédia pode servir de embasamento para este posicionamento:

a experiência logo mostrou que a atitude que o médico analítico podia mais vantajosamente adotar, era entregar-se à sua própria atividade psíquica inconsciente [*unbewußten Geistestätigkeit*], num estado de *atenção imparcialmente suspensa*, a fim de evitar, tanto quanto possível, a reflexão e a construção de expectativas conscientes, não tentar fixar particularmente coisa alguma que ouvisse na memória e, por esses meios, apreender o curso do inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente [*und solcher Art das Unbewußte des Patienten mit seinem eigenen Unbewußten auffange*] (Freud, 1923 [1922]/1996, p. 256, grifos do autor).

Observamos que ao falar da técnica psicanalítica, mais especificamente da parte que cabe ao analista, Freud diz que este recurso, que chamamos de atenção flutuante, permite que o Inconsciente do analista capte, apreenda, o Inconsciente do paciente. Ora, com esta frase não podemos deixar de atentar para o fato de que se tratam de dois Inconscientes distintos, cada um interno a uma pessoa, tal como diz Eidelsztein. Entretanto, também não há como deixarmos de notar que estes Inconscientes se conectam de alguma forma, o que nos leva a crer que as fronteiras dos aparelhos psíquicos de cada um não são barreiras intransponíveis, mas realmente fronteiras, que permitem a passagem daqueles que têm permissão, ou que podem ser forçadas contra a vontade daqueles que guardam a fronteira.

Isto nos remete à ideia de trauma proposta por Freud em *Além do princípio de prazer* (1920/1996), quando trata da preparação para o medo [*Angst*] que protege o aparelho psíquico. Neste sentido, somente o que tem permissão adentra o aparelho. Quando não estamos preparados pode ocorrer a surpresa, o susto [*Schreck*], e então algo que não tem permissão de adentrar o aparelho consegue forçar a passagem, ocorrendo um trauma. Outro ponto que é discutido neste texto é a impossibilidade do aparelho psíquico de se defender dos perigos internos, mas apenas dos externos, ainda que não totalmente.

⁴² No original: “Para Lacan, el inconsciente se dirige a un analista; para Freud, el inconsciente está *adentro* de cierta persona”

Em outro texto, *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*⁴³ (1911a/1996), em uma nota de rodapé relativamente longa bem ao início do texto, Freud trata justamente da relação com o mundo externo, ou mais precisamente da falta de relação. Primeiro fala do bebê que recebe os cuidados da mãe e que de alguma forma pode alucinar a satisfação desejada, sem necessitar do mundo externo, mas isto não pode continuar por muito tempo. Depois fala de um exemplo da biologia – o ovo de pássaro. Segundo ele este sistema se satisfaz autisticamente, necessitando apenas do calor da mãe como relação com o mundo externo. Apenas temos que lembrar que a casca do ovo é porosa o suficiente para a entrada de ar, caso contrário, a pequena ave morreria em pouco tempo. Pensamos que o esquema do ovo da segunda tópica nos traz algo semelhante. Há a possibilidade de satisfação apenas interna, alucinada, talvez no autismo, como sugere o exemplo freudiano do ovo de pássaro. Mas também há a possibilidade de trânsito e relação com o mundo externo.

Nossa posição concorda com a de Garcia-Roza quando este diz que

embora possamos pensar o aparelho psíquico como constituindo um sistema fechado, não podemos considerá-lo como um sistema isolado. É um sistema fechado na medida em que tem sua estrutura própria, seus princípios de funcionamento, seus limites definidos; mas este conjunto não é isolado da realidade externa, é por ela estimulado e mantém com ela trocas energéticas (Garcia-Roza, 2002, p. 221).

Se pensarmos então o aparelho psíquico como individual, interno a cada pessoa, temos que voltar ao ponto que deixamos em aberto pouco atrás, e dizer que a consequência direta deste fato é que a realidade externa, material, preexiste a nós, o que é óbvio. Assim, a partir do momento em que surge uma nova pessoa, um bebê, abrem-se as portas para a possibilidade de que estes dois mundos entrem em perpétua relação. Encontramos mostras de como Freud sustenta esta relação, quando ele propõe uma prova de realidade⁴⁴ que busca no mundo externo indícios de que o que está em nosso psiquismo não é alucinado, mas sim reencontrado.

Portanto, não podemos pensar que o conflito existente entre os dois mundos, entre o psíquico e o material, seja um conflito interno ao psiquismo, como podemos admitir na relação entre as pulsões. Há realmente uma distinção entre os mundos e, do conflito entre eles, Freud propõe uma distinção simples entre a neurose e a psicose: “a neurose é o resultado de um

⁴³ Título na Edição Standard Brasileira: *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*.

⁴⁴ Encontramos um bom trabalho sobre este tema realizado por Patrícia Porchat (2005), em seu *Freud e o teste de realidade*. Como este tema será trabalhado por nós adiante com mais detalhes (cf. item 4.2.2), neste momento apenas nos limitamos a apresentar a prova de realidade (cf. nota de rodapé 25) como um elo de ligação na relação entre os mundos interno e externo.

conflito entre o Eu e o Isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o Eu e o mundo externo” (Freud, 1924 [1923]a/1996, p. 167). Se lermos apenas esta frase, fora de seu contexto, poderíamos pensar que nas neuroses tudo se passa psiquicamente, sem influência do mundo externo, enquanto na psicose o mundo externo entraria no jogo. Na verdade, não é bem assim. Na neurose há um conflito entre o Eu e o Isso justamente porque o Eu cede às exigências do mundo externo. Na psicose, ao contrário, o conflito se dá entre o Eu e o mundo externo porque o Eu cede às exigências do Isso.

Temos então três atores em jogo: de um lado o Isso representando o mundo interno – o psíquico; e de outro, temos o mundo externo – o material. Como mediador deste conflito encontramos o Eu, que faz a fronteira entre os dois mundos, ainda que a fronteira pertença ao mundo interno, psíquico. Este mediador cede às exigências dos dois mundos em conflito: ora a um, ora a outro, e isto diferenciaria uma neurose de uma psicose.

Temos então uma configuração interessante. Há um dentro e um fora bem definidos, com regras distintas, e há também a fronteira entre os dois, ainda que a fronteira pertença ao dentro. Topologicamente⁴⁵ isto se configura como um conjunto fechado.

Por fim, esperamos ter apresentado argumentos suficientes para nossa hipótese de que em Freud temos uma dualidade de realidades – uma externa, material, e outra interna, psíquica. Não nos esqueçamos de que estas realidades estão em constante relação, não podendo uma existir sem a outra, ainda que a realidade material possa preexistir à psíquica. Esta hipótese se configura como de suma importância para que possamos apreender o que Freud propunha como realidade, como veremos adiante no capítulo seguinte (cf. item 4.2 abaixo).

2.4 UMA NOVA DUALIDADE EM LACAN?

Neste momento temos que empreender nova tarefa sobre os termos que se relacionam a pares de opostos, entretanto agora em relação a Lacan. Como as definições já foram dadas anteriormente, cabe a nós apenas discuti-las no novo contexto.

Há diversos binarismos em Lacan, que também se apresentam como dualidades. Entre eles podemos pensar os pares *língua/linguagem*; *enunciação/enunciado*; *Palavra*

⁴⁵ Veremos isto com mais detalhes adiante, no capítulo referente às topologias (cf. item 3).

plena/Palavra vazia (Garcia, 2003). Sem dúvida é difícil pensar um Lacan dualista ou dicotômico, até mesmo por seu interesse na Filosofia de Hegel, que se expressa ao longo de grande parte de seu ensino, mais notadamente ao início. A palavra que definiria Lacan neste momento mais inicial é *dialética*. Podemos encontrar esta palavra dezenas de vezes em seus escritos e seminários, ora referindo-se ao desejo, ora à relação entre o sujeito e o Outro, ora ao tratar da identificação. Mas o que nos interessa neste ponto é uma relação que existe entre duas palavras de uso constante em Lacan: Real [*Réal*] e realidade [*réalité*]. Estaria Lacan recolocando o problema freudiano das realidades distintas? Teríamos uma aproximação do Real com a realidade material e da realidade com a realidade psíquica? Em nossa hipótese este não é o caso. Para buscar esta resposta vejamos algumas figuras trabalhadas por Lacan ao longo de seu ensino.

Primeiramente tomemos o esquema R (tal esquema será abordado com mais detalhes no item 4.3.1 abaixo), chamado assim por ser o esquema da realidade. Este esquema é construído a partir da sobreposição de dois triângulos, um imaginário e outro simbólico (as letras I e S no interior do esquema), formando um quadrilátero ao centro, como podemos ver simplificada abaixo:

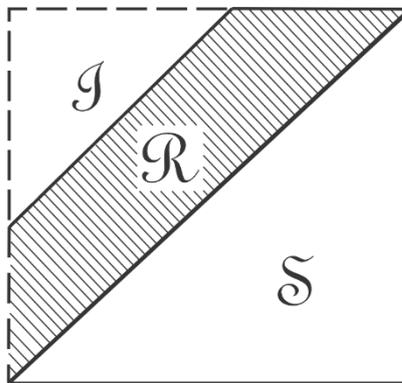


Figura 11 – Esquema R simplificado

(adaptado de Lacan , 1957-1958/1998, p. 559)

Ao contrário do que poderíamos pensar inicialmente, as letras I, R e S não são o Imaginário, o Real e o Simbólico como sempre encontramos nos textos lacanianos, mas apenas por uma diferença: neste esquema a letra R representa o campo da realidade. Em tal campo a parte hachurada se compõe pela sobreposição ou interseção do Imaginário e do Simbólico, não estando presente até este momento o Real. Até este ponto parece tudo bem simples, mas a coisa toda se complica quando Lacan insere o Real e apresenta a cadeia borromeana (a forma

borromeana será abordada com mais detalhes no item 4.3.2 abaixo). Com esta modificação, realizada cerca de vinte anos depois, em seu segundo ensino, a interseção entre o Imaginário e o Simbólico muda de nome. Vejamos:

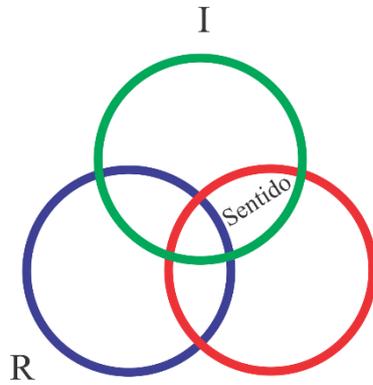


Figura 12 – O campo do sentido

(adaptado da lição de 18/03/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

Encontramos agora na junção do Imaginário com o Simbólico não mais a realidade, mas sim, o sentido. Pensando com Lacan que o pequeno espaço bem no centro da cadeia, e que é a junção dos três registros é o lugar do objeto *a*, o campo do sentido ficaria restrito à interseção entre Imaginário e Simbólico, menos o Real. Desta feita, temos que o campo do sentido está totalmente fora do círculo do Real, uma mostração do aforismo lacaniano de que o Real é sem sentido (Lacan, 1975-1976/2007).

A aproximação entre realidade e sentido surge muito claramente no texto de Miller (2009b) quando comenta o *Seminário 23* de Lacan. Sigamos sua argumentação resumidamente através de seus esquemas. Lembremos que Miller está comentando o *Seminário 23* de Lacan, neste ponto, especificamente a lição de 13 de abril de 1976, nomeada por Miller de *Lição IX – Do Inconsciente ao Real*. Como a argumentação de Miller segue os passos da proposta lacaniana, ainda que Miller faça alguns desenvolvimentos por sua conta, tomaremos seu desenvolvimento como base agora. Em seus comentários ele apresenta inicialmente a discussão sobre o Inconsciente freudiano suportado pelo saber. Começa então por um pequeno esquema que ligaria um S_1 a um S_2 , fazendo uma cadeia, uma apresentação mínima do Inconsciente:

$$(S_1 \longrightarrow S_2)$$

Figura 13 – Cadeia significante mínima

(Miller, 2009b, p. 71)

Miller diz então que isto é o que Lacan chama de funcionamento, um enganche de dois significantes, e que Freud chamaria isto de realidade:

$$(S_1 \longrightarrow S_2) \quad \underline{\text{funcionamento}} \\ \underline{\text{realidade}}$$

Figura 14 – Funcionamento da realidade, primeiro passo

(Miller, 2009b, p. 71)

O próximo passo é dado dizendo que o que Lacan chama de realidade seria o Imaginário no Simbólico e o Simbólico no Imaginário, bem próximo do esquema R que vimos anteriormente.

$$\begin{array}{c} S \diamond I \\ \uparrow \\ (S_1 \longrightarrow S_2) \quad \underline{\text{funcionamento}} \\ \underline{\text{realidade}} \end{array}$$

Figura 15 – Funcionamento da realidade, segundo passo

(Miller, 2009b, p. 71)

Finalizando o esquema, Miller comenta uma frase de Lacan que surge na lição deste dia, de que o Real lacaniano condicionaria a realidade. Com isto, apresenta nova forma para o esquema anterior, supondo que o Real irá fazer o enlaçamento dos outros dois registros, o que para Miller diferenciaria Lacan de Freud.

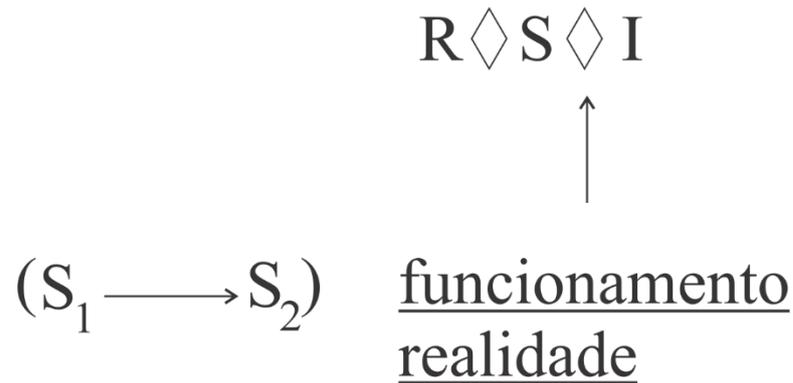


Figura 16 – Funcionamento da realidade, terceiro passo

(Miller, 2009b, p. 72)

Para Miller a diferença seria que

a energética freudiana supõe o simbólico no imaginário e o imaginário no simbólico; é isso que funciona e que faz a realidade. Em contrapartida, para Lacan, essa relação entre simbólico e imaginário é condicionada por um termo suplementar: o real, sem o qual não se tem nem funcionamento nem realidade (Miller, 2009b, p. 71).

Este trecho parece estranho, pois poucas linhas antes Miller havia dito que a realidade para Lacan seria o Imaginário no Simbólico e o Simbólico no Imaginário, e que o par S_1 e S_2 faria por si só um funcionamento mínimo. Fora a confusão apresentada, Miller termina sua argumentação apresentando o seguinte esquema

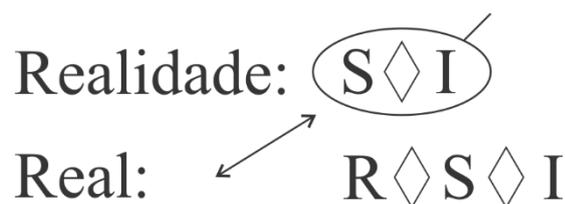


Figura 17 – Real e realidade em Miller

(Miller, 2009b, p. 74)

A intenção aqui é dizer que a realidade para Lacan seria a junção do Simbólico e do Imaginário, tal qual é proposto no Esquema R, e que o Real seria o terceiro termo, que faria esta junção. Desta junção entre Simbólico e Imaginário surgiria o sentido, totalmente fora do Real. Esta proposta nos diria que o sentido surge da realidade e ambos estariam fora do Real. O Real seria sem sentido e condicionaria a realidade, fazendo a junção entre Imaginário e Simbólico.

Consequência direta desta argumentação milleriana é que Real e realidade são distintos, formando um par claramente dualista. A realidade somente existiria condicionada pelo Real, que faz a amarração dos outros dois registros, Imaginário e Simbólico. Deste par dualista surgiria algo novo: o sentido. Ainda que possamos tomar este trio como uma relação dialética (tese [Real] e antítese [realidade], então síntese [sentido]), não pensamos ser este o caso porque, em uma verdadeira dialética, a síntese é uma nova tese que dá início novamente a todo o processo dialético. Entretanto, neste ponto, o sentido parece ser uma construção externa ao par Real/realidade, algo que construímos com o intuito de tornar inteligível a dualidade apresentada.

A proposta lacaniana se apresenta então como outra dualidade: Real X realidade; sendo distinta da proposta freudiana de duas realidades: material X psíquica. Em Freud temos dois elementos que se apresentam como dois modos de um mesmo conceito: a realidade; em Lacan temos elementos que pertencem a categorias distintas: o Real é um dos registros de sua proposta triádica (Real, Simbólico e Imaginário), enquanto que a realidade seria algo produzido na junção dos outros dois registros, levando ainda a outra consequência – a produção de sentido. De toda forma, Real e realidade são distintos, sendo que o primeiro é condição para a segunda, não bastando a simples sobreposição dos registros, mas é necessário que um terceiro registro (Real) venha amarrar os outros dois que se sobrepõem (Imaginário e Simbólico).

É importante ressaltar que, da mesma maneira que em Freud podemos supor a pré-existência da realidade material em relação à realidade psíquica, em Lacan podemos supor uma pré-existência do Real em relação à realidade. Isto poderia nos conduzir para a ideia de dualismo, afinal a realidade material poderia continuar existindo sem a realidade psíquica, e o Real poderia continuar existindo sem a realidade. Mas vemos que a partir do ponto em que surge a realidade psíquica em Freud e a realidade em Lacan, não há mais como prescindir de um dos polos do conflito. A pré-existência então é puramente lógica e não cronológica. É necessário pensar que algo poderia estar dado anteriormente, para que possamos organizar a forma de teorizar, mas na verdade, tudo ocorre em um mesmo instante – a amarração dos registros e a constituição da realidade, estabelecendo-se uma dualidade. O mesmo não se dá no dualismo cartesiano, no qual Deus poderia a qualquer momento abrir mão da existência da humanidade, sem que o próprio Deus deixasse de existir (cf. item 4.1.1 abaixo).

3 TOPOLOGIAS

“Vem agora um pouco de topologia” (Lacan, 1972/2003, p. 470). Com esta frase Lacan inicia, no interior de seu texto *O aturdito*, discussões que trazem para a Psicanálise esta parte da Matemática que muitas das vezes deixam perplexos seus leitores. Mas por que a topologia? Por que a Matemática? Qual a intenção de se buscar em uma área tão complexa algum fundamento que possa permitir à Psicanálise expandir seu conhecimento do psiquismo humano? Nossa própria escolha pela topologia como ferramenta para discutir o conceito de realidade diz deste mesmo interesse apresentado por Lacan em suas teorizações.

Para que possamos compreender os motivos de Lacan, assim como apresentar os nossos, será necessário, como em outros momentos de nosso texto, fazer um caminho pela história da Filosofia e, agora também da Matemática, para somente depois disto chegarmos ao nosso objetivo final.

Dois pontos fazem com que Euclides se torne alguém de suma importância para nosso intento, ainda que ele tenha vivido muitos séculos antes que a topologia viesse a existir. E estes pontos nos levam a um pequeno percurso histórico.

3.1 DA MEDIDA DA TERRA AO ESTUDO DOS LUGARES

Historicamente a grafia numérica é anterior à escrita da letra, e se iniciou com uma maneira de se anotar as contas do templo, nas tábuas pictográficas de Erech, 3500 a.C. Deste simples início até a Matemática dos babilônios e egípcios, que já possuíam uma noção de cálculo bastante avançada para a época, um grande caminho foi trilhado. Neste caminho, a geometria, literalmente, a *medida da terra*, começa a surgir com extrema importância para tais sociedades, pois fazia-se necessário saber dividir corretamente a terra entre os moradores, assim como cobrar devidamente os impostos de cada um. Também é importante, em especial para os egípcios, conseguir fazer todos os cálculos necessários para a edificação das pirâmides, que até os dias atuais nos deixam maravilhados (Pastor & Babini, 1985).

Mas é com os gregos que há um verdadeiro crescimento da Matemática enquanto ciência e, em especial para nosso desenvolvimento, da geometria. Saltando alguns milênios na história

encontramos Euclides, que viveu por volta do século IV a III a.C., e é reconhecido como um dos pais da geometria e um dos matemáticos mais célebres de todos os tempos. Seu livro *Elementos de geometria*, normalmente conhecido como *Elementos*, não é um livro absolutamente original, haja vista que boa parte do que se apresenta ali já era conhecido há muitos anos, como o próprio teorema de Pitágoras, trabalhado pelos babilônios um milênio antes do matemático que dá nome ao teorema. Os *Elementos* são um grande resumo da Matemática de sua época, assim como um grande trabalho de formalização. Este livro tem sua autoria colocada em dúvida, pois alguns pesquisadores acreditam que possa ter sido escrito por mais de um matemático, talvez até mesmo uma escola que utilizaria o nome de seu fundador – Euclides (Huisman, 2001).

De toda forma os *Elementos* de Euclides trazem algo de novo para a Matemática de sua época. Inspirado em Aristóteles, ele propõe uma maneira de se apresentar a teoria a partir de um sentido (aqui na acepção de direção, ordem), que tem um princípio primeiro, o início de uma linha de pensamento que segue um encadeamento, sendo este o significado da palavra grega que traduzimos como elementos – στοιχία (Huisman, 2001). Tomamos isto como o primeiro dos pontos aos quais nos referimos anteriormente e que nos faz convocar Euclides para nossa discussão – pois os *Elementos* “constituem o primeiro exemplo conhecido de construção axiomática” (Huisman, 2000, p. 156). É também em decorrência deste livro e seu autor que, no século XVII, *geometria* e *geômetra* são tomados em um sentido geral de *matemática* e *matemático*, respectivamente (Lalande, 1999).

Esta forma axiomática de se construir o texto dos *Elementos* é ainda utilizada até os dias de hoje, com algumas variações dentro de cada ciência. No início do primeiro dos treze livros dos *Elementos*, Euclides se dedica às definições, aos postulados e aos axiomas que encadeiam todo o seu raciocínio. Começando pelas definições, como as definições 1 e 2 que definem o ponto como “aquilo de que nada é parte”, e linha como aquilo que “é comprimento sem largura” (Euclides, 2009, p. 97), ele abre caminho para que seus leitores possam saber exatamente do que se diz quando, ao longo do livro, suas teorias forem apresentadas.

Passa então aos postulados, aquilo que se pede ao leitor que aceite, ainda que não possa ser reconhecido de maneira evidente. Entre os postulados tomamos como exemplo o de número 3, no qual se pede ao leitor para “com todo centro e distância, descrever um círculo” (Euclides, 2009, p. 98). Por fim passa aos axiomas, ou noções comuns, que são tão evidentes que não necessitam de demonstração. Dentre eles podemos citar o axioma 8 que afirma que “o todo [é] maior do que a parte” (Euclides, 2009, p. 99).

Esta forma de encadeamento da teoria nos conduz pelo texto, partindo de definições, postulados e axiomas, até chegarmos a teoremas, que são afirmações que podem ser demonstradas e deduzidas dos axiomas; corolários, que não precisam de uma prova particular, mas se deduzem facilmente de um teorema; e escólios, observações feitas sobre um teorema já demonstrado (Abbagnano, 2007; Lalande, 1999).

Apresentada a forma geométrica (ou axiomática) de construção do texto dos *Elementos* – o primeiro ponto que trouxemos para nossa discussão – podemos apresentar o segundo ponto: a discussão sobre o quinto postulado de Euclides. Este postulado é enunciado da seguinte maneira: “e, caso uma reta, caindo sobre duas retas, faça os ângulos interiores e do mesmo lado menores do que dois retos, sendo prolongadas as duas retas, ilimitadamente, encontram-se no lado do qual estão os menores do que dois retos” (Euclides, 2009, p. 98).

Segundo Lalande (1999), há versões diferentes das traduções dos *Elementos*. Nas versões mais antigas tal postulado geralmente surge entre o 11º ou 12º axioma, entretanto em outras versões mais recentes o encontramos como o famoso postulado 5. Este mesmo postulado também é apresentado de maneira bem mais simplificada, que é como costumamos conhecê-lo: “por um ponto não pode passar senão uma reta paralela a uma reta” (Huisman, 2001, p. 365).

Este postulado intrigou os matemáticos durante séculos, o que culminou, em anos mais próximos aos nossos, no surgimento das geometrias não-euclidianas. Dentre estas formas de se pensar a geometria por um outro viés, destacamos a topologia, entretanto, ela não surgiu como a conhecemos hoje. O primeiro momento que podemos destacar em relação à topologia, seu nascedouro, é de um artigo de 1679 de Leibniz no qual ele se refere a algumas propriedades de alguns objetos geométricos que não envolveriam quantidades. Neste artigo ele utiliza pela primeira vez o nome *Analysis situs* ou *análise de situação*. Mas foi somente com Listing que o nome *Topologia, o estudo dos lugares*, veio a luz (Amster, 2015).

Mas o que seria a topologia e do que ela trata afinal? Esta não é uma pergunta tão simples pois não se trata de apenas uma topologia, mas de topologias. Domingues (1982) diz que a topologia se divide em dois ramos principais – a topologia geral ou conjuntista, que tem como grande instrumento de trabalho a teoria dos conjuntos; e a topologia algébrica ou combinatória, que tem como instrumento a teoria de grupos.

De maneira mais geral diríamos que a topologia é uma geometria de borracha. Seu interesse está nas qualidades e não nas quantidades. Importa muito mais a relação de

vizinhança⁴⁶ entre os pontos de uma figura que sua distância em centímetros, por exemplo. A capacidade de deformação de uma figura em outra sem alterar as relações entre os pontos dá à topologia este caráter qualitativo e seu aspecto estranho à geometria euclidiana. Vejamos um simples exemplo. As figuras abaixo, para a geometria euclidiana são radicalmente diferentes, entretanto para a topologia elas são equivalentes pois a relação entre os pontos A, B, C e D se mantém as mesmas em todas as figuras. Da elipse à esquerda ao desenho disforme à direita, passando pelo quadrado, a estrela e o pentágono, temos o que em topologia chamamos de *transformação topológica* ou *homeomorfismo*, ou seja, a figura inicial é deformada, mas os pontos das figuras mantêm entre si a mesma relação. Cabe observar que a operação é reversível, pois o mesmo procedimento poderia se dar da direita para a esquerda.

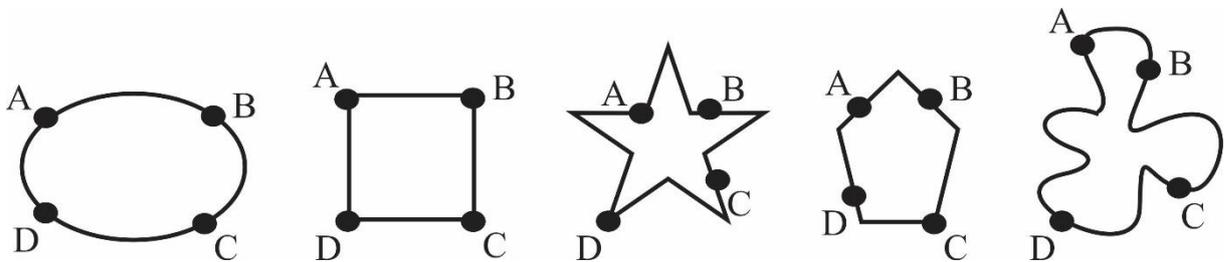


Figura 18 – Figuras homeomorfas

Dentro dos dois ramos apresentados por Domingues (1982) encontramos ainda diversos estudos feitos com as diferentes topologias, dentre os quais destacamos a teoria dos grafos, a topologia de superfície e a topologia dos nós e tranças, pois estes serão nosso objeto de estudo mais adiante. Mas qual seria o objetivo de se inserir a topologia dentro do campo da Psicanálise? Por que seria necessária esta fronteira? Tal resposta nos é dada por Lacan, mas até lá, ainda há um percurso a ser feito. Tal percurso parte da seguinte questão: haveria em Freud algo próximo da topologia?

⁴⁶ Neste momento não tomamos a palavra vizinhança estritamente em seu conceito topológico, mas simplesmente da maneira intuitiva como os pontos estão próximos uns dos outros, mas não de todos, por exemplo, como o ponto B é vizinho, intuitivamente, de A e C, mas não de D.

3.2 AS TÓPICAS FREUDIANAS

Que em suas duas apresentações, o aparelho psíquico freudiano é dividido em lugares, não é fato novo. Já vimos as apresentações destes aparelhos, tanto da primeira quanto da segunda tópica anteriormente (cf. Figura 8 a Figura 10 acima), mas seria possível abordar estas figuras freudianas fazendo o mesmo uso que Lacan faz de suas figuras e nós? Poderíamos pensar uma topologia, um estudo dos lugares, na teoria freudiana?

Começemos pelas palavras de Freud. É comum encontrarmos em nossa *Edição Standard Brasileira* as palavras *topografia* e *topográfico* referindo-se aos lugares do aparelho psíquico freudiano e a uma das três vertentes da metapsicologia, sendo as outras duas a dinâmica e a econômica. Entretanto estas palavras são muito pouco utilizadas por Freud, e sempre em outro contexto. Surgem apenas três vezes ao longo de sua obra, sempre se referindo ao estudo detalhado de algum lugar, tal como a engenharia tem sua disciplina de topografia (lembrando que topografia diz da *escrita dos lugares*).

Por duas vezes o lugar é a anatomia dos órgãos femininos. A primeira vez no livro sobre os sonhos ao analisar a relação da palavra inglesa *box* com o alemão *Büchse*, trazida por uma paciente durante a análise de um sonho. Tal paciente associava esta palavra aos órgãos genitais femininos, como parece ser o caso da língua alemã falada em Viena naquela época. Partindo da associação da paciente e “fazendo uma certa concessão aos limites de seus conhecimentos de anatomia topográfica [*topographischen Anatomie*]” (Freud, 1900/1996, p. 188), Freud se permite discutir o sonho a partir de sua simbolização, e não de sua anatomia. Uma segunda vez, a palavra *topografia* surge na décima de suas *Conferências introdutórias*, dizendo da “complexa topografia [*komplizierte Topographie*] das partes genitais femininas” (Freud, 1916 [1915-16]/1996, p. 158).

Além destas duas aparições, há um novo surgimento em *O mal-estar na cultura*, quando Freud diz que, munidos de “conhecimento histórico e topográfico [*historischen und topographischen*]” (Freud, 1930[1929]/1996, p. 78) poderíamos conhecer as diversas Romas sobrepostas. Apenas neste último caso há uma certa alusão ao aparelho psíquico, mais especificamente à possibilidade de as representações poderem apresentar conteúdos diferentes, tal qual as diversas Romas que podem ser observadas em um mesmo lugar, mas seria apenas uma analogia. Podemos observar que nestes três momentos Freud utiliza estas palavras para se referir a um lugar físico, seja a anatomia dos órgãos sexuais femininos, seja o relevo de Roma.

Somente neste sentido Freud utiliza as palavras topografia (*Topographie*, substantivo) e topográfico (*topographischen*, adjetivo).

De maneira geral, ao se referir ao aparelho psíquico e às relações entre os lugares deste mesmo aparelho, Freud utiliza a palavra *tópica*, tanto como substantivo – *Topik*, quanto como adjetivo – *topish*. Tal palavra vem do grego *τόπος* e se refere, em Filosofia, de Aristóteles à Kant, à teoria dos lugares (Lalande, 1999). Em Freud tal palavra designa tanto os lugares do aparelho psíquico (substantivo) quanto as relações entre tais lugares (adjetivo). Convencionou-se também chamar de Primeira e Segunda Tópicas aos modelos do aparelho psíquico em Freud. Ainda que esta seja uma divisão já aceita por toda a comunidade psicanalítica, não encontramos na própria pena freudiana tal divisão. Não que não a encontremos enquanto teoria, mas não encontramos tal divisão nomeada assim pelo pai da Psicanálise. Também é interessante o fato de que não encontramos tal nomeação na pena de nenhum autor, o que nos leva a pensar quem seria aquele que batizou a divisão didática da teoria freudiana em primeira e segunda tópicos.

Feita esta apresentação do vocabulário freudiano, passemos então à discussão de sua teorização entre os lugares do aparelho psíquico. Um primeiro ponto a ser discutido é o que são e como se configuram estes lugares do aparelho. No livro inaugural da Psicanálise Freud traz uma analogia bastante clara, que merece ser completamente reproduzida aqui. Neste ponto Freud discute a proposta de Fechner de que a cena dos sonhos é diferente da cena da vida representacional de vigília⁴⁷. E continua sua argumentação dizendo que

o que nos é apresentado com essas palavras é a ideia de uma localização psíquica. Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. Com base nisso, a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem. No microscópio

⁴⁷ A título de curiosidade, esta citação de Freud a Fechner parece ser o ponto do qual Lacan retira a ideia de que o Inconsciente seria uma outra cena (*ein anderer Schauplatz*). Esta mesma forma surge três vezes na obra freudiana, em momentos diferentes, mas sempre remetidos a Fechner. No contexto do livro dos sonhos, o qual apresentamos aqui, o texto freudiano original é: “Der große G. Th. Fechner spricht in seiner ‘Psycho-physik’ (II. Teil, S. 520) im Zusammenhange einiger Erörterungen, die er dem Traume widmet, die Vermutung aus, daß der Schauplatz der Träume ein anderer sei als der des wachen Vorstellungslebens“ (Freud, 1900/1999, p. 541). O texto brasileiro diz: “no curso de um breve exame do tema dos sonhos, o grande Fechner (1889, 2, 520-1) expressa a ideia de que a cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida representacional de vigília” (Freud, 1900/1996, p. 566). A expressão utilizada por Lacan, *ein anderer Schauplatz*, não surge assim, literalmente, em momento algum da obra freudiana, e ainda, nos momentos em que surge de alguma maneira parecida, é sempre remetida por Freud a outro autor.

e no telescópio, como sabemos, estes ocorrem, em parte, em pontos ideais, em regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho (Freud, 1900/1996, pp. 566-567).

Os primórdios da primeira tópica freudiana podem ser encontrados no texto do *Esboço de uma psicologia*, o conhecido *Projeto* de 1895 (Freud, 1950 [1895]/1996) e também em duas cartas dirigidas a Fliess: as cartas de 1º de janeiro de 1896 e de 6 de dezembro deste mesmo ano (Freud & Fliess, 1986). O aparelho estruturado em maneira linear (cf. Figura 8 acima) só viria à luz no texto de *A significação dos sonhos* (Freud, 1900/1996). As relações entre os lugares psíquicos deste aparelho podem ser observadas ao longo dos anos seguintes, em especial nos *Artigos de metapsicologia* de 1915, e podemos destacar que Freud não os trata apenas como instâncias (no sentido de jurisdição, foro, portanto lugar), mas também de sistemas (conjunto de elementos entre os quais há alguma relação).

Sobretudo no texto sobre *O Inconsciente* (Freud, 1915b/1996), em especial nos capítulos IV denominado *Tópica e dinâmica do recalque*, e VI, *Comunicação entre os dois sistemas*, podemos notar o movimento dos conteúdos no aparelho e as relações dinâmicas e econômicas que fazem ocorrer o trânsito de tais conteúdos entre os sistemas. Neste sentido uma intrincada gama de forças (quantidade) e relações (qualidades) fazem com que o aparelho funcione e coloque em marcha todos os processos do psiquismo.

Aproximando-se de década de 1920, outras dificuldades teóricas, particularmente as dificuldades com a psicose, que não podiam ser facilmente explicadas pelo aparelho ainda em vigência, fazem com que Freud se sinta na necessidade de reformular os lugares de tal aparelho. Surge assim a segunda tópica do aparelho psíquico. Para Kaufman (1996), se para Freud a primeira tópica tinha um valor descritivo, na segunda precisamos reconhecer um valor sistemático.

Por várias vezes Freud tentou conciliar as duas tópicas, não apenas acrescentando em seus esquemas da segunda tópica os lugares da primeira, mas também argumentando, até o fim da vida, em favor destas localizações, como podemos observar no *Compêndio de psicanálise*⁴⁸ (Freud, 1940 [1938]a/1996), em especial em seu capítulo IV – *Qualidades psíquicas*, onde as instâncias do Eu, Isso e Supereu são relacionadas com as qualidades inconsciente, pré-consciente e consciente, não havendo uma correspondência direta entre os três lugares da primeira tópica com os três lugares da segunda tópica.

⁴⁸ Título na Edição Standard Brasileira: *Esboço de psicanálise*.

Ainda que saibamos que, a rigor, Freud não faz um estudo topológico em seus aparelhos da primeira e segunda tópica, há que se ressaltar o quanto as qualidades, mais ainda que as quantidades, são trabalhadas por Freud ao longo de suas concepções tópicas. Isto nos remete sim à topologia enquanto parte da Matemática, na qual as qualidades são o ponto mais importante. Ainda que seja pura especulação, podemos imaginar o quanto o estudo destes lugares e suas relações podem ter influenciado Lacan em sua adoção da topologia para tratar não apenas de sua própria tópica⁴⁹, mas de vários conceitos ao longo de sua vasta construção teórica.

3.3 LACAN E A TOPOLOGIA

O percurso de Lacan pelo mundo da Matemática, assim como da Lógica e várias outras fronteiras que ele estabeleceu para a Psicanálise ao longo de seu ensino sofreu e ainda sofre muitas críticas, sobretudo em relação a uma possível falta de rigor no tratamento dos conceitos de tais ciências. Ele é acusado não apenas de pouco rigor, mas também de distorcer os conceitos, utilizando-os de maneira muito diferente daquela que é a original. Em sua defesa, podemos dizer que sim, ele *subverteu* vários conceitos para que eles pudessem ser utilizados na Psicanálise, mas em relação à falta de rigor, há muito o que ser discutido.

O compromisso lacaniano era com a Psicanálise e não com as demais ciências. Seu rigor é conhecido dentro do campo psicanalítico, e a necessidade de subversão de vários conceitos de outras ciências se faz devido à necessidade de que tal conceito possa ser pensado em uma lógica não mais do Consciente, mas sim, do Inconsciente. Esta maneira subversiva de lidar com os conceitos também foi utilizada por Freud em alguns momentos, como em seu uso do conceito de Inconsciente, bastante diferente do uso costumeiro de sua época.

Lacan também é bastante conhecido pelo estilo de escrever e conduzir seus seminários, muitas vezes sem apresentar as fontes de onde retirou boa parte dos temas que discute. Ainda assim podemos tentar fazer um trabalho próximo ao do arqueólogo e encontrar algumas destas fontes enterradas entre matemas, grafos e jogos de palavras lacanianos. Em meio a todas estas dificuldades que a leitura de Lacan apresenta, a Matemática se apresenta como uma dificuldade

⁴⁹ Roudinesco e Plon também adotam a ideia de tópica para nomear a trilogia lacaniana do Real, do Simbólico e do Imaginário (1998, p. 755).

a mais para os estudiosos das ciências humanas, o que nos faz levantar uma questão: por que a Matemática?

A palavra matemática tem sua raiz no grego *mathemata* que, desde os pitagóricos, significa ciência, ou aquilo que pode ser apreendido (Pastor & Babini, 1985). Isto nos leva a um fato bastante claro em nossos dias de hoje, e também uma herança cartesiana: quanto mais matematizamos o universo, mais próximos da verdade, ou da realidade última das coisas, nós estamos. Ao menos este é o discurso que nos leva a colocar a Matemática como o modelo de todas as ciências. É o caráter preciso, exato, certo, da Matemática que buscamos em nossos trabalhos acadêmicos. O rigor. A exatidão. Desta feita, quanto mais numérico é nosso estudo, mais aparência de verdade ele possui.

Novamente voltando à discussão das críticas recebidas por Lacan, podemos observar alguns dos pontos que ele busca na matematização de seu pensamento: o rigor e exatidão dos conceitos em Psicanálise. Podemos até mesmo supor que o que ele busca é o mesmo que Platão buscava quando escreveu na entrada de sua Academia: *Ἀγεωμέτρητος μηδείς εἰσίτω* (Proibida a entrada de quem não souber geometria), epígrafe de nosso trabalho. A intenção de Platão com a Geometria é ensinar a seus alunos o rigor do pensamento necessário para se construir a Filosofia, partindo de um simples axioma, enquanto, para Lacan, trata-se do rigor ao se transmitir algo, a partir da clínica.

Desta feita, não há como não pensar no ideal de transmissão lacaniano que se apresenta com o matema, termo utilizado por Lacan pela primeira vez no fim do ano de 1971. Mas a partir de quê Lacan cria tal palavra? Roudinesco e Plon (1998) nos trazem duas possibilidades. A primeira e mais óbvia é uma derivação do conceito de mitema, (a parte fundamental de um mito, seus elementos mais simples, de acordo com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss), e a segunda do grego *mathema*, conhecimento. Entretanto trazemos ainda mais uma aproximação. Por muito tempo Lacan trabalhou a Lógica, e um dos autores estudados foi o filósofo alemão Gottlob Frege. Em seu texto chamado *Begriffsschrift* (normalmente traduzido em português por *Conceitografia*) o filósofo tenta criar uma linguagem simbólica que transmita exatamente o que se quer sem nenhum equívoco. Não é este o sonho de Lacan com os matemas? Poderia haver também uma aproximação do termo *mathemata* dos pitagóricos? Não seria o termo matema uma junção de todas estas ideias?

Podemos então estabelecer ao menos dois pontos, com bastante certeza, sobre o uso lacaniano da Matemática. O primeiro deles é uma transmissão da Psicanálise de uma maneira contaminada minimamente por equívocos. Há que se notar, entretanto, que Lacan trabalha com o equívoco de maneira dupla: no manejo clínico com seus pacientes, o equívoco é

extremamente importante, pois só há causa para aquilo que manca; já na transmissão da Psicanálise, o equívoco deve ser ao máximo retirado do contexto. O segundo ponto é que Lacan intentava um maior rigor no manejo dos conceitos psicanalíticos, uma formalização, o que evitaria leituras distorcidas de seu texto. Vemos nisto uma herança de suas críticas às leituras dos pós-freudianos à obra de Freud. Ainda assim há que se pensar que mesmo no matema não há uma transmissão integral, “uma vez que pressupõe sempre um resto que lhe escapa” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 503).

Quanto à relação de Lacan com a topologia, esta se inicia bem cedo em seu ensino e podemos vê-la surgir sob diversos aspectos – a topologia do significante, a topologia dos grafos, a topologia de superfície com as figuras do toro/*torus*, *cross cap*, banda de Möbius e garrafa de Klein, e a topologia dos nós que se apresenta com o nó/cadeia borromeana e as tranças. Estas formas não se excluem, mas vemos um maior investimento na topologia dos nós no último Lacan, enquanto as demais se apresentam com maior força em seu primeiro ensino. Parece-nos que o caminho de uma para outra não foi um simples recurso de transmissão, ainda que isto seja claro, mas um avanço importante para a teorização lacaniana.

Ao buscarmos em versões digitais da obra lacaniana por termos como topologia (topológico, topológica), Banda de Möbius, Garrafa de Klein, *cross cap* e toro/*torus* encontramos mais de mil coincidências ao longo de seus escritos e seminários. Caso acrescentemos outros termos como nó, borromeo (borromeano, borromeana) e trança, o número de achados ultrapassam os dois mil, e estes achados se apresentam ao longo de todo o ensino público de Lacan, o que nos leva a crer que quase não há textos nos quais, de alguma maneira, Lacan não se valha de tal ferramenta.

Apesar de que, nos últimos anos, possamos encontrar mais publicações psicanalíticas voltadas para a topologia de Lacan, em especial na Argentina⁵⁰ e França⁵¹, ainda temos poucos estudos que se utilizam de tal ferramenta de maneira mais explícita ou extensa, tal qual o fez Lacan. Pensando no contexto brasileiro, os trabalhos que existem basicamente se resumem aos

⁵⁰ Sobretudo os estudos que ocorrem em Buenos Aires como os de Amster, 2001 e 2015, sendo esta última a tradução brasileira do texto original publicado na Argentina em 2010 em dois volumes; Eidelsztein, 2012; Schejtman, 2013a, 2013b, 2013c; Tomei, 1993; Elmer, 2000; Dafunchio 2008 e 2010; e Mazzuca, Schejtman, Zlotnik, 2000.

⁵¹ Por exemplo Cartier e Charraud; 2004; Cochet, 1998; e Lavendhomme, 2001; e alguns traduzidos para o português de Darmon, 1994; Granon-Lafont, 1990; além do texto de Nasio, 2011.

cursos de pós-graduação das áreas afins à Psicanálise⁵², e principalmente ao segundo ensino de Lacan, preferencialmente sobre os nós borromeanos.

O próprio Lacan dizia que os analistas têm uma grande resistência à teoria que lhes serve de suporte. Em suas próprias palavras, dizia que “é no nível da matemática em processo de se fazer que começam as aflições. Podemos assim dar uma ideia da resistência com que se depara, entre os psicanalistas, a teoria de que depende sua própria formação” (Lacan, 1966/2003, p. 222). Concordamos com Lacan que boa parte da resistência e desinteresse pela topologia, assim como outras áreas afins utilizadas por ele é devido à proximidade com a Matemática que, de maneira geral, não agrada a nenhum estudioso das áreas afins à Psicanálise, como Letras, Psicologia, Filosofia, etc.

Ainda assim, vários dos conceitos psicanalíticos foram revistos por Lacan com o recurso de mostração que a topologia proporciona e isto nos leva a horizontes mais amplos, a novas formas de compreensão da teoria e da clínica, e tais avanços também se mostram importantes na transmissão da Psicanálise, um dos grandes objetivos de Lacan.

Outro ponto importante a ser pensado é que devemos tomar cuidado com o que se chama de *proliferação imaginária* decorrente do uso da topologia, o que parece ainda ter mais força na topologia de superfície. Tal proliferação pode nos levar a um fetichismo da topologia, o que nos tiraria do rumo válido de nosso estudo. Ainda que este possível fetichismo possa se expressar mais fortemente nas figuras da topologia de superfície, não devemos supor que ele não exista na topologia dos nós.

Lacan fará, durante grande parte de seu ensino, o estudo das formas topológicas do *cross cap*, da banda de Möbius, da garrafa de Klein e do toro, que estão incluídas nos estudos da topologia de superfície. Com isto desenvolverá estudos sobre a identificação, a demanda, o desejo, a transferência e outros conceitos mais, todos do espectro conceitual freudiano, como uma forma mais palpável de transmissão de seu ensino.

Por volta da década de 1970 iniciará o estudo do nó borromeano e isto o levará a uma nova construção na clínica psicanalítica, o que normalmente conhecemos como segundo ensino, segunda clínica ou segundo classicismo. Ele não abandonará as superfícies, mas o foco no nó tomará quase que totalmente seu tempo até o fim de seus dias, cerca de uma década depois, após uma grande revisão do que já havia produzido anteriormente.

⁵² Referimo-nos aqui de modo especial aos trabalhos de Guerra, 2007; Araújo 2014; e Rona, publicada em livro em 2012.

3.3.1 Dos grafos e da superfície

Não utilizaremos em nosso estudo todos os grafos e figuras que Lacan trabalhou ao longo de seu ensino, mas apenas alguns, que nos servirão de base para a compreensão de nosso tema – a realidade. Para isto tomaremos o esquema R e o *cross cap* para trazer luz ao nosso intento. Isto porque o esquema R, o esquema da realidade em Lacan, é tomado por nós como o ponto principal de sua teorização sobre a realidade em seu primeiro ensino. Já abordamos este esquema anteriormente (cf. item 2.4 acima) para tratar de uma possível dualidade lacaniana, e o abordaremos mais à frente para tratar da realidade em Lacan (cf. item 4.3.1 abaixo). Neste momento ele será trabalhado em outra vertente: sua aproximação topológica do *cross cap* e sua relação com o matema do fantasma ($\$ \diamond a$)⁵³.

Inicialmente precisamos de algumas contextualizações e definições para que nossa argumentação possa ser bem acompanhada. Começemos pela teoria dos grafos. Tal teoria surge devido à solução dada por Leonhard Euler, em 1736, para um problema conhecido como *o problema das sete pontes de Königsberg*. Nesta cidade, território da Prússia até 1945, atual Kaliningrado, há um rio, o Rio Prególia, que contém duas ilhas e, ligando-as entre si e às margens, encontram-se 7 pontes, como pode ser visto na imagem abaixo:

⁵³ A tradução da obra lacaniana não se apresenta de maneira tão complicada com a freudiana. Temos traduções melhores e mais cuidadosas de seus textos, ainda que possamos encontrar livros com títulos assustadores como *o 1236 errores, erratas, omisiones y discrepancias en los Escritos de Lacan en español* (Pasternac, 2000). De toda forma, a maioria das críticas ao texto lacaniano recai sobre o estabelecimento dos seminários (Roudinesco, 2008) e não sobre sua tradução para o português. No caso da palavra fantasma, temos também uma corrente forte que utiliza a palavra fantasia, muito mais corrente no meio psicanalítico brasileiro (Gerbase, 1987). Lacan utiliza as duas e até mesmo as diferencia, como podemos ver no trecho a seguir, retirado de seu seminário 14, sobre *A lógica do fantasma*: “quero dizer que o que sugere de relação com a fantasia [*fantaisie*], com a imaginação, o termo fantasma [*fantasme*], não me agradaria, nem um só instante” (Lacan, 1966-1967/2008, p. 12). A versão brasileira citada utiliza a palavra φαντασία, em grego, em lugar da palavra fantasia, como adotamos. Notamos neste trecho do seminário lacaniano que para ele, a palavra fantasma diz de algo mais radical, da relação do sujeito com o objeto perdido, como apresentado em seu matema do fantasma. A palavra fantasia estaria mais próxima da imaginação. No mesmo seminário, Lacan faz mais uma diferenciação entre o fantasma e a fantasia, no seguinte trecho: “É necessário que eu o recorde hoje, no momento em que vamos dar o passo seguinte nessa lógica do fantasma [*fantasme*], que se acha – vocês o verão confirmado a medida de nosso avanço – que pede acomodar-se a uma certa lassidão lógica: enquanto que, lógica do fantasma [*fantasme*], ela supõe essa dimensão, dita de fantasia [*fantaisie*], sob a espécie onde a exatidão não é aí exigida de saída” (1966-1967/2008, p. 379). Devido a estes pontos, adotaremos, em Lacan, a terminologia fantasma, ainda que seja de uso corrente em português o termo fantasia para se referir ao mesmo matema. Podemos então fazer a seguinte relação, mesmo que aproximativa: em Freud teríamos a fantasia [*Phantasie*] como algo fundamental e os devaneios [*Tagtraum*] como algo mais superficial; em Lacan teríamos o fantasma [*fantasme*] como algo mais fundamental e a fantasia [*fantaisie*] como algo mais superficial. Assim, aproximamos a fantasia de Freud ao fantasma de Lacan, assim como o devaneio de Freud à fantasia de Lacan.

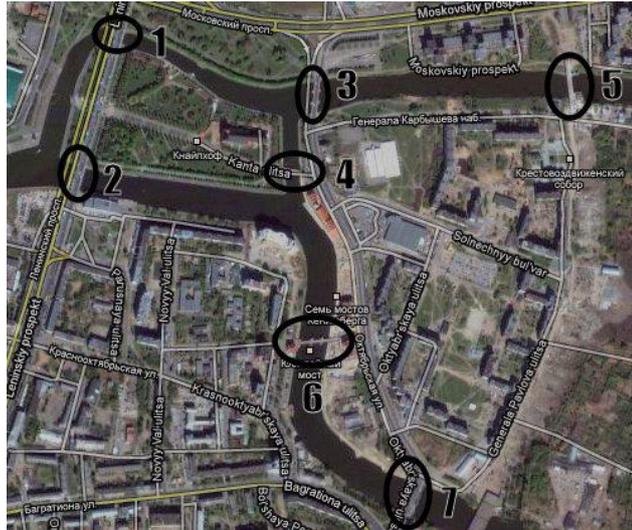


Figura 19 – As sete pontes de Königsberg

Fonte: Googlemaps (<https://www.google.com.br/maps/place/Kaliningrado>)

Havia um boato de que alguém teria conseguido fazer um caminho que percorria as sete pontes sem repetir nenhuma delas. Euler deu uma solução negativa para este feito e a partir de sua demonstração foi criada a teoria dos grafos. Primeiro ele criou um esquema representando as pontes (linhas) e os lugares aonde elas levam (pontos), como podemos ver abaixo:

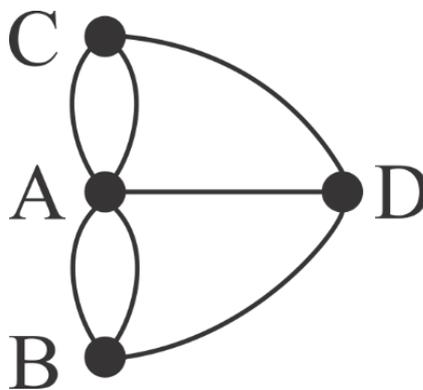


Figura 20 – Esquema das pontes de Königsberg de Euler
(adaptado de Amster, 2015, p. 24)

A solução é bastante simples. É necessário que haja apenas zero ou dois pontos com números ímpares de linhas (seriam o início ou fim do trajeto); todos os demais deveriam ser pares (um de entrada e outro de saída da ponte). Qualquer outra possibilidade seria impossível. Como vemos, todos os pontos têm três linhas, exceto o ponto A que tem 5 linhas. Sendo todos ímpares, o trajeto é impraticável. Assim surgiu a teoria dos grafos (Amster, 2015). E é a partir

desta teoria que Lacan constrói seu esquema R. Neste esquema podemos ver linhas e pontos que se interligam e se relacionam entre si.

Para o bom entendimento do Esquema R precisamos atentar para mais um detalhe. Normalmente, quando criamos desenhos vetoriais, utilizamos linhas pontilhadas para representar as arestas que se encontram por detrás da superfície que aparece em primeiro plano. Assim, no desenho abaixo, as linhas AE, EF e EH encontram-se pontilhadas, diferentemente das demais, que podem ser vistas em linhas contínuas.

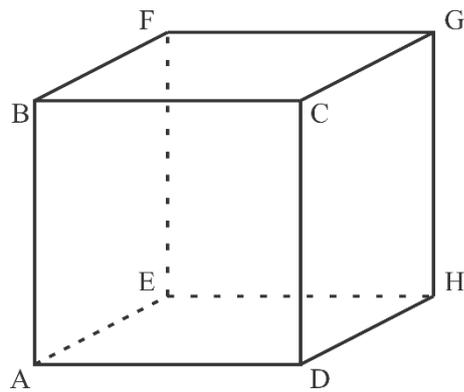


Figura 21 – Um cubo

Podemos notar que no esquema R algumas linhas são pontilhadas, claramente duas das linhas que se encontram do lado do triângulo imaginário (I) e uma das arestas do quadrilátero R, o da realidade. O triângulo simbólico (S) é construído com linhas contínuas.

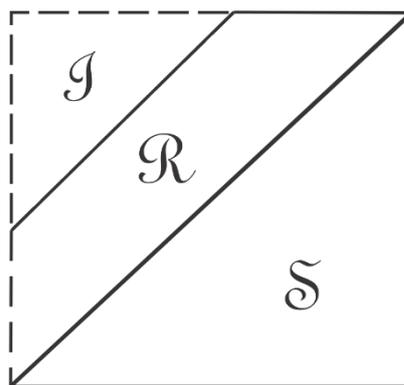


Figura 22 – Linhas do esquema R

(adaptado de Lacan, 1957-1958/1998, p. 559)

Estaria Lacan sugerindo que o triângulo imaginário está por detrás de outra coisa? E por que apenas uma das arestas do quadrilátero R está pontilhada? Estas questões podem ser

respondidas se atentarmos para a nota de rodapé inserida uma década depois, no ponto onde se apresenta o esquema R em *De uma questão preliminar* (Lacan, 1957-1958/1998). Nesta nota Lacan diz que o esquema R é um plano projetivo. Isto nos traz duas questões diretas – o que é plano e o que é plano projetivo – e a primeira questão nos leva a uma segunda – a aproximação entre plano e superfície. Tomemos cada uma em separado.

Primeiro o plano e a superfície. Estes dois conceitos são bastante próximos, por isto os tomaremos como equivalentes. Bem ao início dos *Elementos* de Euclides (2009, p. 4) temos a seguinte definição: “Superfície é o que tem comprimento e largura”. Notemos que um plano ou uma superfície tem apenas duas dimensões, comprimento e largura. É uma decorrência das definições anteriores de ponto (dimensão zero) e linha (dimensão um, somente comprimento). A terceira dimensão é dada pela profundidade, assim os sólidos possuem três dimensões. Partindo disto, ainda que pensemos em uma folha de papel como uma superfície isto não é exato pois ela tem profundidade, ainda que muito fina. Um bom exemplo do que é uma superfície nos é dado por Tomei (1993) que nos diz que a superfície é o que está entre a folha de papel e o ar, ou pensando em uma piscina, o que separa a água do ar. Assim, uma pessoa, ao mergulhar na piscina, atravessa a superfície, sem nunca estar nela.

Passemos à definição de plano projetivo. Amster (2000, p. 72) diz que um plano projetivo é um

espaço definido em geometria projetiva, de acordo com a ideia intuitiva de agregar ao plano euclidiano um ‘horizonte’, de modo tal que duas retas paralelas determinem um (único) ponto. As retas resultam então fechadas, quer dizer, homeomorfas a uma circunferência, fato relacionado ademais com a propriedade que tem o plano projetivo de ser compacto. O horizonte está composto de pontos denominados impróprios ou pontos do infinito, por tal motivo diz-se que é uma reta imprópria⁵⁴.

A partir desta definição, podemos pensar o esquema R, no formato de um plano projetivo figurando da seguinte maneira:

⁵⁴ No original: “Espacio definido en geometría proyectiva, de acuerdo con la idea intuitiva de agregar al plano euclidiano un "horizonte", de modo tal que dos rectas paralelas determinen un (único) punto. Las rectas resultan entonces cerradas, es decir, homeomorfas a una circunferencia, hecho relacionado además con la propiedad que tiene el plano proyectivo de ser compacto. El horizonte está compuesto de puntos denominados improprios o puntos del infinito; por tal motivo se dice que es una recta impropia”.

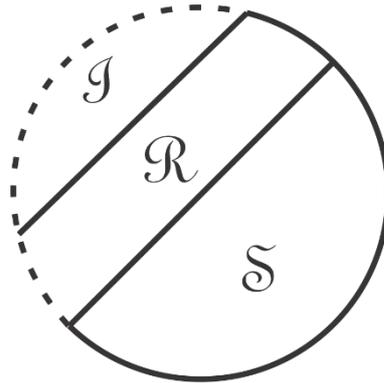
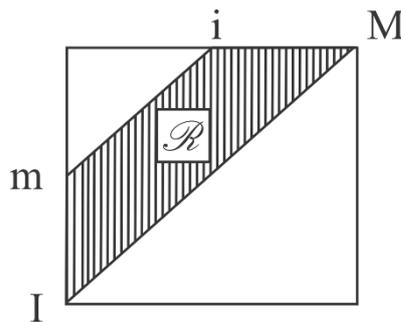


Figura 23 – O esquema R simplificado, como plano projetivo
(adaptado de Darmon, 1994, p. 121)

O que a princípio parece simples (apenas transformar o quadrilátero em um círculo) na verdade não se configura assim. Pois Lacan afirma na mesma nota inserida em 1966, que a faixa da realidade, constituída pelo quadrilátero MImi é na verdade uma banda de Möbius, uma das figuras da topologia de superfície estudadas por Lacan. Para compreendermos como se dá esta torção no esquema R, sigamos a construção feita por Delia Elmer (2000, pp. 65-66), que por sua vez se embasa na construção feita por Jean-Michel Vappereau, na lição do dia 15 de maio de 1979, incluída no *Seminário 26 – a topologia e o tempo*, inédito (Lacan, 1978-1979/20__). O primeiro passo seria tomar o esquema R apenas com a faixa da realidade, constituída pelo quadrilátero Mimi, como vemos abaixo:



Esquema R

Figura 24 – O quadrilátero MImi
(Elmer, 2000, p. 65)

Entretanto fazer a torção que une os pontos M e m, e os pontos I e i seria bastante trabalhosa, por isto, ao invés de um quadrado com a faixa da realidade em diagonal, faz-se

alguns cortes em duas quinas criando-se os pontos x e x' , assim como os pontos y e y' , para que esta faixa se apresente ao centro de um retângulo, como podemos ver no próximo passo:

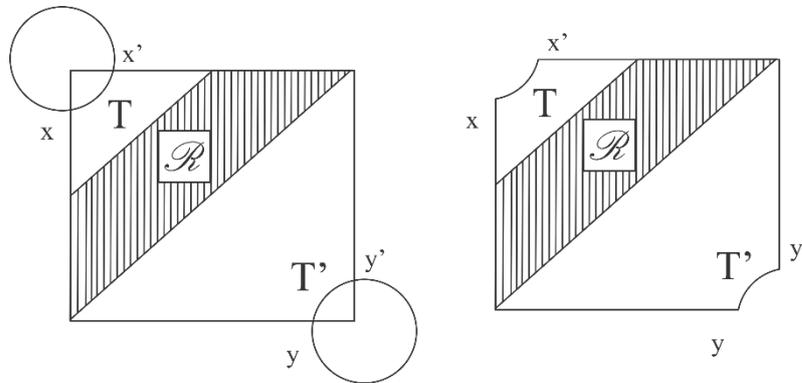


Figura 25 – Cortes no esquema R

(Elmer, 2000, p. 66)

Agora é mais simples pensar o esquema R na forma estirada, assim:

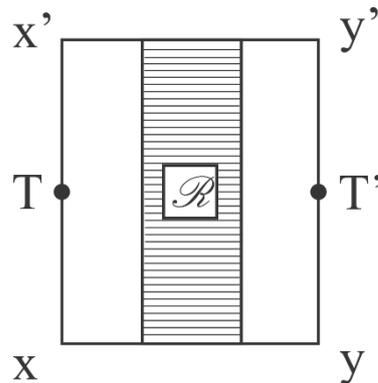


Figura 26 – Esquema R estirado

(Elmer, 2000, p. 66)

Basta agora fazermos o procedimento para obtermos uma banda de Möbius, ou seja, unir as extremidades superior e inferior fazendo também uma semi-torção, ou seja, ao invés de simplesmente colarmos x em x' , e y em y' , o que resultaria em um corpo de cilindro, colamos x' com y , e y' com x . o resultado é o que vemos a seguir:

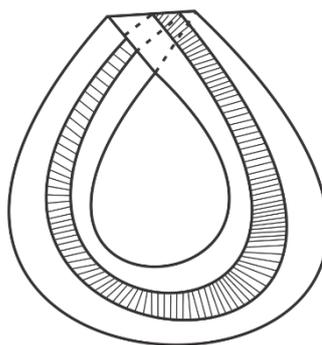


Figura 27 – Esquema R no formato de uma banda de Möbius

(Elmer, 2000, p. 66)

Com esta configuração, e um pouco de atenção, já podemos perceber que o vértice do esquema R que se apresentava com a linha pontilhada, o segmento mI (cf. Figura 28 abaixo) agora se encontra colado no avesso do segmento Mi ; e o triângulo do Imaginário, que também se encontrava representado com linhas pontilhadas se encontra no avesso do triângulo simbólico. Conseguimos com isto justificar as linhas pontilhadas no esquema R, mas há que se fazer uma observação. Na verdade, como a banda de Möbius é uma superfície unilaterial, não temos realmente frente e verso quando a pensamos como um todo. Apenas localmente, ou seja, quando fazemos um corte em uma determinada área da superfície, ela se apresenta, enganosamente, como bilateral. Por estranho que pareça, podemos dizer então que no esquema R, Imaginário e Simbólico são frente e verso de uma superfície que não possui realmente frente e verso.

De toda forma, esta ainda não é a forma final que pretendemos apresentar, pois o esquema R é homeomorfo ao *cross cap*, e esta é a forma final que nos interessa. Vejamos então uma nova forma de fazer a transformação, partindo do esquema R e chegando ao *cross cap*.

Sigamos para isto a construção elaborada por Vandermersch (2017), que parte do esquema R contendo apenas seus pontos externos (os vértices P e ϕ , além dos pontos do quadrilátero $MImi$)

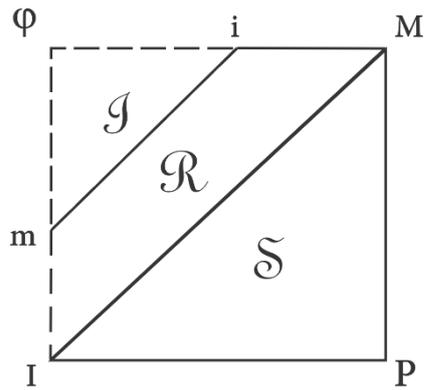


Figura 28 – Pontos no esquema R
(adaptado de Vandermersch, 2017)

passa por sua versão em plano projetivo, com os mesmos pontos localizados

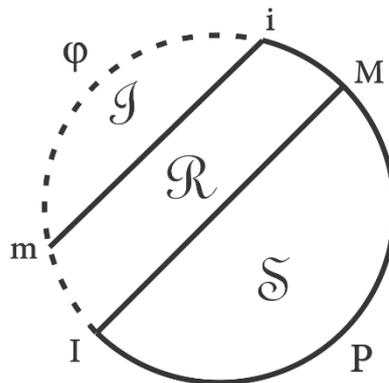


Figura 29 – Esquema R com pontos em forma de plano projetivo
(Adaptado de Vandermersch, 2017)

A partir disto faz-se a união dos pontos M e m, assim como dos pontos I e i. A figura proposta por Vandermersch é bastante confusa. Por isto fizemos algumas adaptações que auxiliam em seu entendimento. Os pontos M e m se tornam as linhas azuis, enquanto os pontos I e i se tornam as linhas vermelhas. Os pontos P e φ se tornam vértices.

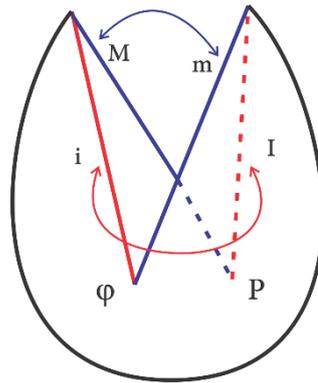


Figura 30 – Esquema R prestes a se fechar
(Adaptado de Vandermersch, 2017)

As setas vermelha e azul indicam a maneira de se fechar, cruzando as arestas. A aresta m , à frente, se cola à aresta M ao fundo. A aresta i , à frente, se cola à aresta I ao fundo. Este cruzamento só é possível porque estamos tratando de superfícies (duas dimensões). Ao tentarmos fazer isto com sólidos (três dimensões), nos deparamos com a lei da impenetrabilidade proposta por Newton, que diz que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. Como aqui não tratamos de corpos (sólidos), mas de superfícies (planos), o cruzamento que dá nome a esta figura (*cross cap*, gorro cruzado), é possível. O resultado final é o *cross cap* com os pontos do esquema R, como podemos ver abaixo:

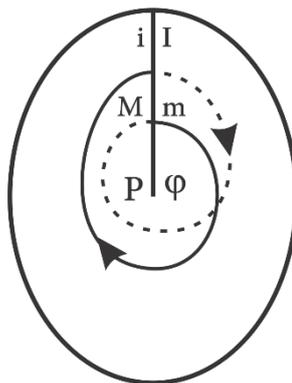


Figura 31 – Esquema R fechado como um *cross cap*
(Adaptado de Vandermersch, 2017)

Ou ainda na versão de Dyck, por nós corrigida, pois a versão original não faz a meia-torção na faixa da realidade. Sem este detalhe não obtemos um *cross cap*, mas sim uma esfera.

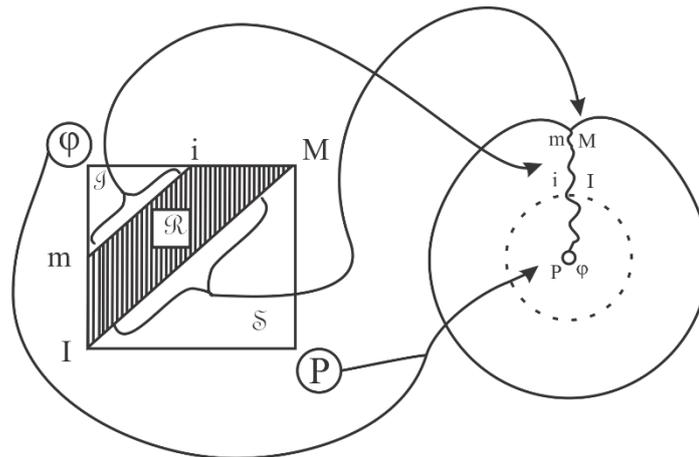


Figura 32 – Do esquema R ao *cross cap*
(Dyck, 1987, p. 67)

Para uma melhor visualização, finalizamos esta transformação topológica do esquema R em *cross cap* com a figura abaixo:

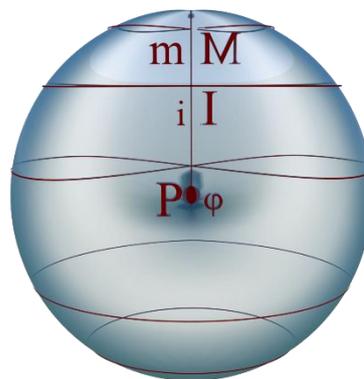


Figura 33 – O *cross cap* com os pontos do esquema R

Há uma observação a se fazer, que diferencia radicalmente a proposta lacaniana de realidade da freudiana. Enquanto em Freud temos uma dualidade de realidades (cf. item 2.3.2 acima), uma externa, material, e outra interna, psíquica, em Lacan, especialmente com o *cross cap*, uma figura fechada unilateral, o que podemos notar é que a realidade não possui na verdade um dentro e um fora, mas que o dentro e o fora estão em continuidade, o que será abordado mais extensamente adiante (cf. item 4.3.1 abaixo).

Passemos agora à construção lacaniana que aproxima realidade e fantasma. Em seu seminário 14, sobre *A lógica do fantasma*, na primeira lição, do dia 16 de novembro de 1966⁵⁵, Lacan inicia dizendo de sua fórmula $\$ \diamond a$, que contem três termos: um sujeito barrado; a punção, ou seja, a relação que este sujeito estabelece com o objeto *a*, que é o terceiro termo. Diz então que para fazer o fantasma é preciso o *pronto para carregá-lo (pret-a-le-porter)*. Mas o que carrega o fantasma? Neste momento Lacan apresenta sua bolha, referindo-se ao *cross cap*, dizendo que esta figura fechada unilateral, sem avesso ou direito, tem dois nomes: o desejo e a realidade, duas texturas sem corpo. Podemos pensar que é sem corpo pois o *cross cap* não é um sólido, mas uma superfície, como vimos anteriormente.

Continuando com as propostas sobre o *cross cap*, Lacan propõe que o sujeito inicia pelo corte, e há um resto desta operação de corte, a saber, o objeto *a*. Há alguns cortes possíveis no *cross cap*. Do primeiro Lacan diz extrair o objeto *a*.

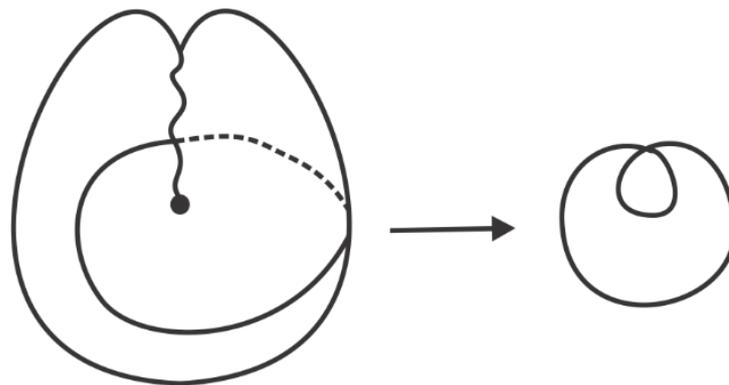


Figura 34 – Primeiro corte no *cross cap*
(Lacan, 1966-1967/2008, p. 18)

E do segundo diz restituir a não separação primitiva da realidade e do desejo, posto que Lacan afirma que o desejo é a essência da realidade.

⁵⁵ Note-se que esta é a primeira lição de um seminário lacaniano posterior à nota inserida próximo à aparição do esquema R, em *De uma questão preliminar*, na qual Lacan apresenta tal esquema como um plano projetivo, ou seja, um *cross cap*, e ali insere o objeto *a*.

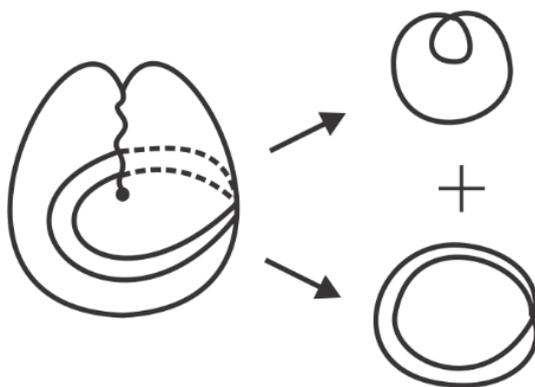


Figura 35 – Segundo corte no *cross cap*
(Lacan, 1966-1967/2008, p. 18)

É neste ponto que surge o seguinte dizer de Lacan:

definiremos realidade ao que chamei a pouco o *pronto para carregar o fantasma*, isto é, o que faz seu quadro e veremos então que a realidade, toda a realidade humana, não é nada mais que montagem do simbólico e do imaginário – que o desejo, no centro desse aparelho, desse quadro que chamamos realidade, é *também*, para falar propriamente, o que corre, como eu o articulei desde sempre, o que importa distinguir da realidade humana e que é para falar propriamente o *real*, que não é nunca senão entrevisto; entrevisto quando a máscara, que é aquela do fantasma, vacila (Lacan, 1966-1967/2008, p. 19, grifos do autor).

Vários pontos são importantes neste trecho. Primeiro que a realidade é o que faz o quadro do fantasma, o que está pronto para carregar o fantasma, sendo uma montagem do Simbólico e do Imaginário, o que coaduna com as construções que viemos apresentando anteriormente sobre o esquema R, no qual o campo da realidade vem de uma interseção entre Simbólico e Imaginário. Outro ponto é a diferenciação entre o Real e a realidade. O Real só é entrevisto quando a máscara do fantasma vacila.

Tomemos então algumas afirmações de Lacan para concluirmos sua aproximação entre a realidade e o fantasma, utilizando a mostra da topologia. Primeiramente temos que marcar que o esquema R, homeomorfo ao *cross cap*, é o esquema da realidade. Outro ponto importante de se observar é que Lacan, por diversas vezes ao longo de seus seminários aproxima a banda de Möbius com o sujeito. Não que a banda seja o sujeito, mas ela o mostra, ela pode ser o suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível (Lacan, 1965-1966/20__), ou como dito no *Seminário 14*, “o sujeito começa com o *corte*” (Lacan, 1966-1967/2008, p. 17).

Não um corte qualquer, mas um corte em oito interior, um corte que percorre a banda de Möbius em uma dupla volta, percorrendo toda sua estrutura, revelando o sujeito e produzindo

um resto. Este corte então produz a relação do sujeito com este resto. O resto da operação, como vimos anteriormente, é o próprio objeto a .

Partindo destes apontamentos, podemos entender melhor a proposta lacaniana de que a realidade humana é fantasmática. Se no corte em oito interior feito no *cross cap*, a figura que apresenta a estrutura da realidade, obtemos uma banda de Möbius, a qual é o suporte da estrutura do sujeito, e o resto como objeto a , podemos pensar topologicamente o matema do fantasma, $\mathcal{S} \diamond a$, como a banda de Möbius, o corte em oito interior e o resto da operação. Já observamos isto a pouco (cf. Figura 35 acima), mas agora faremos o corte de uma maneira um pouco diferente, porém, ainda seguindo o trajeto de uma banda de Möbius, só que uma banda diferente. Uma banda auto atravessada. É esta a banda de Möbius que se apresenta na parte superior de um *cross cap*. Tomei (1993) nos apresenta como fazer esta banda bem ao início de seu livro, cruzando duas superfícies e depois suturando as laterais. Esta banda diferente é também conhecida como *cone em oito*, como podemos ver na parte de cima da figura abaixo:

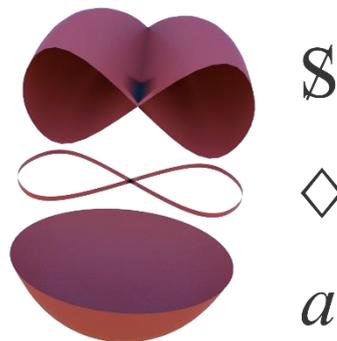


Figura 36 – O *cross cap* e o matema do fantasma

Ponto interessante de se notar é que Lacan faz o mesmo procedimento nas quatro figuras que estuda em sua topologia de superfície – o toro, a banda de Möbius, a garrafa de Klein e o *cross cap*. Em todos há um corte em oito interior do qual resulta uma banda de Möbius e um resto, uma figura bilateral. Não os apresentaremos aqui por não ser ponto importante para nosso objetivo, mas boa parte da teorização lacaniana sobre estas figuras se encontra em seu décimo segundo seminário: *Problemas cruciais para a psicanálise* (Lacan, 1964-1965/2006). Apresentada a configuração fantasmática da realidade no primeiro ensino de Lacan temos agora que partir para o entendimento da realidade no segundo ensino, nos nós.

3.3.2 De nós e amarrações

Que a ideia da teoria dos nós foi algo que caiu para Lacan como um anel posto em seu dedo já sabemos por seu relato do jantar com uma pessoa que seguia os cursos de Guilbaud no dia 08 de fevereiro de 1972 (Lacan, 1971-1972/2012). Ali ele encontrou-se pela primeira vez com o brasão das armas da família Borromeo. É curioso que Lacan tenha se atentado para um detalhe tão pequeno no brasão, pois de início, pensamos que os nós, como ele nos apresenta, seriam o brasão como um todo. Mas não. É apenas um pequeno detalhe ao centro e abaixo, entre o unicórnio e a escada, bem acima de uma flor.



Figura 37 – Brasão das armas da família Borromeo

Fonte: Site da família Borromeo (The emblem, 2017)

Para além dos outros símbolos apresentados no brasão, nos interessam os elos. Segundo o site da própria família Borromeo, “os três círculos de ouro com ponta de diamante estão ligados entre si de tal maneira que a remoção de um vai quebrar todos eles. Isso simbolizava o vínculo indissolúvel entre as famílias Borromeo, Sforza e Visconti⁵⁶” (The emblem, 2017). É justamente esta característica que Lacan buscava para poder trabalhar naquele ano os três verbos de sua frase: “*eu te peço que me recuses o que te ofereço*” (1971-1972/2012, p. 88, grifos do autor). E continua dizendo, seguindo esta mesma ideia que “se retirarem a recusa, o que

⁵⁶ No original: The three gold circles with a diamond pointy-end are linked together in such manner that the removal of one will break them all. This symbolized the indissoluble bond between the families Borromeo, Sforza and Visconti.

poderá significar a oferta de um pedido? Como eu já lhes disse, é da natureza da oferta que, se for retirado o pedido, recusar já não significará nada” (Lacan, 1971-1972/2012, p. 88).

No seminário seguinte, mais ao fim, Lacan retoma seu estudo dos nós da família Borromeo, ainda sob a mesma ótica, a saber, a questão dos três verbos da frase que conectava no *Seminário 19*. Entretanto, no *Seminário 20* ele já começa a manusear as cordinhas de barbante para produzir os nós de diversas maneiras (Lacan, 1972-1973/1985). Somente no *Seminário 21* (Lacan, 1973-1974/20__) é que Lacan nomeia os nós com seus registros R, S e I.

Porém, antes de entrarmos na discussão lacaniana sobre os nós, é necessária uma pequena explanação sobre os mesmos, enquanto teoria matemática. Apenas algumas definições bastante iniciais para que possamos prosseguir. Primeiramente a definição de nó.

Encontramos uma boa definição de nó em Adams (2004, p. 2) que afirma que “o nó então é uma curva fechada no espaço que não possui auto inserções em nenhum lugar⁵⁷”. Entendamos esta definição passo a passo. O nó é uma curva fechada, ou seja, não possui nenhuma ponta solta, como nos laços que fazemos para amarrar os sapatos. Tal curva está inserida no espaço de três dimensões, o que nos permite fazer cruzamentos, fato que diferencia alguns nós. Esta curva também não possui auto inserções, ou seja, não poderia funcionar como o *cross cap* que vimos anteriormente (cf. Figura 36 acima), no qual a parte superior é uma banda de Möbius auto atravessada.

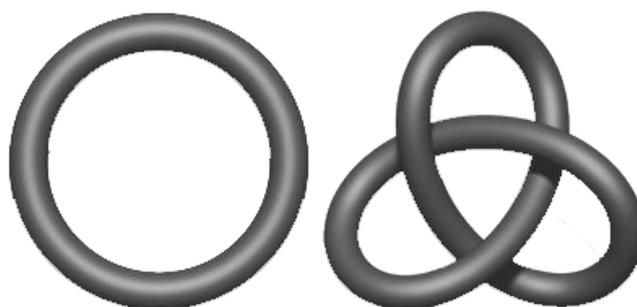


Figura 38 – Nó trivial e nó de trevo

Vemos que os dois nós acima, nó trivial à esquerda e nó de trevo à direita, possuem todas as características descritas – são curvas fechadas (não possuem pontas soltas), não possuem auto inserções (não se atravessam por dentro de seus próprios tubos), e estão imersos

⁵⁷ No original: *The knot is then a closed curve in space that does not intersect itself anywhere.*

no espaço tridimensional (o nó de trevo apresenta claramente esta propriedade, pois podemos observar os cruzamentos onde uma parte passa por baixo de outra, que passa por cima). Estes nós também podem ser apresentados aplainados, como utilizamos normalmente, sobretudo no estudos dos nós apresentados por Lacan, pois aplainados eles mantêm a localização dos espaços entre as linhas, nos quais podem ser localizados conceitos como os campos de gozo, o objeto a , as nomações e outros mais (cf. Figura 41 abaixo). A rigor, os nós não são tubos, objetos tridimensionais, mas sim linhas, bidimensionais, que poderíamos imaginar passando por dentro de tais tubos. Na apresentação que segue, a parte que passa por debaixo apresenta uma linha entrecortada no cruzamento, como vemos abaixo com os mesmos dois nós:

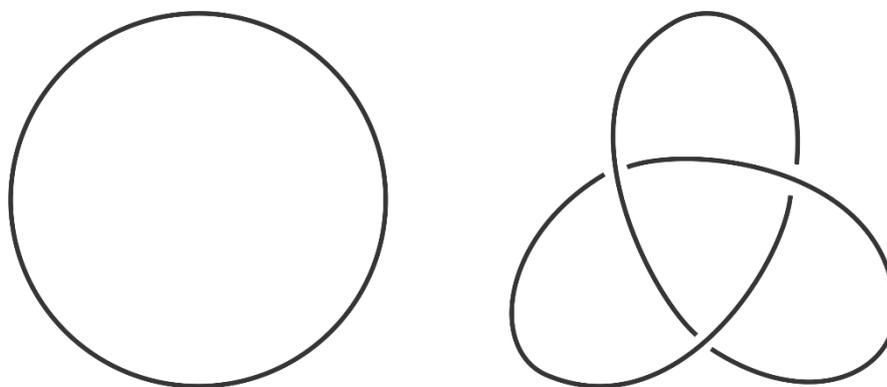


Figura 39 – Nó trivial e nó de trevo aplainados

Estes nós possuem apenas um elemento, ou um elo. Mas podemos criar cadeias com diversos elementos. A cadeia utilizada por Lacan é uma cadeia com três elos, que na Matemática é conhecida como cadeia brunniana, em homenagem a Hermann Brunn, que desenhou cadeias como estas em 1892 (Adams, 2004). Esta cadeia possui a propriedade descrita por Lacan e adotada pela família Borromeo para dizer do vínculo indissolúvel entre as famílias Borromeo, Sforza e Visconti. Em sua forma aplainada podemos vê-la da seguinte maneira (cf. também Figura 59):

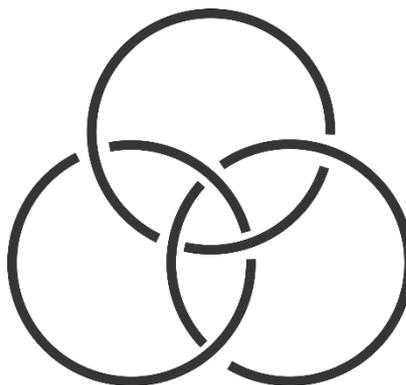


Figura 40 – Cadeia Brunniana

(Adams, 2004, p. 22)

Postas estas primeiras definições, sigamos então pelos caminhos da teorização lacaniana. Podemos supor que alguns dos principais avanços possibilitados pela topologia dos nós em relação à topologia de superfície são a facilidade de manuseio, haja vista que algumas figuras da topologia de superfície, como a garrafa de Klein e o *cross cap* são difíceis de se fabricar e manusear, e ainda assim seriam apenas aproximações, pois estas figuras necessitariam de um espaço de quatro dimensões para que possam ser realmente feitas; outra vantagem seria a possibilidade de inclusão de outro registro, o do Real, além do Imaginário e do Simbólico. A partir do *Seminário 21* Lacan (Lacan, 1973-1974/20__) nomeia suas rodinhas de barbante como RSI, mudando inclusive a ordem de aparição destes registros, que anteriormente era SIR, o que já supõe uma mudança de perspectiva, da primazia do Simbólico para a primazia do Real em sua teorização.

Com a inclusão do registro do Real há a possibilidade de se expandir a mostraçã da teoria a partir da topologia. Lembremos que na nota de 1966 acrescentada ao esquema R, Lacan diz que há algo de Real inserido no esquema, o objeto *a*, mas sua mostraçã necessita de muita abstraçã. Agora o manuseio dos nós pode facilitar a transmissã da teoria, o que é um recurso didático excelente, mas muito havia de ser desenvolvido ainda.

Se no *Seminário 21* (1973-1974/20__) Lacan desenvolve a topologia dos nós, suas diversas amarrações e configurações, as diferenças da cadeia levógira e dextrógira (cf. Figura 68 acima), entre outros, é no *Seminário 22* (1974-1975/19_) que ele trabalha mais intensamente os conceitos psicanalíticos colocados nos nós. Vejamos abaixo a figura do nó completo, com todos os conceitos já incluídos.

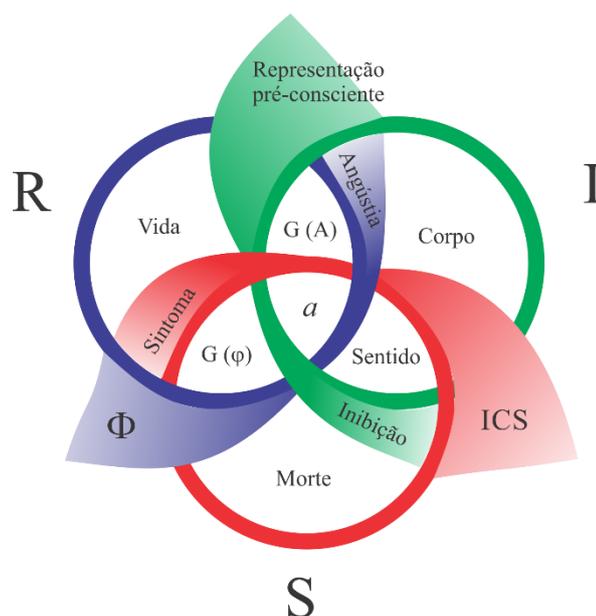


Figura 41 – Cadeia borromeana completa
(Adaptado de Godoy, 2010, p. 136)

Muitos conceitos e matemas são encontrados nesta apresentação. Vejamos cada um em separado. Temos três nós, cada um com sua cor representando um dos registros – R (azul), S (vermelho) e I (verde); também encontramos, nas interseções entre os registros, três campos de gozo, a saber, o gozo fálico $G(\varphi)$ entre o R e S; o gozo do Outro ou gozo Outro (GA) entre R e I; e o gozo do sentido, ou simplesmente o sentido, entre S e I. Ao centro, na interseção dos três registros encontramos o objeto a . Contornando os registros, mas sempre dentro de outro registro, encontramos as três nomações: o sintoma, que contorna o S e se encontra dentro de R; a angústia, que contorna R e se encontra dentro de I; e a inibição, que contorna I e se encontra dentro de S. Outras abas que contornam os registros são incluídas, mas agora elas se encaminham para a região externa aos elos. Contornando o S e passando sobre o I temos o Inconsciente; contornando o R e passando sobre o S temos o Falo simbólico (Φ); contornando o I e passando por sobre o R encontramos a representação pré-consciente⁵⁸. Por fim, encontramos dentro de cada registro as palavras *Vida* no Real; *Morte*, no Simbólico; e *Corpo* no Imaginário. Nem todos estes conceitos serão por nós abordados ao longo de nosso texto, mas sempre que se fizer necessário, faremos a apresentação dos conceitos envolvidos.

⁵⁸ Não encontramos em nenhum momento da obra lacaniana esta aba, mas a incluímos aqui em respeito ao texto de Godoy (2010).

No *Seminário 22* (1974-1975/19_), na lição do dia 18 de fevereiro de 1975, Lacan também apresenta as características de cada registro, chamando a estes de categorias. Para o Real a ex-sistência; para o Imaginário a consistência; e para o Simbólico o buraco.

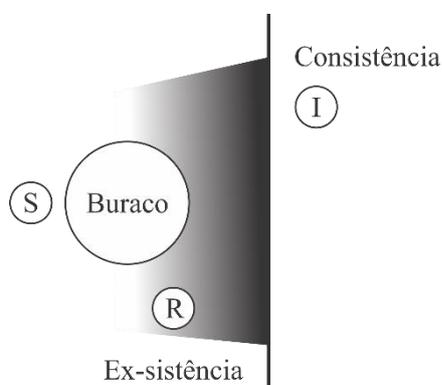


Figura 42 – Categorias dos três registros
(adaptado da lição de 11/02/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

Tais características não são coladas a cada registro, mas se referem ao posicionamento em relação ao nó. A corda do nó é o que dá consistência, assim como no interior deste nó teremos um buraco, e do lado de fora da corda há uma ex-sistência, como podemos ver em outro diagrama proposto por Lacan neste mesmo seminário:

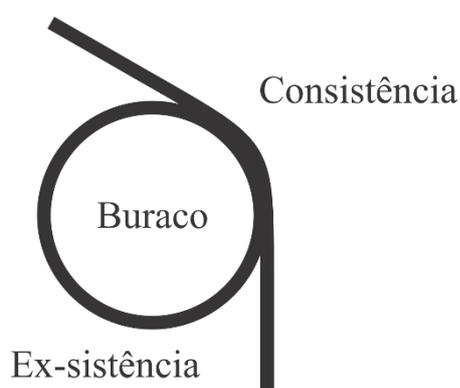


Figura 43 – Ex-sistência, consistência, buraco
(adaptado da lição de 21/01/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

A aproximação entre os registros (Real, Simbólico e Imaginário) e suas respectivas categorias (ex-sistência, buraco e consistência) é apresentada por Lacan ainda na lição deste mesmo dia: “donde a interrogação que fiz da última vez, de saber se não havia correspondência

entre a consistência, a ex-sistência e o buraco de cada um dos termos que adianto como Imaginário, Simbólico e Real” (Lacan, 1974-1975/19_, p. 35).

E ainda precisamos relacionar, além de cada uma destas categorias com os registros, a propriedade que Lacan apresenta no buraco de cada um dos registros: no Imaginário o corpo, no Simbólico a morte, e no Real a vida, o que podemos encontrar nas duas passagens a seguir. Primeiramente, o buraco no registro do Imaginário, o *corpo*:

o que suporta o corpo é outra coisa, é a linha, a linha da consistência. Um corpo tal como esse com que vocês se suportam, é muito precisamente esse algo que, para vocês, tem o aspecto de ser o que resiste, o que consiste antes de se dissolver (Lacan, 1974-1975/19_, p. 36).

Para os buracos do Real e do Simbólico temos, respectivamente a *vida* e a *morte*. E que podemos encontrar na seguinte fala de Lacan:

quais são os buracos que constituem, por um lado, o Real, e por outro, o Simbólico? É o que, seguramente, será preciso examinar de muito perto. Pois alguma coisa abre-se a nós que, de alguma forma, parece evidente: esse buraco do Real, a se designar como vida. Foi, igualmente, uma vertigem a que o próprio Freud não resistiu, opondo instintos de vida aos instintos de morte (Lacan, 1974-1975/19_, p. 12).

Ao fim destas aproximações, podemos destacar as seguintes relações: para o registro do Real temos a ex-sistência e a vida; para o registro do Simbólico, o buraco e a morte; e para o registro do Imaginário, a consistência e o corpo. Com estes pontos podemos extrair várias afirmações que decorrem da apresentação da cadeia borromeana aplainada, acrescida destes pontos, como apresentamos anteriormente (cf. Figura 41 acima). Como exemplo, podemos tomar o campo do sentido como ex-sistente ao Real para dizer que o Real é sem sentido; podemos tomar a morte como aquilo que faz buraco no Simbólico, o que nos leva a pensar a morte como algo não simbolizável, próximo às interpretações freudianas de seu esquecimento do nome de *Signorelli*, que apresenta a morte como o último senhor (*Her, Signor*, respectivamente, *senhor* em alemão e italiano) (Freud, 1901/1996, pp. 19-25); ou o corpo, a rodela mesmo de barbante, como o que dá consistência ao Imaginário, assim como ao Real e ao Simbólico.

Não nos demoraremos mais neste tema, mas podemos finalizar, a título de conclusão, que com a proposta da teoria das categorias (cf. item 3.3.1 acima), Lacan pode avançar muito em sua forma de mostrar as relações que existem entre os registros da cadeia borromeana acrescida dos campos de gozo, nomações e outros elementos mais. As relações

podem ser inerentes ao próprio registro (a consistência e a corda mesmo do elo), extrínsecas ao registro (a ex-sistência em relação ao elo) ou intrínsecas (o buraco em cada elo); assim como entre os próprios elementos (os três campos de gozo entre si, ou as três formas de nominação).

A proposta da teoria dos conjuntos não é invalidada, afinal, ainda podemos pensar em maneiras de organizar enlaçamentos neuróticos e psicóticos, pensando na pertinência ou não do Nome-do-Pai em relação às cadeias, mas a forma de mostraçãõ se torna muito mais ampla. Tais desenvolvimentos serão abordados futuramente quando tratarmos mais detidamente da proposta de uma clínica nodal (cf. item 5 abaixo) e também ao buscarmos uma análise do caso do Homem dos Lobos como exemplo de nossa proposta (cf. item 7 abaixo).

4 A REALIDADE EM PSICANÁLISE

O que é a realidade? Esta sem dúvida é a grande pergunta de nosso trabalho. A grande dificuldade em se obter uma resposta mais direta é que o conceito do que é realidade varia de acordo com os diferentes discursos e teorias em seus respectivos momentos históricos, sem que uma discussão sobre o que é a realidade em si mesma seja feita efetivamente por quase ninguém, talvez porque consideremos óbvio o que é a realidade. Ainda assim, esta suposta obviedade do que seria a realidade nos traz uma dificuldade especial em abordar tal tema, pois utilizamos a palavra realidade em diversos contextos sem sequer nos questionarmos o sentido do que estamos dizendo.

Outra dificuldade de obtenção da resposta direta se dá devido à proximidade de nossa noção de realidade e nossa noção de verdade e também de existência das coisas no mundo externo. Ainda que possamos utilizar expressões como *na realidade* e *na verdade* como sinônimas, as palavras que participam da construção destas expressões não são sinônimas, ainda que isto não nos pareça óbvio. E simplesmente por levantar esta questão já nos surgem outras, como a possibilidade de realidades falsas.

Com pequenas conjecturas como estas, ainda muito iniciais, podemos notar que o tema não é assim tão óbvio quanto parece, e também que contém em si uma complexidade que não é muito levada em consideração quando se discute o assunto. Todos estes pontos apenas trazem sombras para o tema sobre o qual buscamos aqui lançar luz, ainda que esta luz seja lançada de maneira gradual, para que só mais ao fim possamos vislumbrar algo mais claro.

Para nos aproximarmos então de nossa resposta definitiva, teremos que fazer novamente um caminho que nasce nas teorias mais gerais sobre a realidade e depois compará-las à proposta psicanalítica, sempre fazendo o percurso de Freud a Lacan. Começamos então por um apanhado geral sobre algumas visões do que seria a realidade, no senso comum e na Filosofia.

4.1 A REALIDADE – GENERALIDADES

Retomemos nossa pergunta: o que é a realidade? A resposta mais direta, mas não a mais precisa a esta pergunta nos leva a pensar como algo que está fora de nós, fora de nosso

pensamento ou, simplesmente, no mundo externo. Assim sendo, nosso pensamento seria verdadeiro quando ele se adequa à realidade. Se penso que o que tenho à minha frente é uma mesa e existe uma mesa real à minha frente, então meu pensamento está correto. Entretanto esta frase supõe outras noções como a noção do que é real (atentemos para o fato de que aqui não estamos discutindo o registro do Real de Lacan).

Temos então uma primeira definição de realidade, que podemos encontrar em nossos dicionários como vinda do latim *realitate*, “qualidade de real; aquilo que existe efetivamente, real” (Ferreira, 2009, p. 1703). A realidade seria então um adjetivo, uma qualidade daquilo que é real, ou mesmo aquilo que é real enquanto existência das coisas, o que concorda com a definição de Lalande (1999) de que a realidade é a característica daquilo que é real, ou mais diretamente, o que é real, quer o consideremos em parte (um elemento, uma realidade) ou como um todo (a realidade).

A definição de Abbagnano (2007, p. 831) é bem mais extensa e diz que “em seu significado próprio e específico, este termo indica o modo de ser das coisas existentes fora da mente humana ou independentemente dela”. A própria palavra realidade seria uma derivação do latim *realitas*⁵⁹ e foi cunhada no fim da Escolástica por Duns Scot (Abbagnano, 2007), tem estreita relação com outra palavra latina: *res*, que significa ação realizada, coisa, fato, realidade ou o que existe (Faria, 1962). Desta forma ela se opõe à idealidade, como aquilo que estaria apenas em nosso pensamento.

Assim teríamos uma oposição entre o que é real e tem como qualidade a realidade; e o que é ideal e tem como qualidade a idealidade. Com esta proposta temos dois mundos distintos que podem ou não depender um do outro. Um dos mundos teria a propriedade de ser material, físico, ou outro seria um mundo psíquico, de pensamento. Estes mundos se tocariam em algum momento? Teriam entre eles algum tipo de fronteira ou interseção?

A discussão pode ainda ficar mais acirrada se atribuímos realidade ao pensamento, ou às ideias (ideias aqui não no sentido platônico), afinal, para que a Matemática possa existir e servir de suporte para a Física, é necessário que existam os números, e estes são ideias.

Buscando um maior entendimento, precisamos então nos aproximar das teorias que tratam da realidade, e para isto podemos pensar em duas grandes correntes, ainda que elas se subdividam em outras, mas que, grosso modo, podemos separar em *Idealismo* e *Realismo*, sendo a primeira mais afeita ao mundo interno e a segunda mais afeita ao mundo externo. Estas

⁵⁹ Notemos que os dicionários de português (Ferreira) e Filosofia (Abbagnano) trazem etimologias diferentes para a palavra realidade, ainda que muito próximas. Não entraremos no mérito desta questão.

são duas grandes correntes da Filosofia que mantêm um embate histórico, o qual nem de longe pensamos em resolver aqui, mesmo porque nosso trabalho não tem como foco a Filosofia, mas apenas usa de seus recursos como parte de nosso método, tomando alguns de seus fundamentos como base para a discussão psicanalítica. Vejamos cada uma destas correntes em separado, de maneira breve.

4.1.1 Sujeito sem mundo e mundo sem sujeito

A expressão *sujeito sem mundo* (ou *sujeito desmundanizado*, como surge na tradução por nós adotada) foi utilizada por Heidegger quando este tratou da realidade e da existência do mundo externo. Segundo este filósofo, “*fé* na realidade do ‘mundo exterior’, legítima ou ilegítima, *provar* esta realidade, seja de modo suficiente ou insuficiente, *pressupor* essa realidade, implícita ou explicitamente [...] pressupõe de início um sujeito *desmundanizado*” (2005, p. 272, grifos do autor).

Tomamos então de empréstimo sua expressão para nos referirmos às duas grandes correntes que dividem a Filosofia no que tange à realidade – o Idealismo (sujeito sem mundo) e o Realismo (mundo sem sujeito), mesmo que saibamos que estas expressões se tornam rótulos muito rasos e generalistas para definir tais correntes. Ainda assim elas podem nos ajudar a vislumbrar de maneira simples, as principais diferenças entre tais correntes. Começemos pelo Idealismo.

De maneira bastante geral, podemos dizer que o Idealismo é uma “tendência filosófica que consiste em reduzir toda existência ao pensamento” (Lalande, 1999, p. 487). É claro que não é algo assim tão simples definir uma corrente filosófica em poucas palavras, mas esta talvez seja a essência do Idealismo. Não seria interessante neste momento fazer uma longa explanação sobre os principais autores ou divisões do Idealismo, mas podemos trazer um exemplo bastante conhecido para nos auxiliar, o qual já foi utilizado anteriormente de maneira breve (cf. item 2.3.2 acima). Iremos retomar seus principais passos de maneira quase esquemática.

Tomemos novamente a obra mestra de Descartes, com a qual se “inauguram a preeminência do sujeito e o próprio idealismo” (Huisman, 2000, p. 365) – as *Meditações metafísicas* (Descartes, 2005). Em número de seis meditações, elas seguem uma ordem geométrica analítica, vão do efeito (o que conhecemos a princípio), para a causa (Deus).

A primeira das meditações (*Das coisas que se podem colocar em dúvida*) vem questionar nossos sentidos, afinal tudo o que conhecemos nos veio dos sentidos ou pelos sentidos. Aqui temos a famosa dúvida metódica cartesiana que nos propõe três grandes argumentos contra a confiabilidade de nossos sentidos: podemos estar loucos (nossos sentidos nos enganam); podemos estar sonhando; e pode haver um gênio enganador que nos faz crer em coisas que na verdade não existem como podemos sentir⁶⁰. Só tenho consciência, portanto, da incerteza das coisas.

Na segunda meditação (*Da natureza do espírito humano e de que ele é mais fácil de conhecer do que o corpo*) surge o cógito: *Penso, logo sou*. Esta é a única certeza que posso ter por mim mesmo – sou uma coisa pensante [*res cogitans*], nem mesmo o gênio enganador pode me enganar quanto a isto. Esta certeza nos conduz ao solipsismo cartesiano (do latim [*ego*] *solus ipse*, algo como *somente eu existo*), e isto poderia encerrar nosso mundo em nós mesmos desprezando todo o restante, um idealismo absoluto.

A terceira meditação (*De Deus, que ele existe*) tenta escapar do solipsismo. Parte de que tenho em mim a ideia de infinito, uma ideia maior que eu mesmo, pois sou finito e imperfeito. Se existe a infinitude e a perfeição fora de mim, então deve haver algo que tenha tanta perfeição e infinitude como esta ideia que eu possuo. Esta é a primeira prova da existência de Deus por Descartes. Segue disto que, como sou imperfeito e tenho a ideia da perfeição, não posso ser o autor de minha própria existência, o que para o filósofo consiste na segunda prova da existência de Deus. Consequentemente, se Deus é perfeito, não pode querer me enganar. Está posta, portanto, a possibilidade do conhecimento por parte dos homens.

A quarta meditação (*Do verdadeiro e do falso*) traz uma importante questão: se Deus garante a clareza e distinção de minhas ideias, como posso cometer erros? A resposta é que podemos fazer mau uso de nossas faculdades, e com isto afirmar ideias que não são claras e distintas, sendo eu mesmo então responsável por meus erros.

Na quinta meditação (*Da essência das coisas materiais e, mais uma vez, de Deus, que ele existe*) Descartes apresenta uma nova prova da existência de Deus, agora a partir de uma dedução: se Deus é perfeito, ele tem que existir, pois se lhe faltasse a existência, Ele não seria perfeito. Temos uma prova da existência de Deus pelo puro raciocínio, por pura dedução, seguindo a analogia com as figuras geométricas, das quais posso deduzir diversos pontos de sua

⁶⁰ É curioso pensar que os primeiros grandes livros de Freud se referem, em sequência, à loucura – *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1893-1895/1996), aos sonhos – *A significação dos sonhos* (1900/1996), e a algo que pode me enganar todos os dias, o Inconsciente, quase como um gênio enganador – *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (Freud, 1901/1996).

simples definição (um triângulo tem três lados e a soma de seus ângulos internos é igual a 180°, por exemplo). Este Deus existente então garante, como foi dito a partir da terceira meditação, a existência das essências das coisas materiais.

Por fim, na sexta meditação (*Da existência das coisas materiais e da distinção real entre a alma e o corpo do homem*) Descartes volta a questionar a segurança de nossos sentidos, mas Deus precisaria ser enganador para que fosse falsa nossa inclinação de atribuir impressões aos corpos fora de nós. Os sentidos continuam a ser fonte não segura, mas a existência e perfeição de Deus nos garantem a possibilidade de conhecer o mundo externo, desde que chegemos a ideias claras e distintas. Nesta meditação também aparece o argumento que diferencia a alma do corpo.

Vemos com esta caminhada argumentativa que Descartes parte apenas do pensamento para provar a existência das coisas materiais fora de nós. Por isto este é o texto inaugural do Idealismo. Há um claro dualismo (a relação entre pensamento e mundo exterior não é necessária, eles podem existir independentes um do outro), que é conhecido como o dualismo alma/corpo cartesiano, com um forte predomínio da alma. É a possibilidade de um sujeito sem mundo, retomando a expressão de Heidegger.

Partamos agora para o outro lado, o Realismo. Esta corrente também tem muitas subdivisões e, de maneira bem simplificada, supõe a existência do mundo material⁶¹ independente do pensamento. Temos um grande nome do Realismo bem próximo a nós, o argentino Mario Bunge, que nos traz, bem resumidamente, as principais propostas do Realismo e suas subdivisões. Tais propostas podem ser todas conhecidas a partir das sete teses apresentadas em seu livro *Caçando a realidade* (Bunge, 2010, pp. 58-59, grifos do autor):

1. *Realismo ontológico*: o mundo externo existe independente do sujeito cognoscente.
2. *Realismo epistemológico*:
 - (a) o mundo pode ser conhecido;
 - (b) todo conhecimento dos fatos é incompleto e falível, e boa parte dele é indireto.
3. *Realismo semântico*:
 - (a) algumas proposições se referem aos fatos (ou versam sobre os fatos);
 - (b) algumas de tais proposições (factuais) são aproximadamente verdadeiras;
 - (c) em princípio, todas as aproximações são perfectíveis.
4. *Realismo metodológico*: a melhor estratégia para explorar o mundo é o método científico (*cientismo*)
5. *Realismo axiológico*: existem valores objetivos, como saúde, conhecimento, segurança, paz, proteção ambiental e beleza.

⁶¹ Daí ser chamada também de materialismo por alguns teóricos, como por exemplo, Lenin (Abbagnano, 2007).

6. *Realismo moral*: existem (a) fatos morais, como ações generosas, e outras egoístas; e (b) verdadeiros princípios morais, tais como “Direitos, para serem legitimados e respeitados, devem ser equilibrados pelos deveres” e “Solidariedade e democracia favorecem a coexistência”.

7. *Realismo prático*: há objetivos <metas-médias> pares, tais como <trabalho, bem-estar>, <conhecimento, eficiência> e <participação, democracia>.

Podemos também, a partir destas teses, agrupar outras correntes do realismo: o realismo ingênuo que toma como base as teses 1, 2a e 3a; o realismo crítico que se baseia nas três primeiras teses completas; o realismo científico, do qual Mario Bunge é um representante e que tem como característica forte a tese 4. Basta a primeira tese para que possamos retomar a expressão heideggeriana, agora invertida por nós, para termos um mundo sem sujeito.

Por fim, podemos dizer que o consenso entre quais autores são idealistas ou realistas não é bem claro, assim como de que se fala quando se trata de algo real ou ideal. Como exemplo desta confusão tomamos Platão, que ora é considerado idealista por tratar das Ideias, ora realista por acreditar que as Ideias são mais reais que as coisas do mundo, as quais seriam meras cópias das Ideias platônicas.

Posta esta apresentação de dois claros dualismos que conferem primazia ora o mundo interno (o Idealismo – sujeito sem mundo), ora o mundo externo (o Realismo – mundo sem sujeito), podemos deixar estas primeiras posições sobre a realidade e passar a tratá-las agora no campo que mais nos interessa: a Psicanálise.

4.2 A REALIDADE EM FREUD

Após passarmos em vista a questão dos opostos em Freud (cf. item 2.3 acima), fomos levados à nossa posição de que estes opostos se apresentam como dualidades em permanente conflito, e com isto localizamos dentre estas dualidades o conflito entre o mundo interno e o mundo externo. O caminho a seguir foi trilhado entre duas grandes correntes filosóficas antagônicas que apresentam o par mundo interno X mundo externo como as duas faces de um dualismo – o idealismo e o realismo (cf. item 4.1.1 acima) – para que finalmente pudéssemos focar no tema da realidade em Freud.

Surgem então alguns problemas. Poderíamos pensar Freud como um pensador idealista? Poderíamos supor um realismo do Inconsciente, tal qual alguns imputam às Ideias de Platão?

Responder a tais questões pode nos fazer pensar em Freud como alguém que tentou superar esta dicotomia – idealismo X realismo – a partir de suas teorizações do aparelho psíquico. Deixamos então desde já marcada nossa posição: não há em Freud um sujeito sem mundo, tampouco um mundo sem sujeito. Temos novamente, seguindo nossa posição inicial, uma dualidade, um permanente conflito. Tomemos cada uma das questões em separado.

Primeiro a questão de um Freud idealista. Um leitor de Freud que desconhecesse os fundamentos da Psicanálise poderia, a princípio, tomar a seguinte posição: “Freud é um idealista pois o que importa é o Inconsciente e a realidade psíquica. Ainda que haja uma relação com a realidade material, esta seria inferior em termos de importância”. Entretanto, um olhar mais atento terá que buscar respostas mais específicas.

Um dos pontos que mais atrai para Freud um possível rótulo de idealista seria sua proposta de que o Inconsciente trabalha com representações, e não com os objetos do mundo externo. Mas a teoria das representações de Freud não funciona desta maneira, e podemos ver este tema muito bem trabalhado por Garcia-Roza que segue a linha argumentativa que tomamos agora como referência.

De início, Garcia-Roza (1991) traz a filiação teórica de Freud no que diz respeito à teoria das representações: Brentano. Este lecionava um curso de lógica aristotélica na Universidade de Viena que foi frequentado por dois anos pelo jovem Freud estudante de medicina. Desta filiação Freud trouxe as ideias de que o psíquico não é um epifenômeno do fisiológico ou, em outras palavras, que o fisiológico, enquanto possível causa, não tem como efeito o psíquico. As duas correntes seguem em paralelo, diferentes e irredutíveis uma à outra.

Brentano também utilizava o termo representação [*Vorstellung*], mas não no sentido do objeto representado, mas sim do ato de representar, lembrando que todo ato de representar traz consigo um objeto representado. Entretanto, esta relação entre o ato de representar e o objeto representado independem da coisa [*Ding*] real, com a qual geralmente supomos haver uma referência direta. Isto nos leva ao fato de que o sentido de uma representação decorre de sua relação com outras representações, e não com a coisa mesma. Entretanto,

essa independência da representação com relação ao objeto não implica a aceitação da tese idealista que nega a existência do objeto externo à consciência. [...] Se o significado de uma *Vorstellung*, no caso uma *Objektvorstellung* (representação-objeto), resulta não da sua relação com a coisa (*Ding*) mas da relação entre as próprias *Vorstellungen*, então não estamos mais no registro da representação entendida como entidade psicológica pura e simples, mas sim no registro do significante (Garcia-Roza, 1991, pp. 55-56).

Garcia-Roza também nos apresenta um esquema da visão de Brentano:

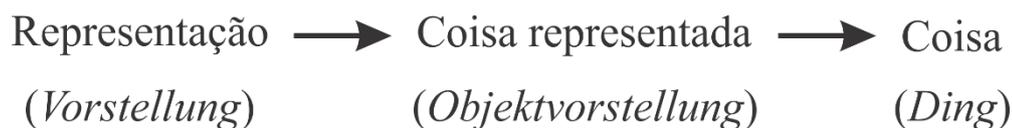


Figura 44 – Esquema da representação para Brentano

(Garcia-Roza, 1991, p. 58)

Em um primeiro momento, para Brentano, a representação e a coisa representada formam o registro do psíquico, enquanto a coisa pertence ao registro do mundo externo. Seria esta coisa que forneceria o significado do objeto representado [*Objektvorstellung*]. Após algumas críticas esta posição inicial muda levemente, não sendo mais as coisas que fornecem significado ao objeto representado, mas sim a relação que as representações mantêm entre si. Este ponto é extremamente importante, pois com isto podemos pensar que a representação de um centauro, um objeto não-real, tem tanta significação quanto a da mesa que tenho à minha frente enquanto escrevo este texto (Garcia-Roza, 1991).

Este é o suporte da teoria freudiana das representações que inicia na monografia *Sobre a concepção das afasias* (Freud, 1891/2014), passa pelo *Esboço de uma psicologia* (Freud, 1950 [1895]/1996), e ganha força paulatinamente ao longo da construção teórica da Psicanálise.

Uma versão bem mais elaborada é apresentada por Freud em seu texto sobre *O inconsciente* (Freud, 1915b/1996). Lá encontramos algo bem próximo da proposta de Brentano. Entretanto Freud utiliza outras palavras – *Wortvorstellung* (representação-palavra) e *Sachvorstellung* (representação-coisa)⁶². Na leitura feita por Garcia-Roza (2000), este autor utiliza o termo *Objektvorstellung* (representação-objeto), parecendo se referir ao *Sachvorstellung* freudiano. O sentido dado por Garcia-Roza em seu comentário é exatamente o mesmo do de Freud. Por isto, tomaremos neste momento as duas palavras como uma só, traduzindo-as como representação-coisa, pois o que nos interessa aqui é o funcionamento da teoria das representações.

Segundo Freud (1915b/1996), no Inconsciente apenas encontraríamos a representação-coisa, enquanto que no Consciente teríamos a representação-coisa mais a representação-palavra. O importante é notar que as duas formas são representações e não se referem diretamente à coisa [*Ding*] externa. Seguindo Garcia-Roza (2000) podemos dizer que representação-coisa para Freud é um conjunto de associações de objeto (imagens visuais, acústicas, táteis, etc.) que darão lugar à representação-coisa. Frisamos com isto que as

⁶² Um estudo mais aprofundado dos termos utilizados por Freud ao tratar das representações no texto sobre *O inconsciente* é apresentado por nós adiante (cf. item 5.1 abaixo).

associações de objeto dão à representação-coisa sua matéria prima. Podemos dizer que o objeto (aqui falamos tanto de *Objektvorstellung* quanto de *Sachvorstellung*) extrai seus elementos sensíveis da coisa [*Ding*]. Este é o ponto de ligação entre o mundo externo e o interno.

A representação-palavra é uma representação complexa, formada por diversas representações mais simples como imagens acústicas da palavra, imagem motora, imagem da leitura e da escrita. Estas duas formas, representação-palavra e representação-coisa, acabam se aproximando muito do par saussureano significante e significado, que foi tomado por Lacan anos mais tarde em seu primeiro ensino (Garcia-Roza, 2000)⁶³.

Por fim, vemos que Freud não é um idealista. Ainda que o Inconsciente trabalhe com representações, há um laço indelével com a coisa, externa ao psiquismo. Esta relação mantém o conflito entre o externo e o interno. Mas ainda nos resta o outro lado. Seria Freud um realista, desde que pensemos em um realismo do Inconsciente?

Este é um ponto difícil de ser tratado e que também é muito bem trabalhado por Garcia-Roza (2000). Segundo este autor, há dois posicionamentos distintos, opostos, e ambos se dizem fiéis a Freud. Um deles seria o posicionamento laplancheano, de um Inconsciente individual, interno a cada um, bem próximo do que apresentamos sobre Freud (cf. item 2.3.2 acima), ainda que com algumas diferenças. Na versão laplancheana teríamos um Inconsciente localizado dentro de cada um, um Inconsciente com um realismo mais concreto, situado “na cabeça de cada indivíduo” (Laplanche, 1992, p. 115). Este ponto discorda das palavras de Freud que temos a seguir, quando este trata das características do Inconsciente: “no que se refere às suas características físicas, elas nos são totalmente inacessíveis: nenhum conceito fisiológico ou processo químico pode dar-nos qualquer ideia a respeito de sua natureza” (Freud, 1915b/1996, p. 173)⁶⁴.

⁶³ Garcia-Roza extrai estas observações da monografia freudiana sobre as afasias, que citamos aqui em duas boas traduções: uma, traduzida por Renata Dias Mundt, com comentários do próprio Garcia-Roza (Freud, 1891/2014), e outra com tradução de Emiliano de Brito Rossi, incluída na coleção das *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Freud, 1891/2016).

⁶⁴ Aqui temos um erro grosseiro de tradução. Chamamos de erro grosseiro porque não é algo como uma escolha do tradutor (tal como traduzir a palavra alemã *Trieb* por instinto, ou *Verdrängung* por repressão), mas um erro que realmente muda o sentido do texto tornando-o incompreensível. Nas versões da *Edição Standard* brasileira encontramos a seguinte frase para tratar desta parte: “nenhum conceito psicológico ou processo químico pode dar-nos qualquer ideia a respeito de sua natureza”. Com isto temos que o Inconsciente não pode ser apreendido nem pela Química (medicina, biologia e tantas outras disciplinas que fazem uso da Química) nem mesmo pelo psiquismo (Psicologia e até mesmo a Psicanálise). Isto torna o Inconsciente absolutamente inapreensível. Contudo, ao buscarmos o texto alemão original encontramos a seguinte frase: “*keine physiologische Vorstellung, kein chemischer Prozeß kann uns eine Ahnung von ihr em Wesen vermitteln*” (Freud, 1915a/1999, pp. 266-267). Não é necessário conhecimento da língua alemã para notar que Freud se refere à Fisiologia e Química, como podemos notar nas palavras sublinhadas.

O outro ponto de vista é o lacaniano, que diz de um Inconsciente que se apresenta na relação transferencial entre analista e analisando. É um Inconsciente de linguagem, que nos atravessa. Sobre esta apresentação teremos uma apresentação bem mais detalhada adiante (cf. item 4.3 abaixo).

Desta maneira, ainda que possamos conferir algum realismo ao Inconsciente, este realismo não seria fisiológico, localizável no cérebro ou em qualquer outra parte do corpo. Talvez pudéssemos pensar no realismo do Inconsciente muito mais como os matemáticos contemporâneos pensam as formas e verdades matemáticas como não criadas pelo cientista, mas descobertas (Lalande, 1999).

Tomando então os dois pontos podemos manter nossa hipótese de que Freud não seria estritamente nem idealista nem realista, mas tentaria uma superação destes pontos de vista. Com este posicionamento adicionado aos anteriores (dualidade e conflitualidade das realidades e postulação de dois mundos distintos, um interno e outro externo), podemos finalmente apresentar a maneira freudiana de construir sua proposta de realidade.

4.2.1 O ponto de partida da realidade

A última frase do texto *A perda da realidade na neurose e na psicose* de Freud (1924/1996, p. 209, grifos do autor) diz que “tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas também a um *substituto para a realidade*”. Isto nos traz dois pontos importantes, que coincidem com os grifos de Freud: primeiro que há uma realidade que foi perdida; segundo que precisamos de alguma forma encontrar um substituto para esta realidade perdida. Pensando então retroativamente, estas questões dizem que a realidade na qual acreditamos neste exato momento de nossas vidas é um substituto para uma realidade que perdemos em algum momento anterior. Mas como seria esta realidade inicial que foi perdida? Por que a perdemos? Como isto ocorreu?

O ponto inicial para as respostas a estas perguntas encontra-se no texto freudiano *A negação*⁶⁵ (Freud, 1925/1996). Este talvez seja um dos menores textos de Freud (apenas nove parágrafos), porém, é de uma densidade impressionante, pois condensa em poucas páginas

⁶⁵ Título na Edição Standard Brasileira: *A negativa*.

décadas de teorização. O ponto central deste texto é a função intelectual do juízo. Vejamos como Freud apresenta esta função seguindo sua argumentação⁶⁶.

Logo na primeira linha do texto há uma palavra que nos indica o caminho que Freud trilha ao longo de seu curto texto: ideia⁶⁷. Uma ideia ocorre subitamente ao paciente e este prontamente a nega, pois ela parece ser algo estranho ao restante do discurso. A recusa do paciente à ideia que lhe ocorreu é o sinal de que o recalque foi suspenso por um breve instante e tal conteúdo pode se manter na consciência sob a condição de ser negado. A partir de exemplos clínicos, Freud passa a discutir a função intelectual do juízo [*Urteil*], que seria afirmar [*bejahen*] ou negar [*verneinen*] os conteúdos do pensamento. A condenação [*Verurteilung*] de um conteúdo é o substituto do recalque. Freud diz que é sua marca, algo como um *made in Germany* (Freud, 1925/1996).

No parágrafo seguinte Freud imputará duas decisões ao juízo: a primeira é atribuir ou não reconhecer [*zu- oder absprechen*] uma qualidade a uma coisa [*Ding*]. Esta atribuição de tal qualidade (boa ou má, proveitosa ou nociva) faz com que o Eu-prazer [*Lust-Ich*] original decida-se por incluir ou expulsar tal coisa. O que for bom e proveitoso será aceito em mim, introjetado [*introjizieren*]; o que for mau será lançado fora [*werfen*] de mim. Para o Eu-prazer, “o mau, o que é estranho ao eu, o que se encontra fora, lhe é em princípio idêntico” (Freud, 1925/1999, p. 13, tradução nossa⁶⁸). Todas estas três formas serão expulsas.

A segunda decisão é a que mais nos interessa. Há agora o Eu-real [*Real-Ich*] definitivo, que decorre do Eu-prazer original, e que deve decidir sobre a existência real de uma coisa representada – surge a prova de realidade [*Realitätsprüfung*]. A questão não é mais como na primeira decisão, se uma coisa percebida deva ou não ser acolhida no eu, mas sim se algo que existe no eu como uma representação pode ser reencontrado [*wiedergefunden*] na percepção, e então, logo após a palavra percepção, Freud coloca entre parêntese o termo realidade [*Realität*]. Vemos nesta passagem que Freud atribui realidade ao mundo externo que pode ser percebido.

⁶⁶ Por ser um texto fundamental para nossa argumentação, usaremos as versões da Edição Standard Brasileira (Freud, 1925/1996); a versão de Luiz Hanns (Freud, 1925/2007); a tradução proposta por Vidal (1988), sendo esta a mais fiel; e o original alemão (Freud, 1925/1999) ao longo da apresentação deste texto. Em cada momento decidiremos pela tradução que melhor se aproximar do original freudiano, incluindo traduções nossas do texto original.

⁶⁷ O texto original traz a seguinte frase: “*Die Art, wie unsere Patienten ihre Einfälle während der analytischen Arbeit vorbringen*” (Freud, 1925/1999, p. 11, grifo nosso). A palavra sublinhada no texto, *Einfälle*, traduzida na Edição Standard Brasileira (Freud, 1925/1996) por associação, e em outras traduções, como a de Luiz Hanns (Freud, 1925/2007) e a de Vidal (1988), por ideia, tem na verdade o sentido de um pensamento súbito, uma ocorrência repentina. A etimologia de tal palavra tem a primeira parte, *ein*, no sentido de dentro; e a segunda, *fall*, como substantivação do verbo *fallen*, cair. A conotação é de uma ideia que cai em nosso pensamento, sem que eu tenha controle de tal ideia (Hanns, 1996).

⁶⁸ No original alemão: “*Das Schlechte, das dem Ich Fremde, das Außenbefindliche, ist ihm zunächst identisch*”.

A realidade se aproximaria assim da qualidade do que é real, tal como nossas definições de dicionário (cf. citação de Ferreira bem ao início do item 4.1 acima).

Logo após, ainda no mesmo parágrafo, há uma frase que merece ser discutida: “O não-real, meramente representado, subjetivo, está apenas dentro; o outro, real, também está disponível lá fora” (Freud, 1925/1999, p. 13, tradução nossa⁶⁹). A questão fora e dentro [*Außen und Innen*] se impõe. A primeira parte da frase parece bastante óbvia – o que é subjetivo e representado está apenas dentro. Não requer maiores detalhamentos. Mas o que dizer da palavra *também* [*auch*] no segundo trecho? O real, objetivo está também disponível lá fora? Nesta frase como um todo temos a seguinte configuração: o representado está apenas dentro, o real está dentro e fora. Estaria Freud dizendo da relação da *Sachvorstellung* (ou *Objektvorstellung*) com a coisa [*Ding*]? Este ponto não fica claro no texto freudiano, mas parece que a aproximação entre a *Sachvorstellung* e a *Ding* é o que mantém algo de real no interior do aparelho psíquico.

Continuando a seguir a argumentação freudiana, vemos sua afirmação de que toda representação provém da percepção, bem próximo ao que nos diz a Filosofia crítica kantiana, ou a proposta de Brentano que discutimos anteriormente (cf. item 4.2 acima). Portanto, a representação é desde o início uma fiança para a realidade do que é representado. Ainda assim, para Freud, a oposição entre subjetivo e objetivo não se dá de início, mas ocorre porque o pensamento consegue tornar novamente presente, pela reprodução da representação, algo que foi outrora percebido, ainda que o objeto não exista mais lá fora. Temos então que o primeiro objetivo da prova de realidade não é averiguar se o objeto representado corresponde ao objeto real, mas sim reencontrar o objeto outrora percebido, certificando-se de sua existência. Como as *Sachvorstellungen* se encontram no Inconsciente e podem se associar a outras *Sachvorstellungen* levando em consideração as características do sistema Ics. (cf. item 2.3.2 acima), as deformações podem variar muito, sendo que a reprodução da percepção na representação nem sempre será fiel à repetição da coisa. Cabe à prova de realidade verificar até onde estas deformações se estendem.

Freud continua sua argumentação dizendo que o julgar é uma ação intelectual que põe fim à protelação do pensamento, dirigindo-se para a ação motora. Começa na percepção e se estende até a motricidade⁷⁰. Mostrando mais uma vez sua filiação teórica a Brentano, Freud

⁶⁹ No original alemão “*Das Nichtreale, bloß Vorgestellte, Subjektive, ist nur innen; das andere, Reale, auch im Draußen vorhanden*”.

⁷⁰ Podemos ver este caminho progressivo na proposta freudiana do aparelho psíquico da primeira tópica. Note-se que o sentido progressivo é o sentido da seta abaixo do esquema, indo da percepção (Pcpt) à descarga motora (M) (cf. Figura 8 acima).

propõe que a percepção não é um processo passivo, pois o Eu envia periodicamente quantidades de investimento ao sistema de percepção, provando o mundo externo.

No oitavo parágrafo, portanto, o penúltimo, há também várias afirmações primordiais para o entendimento da relação entre o subjetivo e o objetivo, e até mesmo para que possamos identificar e entender as estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão). Vejamos calmamente as frases deste parágrafo. Na primeira, Freud introduz o que vai trabalhar, falando da importância do estudo da função do juízo a partir das moções pulsionais primárias (lembramos que neste ponto da teorização freudiana já estamos no contexto da segunda tópica e, portanto, o conflito pulsional se dá entre pulsão de vida e pulsão de morte). A seguir, diz que o ato de julgar é a evolução objetivada da inclusão no eu [*Einbeziehung ins Ich*] ou expulsão do eu [*Ausstoßung aus dem Ich*], realizada, de início, conforme o princípio de prazer, e esta polaridade parece concordar com a oposição dos dois grupos de pulsão da segunda tópica. Seguindo esta última afirmação diz que “a afirmação [*Bejahung*] – como substituto da unificação – pertence a Eros, a negação [*Verneinung*] – sucessão da expulsão [*Ausstoßung*] – à pulsão de destruição” (Freud, 1925/1999, p. 15, tradução nossa⁷¹).

A seguir Freud diferencia a negação [*Verneinung*] do negativismo [*Negativismus*] típico dos psicóticos, sendo este último um sinal do desamalgamar das pulsões. A negação, por sua vez, estaria mais próxima da neurose, pois nesta, a criação do símbolo da negação [*Verneinungssymbols*] é um sinal de um primeiro grau de independência do pensamento em relação ao recalque e ao poder coercitivo do princípio de prazer.

Freud finaliza o texto dizendo como esta concepção da negação se afina com a característica do Inconsciente da não contradição. Este *não* nos é dado no Consciente como uma maneira de suspender o recalque temporariamente e apresenta, por fim, uma frase característica de alguns pacientes em análise após uma intervenção do analista: “não pensei isso” (Freud, 1925/1996, p. 269).

Finalizado o percurso argumentativo de Freud, retomemos o trecho em que Freud discute a afirmação e a expulsão. Este é um trecho extremamente sugestivo e várias leituras podem ser feitas a partir dele. Um primeiro ponto é notar que a negação se dá após a expulsão, sucedendo-a, enquanto a unificação se dá em substituição à afirmação. Daí talvez possamos supor a hipótese de protótipos dos dois grandes mecanismos do processo primário: condensação (uma metáfora na proposta lacaniana) na afirmação, e deslocamento (uma metonímia na

⁷¹ No original alemão: “*Die Bejahung — als Ersatz der Vereinigung — gehört dem Eros an, die Verneinung — Nachfolge der Ausstoßung — dem Destruktionstrieb*”.

proposta lacaniana) na negação. Podemos ainda pensar a afirmação, *Bejahung*, neste momento inicial, como o grande surgimento da metáfora paterna, uma substituição, ao menos enquanto protótipo ou condição de possibilidade.

Outro ponto que nos interessa mais proximamente é a possibilidade de discutir a gênese do aparelho psíquico freudiano como consequências da discussão deste trecho, que nos sugere que em algum momento, podemos até dizer em um momento mítico, há uma primeira divisão que cria o aparelho psíquico, instituindo a cisão entre Inconsciente e Consciente. No trecho no qual discutimos anteriormente esta primeira cisão, este momento mítico, originalmente regido pelo princípio de prazer, seria o momento em que ocorreria a afirmação e a expulsão. Mas o que se afirma? O que se expulsa? Pensamos que esta resposta varia de acordo com a estrutura subjetiva – neurose, psicose e perversão. Sabemos que neste momento da teorização freudiana ainda não havia uma distinção tão nítida destes tipos nosológicos (cf. item 2.2.1 acima), especialmente no que tange aos mecanismos de defesa específicos de cada uma delas. Isto só foi definido mais claramente por Lacan, muitos anos depois, da maneira como pensamos hoje: recalque [*Verdrängung*] para a neurose, forclusão [*Verwerfung*] para a psicose, e desmentido [*Verleugnung*] para a perversão (cf. item 2.2.2 acima).

Freud diz que o que se afirma é aquilo que é bom e proveitoso, sendo, portanto, introjetado no Eu; e o que será expulso é o que é mau, estranho ao Eu, ou o que está fora, sendo estas três formas tomadas de maneira idêntica pelo Eu. Pouco adiante Freud também diz que o primeiro objetivo da prova de realidade é reencontrar o objeto perdido. Podemos então supor que nesta primeira cisão do aparelho psíquico, em uma estrutura neurótica, o que se expulsa é o objeto, o qual será para sempre perdido, motivo de nossa incessante busca. O que afirmamos então, é nossa submissão à cultura humana. De uma maneira mais lacaniana⁷², diríamos que o neurótico afirma a lei e expulsa o objeto, o que nos levaria diretamente ao matema lacaniano do fantasma, $\$ \diamond a$, no qual temos o objeto para sempre perdido como externo ao sujeito, que agora comporta a marca de sua falta – a barra.

Na perversão tudo parece seguir aproximadamente o mesmo caminho da neurose, havendo uma diferenciação posterior, quando o perverso desmente/contesta [*verleugnen*] a castração, a perda do objeto. Com isto o perverso mantém-se dentro da lei, mas a contesta. O psicótico por sua vez, expulsa a lei e afirma o objeto, fazendo um caminho radicalmente

⁷² Diferentemente do que fizemos anteriormente (cf. item 2.2 acima), quando distinguimos a nosologia freudiana da lacaniana, neste ponto de nosso texto, ainda que comentando o texto freudiano, pensamos a nosologia da maneira lacaniana, por ser mais próxima da visão que abordamos ao longo de nosso texto (exceto em pontos em que destacamos o próprio texto freudiano), de maneira geral.

diferente das outras duas estruturas. Podemos ver estes três caminhos propostos por Lacan no esquema abaixo, ao qual acrescentamos traduções dos termos alemães e franceses:

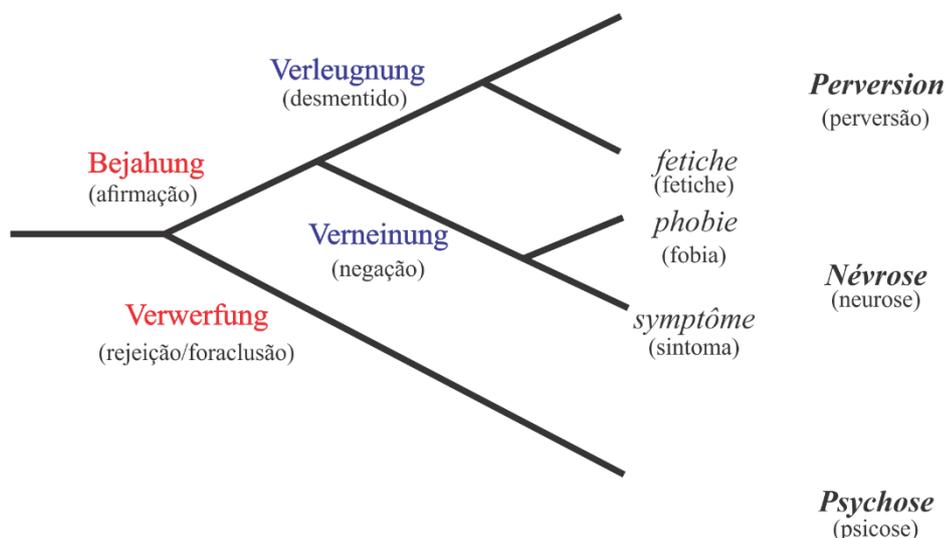


Figura 45 – A clínica diferencial em *De uma questão preliminar*
(adaptado de Skriabine, 2011, p. 270)

Skriabine apresenta tal figura como o esquema de uma clínica diferencial entre as estruturas, baseando-se no texto lacaniano *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-1958/1998). Vemos que após um momento inicial (linha horizontal) há uma bifurcação, um caminho segue em diagonal para cima e outro em diagonal para baixo. No caminho ascendente temos um primeiro desvio que nos leva à neurose, e continuando, sem o desvio, chegamos à perversão. O caminho descendente leva à psicose. Lembremos que esta é a visão lacaniana do processo, um pouco diferente da visão freudiana (cf. item 2.2.1 acima).

No esquema acima, onde se encontra a *Bejahung*, no momento mítico ao qual nos referimos anteriormente, podemos pensar que, no caminho ascendente (neurose e perversão) houve o recalque original [*Urverdrängung*⁷³]. Vejamos a descrição dada por Freud em dois momentos de seu texto sobre *O recalque*, dez anos antes do texto d'*A negação*. O primeiro:

⁷³ O prefixo *ur* acrescentado ao substantivo *Verdrängung* nos traz uma nova concepção: algo ancestral, primevo, primeiro, original; sempre lembrando que este tempo ancestral não é cronológico, apenas lógico. O mesmo prefixo é utilizado em palavras como *Urmensch* transformando a palavra *Mensch* – homem, em homem primitivo. Sabemos da existência deste homem primitivo, mas não conseguimos localizar precisamente sua existência. Tal prefixo, *ur*, também é utilizado por Freud para falar do pai primevo [*Urvater*] em *Totem e tabu*. De toda forma, é necessário dizer que não conseguimos localizar precisamente em Freud a questão de se esse momento da *Bejahung* e da *Ausstößung* seriam o mesmo momento do recalque original como fazemos em nossa aproximação, ou se o momento da *Bejahung* e da *Ausstößung* seria a condição de possibilidade do recalque original, como sugerem outras leituras.

ademais, a observação psicanalítica das neuroses de transferência leva-nos a concluir que o recalque não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início; que ele só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade anímica [*Seelentätigkeit*]⁷⁴ consciente e a inconsciente; e que a essência do recalque consiste em recusar [*Abweisung*] e manter algo à distância [*Fernhaltung*] do consciente (Freud, 1915a/1996, p. 152).

E o segundo:

temos motivos suficientes para supor que existe um recalque original [*Urverdrängung*], uma primeira fase do recalque, que consiste em negar [*versagt*] entrada no consciente ao representante psíquico (representante da representação) da pulsão [*der psychischen (Vorstellungs-) Repräsentanz des Triebes*]. Com isso, estabelece-se uma fixação; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele (Freud, 1915a/1996, p. 153).

No primeiro trecho temos a indicação feita por Freud de um momento inicial, uma cisão na atividade anímica que gera os dois lugares primordiais do aparelho psíquico: Inconsciente e Consciente. O objetivo desta cisão seria recusar e manter algo distante do Consciente. No segundo trecho ele complementa dizendo que podemos pensar então em um recalque original, primeiro momento em que algo é negado ao Consciente, criando o núcleo do Inconsciente. Como as descrições são muito próximas, no texto sobre *O recalque* e no texto sobre *A negação*, podemos inferir que este momento inicial em que há a afirmação [*Bejahung*] de algo ao mesmo tempo em que ocorre a expulsão [*Ausstößung*] de algo, é o momento do recalque original. A afirmação da lei e concomitante expulsão do objeto, o qual estará para sempre perdido, criaria o caminho ascendente do esquema de Skriabine (cf. Figura 45 acima).

O que faria a diferença entre a neurose e a perversão neste caminho? O neurótico assume a lei e em alguns momentos consegue suspendê-la, escapando à força do recalque, a partir da negação. Notemos que a palavra alemã *Verneinung* tem como radical a palavra *nein*, não, e que isto só pode ocorrer posteriormente a uma afirmação (a palavra *Bejahung* contém o radical *ja*, sim). Só podemos negar algo que já foi afirmado anteriormente.

No caso da perversão o que ocorre é um pouco diferente. O perverso não nega [*Verneinung*] a castração, a perda do objeto. Ele a contesta, desmente (cf. nota de rodapé 16 acima). Isto também é feito, de acordo com Freud, após o momento mítico do recalque original. Vejamos na pena do próprio Freud: “uma aversão, que nunca se acha ausente em fetichista

⁷⁴ Freud usa alternadamente as palavras *Seele* e *psychisch*, que poderíamos traduzir por *alma* e *psíquico*. A tradução da *Edição Standard Brasileira* opta geralmente pela palavra *mente*, nunca utilizada por Freud.

algum, aos órgãos genitais femininos reais, permanece um *stigma indelebile* do recalque que se efetuou” (1927/1996, p. 157). Vemos então que o recalque original foi efetuado na perversão, haja vista que somente se pode contestar algo que já tenha se apresentado.

Para a psicose o caminho é bastante diverso. O que se afirma é o objeto e o que se expulsa é a lei. Isto condiz claramente com a proposta lacaniana da forclusão [*Verwerfung*] do significante do Nome-do-Pai (a lei expulsa), e também com sua afirmação de que o psicótico carrega o objeto *a* no bolso⁷⁵ (o objeto afirmado).

Vejam os o mesmo esquema proposto por Skriabine, agora acrescido de nossas formulações anteriores, lembrando que o recalque original não ocorreria nas psicoses de acordo com a proposta lacaniana:

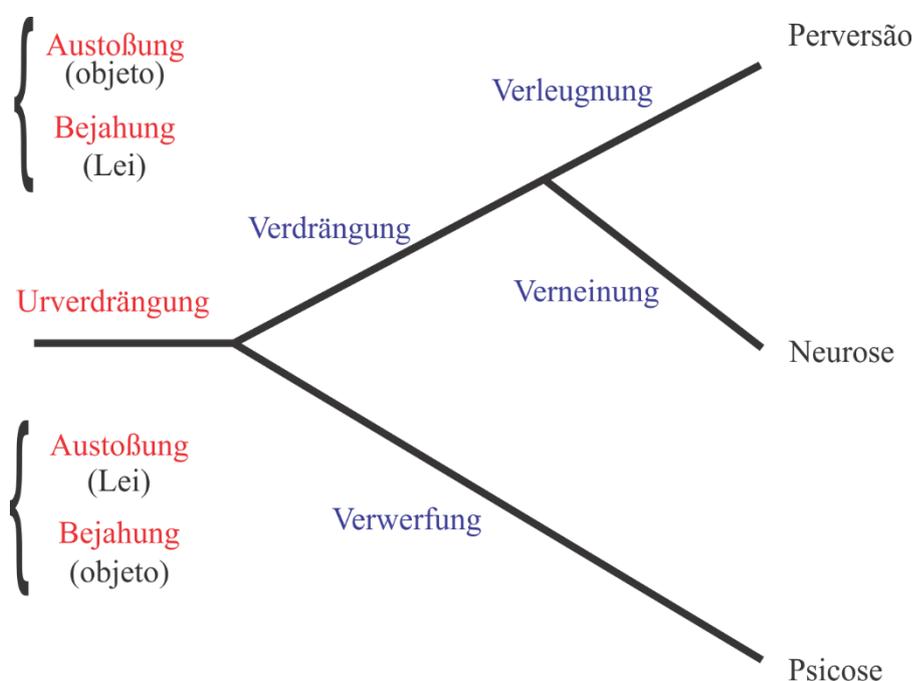


Figura 46 – Esquema de Skriabine adaptado

Temos então no nascedouro da realidade três possíveis destinos, que nos dizem de maneiras diferentes de tratar a relação com a lei e o objeto: dois pela via da fantasia/fantasma (neurose e perversão), ainda que o objeto na perversão seja tomado como fetiche, de maneira diferente da neurose que podemos, tomando como exemplo apenas a fobia, pensar como objeto

⁷⁵ Esta é uma expressão bastante difícil de ser encontrada em Lacan, pois ele não é tão direto assim. Ao dizer que o louco é realmente um homem livre, ele o compara ao bom Deus dos filósofos, que seria a causa de si mesmo, pois tem sua causa no bolso, daí ser um louco. A expressão “o psicótico carrega o objeto *a* no bolso” deriva desta construção lacaniana, ainda que ele não tenha dito isto diretamente (Lacan, 1967/2016).

do medo; e um pela via do delírio (psicose). Veremos estes pontos mais adiante ao tratarmos da perda da realidade nas diferentes estruturas (cf. item 4.2.3 abaixo).

4.2.2 A prova de realidade

A prova de realidade [*Realitätsprüfung*] é um tema que foi tratado por Freud ao longo de toda sua obra, o que se iniciou no *Esboço de uma psicologia* (1950 [1895]/1996), ainda com uma terminologia neurológica, e depois prosseguindo com uma proposta psicológica por textos como *A significação dos sonhos* (1900/1996), *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911a/1996), *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (Freud, 1917 [1915]b/1996), *A negação* (1925/1996) e outros, até ser finalizado no *Compêndio de psicanálise* (1940 [1938]a/1996). Como já tratamos deste tema no texto d'*A negação*, faremos o percurso pelos demais, seguindo a leitura de Porchat (2005), mas sempre nos referenciando na própria letra freudiana.

Primeiro o *Projeto* de 1895. Não encontramos neste texto a palavra *Realitätsprüfung*, mas podemos supor aí seu antecessor. Temos um momento bastante ilustrativo no qual Freud diferencia o pensamento crítico ou judicativo [*das erkennende oder urteilende Denken*], do pensamento reprodutivo [*das reproduzierende Denken*]. Segundo ele, o pensamento judicativo ocorre antes do reprodutivo fornecendo-lhe de antemão vias facilitadas para as futuras associações. Desta forma, “uma vez concluído o ato de pensamento, o *signo de realidade* [*Realitätszeichen*] chega à percepção, obtém-se então um *juízo de realidade* [*Realitätsurteil*], uma crença, atingindo-se com isso o objetivo de toda essa atividade” (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 385, grifos nossos).

Encontramos neste trecho dois pontos importantes: o *signo de realidade* que chega à percepção, a partir do qual estabelecemos um *juízo de realidade*. Este seria o objetivo do pensamento – estabelecer um “*estado de identidade*, a transmissão de um investimento (Q η), emanada do exterior, a um neurônio investido a partir do Eu” (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 385, grifos do autor). Esta maneira de estabelecer um juízo sobre a realidade, a partir de um signo que nos chega do mundo externo, estabelecendo uma identidade entre o pensado, representado, e o percebido não nos deixa dúvida de que estamos lidando com as primeiras formulações freudianas do que veio a ser, alguns anos depois, a prova de realidade.

Um outro exemplo, que já foi utilizado por nós anteriormente quando discutíamos o aparelho psíquico da primeira tópica (cf. item 2.3.2 acima), é apresentado por Freud poucas páginas antes da discussão anterior. Vejamos como ele segue exatamente a mesma linha argumentativa.

Suponhamos, por exemplo, que uma imagem mnêmica desejada [pela criança] seja a do seio materno com o mamilo, vistos de frente, e que a primeira percepção obtida seja uma visão lateral do mesmo objeto, sem o mamilo. Na memória da criança há uma experiência, casualmente adquirida no ato de mamar, segundo a qual a imagem frontal se converte em lateral mediante determinado movimento da cabeça. A imagem lateral agora percebida conduz [à imagem do] movimento da cabeça; um teste experimental [*ein Versuch zeigt*] mostra que o equivalente desse movimento deve ser executado para se obter a percepção da imagem frontal.

Por enquanto, ainda não há muito julgamento nisso; mas trata-se de um exemplo da possibilidade de chegar, pela reprodução dos investimentos, a uma ação que já é uma das ramificações acidentais da ação específica (Freud, 1950 [1895]/1996, p. 381).

Neste trecho vemos ainda algo mais: como tal teste realizado pelo bebê serve como um freio à alucinação. E não é um freio a uma alucinação qualquer. É um freio à alucinação do bebê em relação ao seu objeto de satisfação, o que diferencia tal fato da alucinação no sonho e na psicose. Temos então três formas de alucinação com pequenas nuances que as diferenciam. Grosso modo, as alucinações são revivescências regressivas de imagens mnêmicas inconscientes, mas que adentraram o aparelho psíquico através da percepção. Diferentemente da alucinação do objeto de satisfação do bebê, a alucinação no sonho tem seu acesso à via motora vedado, enquanto no psicótico o que há é um rompimento entre o Eu e a realidade (Porchat, 2005). Estas diferentes formas de apreensão da alucinação em Freud nos serão úteis futuramente ao discutirmos o caso do Homem dos Lobos (cf. item 7 abaixo).

Passemos agora ao livro dos sonhos de 1900. Há agora uma explicação de todo o sistema não mais em linguagem neurológica, mas psicológica. Seguindo as propostas do *Projeto*, este texto também não apresenta a palavra *Realitätsprüfung*, mas também aqui encontramos indícios da teorização freudiana sobre o tema. Como a proposta freudiana neste texto é praticamente a mesma do *Projeto*, nos ateremos aqui a uma pequena passagem que também diz de uma prova que possa barrar o movimento regressivo do aparelho psíquico. Este movimento regressivo seria o caminho mais curto para a realização do desejo, e Freud até supõe que em momentos ancestrais este poderia ter sido o caminho realmente percorrido. Ele segue então na mesma esteira do *Projeto* dizendo que “o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma

‘identidade perceptiva’ — uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade” (Freud, 1900/1996, p. 595).

Até então estamos apenas no campo de uma teorização sobre a alucinação e a realização do desejo em Freud. Mas justamente neste trecho, ele acrescenta uma nota, em 1919, que diz: “com outras palavras, torna-se necessário o reconhecimento de uma ‘prova de realidade’” (Freud, 1900/1999, p. 572, tradução nossa)⁷⁶. Encontramos novamente então a prova de realidade como um freio à alucinação, o que Porchat (2005) aproxima do conceito de inibição, uma forma de inibir esta busca de satisfação regressiva do aparelho psíquico.

Mais de dez anos depois Freud retomaria o tema de forma mais direta. Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (Freud, 1911a/1996) surge pela primeira vez a palavra que buscamos neste item – *Realitätsprüfung*. Este texto de poucas páginas é quase um inventário das principais teses da Psicanálise e que já haviam sido examinadas mais extensamente nos textos com os quais trabalhamos anteriormente, a saber, o *Projeto e A significação dos sonhos*. No texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (Freud, 1911a/1996), também é apresentado um princípio que forma o par de opostos (outra dualidade freudiana) com o princípio de prazer: o princípio de realidade [*Realitätsprinzip*]. Buscaremos entender nos parágrafos seguintes como se dá a relação entre a prova de realidade e o princípio de realidade.

O objetivo freudiano com este texto é bem semelhante ao nosso. Em suas palavras:

defrontamo-nos agora com a tarefa de investigar o desenvolvimento da relação dos neuróticos e da humanidade em geral com a realidade e, desta maneira, de trazer a significação psicológica do mundo externo real [*der realen Außenwelt*] para a estrutura de nossas teorias (Freud, 1911a/1996, p. 237).

Para conseguir seu objetivo Freud inicia sua argumentação dizendo que o neurótico se afasta da realidade por achá-la insuportável. Diz que a psicose alucinatória estudada por Griesinger é o extremo de tal afastamento, mas que todo neurótico se afasta em diferentes proporções da realidade. Logo após apresenta em poucas linhas o princípio de prazer⁷⁷ e relata

⁷⁶ No original alemão: “Mit anderen Worten: es wird die Einsetzung einer ‚Realitätsprüfung‘ als notwendig erkannt“

⁷⁷ Esta também é a primeira aparição do termo *princípio de prazer* [*Lustprinzip*]. Freud havia utilizado antes o termo *princípio do desprazer* [*Unlustprinzip*] e nesta passagem utiliza também a expressão *princípio de prazer-desprazer* [*Lust-Unlust-Prinzip*]. Com a proposta de que tal princípio preconiza que todo ser vivo busca o prazer e evita o desprazer, fica claro que qualquer destes termos seria conveniente, mas o termo que ficou mais famoso foi o *princípio de prazer*. Devemos ainda lembrar que a relação prazer-desprazer em Freud tem a ver

alguns de seus remanescentes em nossa vida atual, como o sonho e nossa fuga de impressões dolorosas em vigília.

O parágrafo seguinte apresenta a hipótese do funcionamento de nosso psiquismo, quando regido pelo princípio de prazer somente, buscando satisfação alucinatoriamente. O problema é que esta satisfação alucinatória não é da mesma ordem que uma satisfação real, e com esta frustração o psiquismo teve que abandoná-la. “Em vez disso, o aparelho psíquico teve de se decidir por conceber [*vorzustellen*] as condições reais no mundo externo [*die realen Verhältnisse der Außenwelt*] e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real” (Freud, 1911a/1996, p. 238). Com isto surge um novo princípio no aparelho psíquico. Agora o que é representado não é mais apenas o agradável, mas também o real, ainda que desagradável⁷⁸. Surge assim o princípio de realidade. Nesta mesma passagem Freud acrescenta uma longa nota de rodapé, na qual é apresentada o exemplo do ovo de pássaro que discutimos anteriormente (cf. item 2.3.2 acima).

Com a importância agora concedida ao mundo externo, várias funções são agregadas ao psiquismo (consciência, atenção, memória, etc.). É de especial importância a função do juízo, que imparcialmente avalia se uma determinada representação é verdadeira ou falsa e se está em concordância com a realidade, decisão tomada ao comparar a representação com a memória existente. O princípio de prazer assume uma nova função: não apenas evitar os estímulos desprazerosos, mas modificar o mundo externo, tornando-se um agir.

Entretanto, este agir precisaria ser retardado e com isto surgiu o processo de pensar que nos permite suportar uma carga de excitação (desprazer) desde que possamos obter uma satisfação mais segura no futuro. Como nosso aparelho psíquico tende a economizar energia, geralmente não renunciamos a fontes de prazer que temos à disposição. Por isto, parte do processo de pensar foi apartado do princípio de realidade e liberado da prova de realidade, ficando submetido ao princípio de prazer. Esta parte do processo inicia-se com o fantasiar [*Phantasieren*] da criança e posteriormente, como um devaneio [*Tagträumen*, literalmente sonhos diurnos], sem conexão com os objetos reais.

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não se dá de uma única vez, mas de maneira contínua ao longo da vida de cada um. De início as pulsões sexuais se

com o aumento de excitação (desprazer) e sua descarga (prazer), e este processo de aumento e diminuição da carga de excitação rege o processo primário.

⁷⁸ Este algo de real representado pode ser parte da resposta à pergunta que nos fizemos quando da discussão do texto *A negação*, no qual Freud diz que “o outro, real, também está disponível lá fora” (Freud, 1925/1999, p. 13) (cf. item 4.2.1 acima).

satisfazem auto eroticamente e, mais tarde, quando podem iniciar a busca por seus objetos, sofrem uma grande interrupção devido ao período de latência. Estes dois fatores mantêm a pulsão sexual sob o domínio do princípio de prazer por um longo tempo, daí sua proximidade com a fantasia, assim como das pulsões do Eu com a consciência. Há ainda mais um complicador. No caso do fantasiar, o recalque é onipotente, conseguindo impedir que uma representação, ainda em estado nascente, chegue à consciência. Com isto o neurótico se afasta ainda mais da realidade.

Freud apresenta então mais dois termos que serão utilizados posteriormente no texto d' *A negação*: o Eu-prazer, que só pode desejar, buscando o prazer e evitando o desprazer; e o Eu-real, que almeja o que lhe traz benefícios e evita danos a si. A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não resulta na destruição do primeiro, mas é antes de tudo sua garantia de existência, pois, afinal, suportamos o adiamento de uma satisfação, desde que algo ainda melhor nos seja prometido no futuro (Freud, 1911a/1996).

Ao fim do texto, Freud apresenta mais um ponto de extrema importância: no Inconsciente a prova de realidade não tem nenhum valor. A realidade do pensamento [*Denkrealität*] torna-se equivalente à realidade externa [*äußeren Wirklichkeit*], o desejar equivale à realização do desejo, tudo regido sob o princípio de prazer. Daí ser tão difícil diferenciar uma fantasia inconsciente de uma lembrança inconsciente. Freud então nos dá um aviso:

mas nunca nos devemos permitir ser levados erradamente a aplicar critérios de realidade [*Realitätswertung*] a formações psíquicas recalçadas [*verdrängten psychischen Bildungen*] e, talvez por causa disso, a menosprezar a importância das fantasias na formação dos sintomas, sob o pretexto de elas não serem realidades [*Wirklichkeiten*] (Freud, 1911a/1996, p. 243).

Este é um impasse com o qual todo analista lida. O que o analisando diz é verdade? Tem concordância com a realidade externa? Estaria ele devaneando? Delirando? A resposta a estas perguntas na clínica do dia-a-dia, dependem do bom trabalho do analista. Entretanto, vemos a importância dada por Freud à realidade psíquica, concedendo a ela um *status* de veracidade equivalente ao da realidade material.

Alguns anos mais tarde, no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917 [1915]b/1996) Freud nos apresenta aquilo que Laplanche e Pontalis (2001) dizem ser a forma mais sistematizada da prova de realidade na teorização freudiana. Novamente a proposta é que nosso psiquismo tem a capacidade de distinguir entre uma percepção e uma representação. A

percepção busca dados do mundo externo e isto por si já lhes confere certo grau de realidade. Um caminho semelhante pode ocorrer com o pensamento em um movimento regressivo, buscando atingir os resíduos inconscientes de lembrança do objeto [*Objekterinnerung*] e daí alcançar a percepção. Este é o motivo pelo qual a alucinação traz consigo uma convicção de realidade. Entretanto, nem toda regressão produz alucinações, mesmo quando as representações são fortemente investidas.

Freud retoma o argumento de um protótipo de nosso psiquismo, o qual abandonou a satisfação alucinatória devido à sua frustração, em prol de uma satisfação real. Para isto se institui uma prova de realidade. Entretanto, tal prova não tem poderes absolutos, falhando em algumas circunstâncias, como o sonho e a psicose. Para o entendimento desta falha, Freud apresenta algumas características do sistema Cs.. Tal sistema havia sido chamado por Freud de sistema Pcpt. em *A significação dos sonhos*. Agora Freud diz que o sistema Pcpt. recobre-se e coincide com o sistema Cs.. Surge então uma fórmula para definir a alucinação:

a alucinação consiste em um investimento do sistema Cs. (Pcpt)., o qual, contudo, não se origina — como normalmente — do exterior, mas do interior, e que uma condição necessária para a ocorrência da alucinação é que a regressão seja levada longe o suficiente para alcançar esse próprio sistema, sendo, assim, capaz de passar pela prova de realidade (Freud, 1917 [1915]b/1996, pp. 238-239).

Freud retoma também o argumento de que uma ação motora pode buscar modificações no mundo real. Tal ação também nos auxilia a diferenciar a percepção da representação. Assim, uma percepção que desaparece em decorrência de uma ação é reconhecida como externa, real; aquelas percepções que não foram modificadas por uma ação são reconhecidas como internas, como irrealis. Freud destaca então a importância de haver um mecanismo que identifique marcas de realidade [*Kennzeichen der Realität*]. Neste momento Freud situa a prova de realidade no sistema Cs., dizendo que ela é um dispositivo de tal sistema que auxilia na orientação do mundo a partir da distinção entre interno e externo. Este dispositivo funciona como uma inervação motora que avalia se é possível fazer desaparecer uma percepção ou se ela se mantém.

A prova de realidade é então colocada como uma das grandes instituições do Eu, situada entre os sistemas psíquicos e ao lado da censura. Apenas como localização, podemos pensar a censura como uma nova barreira imposta aos conteúdos inconscientes. A primeira, o recalque, se localizaria entre o Inconsciente e o Pré-consciente, sendo, portanto, um processo inconsciente sobre o qual não temos nenhum controle consciente. Concordando com a proposta freudiana de que a prova de realidade se localizaria no Eu, a censura [*Zensur*], por sua vez,

estaria localizada em outro ponto do aparelho psíquico, como podemos observar nas palavras de Freud:

passa a ser provável que haja uma censura [*Zensur*] entre o Pcs. e o Cs. Não obstante, faremos bem em não considerarmos essa complicação como uma dificuldade, mas em presumirmos que, a cada transição de um sistema para o que se encontra imediatamente acima dele (isto é a cada passo no sentido de uma etapa mais elevada na organização psíquica), corresponde uma nova censura [*Zensur*] (Freud, 1915b/1996, pp. 196-197).

Com estas colocações Freud pode finalmente abordar os pontos em que a prova de realidade não funciona. Tomemos o exemplo da psicose. Nela, o Eu rompe com a realidade e a desmente, contesta [*verleugnet*]⁷⁹, por ser insuportável. Com isto retira do sistema Pcpt-Cs. seus investimentos e neste afastamento da realidade, a prova de realidade é colocada de lado. Assim, as fantasias que expressam desejo adentram o aparelho psíquico e são reconhecidas como uma realidade melhor (Freud, 1917 [1915]b/1996).

4.2.3 A perda da realidade

Seguindo nosso percurso argumentativo, tomaremos brevemente, por fim, um ponto importante na teorização freudiana sobre a realidade, mais especificamente a perda da realidade [*Realitätsverlust*]. Qual seria esta realidade perdida? Qual seria a solução encontrada por cada um para tal perda?

No artigo em questão, *A perda da realidade na neurose e na psicose* (Freud, 1924/1996), Freud tem a intenção de corrigir alguns apontamentos que foram publicados em outro texto com teor muito próximo, *Neurose e Psicose* (Freud, 1924 [1923]a/1996). Neste artigo, publicado no mesmo ano do outro, mas escrito no ano anterior, 1923, Freud apresenta uma distinção entre a neurose e a psicose: “a neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o eu e o mundo externo” (Freud, 1924 [1923]/1996, p. 167, toda a frase é grifada pelo autor).

No segundo destes textos, Freud (1924/1996) faz a correção à qual aludimos, tornando um pouco mais clínico o entendimento de sua fórmula. A questão não é que na neurose uma

⁷⁹ Lembremos que neste momento da teorização freudiana o mecanismo comum à psicose e à perversão é o desmentido [*Verleugnung*].

parte do Isso seja reprimida [*unterdrückt*] devido à dependência da realidade [*Abhängigkeit von der Realität*], enquanto que na psicose, o Eu, a serviço do Isso, se afasta [*zurückzieht*] da realidade. Afinal, na neurose também há um afastamento da realidade. Para o entendimento deste processo de perda da realidade é necessário acompanhar o argumento de Freud.

Segundo ele, tanto a neurose quanto a psicose podem ser pensadas a partir de dois momentos: um inicial, diríamos estruturante; e outro secundário, o do desencadeamento da doença. A grande diferença estaria posta no início, momento em que na neurose o Eu se dispõe a recalcar uma moção pulsional, a serviço da realidade; na psicose, o mesmo Eu, agora a serviço do Isso, seria arrastado para longe da realidade. O segundo momento também seria distinto. O neurótico fugiria da parte da realidade que lhe é insuportável, enquanto o psicótico repararia a falha inicial, construindo uma nova e fantástica realidade. O que vemos nesta segunda etapa é que os dois quadros, cada um à sua maneira, expressariam uma rebelião contra o mundo externo, servindo ao poder do Isso.

Ainda que o que realmente diferencia as duas entidades é o ponto inicial, Freud diz que tal ponto retorna na expressão do desfecho final: a neurose não contesta/desmente [*verleugnet*]⁸⁰ a realidade, apenas não quer saber dela, enquanto a psicose a contesta/desmente e substitui. A segunda etapa de ambas, neurose e psicose, é malsucedida, pois na neurose a pulsão recalcada não conseguiria encontrar um substituto à altura, assim como na psicose a representação/substituição da realidade [*Realitätsvertretung*]⁸¹ não se dá de maneira satisfatória. A ênfase na psicose se dá na perda da realidade (o primeiro momento), enquanto que na neurose se dá na fuga da realidade (o segundo momento).

Esta fuga da realidade por parte da neurose se caracteriza pela substituição da realidade desagradável por uma mais afeita aos desejos de cada um, o que é possibilitado pela criação de um mundo de fantasia [*Phantasiewelt*], apartado do mundo real e submetido às leis do princípio de prazer, quando da introdução do princípio de realidade. Não se pode duvidar de que na psicose este mundo de fantasia tenha um poder semelhante, posto que o novo e fantástico mundo externo criado pelo psicótico é colocado no lugar da realidade perdida.

Um ponto a se destacar é que nos dois textos freudianos aos quais nos referimos (*Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*), em nenhum momento

⁸⁰ Temos aqui mais uma vez a proposta freudiana que se tornará clara no texto sobre o *Fetichismo*, de que o mecanismo de defesa da psicose é a contestação/desmentido – *Verleugnung*.

⁸¹ Encontramos neste trecho outra palavra que em alguns momentos é traduzida por representação – *Vertretung*. Entretanto esta palavra é o vocábulo alemão para a palavra estrangeira adicionada ao alemão *Repräsentanz*. O significado das duas palavras é o mesmo – representação/substituição: algo, ou alguém, que vai no lugar de outro ou outrem, como o advogado que representa seu cliente.

surge a palavra *Wirklichkeit*, mas somente *Realität*. Seguindo as propostas de Garcia-Roza às quais nos referimos antes (cf. item 2.3 acima) de que a *Realität* diz de um conteúdo objetivo ou um compromisso com a realidade externa, enquanto que a *Wirklichkeit* diz de uma realidade psíquica que se efetiva, isto indicaria que a realidade à qual Freud se refere nestes textos e que é perdida, é a realidade externa. Tudo isto concorda plenamente com o texto freudiano d'*A negação*, que trata da perda do objeto no momento em que se constitui o aparelho psíquico (cf. item 4.2.1 acima).

A realidade perdida da qual o neurótico foge e que o psicótico precisa reparar é, sem dúvida, a realidade do mundo externo. A realidade psíquica, o subjetivo, seria a forma como cada um responderia à esta perda inicial – na fantasia com o neurótico, no delírio com o psicótico.

A frase final do texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*, de que “interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade* [*Realitätsverlustes*], mas também a um *substituto para a realidade* [*Realitätsersatzes*]” (Freud, 1924/1996, p. 209, grifos do autor) é um dos pontos centrais para o entendimento de nosso empreendimento – o estudo da realidade em Psicanálise.

4.3 A REALIDADE EM LACAN

Continuando nosso percurso, tomaremos agora a construção lacaniana sobre a realidade. Abordaremos dois pontos distintos de sua teorização⁸²: um dentro do primeiro ensino, quando da construção do esquema R, no *Seminário 5* (Lacan, 1957-1958/1999) e o texto incluído nos *Escritos – De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Lacan, 1957-1958/1998) ambos na virada do ano de 1957 para 1958; e outro no segundo ensino, o Lacan dos nós, no *Seminário 22* (Lacan, 1974-1975/19_).

Ainda que já tenhamos feito um detalhamento maior do esquema R e também dos nós, (cf. item 3.3 acima), nosso foco neste momento será apenas a teorização sobre a realidade e não sobre a topologia referente a tal esquema ou nós. A intenção é apresentar como a realidade é

⁸² Estes mesmos pontos foram abordados anteriormente de maneira breve (cf. item 2.4 acima). Agora nos deteremos sobre eles com maior afinco.

construída a partir do triângulo edípico no primeiro ensino de Lacan e, posteriormente, como ela se apresentará com o advento de sua construção borromeana em seu segundo ensino.

4.3.1 O esquema R - o esquema da realidade

Sabemos que alguns dos textos publicados por Lacan em seus *Escritos* têm relação direta com alguns dos seus seminários. Geralmente tais textos eram escritos posteriormente aos seminários e funcionavam basicamente como um resumo das discussões das aulas ao longo dos dois semestres em que tal seminário foi ministrado. Fato interessante sobre o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Lacan, 1957-1958/1998) é que ele tem uma relação, como o próprio título já sugere, com o *Seminário 3: as psicoses* (Lacan, 1955-1956/2002), porém foi escrito apenas dois anos depois de tal seminário, na época em que Lacan ditava o *Seminário 5* (Lacan, 1957-1958/1999), e por isto, em tal escrito, encontramos boa parte da teorização lacaniana deste último seminário, em especial a construção do esquema R. Tal construção é feita ao longo do seminário e aparece de forma acabada no escrito. Tomaremos então a construção feita no seminário até apresentarmos o esquema final, como se encontra no escrito.

As primeiras referências aparecem na lição do dia 08 de janeiro de 1958 quando, ao anunciar a distinção entre o Nome-do-Pai e o pai real, Lacan aborda a metáfora paterna e o Édipo. Neste caminho, apresenta o triângulo edípico como a essência da metáfora paterna, da seguinte forma:

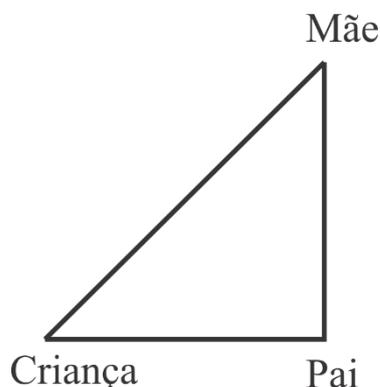


Figura 47 – Triângulo edípico
(Lacan, 1957-1958/1999, p. 163)

Mas se somos fiéis à teorização lacaniana e pensamos que a metáfora paterna, a lei do pai, marcada pelo significante do Nome-do-Pai, como toda metáfora, é algo que vem substituir outra coisa, neste caso específico, uma lei original, a lei materna, encarnada no desejo da mãe, então temos que deduzir que há um momento ainda anterior ao triângulo edípico: um momento no qual o pai ainda não entrou em cena. Este momento é um momento da relação da criança com a mãe ainda sem a mediação paterna. É um momento inicial da construção da realidade humana. Diríamos que é o eixo sobre o qual tal realidade será construída.

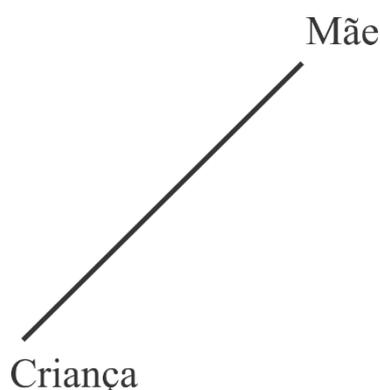


Figura 48 – Primeiro momento do Édipo

É deste eixo entre a mãe e a criança que surgirá o que o Lacan do primeiro ensino chama realidade. Continuemos com a construção do esquema R para que possamos compreender melhor. Se este momento inicial é o primeiro momento do Édipo, um momento de uma relação quase fusional, de alienação ao desejo da mãe, podemos dizer que o segundo momento, aquele da intromissão da figura paterna, é o momento em que o triângulo edípico se forma. Conseqüentemente, a Figura 47 acima representa este segundo momento. Há que se pensar que a metáfora paterna é uma lei que vem no lugar de outra lei, esta, uma lei absoluta. Não é à toa que o desejo da mãe, em Lacan, tem como matema, DM, o único matema lacaniano no qual o desejo se apresenta com a letra D maiúscula.

Sabemos que a decorrência direta da metáfora paterna é a significação fálica. É claro que muitas variações podem surgir, mas apenas focamos aqui em uma neurose simples para que possamos entender a construção do esquema R. Esta decorrência direta é apresentada por Lacan da seguinte maneira:

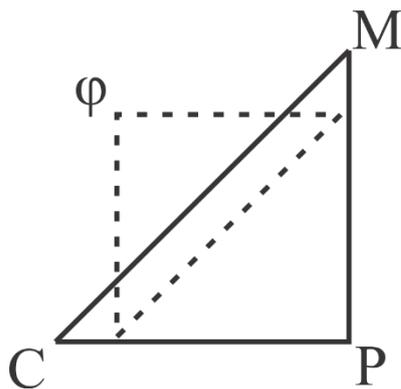


Figura 49 – Terceiro momento do Édipo
(Lacan, 1957-1958/1999, p. 165)

A partir desta figura, no *Seminário 5*, Lacan passa a colocar letras no lugar das palavras, que correspondem obviamente ao pai, à mãe, e à criança, além do ϕ minúsculo – o falo imaginário. Esta figura se apresenta muito próxima daquilo que conhecemos como o esquema R. Podemos ver dois triângulos sobrepostos: o primeiro com os vértices M, P e C, e o outro com apenas um vértice nomeado – ϕ . Notemos que este segundo triângulo se apresenta pontilhado (cf. item 3.3.1 acima). Com as quatro letras postas temos um quadrilátero que diz do Complexo de Édipo: o romance familiar (P, M e C) e o que está em jogo neste romance (ϕ). Estes dois triângulos sobrepostos se tornarão em breve os triângulos do Imaginário e do Simbólico, havendo entre eles uma interseção.

Resumindo os três momentos do Édipo, Lacan (1957-1958/1999) diz que no primeiro tempo a instância paterna se apresenta de forma velada, o que sugere que a questão do falo já está situada em algum lugar na mãe. No segundo momento a presença paterna se instaura como privadora, mediada pela mãe. Este será o suporte da lei. No terceiro momento haverá a identificação com o pai, como aquele que tem o falo. É a saída do complexo de Édipo. Lacan nomeia esta identificação de *Ideal do eu*, e a grafia com a letra I maiúscula, situando-a no lugar da criança. No lugar da mãe coloca a letra R maiúscula que aqui não se refere ao registro do Real, mas sim à realidade. É neste “polo materno que começa a se constituir tudo o que depois será realidade” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 201). No nível do pai se constitui tudo o que será o Supereu futuramente. Daí Lacan inserir neste polo a letra S maiúscula. Neste momento da construção lacaniana o S maiúsculo parece ter algo do registro do Simbólico, algo do significante (também grafado com S) e algo do Supereu, ainda que todos estes sentidos estejam condensados nesta única letra – S. Curiosamente, as letras no entorno do desenho abaixo são

R, S e I, o que sugere uma possível aproximação dos três membros do romance familiar, Mãe, Pai e Criança, de alguma forma, com os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário.

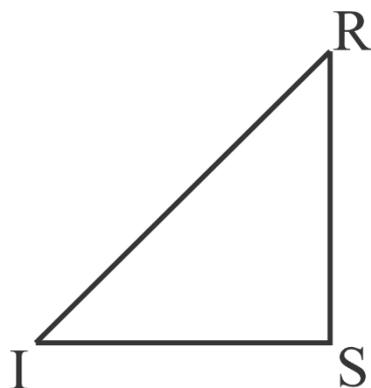


Figura 50 – O triângulo edípico modificado
(Lacan, 1957-1958/1999, p. 201)

Voltando à discussão da relação entre a criança e a mãe, o eixo C-M, onde se constitui a primeira relação de realidade, Lacan diz que “se fazemos a constituição da realidade depender unicamente das relações do desejo da criança com o objeto, conforme este o satisfaça ou não o satisfaça, essa realidade permanece não dedutível” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 232). Mas graças a um mínimo de espessura de irrealidade que é dado por uma primeira simbolização a criança já entra em uma relação triangular. E é neste momento em que a dimensão do símbolo é inaugurada que a criança consegue situar sua posição: uma posição em relação a dois polos:

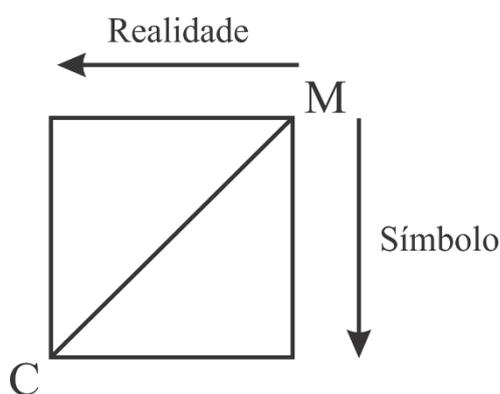


Figura 51 – Primeiro esquema da realidade
(Lacan, 1957-1958/1999, p. 231)

Neste momento da discussão Lacan retoma sua teorização sobre o Estádio do espelho para dizer que, paralelamente ao eixo C-M, há uma cristalização do sujeito, à qual ele nomeia

*Urbild*⁸³. Esta imagem original da criança é seu ponto de apoio para esta coisa no limite da realidade. Este ponto ilusório, enganador, é o que subsiste. É a imagem no espelho que dá à criança a conquista da imagem do corpo. Toda a construção de uma realidade humana passa necessariamente por aí.

Um novo passo é dado então. Nesta lição do dia 5 de fevereiro de 1958 surgem novas letras que transformam os dois triângulos sobrepostos em um quadrilátero, como vemos abaixo:

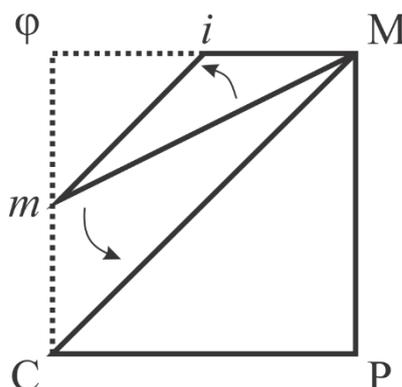


Figura 52 – Segundo esquema da realidade

(Lacan, 1957-1958/1999, p. 234)

Lacan diz que temos um duplo movimento: o primeiro diz da experiência de realidade, que produz um elemento ilusório e enganador que é o fundamento da relação do sujeito em relação com a realidade – a imagem do corpo. O campo da experiência da realidade é aqui delimitado por Lacan no triângulo *M-i-m*, apoiado no eixo da realidade do esquema anterior (cf. Figura 51 acima).

O outro triângulo, está ligado ao segundo movimento. Este triângulo é o campo do sujeito, conquistado a partir da *Urbild* do eu. É a partir desta primeira experiência da criança que ela adentra o quadrilátero *m-i-M-C*. Isto se dá através de identificações sucessivas no seguimento *m-C* a partir das quais a própria criança assume o papel de uma série de significantes, os significantes da realidade, referenciais, que dão à criança uma realidade recheada de significantes (Lacan, 1957-1958/1999).

Mais adiante, na lição de 5 de março de 1958, surge uma nova forma, agora com dois triângulos bem definidos

⁸³ Esta palavra alemã pode ser traduzida por *imagem original*, constituída da palavra *Bild*, imagem; e o prefixo *Ur*, ancestral, original, primevo.

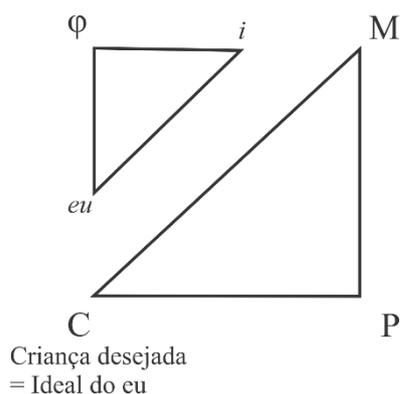


Figura 53 – Terceiro esquema da realidade

(Lacan, 1957-1958/1999, p. 267)

Estes dois triângulos serão aqueles que no texto *De uma questão preliminar* (Lacan, 1957-1958/1998) serão nomeados como o triângulo simbólico, C-P-M, e o triângulo imaginário, eu-i-φ. No momento da apresentação deste esquema simples, Lacan apresenta aquilo que costumamos chamar de *anterioridade simbólica*. Se o primeiro objeto simbolizado pela criança é a mãe, esta tem um papel fundamental na constituição da realidade desta criança. É justamente pelo fato de esta criança ser desejada (ou não) antes de seu nascimento, que toda relação pode ser construída. A criança desejada é o Ideal do eu, e o pai surge aqui como um pai criador, o significante que instaura o surgimento do significante, um pai que cria do nada. Vemos que neste esquema há um espaço entre os dois triângulos, espaço este que será tomado como o campo da realidade no esquema R.

Deixamos agora o texto do seminário para adentrarmos a construção final do esquema R no texto dos *Escritos*. Partimos do esquema L, que em *De uma questão preliminar* (Lacan, 1957-1958/1998) é apresentado de maneira simplificada, como podemos acompanhar a seguir:

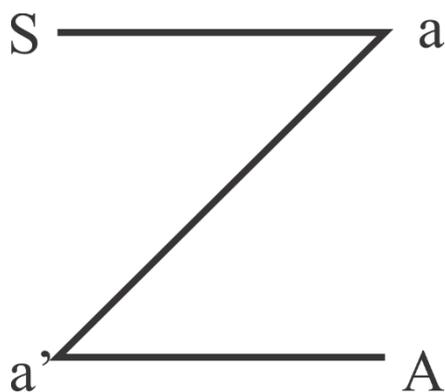


Figura 54 – O esquema L simplificado
(Lacan, 1957-1958/1998, p. 555)

Temos neste esquema quatro pontos: S, A, a', e a. Notemos que nesta época da teorização lacaniana nem o sujeito nem o Outro aparecem barrados, como costumamos grafar normalmente (respectivamente, $\$$ e \mathbb{A}). Lacan apresenta tais pontos, partindo do sujeito, da seguinte maneira: “S, sua infável e estúpida existência, a, seus objetos, a', seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência” (Lacan, 1957-1958/1998, p. 555). Entretanto, tal esquema é por demais simples para que possamos entender a constituição da realidade humana. Por isto Lacan acrescenta ao esquema L o Édipo, o que resultará no esquema R, como podemos ver a seguir:

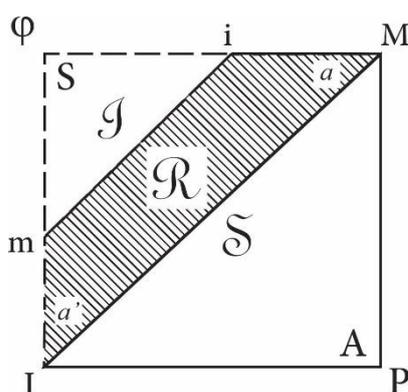


Figura 55 – Esquema R completo
(Lacan, 1957-1958/1998, p. 559)

Com o acréscimo do Édipo, o esquema R torna-se bastante complexo e por isto faz-se necessário apresentar todos os pontos aqui dispostos. As letras I, R e S maiúsculas em grafia (fonte) manuscrita (\mathcal{I} , \mathcal{R} e \mathcal{S}) referem-se, respectivamente, ao Imaginário, ao campo da realidade

e ao Simbólico. É interessante notar que o R não é neste momento da teorização lacaniana o Real, o que seria aparentemente óbvio.

Dentro do esquema R encontramos também o esquema L apresentado de maneira simplificada (cf. Figura 54 acima), ou seja, as letras S, a , a' , e A. Do lado de fora do esquema encontramos os dois triângulos já construídos no *Seminário 5* (cf. Figura 53 acima), no triângulo simbólico a tríade edípica I-P-M⁸⁴; e no triângulo imaginário encontramos os dois termos imaginários da relação narcísica – o eu (m) e sua imagem especular (i), além do falo (ϕ). Apresentados todos os pontos podemos passar à discussão deste esquema, trazendo algo como um resumo das discussões até aqui levantadas.

Se pensarmos uma anterioridade simbólica, ou seja, que a criança, antes mesmo de ser concebida, já é de alguma forma desejada ou não, podemos pensar, grosso modo, que cabe a ela aceitar ou não este lugar prévio que lhe é destinado no desejo do par parental. Mas tal aceitação (ou não aceitação) ainda passará por diversos destinos até que algo se estruture. O primeiro momento, logicamente falando, é o momento de uma relação primordial com a mãe e seu desejo. Este eixo mãe-criança será o protótipo daquilo que chamamos de realidade. Mas tal protótipo ainda terá que passar por outros pontos, como o surgimento do pai nesta relação, inaugurando o triângulo edípico, que na verdade se constitui como um quadrilátero, pois é necessário que consideremos o que está em jogo em toda a situação: o ter ou não ter o falo, quarto elemento do romance familiar.

Para a criança então, seguirão três respostas básicas ao surgimento do pai: aceitar a lei e perder para sempre seu objeto primordial, que será sempre novamente buscado (neurose); aceitar a princípio a lei, mas desmentindo-a e contestando-a, tentando de alguma maneira manter a relação com o objeto perdido, ainda que sob a forma de um fetiche (perversão); ou decidir-se por não perder o objeto, rejeitando a lei, o que manteria uma alienação no Outro bem mais marcada (psicose). Cada uma destas respostas conduziria a formas específicas de se relacionar com a realidade, seja pela via do fantasma na neurose, pela via do fetiche na perversão, ou ainda pela via do delírio na psicose. Tomando apenas o par neurose/psicose, voltamos à proposta freudiana de que o neurótico fugiria da realidade enquanto o psicótico haveria de reconstruí-la.

Como já apresentamos o esquema R como o esquema da realidade neurótica em Lacan, podemos agora ter uma compreensão mais simples da necessidade de reconstrução da realidade na psicose, ao abordarmos o esquema I, que podemos ver abaixo:

⁸⁴ No esquema R a letra C (criança) é substituída por I, o Ideal do eu, conforme a construção do *Seminário 5*.

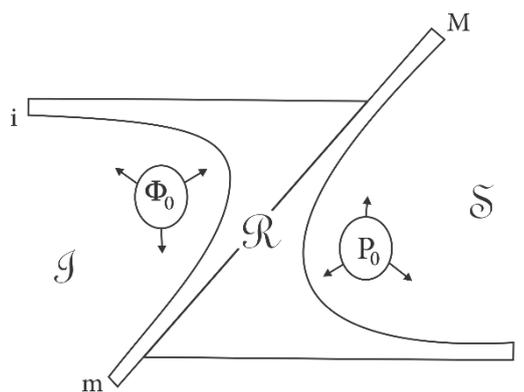


Figura 56 – Esquema I simplificado
(adaptado de Lacan, 1957-1958/1998, p. 578)

O que encontramos neste esquema são dois grandes furos, no Simbólico (P_0) e no Imaginário (Φ_0), que nos apresentam, respectivamente, a forclusão do significante do Nome-do-Pai e a conseqüente não significação fálica. É ao redor destes dois grandes furos que o psicótico reconstrói sua realidade perdida.

Entretanto, este esquema nos traz também uma certa dificuldade para a compreensão do campo da realidade na psicose. Se o que pensávamos anteriormente, que o campo da realidade seria a interseção entre o Simbólico e o Imaginário, como claramente se apresenta na construção do esquema R, como pensar este campo agora no esquema I, quando os dois buracos nestes dois registros apenas nos deixam o campo da realidade como uma reta e não mais uma interseção, ou mais precisamente, como uma banda de Möbius? Outro ponto a se questionar é que, se este é o estado final da psicose, tal qual a de Schreber, como poderíamos pensar a psicose em seu nascedouro, antes do desencadeamento? Haveria ali uma outra forma de construção da realidade?

Se pensarmos com o Lacan do primeiro ensino, no qual precisamos de uma relação de pertinência, por exemplo do Nome-do-Pai, e se pensarmos que na psicose este significante não está posto desde o início, temos uma dificuldade de pensar de maneira esquemática a psicose antes do momento do surto, ou mesmo antes de sua construção delirante final. Aqui vale a pena retomar o conceito de pré-psicose apresentado por Lacan no *seminário 3* sobre as psicoses (Lacan, 1955-1956/2002), no qual ele apresenta a ideia de uma psicose que ainda não eclodiu ou, nas palavras que utilizamos atualmente, não se desencadeou.

Comentando o caso Schreber, Lacan vai dizer que o jurista louco se encontrava, em seu período pré-psicótico, um estado de perplexidade, um estado de confusão pânica, no qual a ideia de que deve ser belo ser uma mulher sendo copulada, ainda não alcançou todo o esplendor

delirante de se tornar uma mulher, e não uma mulher qualquer, mas a escolhida por Deus para gerar uma nova raça (Lacan, 1955-1956/2002). Mas qual o momento do desencadeamento? A partir de qual momento podemos dizer que se trata de uma psicose? Pouco adiante, comentando outro caso, Lacan (Lacan, 1955-1956/2002, p. 220) diz que “quando a psicose eclode, o sujeito vai se comportar como antes [...]. Nenhuma significação emerge que seja basicamente diferente do período pré-psicótico” e se questiona sobre: “a partir de que momento ele delira”. A resposta é que ele delira a partir do momento em que a iniciativa vem do Outro. “*O Outro quer* isso, e ele quer sobretudo que se saiba disso, ele quer significar” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 220, grifos do autor).

Desta maneira fica claro que o pré-psicótico é claramente um psicótico. Ainda que ele não tenha passado por este destino catastrófico ao qual chamamos surto, e a partir do qual podemos dizer de uma psicose deflagrada (Mazzuca, Schejtman, & Slotnik, 2000). Entretanto, a dificuldade de se apresentar um esquema para a pré-psicose se mantém. Não caberia imaginar a pré-psicose no esquema R, pois nele há a incidência do Nome-do-Pai e sua consequente significação fálica. Também não cabe sua proposta de se pensar a partir do esquema I, pois este nos apresenta a psicose já deflagrada, incluindo sua construção delirante final, a “solução elegante”, como nos diz Lacan (Lacan, 1957-1958/1998, p. 578).

Pensamos que uma boa solução para estes impasses foi encontrada por Lacan quando da passagem para sua segunda clínica, pois a teoria dos nós permitiria outras formas de se pensar a relação entre os registros incluindo o Real, e também possibilitaria uma nova forma de se pensar a pré-psicose. Com este intuito, passamos então ao estudo da realidade no segundo Lacan.

4.3.2 Nome-do-Pai, Édipo e realidade psíquica: o quarto nó

Relembremos alguns pontos por nós abordados anteriormente com o intuito de dar sustentação à leitura da realidade em Psicanálise, a partir da teoria dos nós. Fazemos tal retomada devido ao fato de já termos nos aproximado da teorização lacaniana dos nós com outros focos: a questão da dualidade Real/realidade (cf. item 2.4 acima); e mais especificamente a questão da passagem do primeiro para o segundo ensino de Lacan, que nos conduziu a uma leitura da teoria dos nós e seu uso por Lacan (cf. item 3.3.2 acima). A partir deste ponto, tomaremos outra apresentação como foco de nossa leitura: a realidade nos nós. Para isto,

tomaremos dois seminários deste segundo Lacan. Comentaremos primeiramente algumas passagens incluídas no *seminário 22, RSI* (Lacan, 1974-1975/19_), nas quais os pontos citados no título desta nossa seção se fazem presentes, e depois alguns excertos do seminário seguinte, o *seminário 23, o sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2007).

Para abordar a questão do quarto nó, na lição de 14 de janeiro de 1975, Lacan faz uma observação, que a princípio deveria ser óbvia, mas que muitos de nós teimam em desconsiderar: “Freud não era lacaniano. Reconheço isso” (Lacan, 1974-1975/19_, p. 18). Esta afirmação vem para dizer do fato de que, para o Lacan da primeira metade do seminário 22, o enodamento mínimo da cadeia borromeana era feita com três elos e, segundo Lacan, Freud necessitaria de um quarto elo. Esta questão não passa despercebida de Schejtman (2013c), que discute a questão da cadeia borromeana de Lacan de três e quatro elementos, focando justamente esta lição. Voltemos a Lacan. Referenciando-se ao seu terceiro discurso em Roma, conhecido como *A terceira*, proferido dois meses e meio antes da lição que tomamos aqui por base, ele diz que “se tivesse feito os Nomes do Pai escritos corretamente, teria enunciado uma consistência tal, que ela nos daria razão de certas variações em Freud” (Lacan, 1974-1975/19_, p. 18). Mantém-se aqui a discussão sobre a cadeia de três ou quatro elementos.

Lacan diz que Freud não tinha ideia do Simbólico, do Imaginário e do Real, mas que já tinha uma suspeita deles. Todavia, em Freud os três registros seriam deixados independentes, à deriva, e por isto seria preciso uma realidade psíquica, um quarto elo, que viesse amarrar os outros três. É neste ponto que o Édipo e a realidade psíquica freudiana surgem praticamente como sinônimos, sustentando a cadeia borromeana a quatro elos, como vemos a seguir:

o que ele [Freud] chama de realidade psíquica tem perfeitamente um nome, é o que se chama Complexo de Édipo. Sem o Complexo de Édipo, nada da maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta (Lacan, 1974-1975/19_, p. 18).

Podemos pensar então, a partir deste trecho, que os nós a princípio estariam apenas sobrepostos, e que, lançando mão da realidade psíquica (ou o Édipo), um quarto elo, Freud enodaria os outros três registros como podemos ver na figura abaixo. À esquerda os elos apenas sobrepostos, e à direita enodados pela realidade psíquica – o quarto elo, em preto⁸⁵:

⁸⁵ Neste ponto de nosso texto não nos importamos com a forma apresentada do quarto elo. Apenas mais adiante (cf. item 5.2 abaixo) isto será relevante.

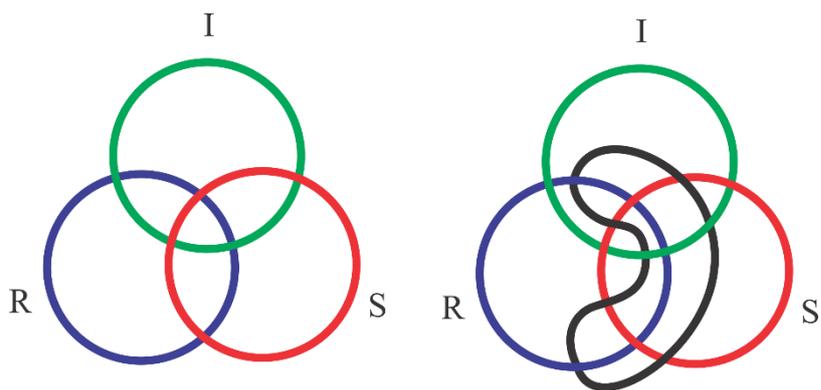


Figura 57 – O quarto elo como a realidade psíquica (Édipo)

Pouco adiante deste ponto, Lacan apresenta algo a favor de seu enodamento a três elos:

não é o Complexo de Édipo que se deve rejeitar. [...] ele é implícito nisto que, para ter o mesmo efeito, mas desta vez, mínimo, basta fazer passar nesses dois pontos o que passava por baixo, por cima, e outras palavras, é preciso que o Real sobreponha, se possa assim dizer, o Simbólico para que o nó borromeano seja realizado” (Lacan, 1974-1975/19_, p. 18, grifos do autor).

A figura abaixo pode ilustrar a citação acima. Temos à esquerda novamente os três elos apenas sobrepostos. Com a mudança nos dois pontos entre o Real e o Simbólico, os três elos se enodam em uma cadeia borromeana, como pode ser visto à direita:

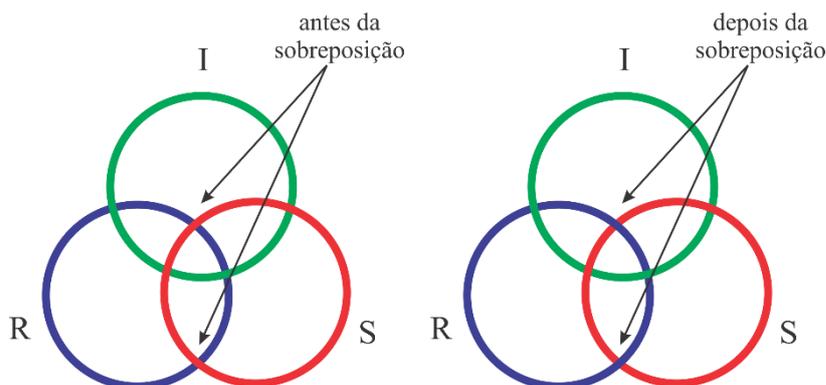


Figura 58 – Enodamento a três elos – o Édipo implícito

Neste ponto da teorização lacaniana este é o enodamento mínimo. São suficientes apenas três elos para se fazer a amarração, pois o Complexo de Édipo já estaria implícito, ou seja, ele seria a própria amarração. Nas palavras de Lacan: “atar-se de outra forma, é o que faz o essencial do Complexo de Édipo” (Lacan, 1974-1975/19_, p. 19). A *outra forma* aqui é claramente uma outra forma que não a freudiana. Se Freud precisava de um quarto elo para

sustentar a cadeia, Lacan precisaria somente de três, pois a função de amarração exercida pelo quarto elo freudiano estaria implícita na forma lacaniana de três elos. Isto nos leva à dedução de que, neste momento da teorização lacaniana, podemos pensar que o Nome-do-Pai (a realidade psíquica ou o Édipo) é a própria função de amarração quando pensamos a cadeia de três elos. Esta função estaria materializada no quarto elo freudiano, enquanto uma nova consistência.

Quase um mês depois, na lição de 11 de fevereiro de 1975, Lacan retomará suas críticas ao quarto elo freudiano, dizendo que

Freud instaura com o seu Nome do Pai, idêntico à realidade psíquica, ao que ele chama realidade psíquica, declaradamente a realidade religiosa, pois é exatamente a mesma coisa, que é por esta função, de sonho, que ele instaura o laço do Simbólico, do Imaginário e do Real (Lacan, 1974-1975/19_, p. 31).

O quarto elo como realidade psíquica é para Lacan idêntico a uma realidade religiosa porque com ele Freud *re-liga* os elos que estão à deriva, diferentemente da posição lacaniana que, neste momento, necessitaria apenas de três elos. Esta seria uma mudança radical na clínica psicanalítica, posto que o analisando freudiano, religioso, amarrado por seu Nome-do-Pai com seus quatro elos, poderia se reduzir a um analisado lacaniano, que prescindiria do pai, posto que lhe bastariam três elos (Schejtman, 2013c). Tenhamos em mente esta afirmação de que podemos prescindir do pai, pois a retomaremos em breve.

Mais próximo ao fim do seminário, na lição do dia 15 de abril de 1975, Lacan toma a distinção entre Real e realidade, tema que será abordado algumas vezes ao longo do seminário seguinte, sobre o *sinthoma*. Uma de suas falas é marcante: “o nó não é o modelo, é o suporte. Ele não é a realidade, é o Real. O que quer dizer que se há distinções entre o Real e a realidade, é o nó, não como modelo” (Lacan, 1974-1975/19_, p. 61). Neste ponto Lacan parece distinguir o Real, que seria o próprio nó enquanto suporte, de um modelo, uma construção sobre este nó, que seria a realidade.

Nesta mesma linha de raciocínio, ele continua dizendo no seminário seguinte que distingue completamente

de uma parte, esse suposto real, que é esse órgão, se assim posso dizer, que não tem absolutamente nada a ver com um órgão carnal, através do qual imaginário e simbólico estão enodados e, de outra parte, o que, da realidade, serve para fundar a ciência (Lacan, 1975-1976/2007, p. 129).

Aqui o Real aparece como um órgão não carnal que enoda Imaginário e Simbólico, ou seja, um suporte para o enodamento, diferentemente da realidade, que teria algo a servir para fundar a ciência. Novamente a relação entre algo mais primordial, um suporte, e algo secundário, como um efeito, surge da relação entre Real e realidade. Esta distinção prossegue mais adiante, agora trazendo outro ponto para a discussão: o sentido.

Lacan havia acabado de discutir a relação do sentido com o Real, dizendo que o Real é desprovido de sentido, posto que o campo do sentido é distinto do Real (cf. Figura 12 acima). Com mais algumas observações sobre o Real ele finaliza a lição do dia 13 de abril de 1976 e passa a responder a algumas perguntas. Na resposta à primeira delas, na qual alguém pergunta se a Psicanálise seria um *sinthoma*, Lacan retoma a questão dos três elos, e distingue novamente Real de realidade:

suspendo a abordagem desse terceiro que se distingue da realidade e que chamo de real. [...]

Não estou certo de que a distinção do real em relação a realidade se confunda com o valor próprio que dou ao termo real. Sendo o real desprovido de sentido, não estou certo de que o sentido desse real não poderia se esclarecer ao ser tornado por nada menos que um *sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2007, p. 131).

Vemos neste ponto que algo pode dar algum sentido ao Real, mas não o sentido na acepção que utilizamos normalmente, mas em uma acepção diferenciada: um *sinthoma*, uma amarração especial que enoda os elos, reparando os lapsos do nó. Entretanto, este não é nosso objetivo neste momento, posto que será discutido mais adiante (cf. item 5.2 abaixo). De toda forma, esta já é uma sinalização para a virada que virá em seguida. Não é mais o sentido enquanto interseção entre o Simbólico e o Imaginário que faria a realidade, mas sim um sentido que enodaria os três elos, um *sinthoma*. Todavia, antes de passarmos a tal virada, ainda se faz necessário abordar mais uma fala de Lacan, muito discutida no meio psicanalítico. Esta fala é a resposta à pergunta seguinte. Tomemos a resposta de Lacan.

A hipótese do inconsciente, sublinha Freud, só pode se manter na suposição do Nome-do-Pai. É certo que supor o Nome-do-Pai é Deus. Por isso a psicanálise, ao ser bem-sucedida, prova que podemos prescindir do Nome-do-Pai. Podemos sobretudo prescindir com a condição de nos servirmos dele (Lacan, 1975-1976/2007, pp. 131-132).

Novamente aqui temos a leitura lacaniana de que Freud necessitaria de um quarto elo, uma re-ligação, daí uma realidade psíquica, realidade religiosa, um Nome-do-Pai como Deus.

É neste sentido que Lacan se permite “certas variações em Freud”, como dito no seminário RSI (Lacan, 1974-1975/19_, p. 18). Estas certas variações, podemos pensar, é a redução que Lacan propõe de quatro para três elos, daí poder dizer que podemos prescindir do Nome-do-Pai, já que a cadeia lacaniana possui apenas três elos neste momento. Lembrando, por fim, que podemos prescindir do Nome-do-Pai com a condição de nos servirmos dele, ou seja, de supormos que, para Lacan, a cadeia de três elos já contém o Édipo (Nome-do-Pai e realidade psíquica) implícito nela, enquanto função de amarração, fica claro que prescindir do Nome-do-Pai enquanto quarto elo é uma condição para a proposta lacaniana de redução aos três elos, de uso do Nome-do-Pai não mais como uma consistência, um quarto elo como em Freud, mas sim como uma função, a função mesma da amarração borromeana.

É curioso ver esta posição lacaniana no fim do seminário, posto que ao longo do ensino deste seminário o quarto elo surge como a forma da reparação do lapso do nó, tal qual abordaremos mais detalhadamente a seguir (cf. item 5.2 abaixo). É que a discussão com relação ao quarto elo tomou parte do seminário precedente, o RSI, levando Lacan inclusive a afirmação óbvia de que Freud não é lacaniano. Entretanto, como o próprio Lacan disse em Caracas bem próximo ao fim de sua vida, “se vocês quiserem ser lacanianos, que sejam. Quanto a mim, eu sou freudiano” (Lacan, 1980, p. 1965)⁸⁶, é justamente como um bom freudiano que Lacan trabalha seu conceito de *sinthoma* como o quarto elo, aquele que nomeia o seminário e que lhe permite reinventar a forma de pensar a clínica psicanalítica a partir dali. É justamente um quarto elo como *sinthoma* que vem reparar a psicose de Joyce, como é apresentado por Lacan na última lição do *seminário 23*.

Como anexo a este seminário, Miller acrescenta a transcrição da conferência proferida por Lacan no *V Simpósio Internacional James Joyce*, em 16 de junho de 1975, intitulada *Joyce, o sintoma* (Lacan, 1975/2007). Interessante notar que a transcrição desta conferência é muito diferente do texto escrito pelo próprio Lacan e publicado nos *Outros escritos* sob o mesmo nome (Lacan, 1979[1975]/2003). Interessa-nos aqui o texto da transcrição da conferência, anexo ao *seminário 23*.

Neste texto Lacan aproxima novamente o Nome-do-Pai da realidade psíquica, sendo aquele um elemento incondicionado. Este quarto elo, o pai, “sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real” (Lacan, 1975/2007, p. 163), é o que, com Joyce, Lacan

⁸⁶ No original francês: *C'est à vous d'être lacaniens, si vous voulez. Moi, je suis freudien*. Esta frase está em uma coletânea de textos lacanianos inéditos, conhecida como *Pas-tout Lacan*. Ela pode ser encontrada na transcrição da conferência proferida por Lacan em Caracas em 12 de julho de 1980. Também é possível obter as cópias estenografadas de parte deste material.

chamará de *Sinthome*. Temos então um posicionamento diferente. Não podemos mais prescindir do quarto elo. Ele é o *sinthoma*, o Nome-do-Pai, ou um dos Nomes do Pai, enquanto solução possível para uma resposta ao lapso do nó.

De toda forma mantém-se a díade entre o Real (um dos registros da cadeia borromeana) e a realidade (aqui enquanto realidade psíquica, um quarto elo). Sem dúvida não é mais o sentido, a interseção entre Simbólico e Imaginário, que reconhecemos como a realidade. Há algo para além disto. Com a aproximação entre Nome-do-Pai e a realidade psíquica, especialmente se pensarmos com o Lacan deste período, com a pluralização dos Nomes do Pai, podemos pensar em uma construção de realidade singularizada para cada um, o que não quer dizer que haja uma realidade absolutamente individualizada, sem possibilidade de enlaçamento social.

Esta leitura começa a abrir a possibilidade de apresentarmos nossa hipótese, de que a realidade, não apenas a realidade psíquica, mas a realidade como um todo, seria o efeito da amarração dos três registros, com o auxílio de um quarto elo, ou outros mais, caso seja necessário. Entretanto, para que possamos ter uma visão mais apurada deste efeito, precisamos primeiro fazer uma aproximação da forma como Lacan pensa as nomeações e como podemos utilizar este conceito em uma clínica psicanalítica nodal. Este é o tema de nosso próximo capítulo.

5 DE NOMINAÇÕES E SUPLÊNCIAS

É em seu *Seminário 22 – RSI (1974-1975/19_)* que Lacan introduz a nomeação como um conceito, pelo menos da maneira que passa a utilizá-la desde então, próxima de seu quarto elo como aquele que vem trazer a dissimetria na cadeia borromeana de três elos, como o elemento que faz a função de amarração e que repara a cadeia. O termo nomeação [*nomination*] foi utilizado por Lacan anteriormente, mas pensamos que a partir do seminário citado ele recebe um *status* privilegiado, próximo da estrutura clínica das neuroses.

Durante as lições deste ano letivo de 1974-1975, ele aproxima o texto freudiano *Inibição, sintoma e medo* (Freud, 1926 [1925]/1996) de seus três registros – Real, Simbólico e Imaginário – não dizendo de uma correlação biunívoca entre os termos, mas sim que cada nomeação faz o reforço de um dos elos, amarrando a cadeia a quatro nós. Para entendermos então a intenção de Lacan com a introdução deste conceito, iremos rastrear em Freud os primórdios da teorização sobre o recalque nos três tipos clínicos da neurose, buscando especificidades que nos permitam pensar aproximações entre os diferentes destinos do recalque nas neuroses e as diferentes nomeações propostas por Lacan.

Nas origens da conceptualização de recalque em Freud, buscaremos as características de tal conceito, os diversos destinos do par representação/afeto durante o processo, os tempos do recalque e, depois, aproximaremos um pouco a psicose de toda esta problemática, pois, ainda que as nomeações se refiram classicamente aos quadros neuróticos, sua lógica nos auxiliará também no entendimento das psicoses. Antes de tudo teremos que abordar uma pequena questão de tradução para que possamos avançar.

É fato conhecido que o texto de Freud passou por traduções que modificaram seu entendimento, e a versão brasileira da *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, publicadas pela Imago, sofre ainda mais com estas dificuldades, pois é uma tradução de uma tradução, conforme podemos observar nas críticas de Pedro Heliodoro Tavares (2011) e Paulo César de Souza (2010).

Focaremos de início em apenas uma palavra do alemão de Freud: *Angst*. Ainda que esta palavra surja em nossa mente diretamente como *angústia*, temos que iniciar dizendo que este é um falso cognato entre o português e o alemão. A palavra *Angst* se refere na verdade ao vocábulo português *medo* (Wahrig, 2011) e é disto que Freud trata nos textos que iremos discutir aqui.

A tradução brasileira decidiu utilizar a palavra *ansiedade* para traduzir o alemão *Angst*. Isto se deve ao fato de seguir a proposta inglesa de James Strachey de traduzir o vocábulo alemão para o inglês *anxiety*, de uso corrente na psiquiatria inglesa do século XX (Hanns, 1996). Entretanto, em alemão temos uma palavra mais próxima para este afeto, a *ansiedade*: *Unruhig* – inquieto; ou *Sorge* – preocupação (Wahrig, 2011).

Para piorar a situação, há também traduções de *Angst* para angústia e medo, indiscriminadamente e sem avisos, como podemos ver neste pequeno trecho que segue, extraído do caso do Homem dos Lobos (Freud, 1918 [1914]/1996). Destacamos quatro pontos: *fobia*, *histeria de angústia*, *desenvolver a ansiedade* e *medo*. Notamos também que no original em alemão, apresentado logo em seguida, fora a palavra *fobia*, bem ao início, que já remete por si mesmo ao medo, todas as outras distintas traduções do português se referem à mesma palavra alemã – *Angst*. Vejamos:

consideremos agora a *fobia*. A sua existência começou no nível da organização genital e mostra-nos o mecanismo relativamente simples de uma *histeria de angústia*. O ego, ao *desenvolver a ansiedade*, estava se protegendo contra aquilo que considerava como um perigo esmagador, ou seja, a satisfação homossexual. O processo de repressão, contudo, deixou para trás um vestígio que não pode ser desprezado. O objeto ao qual o perigoso objetivo sexual havia sido ligado, teve que ser substituído, na consciência, por um outro. O que se tornou consciente foi o *medo*, não do pai, mas do lobo (Freud, 1918[1914]/1996, p. 118, grifos nossos).

Agora no original alemão, com os mesmos pontos em destaque:

fassen wir nun die *Phobie* ins Auge. Sie ist auf dem Niveau der genitalen Organisation entstanden, zeigt uns den relativ einfachen Mechanismus einer *Angsthysterie*. Das Ich schützt sich durch *Angstentwicklung* vor dem, was es als übermächtige Gefahr wertet, vor der homosexuellen Befriedigung. Doch hinterläßt der Verdrängungsvorgang eine nicht zu übersehende Spur. Das Objekt, an das sich das gefürchtete Sexualziel geknüpft hat, muß sich vor dem Bewußtsein durch ein anderes vertreten lassen. Nicht die *Angst* vor dem Vater, sondern die vor dem Wolf wird bewußt (Freud, 1918[1914]/1947, p. 147, grifos nossos).

É claro que as palavras, em qualquer língua, têm sentidos diferentes dependendo do contexto em que se encontram, e durante as traduções podemos traduzir uma mesma palavra da língua de saída (o alemão, no caso) por outras diferentes na língua de chegada (o português, em nosso exemplo) mas, especialmente neste contexto, pensamos que seria bem mais interessante se optássemos na tradução por outras expressões como *fobia*, *histeria de medo*, *desenvolver o medo* e *medo*, respectivamente, uma forma bem mais coerente.

Já a escola francesa de psiquiatria costuma traduzir o *Angst* alemão por *angoisse*, que traduzimos pelo português *angústia* (Hanns, 1996), e é nesta esteira que Lacan segue seus apontamentos. Em alemão também temos uma palavra próxima para este afeto, a *angústia*: *Beklemmung* – oprimido, apertado (Wahrig, 2011).

Usaremos então, por opção nossa, o termo *angústia*, sempre que nos referirmos às teorizações lacanianas, e *medo* quando abordarmos as teorizações freudianas, mantendo em mente sempre as relações entre os verbetes *medo* e *angústia*.

5.1 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE RECALQUE

Normalmente tendemos a entender o recalque de uma maneira geral, como se apenas uma forma fosse possível, indiferente ao tipo clínico (histeria, neurose obsessiva ou fobia), e nesta construção tudo funcionaria assim: primeiramente teríamos um representante psíquico [*psychischen Repräsentanz*], composto de duas partes: uma representação [*Vorstellung*], a parte qualitativa do representante; e um afeto [*Affekte*], a parte quantitativa do representante.

Sempre lembramos do recalque como uma separação entre a representação e o afeto, que funcionaria com o seguinte mecanismo: quando nos deparamos com uma representação insuportável [*unverträglich*], esta é retirada do Consciente por meio do recalque e enviada ao Inconsciente. O passo seguinte seria a substituição [*Ersatz*] da representação original por uma substituta, formando, por exemplo, o sintoma.

Entretanto, o processo não é tão simples assim. Além do mais ele foi revisto por Freud ao longo dos anos, sofrendo algumas alterações da forma original, esta, apresentada no texto sobre *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/1996). É importante lembrar que em tal texto nem sequer encontramos a palavra Inconsciente. O relato de Freud sobre o recalque ocorre bem no início da seção III, onde ele diz que “a defesa contra a representação insuportável foi efetuada separando-a de seu afeto; a representação permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada” (Freud, 1894/1996, p. 64).

Neste texto, e em outros próximos desta data, Freud diferencia o recalque na histeria do recalque na fobia e nas representações coercivas [*Zwangsvorstellungen*]⁸⁷. Ele também apresenta uma forma de defesa mais poderosa e bem-sucedida na qual a representação e o afeto seriam rejeitados [*verwirft*] produzindo uma confusão alucinatória. Estes quatro tipos clínicos são agrupados por Freud neste momento como neuropsicoses de defesa (Freud, 1894/1996). São portanto três tipos diferentes de destino para o par representação/afeto, gerando três tipos clínicos diferentes: um para a histeria, um para o par fobia/representações coercivas, e outro para a confusão alucinatória.

O início seria idêntico para as três primeiras formas (histeria de conversão, fobia e representações coercivas). Resumindo, retira-se da representação insuportável sua soma de excitação, diminuindo sua força. Assim uma representação forte torna-se fraca. Este é o fundamento do recalque (Freud, 1894/1996).

Depois deste ponto, na histeria, a representação se torna inofensiva pois a soma de excitações livres, o afeto, se transforma em algo corporal. Nas representações coercivas e nas fobias o afeto livre permanece na esfera psíquica e faz uma falsa ligação, ligando-se a outras representações que não são insuportáveis em si mesmas. No caso da confusão alucinatória, os dois componentes seriam rejeitados juntos, como vimos anteriormente (Freud, 1894/1996).

Esta proposta sofrerá algumas alterações ao longo da construção teórica freudiana. Um grande ponto de discussão se encontra no texto metapsicológico sobre *O recalque* (Freud, 1915a/1996). Nele temos novamente o mecanismo do recalque apresentado como a separação entre as duas partes do representante psíquico – representação e afeto. De toda forma, Freud afirma que esta forma de defesa, o recalque, somente pode acontecer se já houver uma cisão entre Consciente e Inconsciente (o que veremos em outro ponto quando discutirmos os três tempos do recalque), o que não se daria desde o início, e que “a essência do recalque consiste em recusar [*Abweisung*]⁸⁸ e manter algo à distância [*Fernhaltung*] do consciente” (Freud, 1915/1996, p. 152). Entretanto, não fica claro no texto se este algo que foi recusado e mantido à distância do Consciente foi enviado ao Inconsciente, a não ser por uma pequena frase onde ele diz que costumamos esquecer “o fato de que o recalque não impede que o representante

⁸⁷ Mais adiante se tornaria o que conhecemos como neurose obsessiva, ainda que uma tradução mais apropriada seria de neurose coerciva [*Zwangsneurose*], devido ao termo *Zwang* – coerção. No texto da *Edição Standard* a expressão que traduzimos aqui como representações coercivas vem traduzida como obseção.

⁸⁸ Esta palavra é usada em alemão, corriqueiramente, para tratar de alguém que foi deportado, ou seja, estava em um país e lhe foi imputada a pena de deixar tal país, sendo-lhe recusada a permanência. Adotamos a tradução desta palavra por recusa (palavras oriundas do verbo *weisen*), evitando a confusão existente na *Edição Standard* que traduz vários termos por rejeição, termo já utilizado para traduzir o alemão *Verwerfung*.

pulsional [*Triebrepräsenz*] mantenha-se [*fortzubestehen*], no Inconsciente” (Freud, 1915a/1996, p. 153). Ainda assim não fica claro que a representação tenha sido enviada para o Inconsciente e lá permaneça ou se ela já se encontrava lá, apenas não tendo acesso ao Consciente; ou ainda como no trecho de *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/1996), se ela permaneceu enfraquecida e isolada na consciência. Deixemos isto em suspenso por enquanto.

Bem ao fim do texto sobre *O recalque* (Freud, 1915a/1996), Freud propõe diferenciações em relação ao recalque nos três tipos clínicos da neurose – a histeria, a neurose obsessiva (neste ponto já *Zwangsneurose*) e a fobia. Aqui encontraremos então os possíveis destinos das duas partes, a qualitativa e a quantitativa, a representação e o afeto, durante o processo do recalque nestes três tipos clínicos. Sigamos o percurso argumentativo de Freud.

Ele nomeia a Fobia de *histeria de medo* [*Angsthysterie*] (Freud, 1915b/1999), o que geralmente encontramos em português como *Histeria de angústia* e *Histeria de ansiedade*, de acordo com as escolas francesa ou inglesa, respectivamente. Na Fobia o recalque funciona basicamente como vimos na maneira geral. Freud dará o exemplo do *Homem dos Lobos*, que ele apresentará ali com o diagnóstico de uma fobia animal.

Depois do recalque, uma moção agressiva contra o pai desapareceu [*geschwunden*] da consciência [*Bewußtsein*] por ser insuportável. Em seu lugar forma-se um substituto, o lobo, que serve como objeto de medo. Vemos então que a parcela qualitativa foi substituída por deslocamento, enquanto a parcela quantitativa foi transformada em medo (Freud, 1915a/1996).

Na Histeria de conversão o quadro é bastante diverso, podendo ocorrer um total desaparecimento [*völligen Verschwinden*] do afeto. Neste caso surge o que Charcot chamava de *la belle indifférence des hystériques*. Também pode ocorrer que a parcela representacional tenha seu acesso à consciência completamente privado [*gründlich entzogen*]. O sintoma se formará por substituição da representação recalçada, e então o local escolhido para o sintoma conversivo atrai, por condensação, pontos somáticos e motores (Freud, 1915a/1996). O sucesso do recalque na histeria de conversão é pensado devido ao desaparecimento total do afeto. Entretanto, a parcela representacional, a partir de seu substituto, pode causar sofrimento, ainda que a histérica nada saiba sobre isto, pois do representante original nada mais existe na consciência.

Na neurose obsessiva, há ainda uma nova proposta, dividida em dois tempos. Em um primeiro momento há um sucesso absoluto, pois, a representação é recusada [*abgewiesen*] e o afeto desaparece [*Verschwinden*]. Mas este recalque bem-sucedido não se mantém (Freud, 1915a/1996). O afeto retorna como medo social (consciência moral e repreensão) e a representação pode retornar como algo menor, via deslocamento; mas há uma grande tendência

a retornar completa e intacta. O obsessivo acaba se punindo através de fugas, evitações e proibições (retorno do afeto) e inibindo suas ações (isolamento da representação) (Freud, 1915a/1996).

Vimos nestes trechos como são os destinos referentes à parcela representacional (qualitativa) e também à parcela afetiva (quantitativa) do representante psíquico nos diferentes tipos clínicos da neurose. Entretanto, ainda se mantém a mesma dúvida sobre o que Freud intentava dizer com termos como desaparecimento, recusa e privação, se a parcela que sofreu este destino foi para o Inconsciente, se se manteve no Consciente ou se realmente desapareceu.

Esta última hipótese pode nos trazer certa dificuldade de entendimento quando pensamos no destino do representante psíquico como um todo nos casos de rejeição [*Verwerfung*], pois quando tudo é rejeitado e desaparece o que resta é a confusão alucinatória, como vimos anteriormente. Evitando esta dificuldade, não podemos admitir a terceira hipótese (de um simples desaparecimento) pois ela nos levaria muito mais próximo da psicose. Teremos de manter, a princípio, as duas primeiras: ou permanece no Consciente ou é enviada ao Inconsciente.

Freud nos dará a solução em um texto do mesmo ano – *O Inconsciente* (Freud, 1915b/1996). Mas antes teremos que atentar para a apresentação de duas hipóteses por parte de Freud, uma tópica e outra funcional. Vejamos cada uma em separado.

Na hipótese tópica, supomos que quando um ato psíquico é transposto do sistema Inconsciente para o sistema Consciente, tal transposição cria no segundo uma nova fixação [*Fixierung*], uma segunda inscrição [*eine zweite Niederschrift*] da representação em questão. Daí teríamos duas inscrições da mesma representação em localidades diferentes do aparelho psíquico, existindo paralelamente. Na hipótese funcional supomos que na transposição exista uma mudança de estado da representação, mas que envolve o mesmo material e ocorre no mesmo local (Freud, 1915b/1996), e, portanto, apenas uma inscrição.

Neste ponto a solução também não nos é dada por Freud e ainda temos mais uma questão que pode, a princípio, passar despercebida. Freud trata neste ponto apenas da parcela representacional do representante psíquico. Mas, e quanto ao afeto? Não seria possível levantar algumas questões a respeito deste ponto? Quando ele desaparece do Consciente, qual é seu destino? Freud também apresenta alguns esclarecimentos. Mas, para que possamos compreender o destino do afeto, torna-se necessário fazermos mais um pequeno desvio, partindo da pulsão, até obtermos clareza sobre o que Freud chama de afeto.

No terceiro capítulo de seu texto sobre *O Inconsciente* (Freud, 1915b/1996), no qual Freud trata dos sentimentos [*Gefühle*] inconscientes, ele diz que a pulsão nunca pode se tornar

consciente, mas apenas a representação [*Vorstellung*] que a representa [*repräsentiert*]. Notemos que neste ponto temos duas palavras para o que, em português, parecendo um pleonismo, traduzimos como representação. A primeira, *Vorstellung*, diz da ideia; a segunda, *repräsentiert*, diz da função de representar, ou seja, da função de estar no lugar de outra coisa. Assim temos uma representação (ideia – [*Vorstellung*]) que representa (vai no lugar de – [*repräsentiert*]) uma pulsão. Somente esta representação, que está no lugar de uma pulsão sempre inconsciente, é acessível ao Consciente, e até mesmo no Inconsciente a pulsão somente pode ser representada por uma representação.

A argumentação freudiana continua dizendo que se uma pulsão não se ligar a uma representação ou se manifestar como um afeto, nada poderemos saber dela. Por isto Freud admite que falar de moções pulsionais inconscientes ou recalçadas não é nada mais que uma maneira inofensiva de se expressar. Desta maneira poderíamos falar de uma moção pulsional que tem o representante de sua representação [*deren Vorstellungsrepräsentanz*] inconsciente. Freud então se coloca outra questão: falar de sensações, sentimentos, afetos, [*Empfindungen, Gefühlen, Affekten*] inconscientes seria o mesmo que falar de pulsões inconscientes? Sua resposta é que na verdade são dois pontos distintos. Uma moção afetiva ou sentimental pode ser mal interpretada ao ser notada pela consciência e então ter sua parcela representacional recalçada. Este afeto livre liga-se então a outra representação. Se retomarmos a conexão original diríamos que o afeto estava inconsciente. Mas ainda segundo Freud (1915b/1996, pp. 182-183), “seu afeto nunca foi inconsciente; o que aconteceu foi que sua representação foi recalçada. Em geral, o emprego das expressões ‘afeto inconsciente’ e ‘sentimentos inconscientes’ refere-se a destinos sofridos, em consequência do recalque, pelo fator quantitativo da moção pulsional”. Seguindo, Freud diz de três possíveis destinos para o fator quantitativo do representante psíquico: o afeto pode permanecer totalmente, ou em parte, como era originalmente; pode ser transformado em uma quota de afeto qualitativamente diferente, geralmente em medo; ou ele pode ser reprimido [*unterdrückt*], ou seja, ter seu desenvolvimento absolutamente impedido [*seine Entwicklung überhaupt verhindert*] (Freud, 1915b/1996).

Esta última possibilidade (reprimir o desenvolvimento do afeto) é a verdadeira finalidade do recalque, e o sucesso do recalque é incompleto se não obtiver êxito nesta parte. Desta maneira, toda vez que o recalque consegue inibir o desenvolvimento dos afetos, temos de denominar estes afetos de inconscientes. Partindo disto Freud faz uma grande distinção entre as representações e os afetos no inconsciente:

em comparação com representações inconscientes [*unbewußten Vorstellung*], se verifique a importante diferença de que, após o recalque [*nach der Verdrängung*], representações inconscientes continuam a existir como formações reais [*als reale Bildung*] no sistema Ics., ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é apenas uma possibilidade que não teve permissão de se desdobrar [*nur eine Ansatzmöglichkeit*]. A rigor, então, e ainda que não se possa criticar o uso linguístico, não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem representações inconscientes. Pode, porém, muito bem haver formações afetivas [*Affektbildungen*] no sistema Ics., que, como outras, se tornam conscientes. A diferença toda decorre do fato de que representações são investimentos [*Besetzungen*] — basicamente de traços de memória —, enquanto que os afetos e os sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sensações [*Empfindungen*]. [...]

É de particular interesse para nós a constatação do fato de que o recalque pode conseguir inibir a transposição de uma moção pulsional em expressão de afeto [*die Umsetzung der Triebregung in Affektäußerung zu hemmen*] (Freud, 1915b/1996, p. 183).

Temos assim uma solução final para a questão do afeto. Ainda que não possamos falar precisamente que um afeto é recalado ou que ele foi enviado ao Inconsciente, podemos dizer que ele foi inibido, ou ainda mais precisamente, que uma moção pulsional foi impedida de se apresentar no Consciente como um afeto. Desta maneira, um afeto que é reconhecido no Consciente foi na verdade a descarga de uma moção pulsional, reconhecida como uma sensação. O sucesso do recalque, ao menos em parte, diz então da capacidade de inibir este afeto (ou descarga da moção pulsional) ainda em seu nascedouro. Assim, um afeto que tem seu acesso ao Consciente recusado, foi na verdade inibido em seu desenvolvimento, não chegando a ser reconhecido como afeto.

A questão da parcela representacional será melhor trabalhada por Freud no texto sobre *O Inconsciente* (Freud, 1915b/1996). Ao fim deste texto o pai da Psicanálise divide esta parcela representacional em duas partes: a representação-coisa [*Sachvorstellung*] e a representação-palavra [*Wortvorstellung*] (cf. item 4.2 acima). Com isto ele dá a solução final para a questão do desaparecimento ou recusa da representação no Consciente. Vamos primeiro diferenciar estas duas representações – representação-palavra e representação-coisa – para que possamos entender o argumento freudiano, e para isto teremos que novamente voltar às questões da tradução de Freud.

Iniciemos pela parte compartilhada nas duas palavras – *Vorstellung*. Esta é uma palavra que tem uma grande gama de significações, e que geralmente é traduzida por *representação*. Na *Edição Standard* muitas das vezes encontramos a tradução por *ideia*, e algumas vezes, como no fim do texto sobre *O Inconsciente*, por *apresentação*. Todas estas possibilidades estão dentro

com campo semântico da palavra *Vorstellung* mas, como critério, adotaremos representação, diferenciando de outras palavras alemãs que poderiam traduzir melhor as palavras ideia [*Idee*] e apresentação [*Darstellung*]. A palavra *Vorstellung* é constituída da preposição *vor* (diante de, perante, na frente de), da raiz do verbo *stellen* (pôr, colocar, colocar de pé) e do sufixo de substantivação *ung* (semelhante ao nosso *ção* em português). Em uma tradução ao pé da letra, poderíamos dizer que é uma *colocação diante de*, um *posicionamento prévio*, ou seja, uma apresentação prévia de algo. Neste sentido, quando dizemos a palavra elefante, já temos a representação do elefante, mesmo antes de encontrarmos o elefante enquanto objeto em nossa frente. Ainda que a palavra portuguesa dê a impressão de uma nova apresentação (reapresentação), o sentido alemão traz a concepção de uma apresentação anterior, prévia (Hanns, 1996; Wahrig, 2011), o que condiz com a leitura de Garcia-Roza (1991) por nós apresentada anteriormente (cf. item 4.2 acima).

As outras partes das palavras – *Sache* e *Wort* – seriam respectivamente traduzidas sem maiores dificuldades por coisa e palavra. Entretanto há que se fazer uma pequena observação quanto à palavra *Sache*. Esta palavra se refere à coisa, entretanto nunca se utiliza em relação a um objeto enquanto coisa, mas sim a um assunto, matéria de discussão (*Das ist meine Sache!* - Isto é assunto meu!; *Familiesache* - assunto/caso de família). Há outra palavra para *coisa* em alemão, a conhecida palavra *Ding*, utilizada por Kant (*Ding an sich* – coisa-em-si). *Ding* refere-se ao objeto, à coisa mesma, e mesmo Freud, aparentemente, cria alguma confusão no uso dos termos, pois em *Luto e melancolia* (Freud, 1917 [1915]a/1996) ele diz novamente da representação-coisa, mas ali utilizando a palavra *Ding*, ao dizer da “representação (da coisa) inconsciente do objeto [*unbewußte (Ding-) Vorstellung des Objekts*]”. Podemos pensar aqui que ele trata de representações de coisas diferentes? Por que Freud teria colocado a palavra *coisa* entre parênteses? Uma possível solução, seria pensar que esta frase apresenta uma construção que é difícil de se traduzir, devido à gramática alemã. Se formos traduzir com mais cuidado, veremos que a palavra *Objekts* neste momento pode ser pensada como um substituto para a palavra *Sache*, tal qual o esquema de Brentano (cf. Figura 44 acima), o que poderia retirar a aparente confusão. Assim, seria a representação inconsciente da coisa (*Sache, Objekt*) que se refere à coisa (*Ding*), voltando tudo ao sentido original freudiano. O que podemos dizer é que a palavra *Ding* se refere à coisa palpável, tangível, e é corriqueiramente utilizada no sentido mais popular; a palavra *Sache* refere-se também à coisa, mas em um sentido um pouco mais abstrato.

Feitas estas diferenciações, prossigamos com a argumentação freudiana. Ele rejeita suas duas hipóteses iniciais, tópica e funcional. O que diz agora é que a representação consciente

contém tanto a representação-coisa quanto a representação-palavra (palavra que pertence à coisa), enquanto a representação inconsciente contém apenas a representação-coisa. No sistema inconsciente há o investimento de coisa do objeto [*Sachbesetzungen der Objekte*], os primeiros e verdadeiros investimentos objetivos. O sistema pré-consciente ocorre quando esta mesma representação-coisa é sobreinvestida [*überbesetzt*] com a representação-palavra que lhe corresponde. Finalmente temos a resposta freudiana ao destino da representação no processo de recalque: a representação recusada [*zurückgewiesenen* – recusada de volta] nas neuroses tem seu sobreinvestimento em palavra refugado ([*verweigert*] negado, recusado), ou seja, uma representação que não é posta em palavras tem seu acesso ao Consciente refugado e permanece no Inconsciente, recalçada (Freud, 1915b/1996).

Podemos finalmente resumir, agora com precisão, os destinos do par representação/afeto nos três tipos clínicos da neurose. Na fobia, a parcela representacional tem sua representação-palavra recusada ao Consciente, permanecendo apenas o afeto livre. Este afeto então sofre uma mudança qualitativa para o medo e, por deslocamento, recebe uma outra representação-palavra que substitui a original. Assim, no exemplo freudiano do Homem dos Lobos, os sentimentos ambivalentes em relação ao pai têm sua representação-palavra (pai) recusada ao Consciente (desaparece, como dito no texto sobre *O recalque*). O afeto livre se transforma em medo. Por deslocamento, surge o lobo (nova representação-palavra) que se liga ao afeto transformado. O resultado é a fobia animal. Há um radical fracasso do recalque, pois o afeto não deixou de causar desprazer, apenas ocorrendo a substituição da parcela representacional.

Na histeria de conversão o resultado é inicialmente bem sucedido, pois o afeto que causava o desprazer foi inibido em seu desenvolvimento (teve seu acesso inteiramente privado), assim como também desapareceu completamente a representação-palavra ligada ao ato psíquico (*la belle indifférence des hystériques*). Entretanto, a representação-coisa mantém-se ativa no Inconsciente, buscando outra representação-palavra que a substitua. Por condensação, uma determinada região do corpo é sobreinvestida e o sintoma aparece como um substituto. Neste caso também podemos dizer que o recalque é um fracasso, pois o sintoma conversivo também traz uma cota de desprazer. Ainda assim, parcialmente, em relação ao afeto original, ele tem êxito total.

Finalmente, na neurose obsessiva, temos um êxito completo, mas apenas inicial, pois a parcela representacional desaparece e o afeto é inibido em seu desenvolvimento (é recusado ao Consciente). Entretanto, em um segundo momento, esta apresentação do recalque falha totalmente, pois o afeto se transforma em medo social e conscienciosidade; e a parcela

representacional pode retornar sem alterações, ou deslocada para algo insignificante, causando grande sofrimento, levando o obsessivo a uma luta sem fim. Poucas alterações ocorrerão futuramente na teorização de Freud sobre o recalque, mas precisamos marcar ao menos mais dois pontos importantes.

O primeiro deles ocorre dez anos mais tarde, em seu texto *Inibição, sintoma e medo* (Freud, 1926 [1925]/1996). Há uma modificação teórica no aspecto do recalque e alguns novos apontamentos sobre os três tipos clínicos da neurose, agora sob a luz da segunda tópica do aparelho psíquico. Boa parte do trabalho deste texto é dedicado ao medo [*Angst*], sua sede, seu surgimento, as consequências possíveis e seu protótipo (o medo da castração).

No caso do recalque, a mudança mais clara é que, na proposta anterior, quando uma representação era recalçada, um dos possíveis destinos do afeto livre era se transformar em medo, podendo caminhar para a formação de sintomas. Agora a ordem se inverte. Quando há uma situação de perigo, externo ou interno, o Eu dispara um sinal de medo, que faz entrar em cena o processo do recalque. Há apenas uma inversão na ordem dos acontecimentos. O restante se mantém como é.

Ainda que cada uma das formas apresentadas neste texto por Freud (inibição, sintoma e medo) sejam alternáveis dentro da história clínica de cada um, e que também não sejam elas diretamente ligadas a cada um dos tipos clínicos da neurose (histeria, neurose obsessiva e fobia) podemos pensar, ainda que de maneira bastante simples, que cada uma das formas apresenta uma característica marcante de um dos tipos clínico. Teríamos então, como características marcantes: o sintoma na histeria; a inibição na neurose obsessiva; e o medo na fobia.

O segundo ponto ocorre pouco adiante, em seu texto sobre o *Fetichismo* (Freud, 1927/1996). Freud novamente apresenta uma pequena observação sobre o destino do par representação/afeto. Diz ele que “se quisermos diferenciar mais nitidamente o destino da representação [*das Schicksal der Vorstellung*] como distinto daquele do afeto, e reservar a palavra recalque [*Verdrängung*] para o afeto, então a designação alemã [*deutsche Bezeichnung*] correta para o destino da representação seria desmentido/contestado [*Verleugnung*]”⁸⁹ (Freud, 1927/1996, p. 156).

⁸⁹ Há que se lembrar que esta é a palavra utilizada por Freud no período em questão (1927 em diante) como mecanismo de defesa da perversão e também da psicose. O que vemos é que Freud busca uma forma de defesa na qual a castração é contestada, desmentida. Com isto obtemos um impasse: desmentir algo não traz a verdade à tona. Assim, o perverso, ao desmentir/contestar a castração na mãe não apresenta com este ato a verdade, ou seja, se a mãe é castrada ou não (cf. item 2.2.1 acima).

Este ponto fica bastante problemático se tomarmos sua leitura a partir das construções lacanianas que seguimos nos dias atuais. Mas vamos buscar entender esta passagem de Freud, dentro do contexto em que ela surgiu. Freud havia dito anteriormente, e nós marcamos isto também aqui em nosso texto, que a essência do recalque é impedir que o afeto cause desprazer. Também apresentamos em outro ponto que a palavra alemã *Verleugnung* tem diversas traduções em português, uma delas se referindo à negação, que também faz parte do campo semântico de tal palavra, assim como o desmentir e o contestar. Agora retomemos a passagem freudiana. Segundo ele, a palavra correta para o afeto seria recalque [*Verdrängung*], e podemos concordar com ele, desde que pensemos que a essência do recalque é inibir o afeto. Também devemos concordar com Freud quando ele propõe a palavra contestar (ou negar) [*Verleugnung*] para a representação, pois vimos que este é o destino da representação no Consciente, ou seja, a representação (mais especificamente a representação-palavra) é negada no Consciente, promovendo o desaparecimento da representação. Deste modo, a proposta freudiana sobre o recalque não se modifica.

Resumindo, não há grande diferença das teorizações anteriores. O recalque continua a ter como principal objetivo a eliminação do afeto, por isto Freud reserva a palavra recalque para o destino do afeto. Quanto à representação, o que ocorreria é que sua presença no Consciente seria contestada, desmentida, negada, como se sua presença no Consciente não pudesse ser realmente aceita, daí o destino em questão.

Temos que pensar que o recalque em Freud é um dos mecanismos de defesa, junto com o desmentido. Mas também pode ser pensado como um processo que separa afeto de representação, fazendo com que as partes deste par que formam o representante psíquico sofram destinos diferentes. Neste sentido, enquanto um processo mais geral, o recalque incide sobre ambas as partes do representante psíquico, mas podemos ser mais específicos e dizer que o afeto é inibido, impedindo seu reconhecimento pela consciência (essência do recalque), enquanto a representação tem sua presença no Consciente negada ou contestada.

Por fim, é importante pensarmos que os três possíveis destinos do representante psíquico que aqui trouxemos, acabam por se apresentar como as três formas propostas por Freud mais ao fim de sua teorização, a saber, a inibição, o sintoma e o medo. Estas serão diferentes formas de se apresentar do retorno do recalcado, terceiro tempo do recalque, que muitas vezes generalizamos sobre a alcunha de sintoma. Pudemos ver então que estes três destinos possíveis remetem a formas diferentes de o Inconsciente trabalhar com o recalcado, e pudemos também aproximar cada uma destas formas aos três tipos clínicos da neurose: a inibição para a neurose obsessiva, o sintoma para a histeria de conversão, e o medo para a fobia, mesmo sabendo que

estas formas de retorno não são exclusivas de cada um dos tipos clínicos, mas apenas formas mais características.

Pensamos que a partir de tais formas distintas, Lacan pode trabalhar cada uma delas como uma diferente nomenclatura, o que nos permitirá pensar em uma clínica nodal, porém isto é tema para o próximo item.

5.2 AS NOMINAÇÕES EM LACAN

Depois de todo este percurso em Freud, apresentando as possibilidades de diferentes destinos no par representação/afeto, ou seja, justificando diferenças entre as formas do recalque e do retorno do recalque, e mais ainda, aproximando estas diferentes possibilidades da proposta freudiana da inibição, do sintoma e do medo, poderemos finalmente passar a Lacan, para buscarmos compreender o que ele pretendia com a teorização sobre as nomenclaturas, a qual ele busca justamente no texto freudiano *Inibição, sintoma e medo*. Lembremos que em Lacan a proposta de tradução do texto freudiano será diferente, devido à escola francesa. Teremos então três nomenclaturas: *Inibição, sintoma e angústia*.

No momento de sua teorização em que surgem as nomenclaturas com um quarto elo, Lacan ainda está às voltas com a cadeia borromeana de três elos, mas se mostra insatisfeito com a complementariedade existente entre estes três elos. Era necessário algo que fizesse a dissimetria entre eles. Afinal, se não temos nada que diferencie os registros (uma cor, um nome) eles seriam exatamente equivalentes, e isto poderia nos levar a uma contradição na teoria lacaniana. Desta maneira, seria como se pudéssemos falar que *há a relação sexual*, que há paridade⁹⁰. Como poderíamos diferenciar um elo de outro? Vejamos na figura abaixo:

⁹⁰ Em seu *Seminário 20*, Lacan (1972-1973/1985) trabalha aquilo que ficou conhecido como as tábuas da sexuação, a partir das quais ele apresenta uma impossibilidade de complementariedade, de paridade entre os sexos. O aforismo que ficou então conhecido por causar grande estarrecimento na época foi: *Não há relação sexual*. Entretanto, a intenção de Lacan não era dizer que os seres humanos não fazem sexo, ou que não exista o ato sexual, mas sim o sentido que já apontamos, o de que não há uma complementariedade, uma paridade entre os sexos.

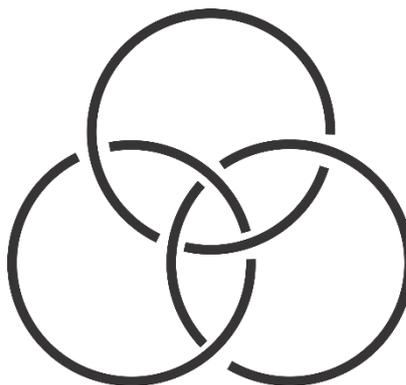


Figura 59 – Cadeia borromeana de 3 elos em preto e branco
(Lacan, 1972-1973/1985, p. 168)

Surge então a proposta da amarração a quatro. Um quarto elo surgiria fazendo o contorno ou o reforço de um dos registros, e nós poderíamos então ter a dissimetria proposta por Lacan. Podemos assim voltar a seu aforismo: *não há relação sexual*.

Lacan passa então a discutir cada uma das nomeações (1974-1975/19_). Para ele, a inibição seria uma detenção produzida pela intrusão do Imaginário no Simbólico; o sintoma é um efeito do Simbólico no Real; e a angústia é um transbordamento do Real sobre o Imaginário, no corpo. Vejamos cada uma separadamente.

Lacan diz que a inibição é sempre relativa ao corpo, ainda que esteja fora dele, mas também tem algo de simbólico, na verdade, um buraco no Simbólico. Por isto Lacan apresenta a inibição como uma aba que contorna o Imaginário, mas a situa dentro do elo do Simbólico. O restante funciona da mesma maneira. Lacan coloca o sintoma na aba que contorna o Simbólico e o situará dentro do elo do Real, já que o sintoma é o efeito do Simbólico no Real. A angústia, por fim, estará na aba que margeia o Real, situada dentro do elo do Imaginário (para as relações entre os termos buraco, corpo, consistência, etc. cf. item 3.3.2 acima). Vejamos tudo isto no nó de três elos abaixo:

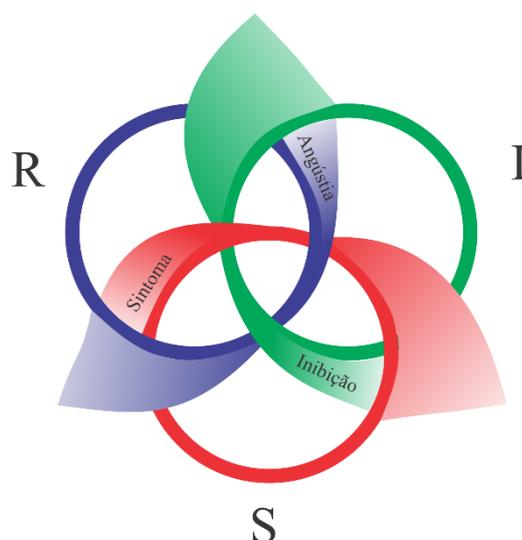


Figura 60 – Nomações na cadeia de três elos
(adaptado da lição de 21/01/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

Partindo disto Lacan propõe então, ao fim do *Seminário 22*, as três nomações.

- Nomação do Simbólico – sintoma
- Nomação do Imaginário – inibição
- Nomação do Real – angústia

No *Seminário 23*, Lacan (1975-1976/2007) diz que Real, Simbólico e Imaginário não se atam naturalmente, e conclui pela necessidade de um quarto elemento: o *Sinthome*, o qual ele grafará com um Σ (sigma maiúsculo). Lacan diz que os elos são cambiáveis, e isto nos permite fazer a amarração das nomações, desde que respeitemos uma certa combinação. São cambiáveis os elos R e I, assim como os elos S e Σ . Temos então o seguinte posicionamento:

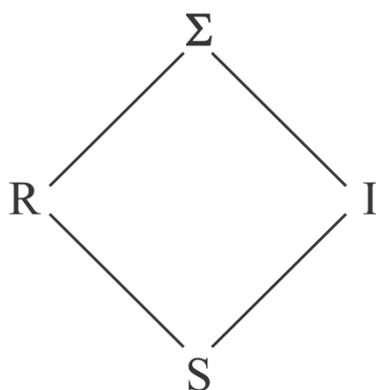


Figura 61 – Combinatória das nomeações
(adaptado da lição de 13/05/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

Podemos alternar R e I , sem alterar S e Σ . Isto nos daria outra forma de o quarto elo fazer a amarração. Podemos também alterar S e Σ , sem alterar R e I , o que nos daria ainda outra forma. Como o quarto elo não se contorna (a si mesmo, obviamente), temos apenas seis formas finais de amarração, ou seja, duas para cada uma das três nomeações propostas por Lacan.

Podemos pensar as nomeações de uma maneira bastante simples, partindo deste modelo de quatro lados. Assim, teríamos as três nomeações com as seguintes configurações (notemos que o Σ será substituído pela nomeação que se apresenta):

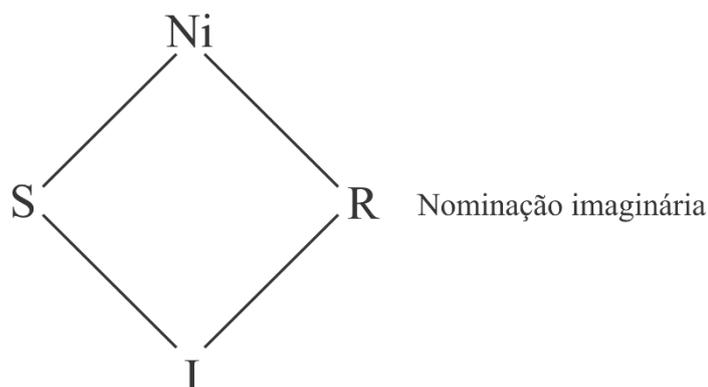


Figura 62 – Nomeação imaginária
(adaptado da lição de 13/05/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

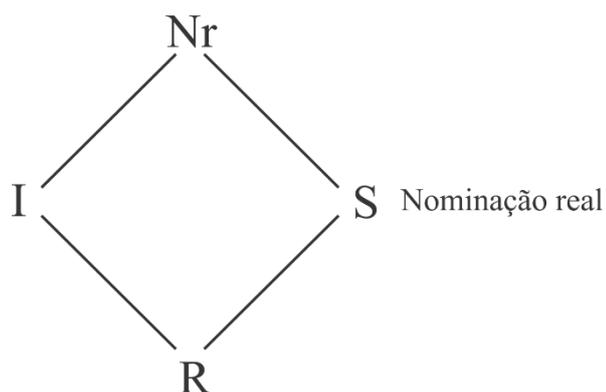


Figura 63 – Nominação Real

(adaptado da lição de 13/05/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

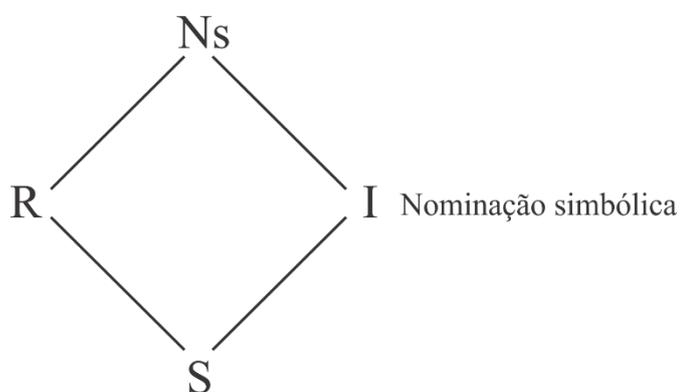


Figura 64 – Nominação simbólica

(adaptado da lição de 13/05/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

O que podemos notar é que na cadeia borromeana de três elos é sempre o Nome-do-Pai que faz o enlaçamento. Podemos pensar que ali, a função de amarração se dá pelo próprio enodamento borromeano (cf. item 4.3.2 acima). Entretanto, como Lacan diz que a cadeia de três elos não se enoda por si só, as nomeações, enquanto quartos elos, então, funcionam como Nomes do Pai, outras formas de amarrar.

As combinações possíveis já são encontradas em um texto bem inicial de Lacan, chamado *O simbólico, o imaginário e o real*, de 1953 (Lacan, 1953/2005). Podemos apresentá-las na tabela a seguir:

Posições			
	1º	2º	3º
1	S	I	R
2	S	R	I
3	R	I	S
4	R	S	I
5	I	R	S
6	I	S	R

Tabela 1 – Combinações possíveis de RSI

(Schejtman, 2013, p. 175)

Após esta tabela podemos inserir o quarto elo (as seis formas possíveis de nominação) seguindo aqui a ideia de Schejtman (2013) que propõe uma letra minúscula grega para cada elo, evitando assim confusões de grafia, ainda que se perca a clássica escrita do Σ para o *Sinthome*. Ele proporá para o sintoma a grafia σ (sigma); para a angústia a grafia α (alfa); e para a inibição a grafia ι (iota). A partir disto teremos então as seguintes combinações:

S σ I RS σ R IR α I SR α S II ι R SI ι S R

5.2.1 Os lapsos na cadeia borromeana

Mas como poderíamos passar o quarto elo enodando os demais borromeamente? Há um ponto bastante interessante no que diz respeito ao enlaçamento do quarto elo. Durante o

Seminário 22 (Lacan, 1974-1975/19_) Lacan trabalha boa parte com a cadeia de três elos, a qual se apresenta enodada borromeamente. Nesta configuração um quarto elo não é possível, pois ele não consegue amarrar-se aos demais. Podemos pensar que, se o quarto elo é uma forma de dar consistência à função de amarração, ou seja, de dar consistência aos Nome-do-Pai, na cadeia de três elos, na qual supomos que tal função está dada pela própria amarração a três, seria redundante inserir um quarto elo. Portanto, se partirmos de uma cadeia de três elos enodada borromeamente e tentarmos enodar o quarto elo como nas figuras que veremos adiante, o resultado será invariavelmente nulo. O quarto elo não se enodará em nenhuma das configurações (cf. item 4.3.2 acima).

Faz-se necessária então uma nova forma de se abordar os nós. Como dissemos anteriormente, Lacan diz no *Seminário 23* (1975-1976/2007) que os três elos não se atam naturalmente, ou seja, temos que pensá-los sempre desamarrados. Entretanto, para que possamos buscar uma forma de organizar e sistematizar a maneira como estes três elos aparecerão, iremos partir, ainda que didaticamente, sempre da cadeia de três elos enodada borromeamente. A partir daí iremos introduzir lapsos⁹¹ que irão fazer distintas configurações na disposição destes elos, ou seja, há uma necessidade lógica de se pensar a cadeia borromeana de três elos para que possamos, logo a seguir, pensar os lapsos ocorridos na mesma.

Iremos trabalhar aqui basicamente com duas formas de cadeias: as borromeanas e as olímpicas. Tomemos de início apenas as borromeanas. Partiremos sempre de uma cadeia borromeamente enodada de três elos. Em nossas figuras tomaremos como norma o seguinte esquema: o elo do Simbólico (S) sempre será o vermelho, o do Imaginário (I) será verde, e do Real (R) será azul. Durante todo este percurso estaremos acompanhando a proposta de Schejtman (2013), ainda que acrescentemos alguns pontos para maior elucidação. Inicialmente localizemos os cruzamentos nesta cadeia de três elos:

⁹¹ Tomaremos aqui como lapso o fato de inverter os cruzamentos, ou seja, no ponto em que, por exemplo, o vermelho passa por cima do azul, nós o passaremos para baixo, ou seja, o vermelho passará por baixo do azul naquele cruzamento.

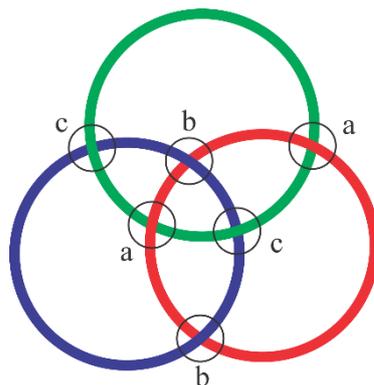


Figura 65 – Cadeia de três elos com cruzamentos
(adaptado de Schejtman, 2013, p. 182)

Notemos que há seis cruzamentos nesta cadeia de três elos. Nós os nomeamos com as letras a , b e c . Quando os cruzamentos se referem aos dois pontos entre o Simbólico e o Imaginário os chamaremos de (a); aos dois entre o Simbólico e o Real de (b); e aos dois entre o Real e o Imaginário de (c). Notemos também que, destes seis cruzamentos, três deles se encontram ao centro da cadeia e três na periferia, sendo um de cada (a , b e c) no centro e um de cada (também a , b e c) na periferia.

Os três elos da Figura 65 acima, estão enodados borromeamente, mas para que eles se soltem por completo, deixando os três elos livres, basta introduzirmos dois lapsos entre os mesmos registros, ou seja, nos dois pontos a , nos dois pontos b , ou nos dois pontos c . Para cada dupla de lapsos escolhida teremos diferentes configurações de ordem entre os registros. Acrescentando-se a isto as duas possibilidades de cadeias borromeanas (levógira e dextrógira⁹²), encontramos as seis possibilidades de nomeações, conforme a Tabela 1 acima.

Tomemos como exemplo os pontos a em uma cadeia de três elos dextrógira, como a que utilizamos na Figura 65 acima, na qual localizamos os cruzamentos. Em tal figura podemos observar que o elo vermelho (S) passa por cima do elo verde (I). Faremos então os dois lapsos, invertendo a ordem de tais pontos, ou seja, apenas nestes dois pontos iremos passar o verde por cima do vermelho. O resultado que temos é o que podemos observar abaixo:

⁹² As cadeias levógiras e dextrógiras têm como diferenças a direção em que pensamos que os elos giram (anti-horário ou horário), como veremos logo abaixo. Isto implica também em uma modificação na ordem dos elos quando efetuamos os lapsos.

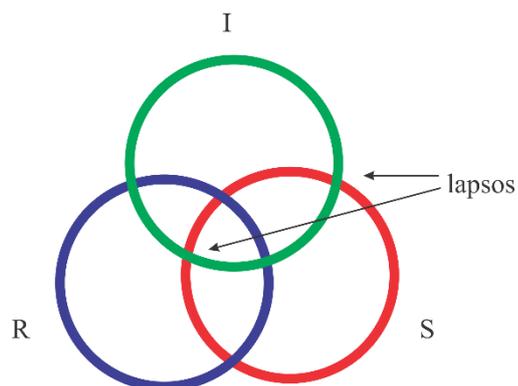


Figura 66 – Resultado após lapsos nos pontos *a*
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 388)

A cadeia resultante possui três elos livres que se ordenam, de baixo para cima, na seguinte ordem SRI. Para solucionar esta falha produzida pelos lapsos, Lacan propõe o uso de um quarto elo, um dos possíveis Nomes do Pai, o *Sinthome*, que repara estes pontos de lapsos, reconstituindo a cadeia em sua forma borromeana, porém agora a quatro elos, como vemos abaixo:

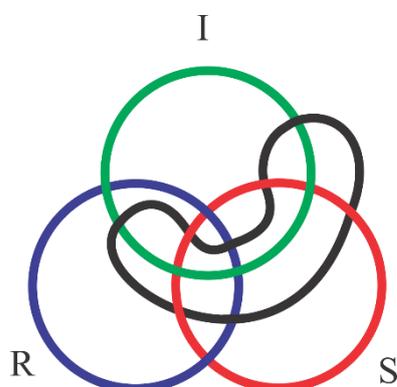


Figura 67 – Reparação dos lapsos
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 181)

Podemos observar nesta figura que a propriedade borromeana que existia na Figura 65 acima, permanece, qual seja, três elos (ou em nosso exemplo atual, quatro) que se enlaçam de uma maneira tal que o primeiro passa duas vezes sobre o segundo e duas vezes sob o terceiro círculo, e assim sucessivamente, provocando um fato curioso: na cadeia borromeana, caso um elo seja rompido, todos os outros se desatam (Lacan, 1971-1972/2012).

Vejamos então a construção de cada um dos lapsos, partindo das cadeias levógira e dextrógira, para chegarmos às seis posições da Tabela 1 acima. Lacan se questiona sobre estas

duas cadeias. Vejamos: “todos sabem que há dois nós de três, uma vez que ele é dextrógiro ou levógiro. Portanto, colocho-lhes um problema – qual é o laço entre as duas espécies de nós borromeanos e as duas espécies de nós de três?” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 52). Tentaremos responder a esta indagação lacaniana, mas para isto, tomemos primeiro as duas cadeias lado-a-lado para que possamos ver as diferenças entre elas.

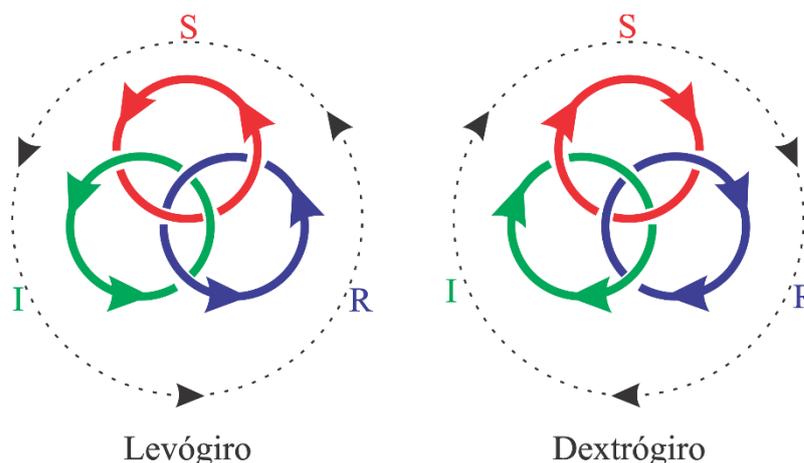


Figura 68 – Cadeias levógira e dextrógira

(adaptado do anexo da lição de 18/02/1975; Lacan, 1974-1975/19_)

A diferença fundamental é a direção para onde os elos giram: se em sentido anti-horário (levógiro) ou em sentido horário (dextrógiro). Com isto também mudamos o posicionamento dos elos. Vejamos um em relação ao outro para que possamos observar a diferença:

Levógiro			Dextrógiro		
Elo	Em cima	Em baixo	Elo	Em cima	Em baixo
Vermelho	Azul	Verde	Vermelho	Verde	Azul
Verde	Vermelho	Azul	Verde	Azul	Vermelho
Azul	Verde	Vermelho	Azul	Vermelho	Verde

Tabela 2 – Relações entre os elos nas configurações levógira e dextrógira

Notamos nesta tabela (e é claro que poderíamos notar apenas observando as figuras das cadeias levógira e dextrógira) que os elos se posicionam de maneira inversa nas duas configurações. Mantendo os mesmos nomes para os lapsos, como apresentados na Figura 65 acima, (entre o Simbólico e o Imaginário - (a); entre o Simbólico e o Real - (b); entre o Real e

o Imaginário - (c)), então temos as seguintes ordens dos elos, de baixo para cima, quando fazemos os lapsos na cadeia levógira e dextrógira:

Levógiro		Dextrógiro	
Lapsos	Ordem	Lapsos	Ordem
a	IRS	a	SRI
b	SIR	b	RIS
c	RSI	c	ISR

Tabela 3 – Ordem dos registros pós-lapsos nas cadeias levógira e dextrógira

Obtemos as mesmas combinações se partimos de uma trança com três cordas, como podemos ver abaixo:

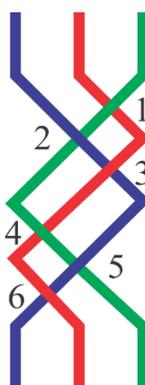


Figura 69 – Trança com três cordas
(adaptado de Schejtman, 2013, p. 248)

A cada passagem de uma das cordas sobre a outra temos uma nova combinação. Assim, temos a seguinte disposição (tomando a corda azul como R, a vermelha como S e a verde como I, como fizemos com os elos da cadeia borromeana): inicialmente temos a sequência RSI; após o primeiro movimento RIS; após o segundo IRS; após o terceiro ISR; após o quarto SIR; após o quinto SRI e após o sexto novamente RSI, como no início. Basta uma pequena verificação com a Tabela 1 acima, para notarmos que passamos por todas as seis combinações.

Se ao fim fecharmos as cordas como nós, teremos o nó borromeano de três elos, como podemos ver abaixo:

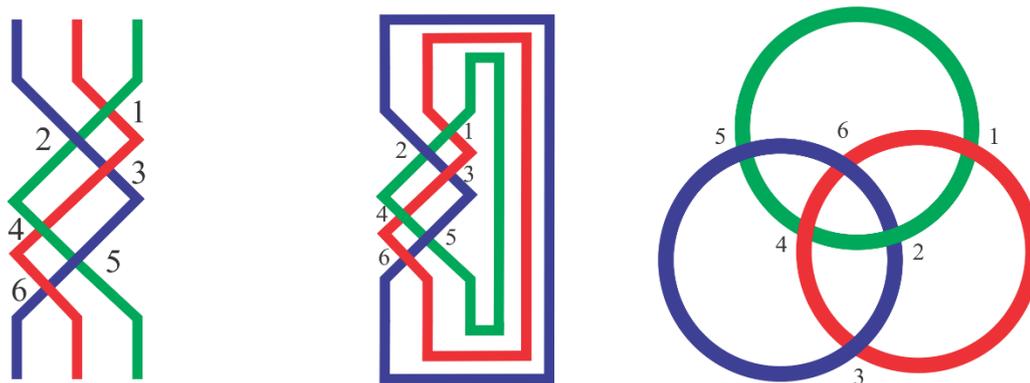


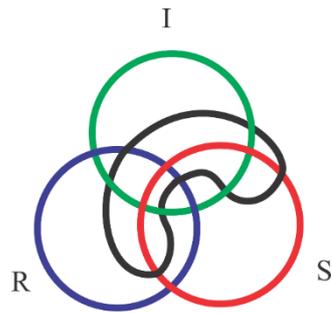
Figura 70 – Da trança ao nó
(adaptado de Schejtman, 2013, p. 248)

Utilizando então as três possibilidades de lapso em cada uma das disposições da cadeia de três elos (levógira e dextrógira), teremos seis possibilidades de amarração neste padrão: duas formas de inibição, duas de sintoma e duas de angústia. Estas seriam as nomações lacanianas (Schejtman, 2013), todas elas direcionadas para a neurose.

Estas são as seis possíveis reparações que, seguindo Schejtman (2013) chamaremos de *sinthomáticas*, ou seja, reparações que se localizam e reparam o local mesmo onde se deu o lapso. Cada uma representa uma das nomações propostas por Lacan.

O quarto elo entraria nesta configuração reforçando sempre o último registro de cada uma das ordens da Tabela 3 acima. Estaria colocado entre o primeiro elo da ordem (o que está mais em baixo) e o último (o que está mais em cima, o qual é reforçado pelo quarto elo). É interessante notar que sem o elo do meio na ordem desta tabela, o enodamento não se dá. Tomemos um exemplo. Na cadeia levógira, fazendo os lapsos (*a*) obtemos a ordem IRS, sendo o I o elo de baixo, o S o elo de cima, e o R o elo que se posiciona entre os outros dois. O quarto elo, Σ , será colocado então entre os elos I e S, reforçando o elo S. Na anotação proposta por Schejtman (2013), temos a seguinte forma: $S \sigma I R$. A primeira letra (S) refere-se ao elo mais acima, a que está sendo reforçado; depois vemos o quarto elo (como é um reforço do Simbólico, Schejtman grafa com σ , um sintoma); logo após encontramos o elo de baixo (I), aquele com o qual o elo superior está em relação no momento da reparação (lembrando que os lapsos (*a*) foram feitos entre S e I); e por fim o elo que está ao meio dos três, R. Agora podemos ver a configuração de cada uma das cadeias já reparadas.

Uma primeira versão do sintoma (σ_1) que contornando o Simbólico localiza e repara o lapso entre o S e o I:

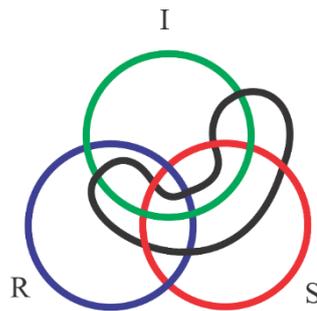


$(\sigma_1): S \sigma I R$

Figura 71 – Primeira forma de sintoma

(Schejtman, 2013, p. 183)

Em um segundo ponto, localizamos e corrigimos o lapso na outra interseção entre S e I, mas agora com um margeamento do Imaginário – a primeira forma da inibição (ι_1):



$(\iota_1): I \iota S R$

Figura 72 – Primeira forma de inibição

(Schejtman, 2013, p. 183)

O terceiro ponto de localização e reparação, a primeira forma da angústia (α_1), que margeia o Real, corrigindo o lapso entre o R e o S:

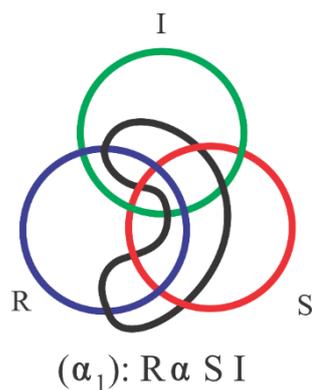


Figura 73 – Primeira forma de angústia
(Schejtman, 2013, p. 184)

Uma quarta forma, na qual localizamos o lapso entre o R e o S, mas agora margeando o Simbólico e nos dando a segunda apresentação do sintoma (σ_2):

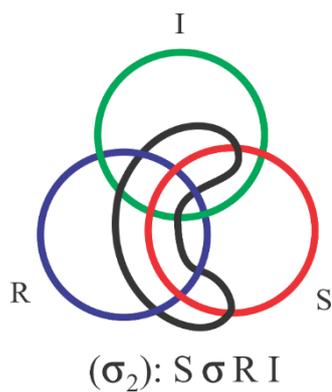


Figura 74 – Segunda forma de sintoma
(Schejtman, 2013, p. 184)

A quinta forma é a segunda versão da angústia (α_2) que localiza e repara o lapso entre o R e o I, margeando o Real:

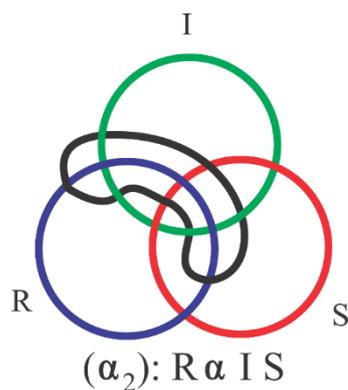


Figura 75 – Segunda forma de angústia
(Schejtman, 2013, p. 184)

A sexta e última forma também localiza e repara o lapso entre o entre R e I, mas agora margeando o Imaginário. Isto nos dá a segunda forma da inibição (ι_2):

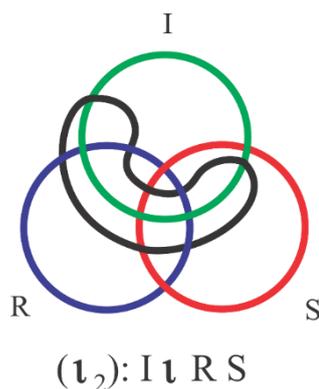


Figura 76 – Segunda forma de inibição
(Schejtman, 2013, p. 184)

Após todos estes pontos podemos apresentar a seguinte tabela, que resume todas as seis nomações:

Tétrade	Reparação/ localização do duplo lapso entre	Nominação <i>Sinthome</i>	Descrição	Exemplo
S σ I R	S I	S: σ	Sintoma – metáfora	Típico sintoma conversivo
S σ R I	S R	S: σ	Sintoma - letra	Sintoma histérico contemporâneo (intervenções no corpo)
I ι S R	I S	I: ι	Inibição que afeta o S (Imaginarização do S)	Pensamento obsessivo
I ι R S	I R	I: ι	Inibição que afeta o R (Imaginarização do R)	Formações obsessivas contemporâneas (niilismo)
R α S I	R S	R: α	Angústia – letra (realização do S)	Fobia clássica
R α I S	R I	R: α	Angústia – corpo (realização do I)	Síndrome do pânico

Tabela 4 – Resumo das nomeações
(adaptado de Schejtman, 2013, pp. 187-188)

Precisamos deixar claro que o objetivo desta tabela é apenas fazer uma aproximação não exaustiva com fenômenos recorrentes na clínica psicanalítica contemporânea, mas tal

aproximação não implica uma nova proposição diagnóstica, o que veremos com mais cuidado, partindo da clínica nodal. É que a teoria dos nós abre possibilidades singulares de resposta, face à estrutura e aos tipos clínicos.

Mas ainda há uma questão a ser levantada sobre as amarrações. Se a cadeia borromeana não se enlaça a três elos por si só, também podemos supor que a cadeia de quatro elos não se enlaçaria sozinha. Seria preciso algo que fizesse a função do tecelão, algo que enlaçasse os elos, trançando as cordas. Podemos encontrar uma solução no *Seminário 23* de Lacan (1975-1976/2007, p. 52), no qual ele afirma que na paranoia “um sujeito enoda a três o imaginário, o simbólico e o real”. Esta pequena frase pode sinalizar a resposta para nossa questão. Sabendo das demais construções (sobre o quarto elo, sobre as nomeações, sobre os Nomes do Pai), também poderíamos supor que quem faz o papel de tecelão em todo o processo é o sujeito do Inconsciente, não havendo amarração possível sem um sujeito que faça tal papel. Finalizando então, ainda que de forma bastante rudimentar, é necessário deixar bem marcado que somente havendo sujeito é possível haver amarração.

5.3 CADEIAS OLÍMPICAS

Fizemos nas páginas anteriores um grande percurso pela clínica das neuroses na perspectiva nodal, e neste momento apresentamos os motivos de chamar a esta nova forma de pensar a clínica de *Clínica Psicanalítica Nodal*, ou simplesmente *Clínica Nodal*, e não de *Clínica Borromeana*, seguindo da proposta de Schejtman (2013): é que deixamos as cadeias borromeanas apenas para as neuroses. As psicoses teriam uma outra forma de enodamento: um enodamento olímpico. Esta é a proposta final desenvolvida por Lacan, que pensou também no oposto (neurose olímpica; psicose borromeana), mas acabou por se decidir pela apresentação que aqui desenvolvemos, seguindo, como dissemos, Schejtman (2013).

A função do quarto elo nas psicoses não seria assim tão distinta de sua função na neurose, posto que o objetivo é sempre o mesmo: manter a cadeia em sua forma mais próxima da cadeia borromeana de três elos. De toda forma podemos pensar em uma diferença para o quarto elo nas cadeias neuróticas e psicóticas. Nas cadeias neuróticas os Nomes do Pai seriam a forma de restauração advindas da própria inscrição do Nome-do-Pai, ou seja, elas nos apresentariam maneiras borromeanas de reparar uma cadeia que logicamente seria de início

borromeana. Nas cadeias psicóticas o quarto elo teria a função de reparar algo que não foi inscrito. Daí o quarto elo ser a suplência, ou seja, o quarto elo cumpre a função de algo que deveria originalmente cumprir a função de distinguir as cadeias, mas faltou, a saber, o Nome-do-Pai. Temos que lembrar que quando Lacan propõe esta nomenclatura, ele ainda tem como base o nó borromeano de três elos, sendo o quarto um elemento que auxilia.

Não pretendemos fazer uma distinção binária entre as nomações (que poderiam ser pensadas como os Nomes do Pai) e as suplências (que seriam uma forma de reparação da forclusão do Nome-do-Pai). Isto faria uma distinção bastante simplista entre nomações e suplências, como correlatas à neurose e à psicose, respectivamente, o que não é nossa intenção, ainda que esta seja uma forma bem didática de se trabalhar. Devemos pensar que todas estas formas de reparação podem ser pensadas como Nomes do Pai, como maneiras de um sujeito enodar os três elos que, por algum motivo, passaram por lapsos que fizeram algum desencadeamento.

Desta feita, podemos dizer que nas psicoses as coisas ocorrem de maneira bastante diferente. Agora, faremos apenas um lapso, e escolheremos, de início a região central da cadeia. Tomemos como exemplo o cruzamento *b* do centro e façamos o lapso. Na Figura 65 acima, onde o azul (R) passa por cima do vermelho (S), iremos fazer a inversão, passando o azul por baixo do vermelho, como podemos observar abaixo:

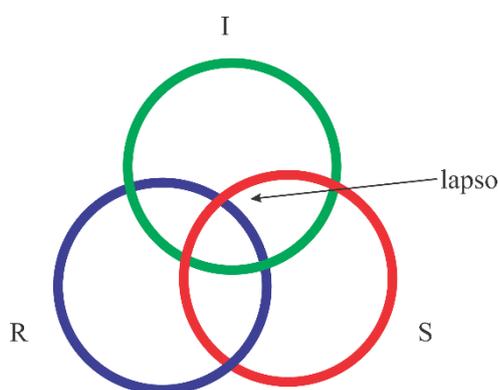


Figura 77 – Resultado após lapso no ponto *b* central
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 233)

Aqui temos uma situação bastante diferente daquela que apresentamos anteriormente com dois lapsos nos mesmos pontos. O que podemos perceber é que neste momento os elos vermelho (S) e azul (R) ficaram interpenetrados, o que chamaremos, com Schejtman (2013), de enlaçamento olímpico em referência ao símbolo das Olimpíadas, no qual os cinco elos são

enodados assim, interpenetrados. Além desta interpenetração, o outro elo, o verde (I), ficou solto, como podemos ver abaixo:

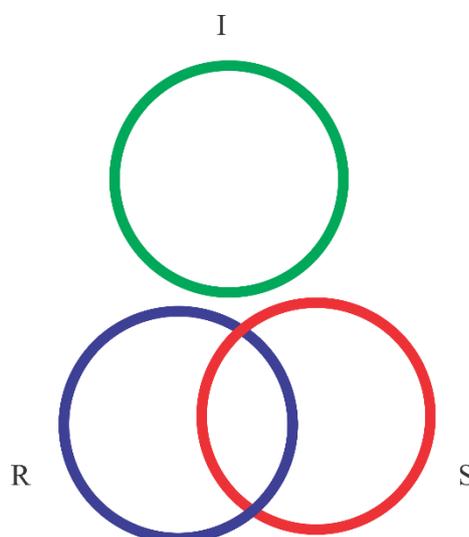


Figura 78 – Interpenetração de R e S e soltura do I
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 233)

A regra aqui é também bastante simples. O cruzamento escolhido para a realização do lapso propiciará a interpenetração dos elos envolvidos em tal cruzamento (e nosso exemplo, o cruzamento *b*, entre R e S, tornará justamente estes dois elos enlaçados olímpicamente). O outro elo, não envolvido no lapso, será liberado. A solução será efetuada retornando o elo que se soltou à sua posição original e introduzindo um quarto elo que repare o lapso, como podemos ver a seguir:

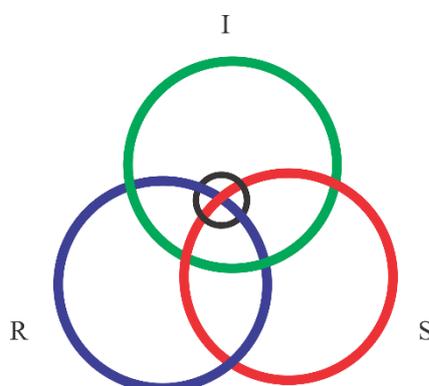


Figura 79 – Reparação do lapso
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 244)

Notemos que neste momento a cadeia, que já tinha perdido sua característica borromeana quando da ocorrência do lapso (cf. Figura 77 acima), não reassume a condição borromeana após a reparação. O exemplo aqui apresentado é o mesmo que Lacan apresenta em seu *Seminário 23*, ao tratar de James Joyce (Lacan, 1975-1976/2007).

No caso específico das psicoses, teríamos a possibilidade de soltura de cada um dos três registros, R, S e I, o que culminaria nos diferentes tipos clínicos da psicose, respectivamente a parafrenia, a psicose maníaco-depressiva e a esquizofrenia. Na paranoia, diferentemente de todas as outras formas, haveria uma sutura dos três registros, dando a eles uma única consistência, mais próxima do nó de trevo (Dafuncho, 2008).

5.3.1 De volta às origens

Após esta primeira exposição, mais voltada para a prática com os nós, buscaremos agora correspondências nas penas de Freud e Lacan, intentando justificar as propostas até aqui apresentadas. Começemos pela questão dos lapsos.

No texto *A perda da realidade na neurose e na psicose* (Freud, 1924/1996), Freud propõe dois tempos para o adoecimento, tanto na neurose quanto na psicose: primeiro haveria o momento da defesa (o momento estruturante), e em outro momento o desencadeamento (o momento do adoecimento). Neste sentido o autor propõe que na neurose o primeiro momento é relativamente bem-sucedido, o segundo já nem tanto; na psicose, a falha se dá irreparavelmente de início. Nas palavras de Freud (1924/1996, p. 207): “a neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que a segue”.

Poderíamos pensar no fato de que, quando trabalhamos a questão borromeamente, o primeiro momento, o do lapso, se dá de forma diferente nas duas estruturas? Com dois lapsos entre os mesmos registros (cf. Figura 66 acima) soltamos toda a cadeia e abrimos a possibilidade de uma correção que restaura a cadeia à sua forma borromeana (cf. Figura 67 acima), o que, nas palavras de Freud, teríamos como um primeiro momento relativamente bem-sucedido. Na psicose, poderíamos afirmar que o primeiro momento, irreparável desde o início segundo Freud, pode ser pensado pelo fato de que na psicose o lapso inicial torna parte da cadeia olímpica (cf. Figura 77 acima) e não permite uma reparação que restaure a forma borromeana original (cf. Figura 79 acima)? Pensamos que sim e esta é nossa hipótese inicial para a diferença diagnóstica

nodal: no momento do lapso, ou seja, o momento inicial da defesa, o momento estruturante, há um destino na cadeia que resulta em recalque (dois lapsos entre os mesmos registros) ou forclusão (um único lapso).

E quanto ao segundo tempo, o do adoecimento? Vejamos as elaborações freudianas em relação a isto:

na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose, a obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga. Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la (Freud, 1924/1996, p. 207).

Com Lacan, mais especificamente o Lacan dos nós, em seu *Seminário 22, RSI (1974-1975/19_)*, teremos novas formas de pensar este segundo tempo, o momento da reparação. Neste seminário, ele aproximará o Édipo e a realidade psíquica freudiana de seu Nome-do-Pai, mais precisamente, dos Nomes do Pai, posto que neste momento da teorização lacaniana, várias são as novas possibilidades de amarração (cf. item 4.3.2 acima). Vejamos em sua própria letra:

disse que se tivesse feito os Nomes do Pai escritos corretamente, teria enunciado uma consistência tal, que ela nos daria razão de certas variações em Freud. Foram necessários a Freud, não três, o mínimo, mas quatro consistências para que isso se sustentasse, a supô-lo iniciado na consistência do Simbólico, do Imaginário e do Real. O que ele chama de realidade psíquica tem perfeitamente um nome, é o que se chama Complexo de Édipo. Sem o Complexo de Édipo, nada da maneira como ele se atém à corda do Simbólico, do Imaginário e do Real se sustenta (Lacan, 1974-1975/19_, p. 18).

Nesta fórmula temos então reunidos três grandes conceitos – o Édipo, a realidade psíquica e o Nome-do-Pai. Lembremos que esta função se apresenta no nó de três elos como a própria amarração. Entretanto, quando pensamos em uma cadeia de quatro elos, a coisa toda se inverte. Pensamos que neste caso a função do Nome-do-Pai é justamente fazer os dois lapsos entre os mesmos registros, soltando os três elos e possibilitando que a reparação, os Nomes do Pai, seja também borromeana. Encarnados no quarto elo, os Nomes do Pai, em suas várias faces ou várias possibilidades distintas de amarração, sustentariam todo o conjunto com quatro elos (ou mais, em casos de polirreparação [cf. Schejtman, 2013]).

5.4 A PSICOSE ORDINÁRIA NA CADEIA BORROMEANA

A expressão *psicose ordinária* foi sugerida por Miller no terceiro dos três encontros conhecidos como as três conversações clínicas, que foram realizadas na França. Cada um destes encontros recebeu um nome: *O conciliábulo de Angers* em 1996, *A conversação de Arcachon* em 1997 e *A convenção de Antibes*, em 1998. Foi neste terceiro encontro que Miller propôs a expressão que trataria da “psicose compensada, a psicose *suplementada*, a psicose não desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evoluciona, a psicose *sinthomatizada*”⁹³ (Miller, 2009, p. 201, grifos do autor).

O motivo para se destacar esta nova apresentação das psicoses também é citado por Miller (2009a) durante esta *Convenção*. No ano anterior, ao qual o autor chama de segundo tempo das conversações, o trabalho girou em torno da busca e apresentação de casos raros, difíceis de se classificar na clínica psicanalítica, mas no início do terceiro tempo, ao fazer a recopilação destes casos, o que se deu foi que estes casos não eram raros ou exceções. Na verdade, eram casos bastante frequentes e que se distinguiam do que Miller chamou de *metro-padrão*: o texto lacaniano *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Lacan, 1957-1958/1998).

Esta nova expressão obteve rapidamente grande sucesso entre os psicanalistas chegando, em algumas circunstâncias, a tomar ares de um novo diagnóstico, o que escaparia muito da proposta milleriana, que se apresenta muito mais como uma nova apresentação da mesma psicose. Neste momento devemos recordar o adágio lacaniano: “que antes renuncie a isso [à prática da Psicanálise], portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953/1998, p. 322). Assim como se tem discutido longamente as diferenças de apresentação da neurose na atualidade, há que se discutir também as diferenças de apresentação da psicose nesta mesma época.

Neste ponto pensamos a proposta de uma psicose ordinária, não em contraposição em termos de diagnóstico à chamada psicose extraordinária, mas sim em contraposição enquanto fenômeno, enquanto aparência, enquanto momento clínico, o que nos aproximaria muito mais de um critério de prudência tão citado por Freud e Lacan em seus textos que tratam do início dos tratamentos psicanalíticos. Apresentado então nosso posicionamento em relação à

⁹³ No original “la psicosis compensada, la psicosis *suplementada*, la psicosis no desencadenada, la psicosis medicada, la psicosis en terapia, la psicosis en análisis, la psicosis que evoluciona, la psicosis *sinthomatizada*”

expressão *psicose ordinária*, seguiremos com nossa proposta buscando formas de se pensar esta nova apresentação das psicoses, em uma perspectiva nodal.

5.4.1 Lapsos periféricos

Após a colocação destes pontos, podemos dar rumo à nossa leitura da psicose ordinária na perspectiva nodal. Na verdade, trata-se de uma proposta bastante simples, mas fortemente amparada em observações clínicas e também nos pressupostos teóricos que apresentamos, especialmente na definição de Miller que retomamos aqui, com o intuito de pensá-la parte por parte. A psicose ordinária seria a “psicose compensada, a psicose *suplementada*, a psicose não desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evoluciona, a psicose *sinthomatizada*” (2009, p. 201, grifos do autor).

Tomando a psicose ordinária como uma psicose compensada, suplementada ou *sinthomatizada*, teremos necessariamente o quarto elo em funcionamento. Neste sentido podemos pensar que o quarto elo poderia ser o medicamento (a psicose medicada) ou mesmo o terapeuta/analista (a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evoluciona).

Nesta vertente a psicose ordinária não se diferenciaria muito da psicose dita extraordinária, ainda que saibamos que a psicose extraordinária seria muito mais ruidosa. Nesta, a extraordinária, teríamos um dos elos já soltos, com um desencadeamento franco, e o quarto elo já teria feito sua função de reparação, ainda que precária, tornando a cadeia novamente estável⁹⁴, dentro do que é possível. Todo este processo ocorreria como foi apresentado anteriormente desde a Figura 77 acima, até a Figura 79 acima⁹⁵.

Entretanto há um ponto da definição milleriana que não abordamos: a psicose não desencadeada. Este é justamente o foco de nossa proposta, que nos levará a uma pequena diferença no lapso inicial. Recordemos que na Figura 77 acima, ao fazermos o lapso, escolhemos um dos três pontos centrais e com isto um dos elos se soltou imediatamente, como

⁹⁴ Na perspectiva nodal é interessante notar como as noções de desencadeamento e estabilização tomam um sentido muito mais precioso, ou preciso, dando-nos exatamente a ideia de um rompimento durante o desencadeamento e uma apresentação mais firme, na estabilização.

⁹⁵ Tais figuras apresentam o caso de James Joyce, trabalhado por Lacan em seu *Seminário 23*, mas podemos pensá-lo também como uma psicose que já teve sua eclosão e restabelecimento, ainda que este não seja o caso de Joyce.

vimos na Figura 78 acima. Toda a verificação destes acontecimentos borromeanos pode (e deve) ser feito manualmente, verificando na prática como estes enodamentos se dão.

Abrimos agora uma questão: e se fizermos o lapso nos cruzamentos periféricos? Qual será a consequência de produzirmos apenas um lapso em qualquer um (e apenas um para a psicose) dos cruzamentos *a*, *b* ou *c* da periferia? Para que possamos comparar com a outra forma de psicose apresentada anteriormente, iremos produzir o lapso no cruzamento *b* como foi feito na Figura 77 acima, entretanto, agora será o cruzamento *b* da periferia. Vejamos abaixo:

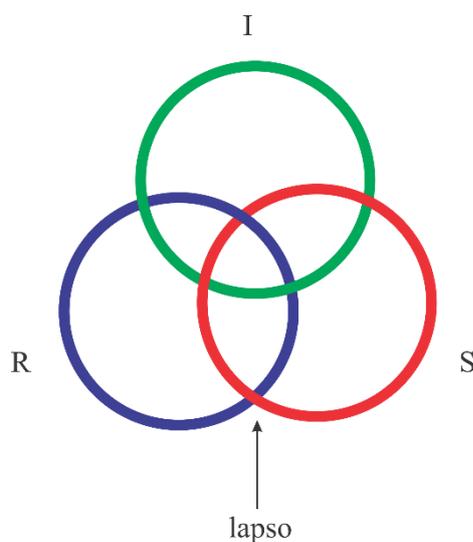


Figura 80 – Lapso em cruzamento *b* da periferia

Neste caso podemos notar que pela regra que apresentamos anteriormente para o lapso na psicose (em nosso exemplo, os elos vermelho [S] e azul [R] passam a ficar interpenetrados, e o elo verde [I] se solta), que o que temos é um caso de psicose, mas nesta configuração o I não pode se soltar imediatamente, como foi na Figura 78 acima, afinal, ele parece bem enodado aos elos R e S. Qualquer um que queira verificar na prática, puxando o elo verde para cima, notará que esta é uma tarefa impossível. O elo verde encontra-se preso aos demais.

Neste momento, uma reparação *sinthomática*, no local do lapso, manteria os três elos bem presos, sem possibilidade de soltura. É o que vemos abaixo:

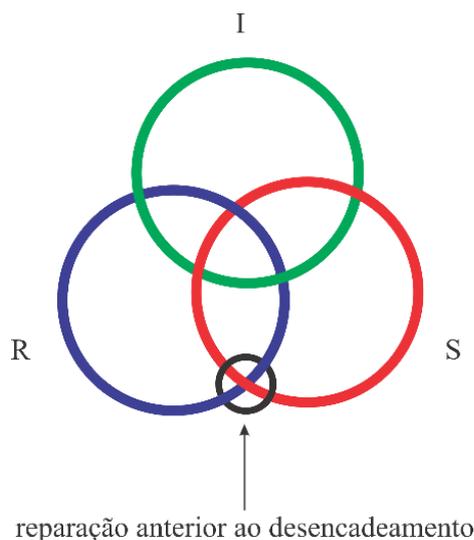


Figura 81 – Reparação anterior ao desencadeamento

Aqui temos a proposta de Miller (2009a) de uma psicose não desencadeada, e ao mesmo tempo já suplementada, já *sinthomatizada*. Mas se pensarmos o momento anterior à reparação, poderemos, com um pequeno esforço, notar que o elo I está realmente solto, mas há que se fazer uma manobra para que sua soltura se efetive. Como poderemos ver abaixo:

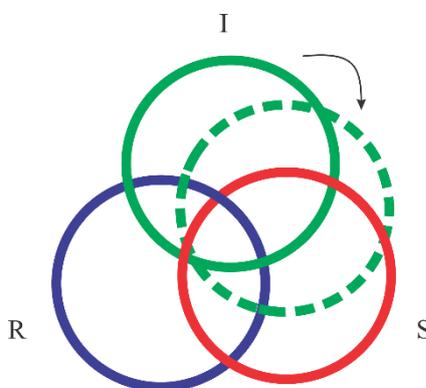


Figura 82 – Início da manobra com o elo verde (I)

Esta manobra é realizada passando o elo verde por fora de um dos outros elos. De uma maneira geral podemos dizer que um dos elos que se encontram interpenetrados (em nosso exemplo, o vermelho) irá passar por dentro, pelo buraco do elo que se apresenta solto. Em nosso desenho retrataremos isto deslocando o elo verde para outra posição, passando por fora do elo vermelho. Durante este trajeto o elo verde está desenhado pontilhado. Na figura anterior temos então o início do deslocamento do elo verde em direção ao vermelho.

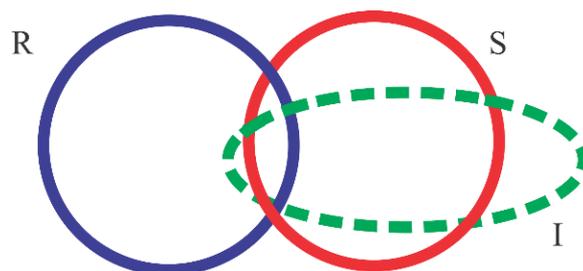


Figura 83 – Passagem do elo vermelho por dentro do elo verde

Em um momento intermediário encontramos o elo vermelho passando por dentro do elo verde (cf. Figura 83 acima).

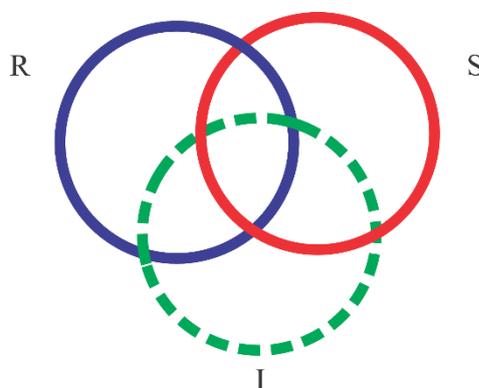


Figura 84 – O elo verde finalmente solto

Temos agora, ao fim do trajeto o elo verde finalmente solto, depois de ter passado por fora do elo vermelho. A soltura ocorreria normalmente se tivéssemos escolhido o outro lado, utilizando o elo azul ao invés do vermelho, sem nenhuma diferença. Neste momento então o elo verde se solta por completo, como vimos anteriormente na Figura 78 acima.

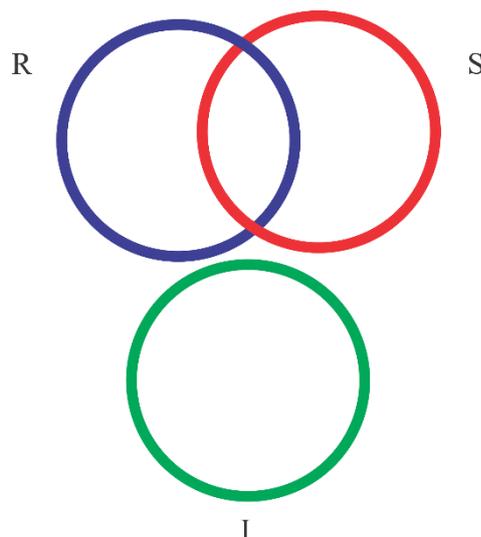


Figura 85 – O elo verde finalmente solto: desencadeamento da psicose

Neste momento um reparo no local do lapso tornaria a cadeia novamente bem estável, impossibilitada de se soltar. Seria uma reparação *sinthomática*, mas agora, com o deslocamento do elo I, o lapso que era periférico, se apresenta como central, como podemos ver a seguir:

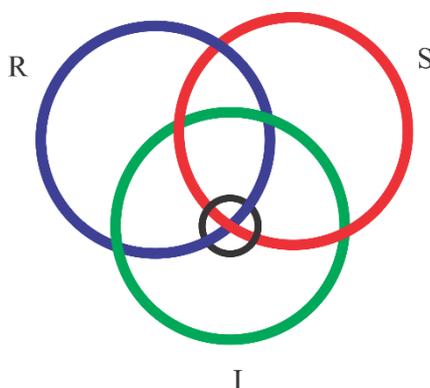


Figura 86 – Reparação *sinthomática* após a manobra de soltura do elo verde

Tivemos, portanto, para as psicoses, três formas: a primeira forma na qual ocorre o lapso no ponto central e que promove o imediato desencadeamento de um dos elos (Figura 77 acima). Ligaremos esta forma à psicose extraordinária, aquela descrita por Freud no texto *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924/1996), na qual há um desencadeamento (cf. Figura 78 acima) e uma posterior tentativa de reconstrução da realidade (cf. Figura 79 acima).

Também podemos pensar o lapso periférico, no qual o elo que não fica interpenetrado não se solta imediatamente (cf. Figura 80 acima). Em nossa proposta, esta seria a apresentação da psicose ordinária. A partir daí temos as outras duas formas, que se apresentam sob duas possibilidades: uma primeira (a segunda forma) em que há a reparação antes mesmo do

desencadeamento (cf. Figura 81 acima). Nesta apresentação da psicose ordinária, a psicose *sinthomatizada* coincide com a psicose não desencadeada. Esta coincidência só pode ocorrer neste caso, pois somente antes do desencadeamento é possível fazer a reparação no lapso periférico. Após o desencadeamento a reparação no cruzamento que agora se apresenta como periférico não surte nenhum efeito, pois o elo verde (I) continua solto, como podemos ver abaixo:

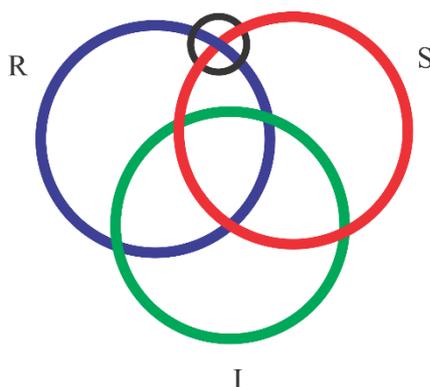


Figura 87 – Reparação sem efetividade

A segunda apresentação da psicose ordinária (a terceira forma) seria aquela que apresenta o lapso periférico (cf. Figura 80 acima) e se mantém estável, ainda sem uma reparação. Nesta configuração da psicose ordinária, a psicose não desencadeada não coincide com nenhuma outra, a não ser que a pensemos como um caso simples de pré-psicose (cf. item 4.3.1 acima). Ainda que se mantenha, esta forma é extremamente frágil. O simples deslocamento do anel livre (cf. desde a Figura 82 até a Figura 84 acima) seria suficiente para o desencadeamento (cf. Figura 85 acima). Após este fato, que podemos localizar como uma psicose extraordinária comum, somente uma reparação no lapso central permite a estabilização (cf. Figura 86 acima).

Ainda há um ponto a ser observado. O cruzamento que sofreu o lapso na psicose ordinária, originalmente periférico em nossa proposta, após o deslocamento que promove a soltura do elo livre, devido à mudança de perspectiva, passa a ser central. Na verdade, então, as duas formas de reparação que apresentamos são reparações *sinthomáticas*, pois acontecem no mesmo cruzamento que sofreu o lapso, ainda que, com a mudança de perspectiva, pareçam ser cruzamentos diferentes (periférico antes, central depois). De toda forma, o deslocamento do elo livre faz toda a diferença no momento da reparação, o que inclui a questão temporal na reparação (dois tempos, tal qual dito por Freud).

5.4.2 Consequências

Somente depois de toda esta cadeia argumentativa, poderemos agora tentar extrair algumas consequências. Em primeiro lugar não pensamos a clínica nodal como uma clínica continuísta, na qual as fronteiras entre as estruturas estariam muito enfraquecidas. Propomos uma não continuidade entre as estruturas, ainda que possamos pensar em certa continuidade dentro de cada estrutura, pois podemos pensar configurações diferentes para neurose e psicose (e quem sabe até mesmo para a perversão, em futuros trabalhos). Pensar a clínica nodal como uma clínica descontinuísta não implica em um retorno ao estruturalismo, mas apenas em um reconhecimento de que a psicose ainda é a mesma, apesar de suas novas apresentações. Este mesmo reconhecimento se dá com as neuroses, quando discutimos as novas formas de apresentação de seus sintomas contemporâneos (cf. item 5.1 acima).

Em segundo lugar, pensar que psicose ordinária e psicose extraordinária são na verdade uma única e mesma forma de psicose, apenas com apresentações ou momentos distintos, nos traz certo alento, pois não precisamos reinventar uma teoria para as novas apresentações da psicose. A teoria já está lá, necessitando apenas de ajustes para lidar com a contemporaneidade. Tais ajustes devem ser pensados como critérios de prudência, tal qual os critérios largamente apresentados por Freud e Lacan em seus textos que tratam do início de uma análise.

Isto nos leva a uma hipótese, que pode ser amplamente confirmada na clínica do dia-a-dia de todo analista: toda psicose extraordinária já foi, em algum momento, uma psicose ordinária. De outra maneira: toda psicose desencadeada (psicose extraordinária) necessariamente foi uma psicose não desencadeada (psicose ordinária) em um momento anterior, o que é óbvio.

Isto nos leva a propostas clínicas como as que se seguem: ao nos depararmos com um paciente psicótico antes de seu desencadeamento (cf. Figura 80 acima), temos que buscar intervenções que propiciem a ele a reparação do lapso enquanto ainda periférico (cf. Figura 81 acima), evitando o desencadeamento. Esta seria a solução ideal. O diagnóstico preciso e inicial é sem dúvida um dos marcos da condução de uma análise.

Outra possibilidade a ser pensada, é um paciente para o qual ainda não há um diagnóstico preciso. Neste caso há que tratá-lo até que o diagnóstico nos dê segurança como se fosse uma psicose ordinária. É neste momento que a psicose ordinária como critério de prudência tem seu ápice. Teremos duas possibilidades aqui, apenas pensando no par neurose-psicose: ou o paciente receberá o diagnóstico de psicose e então buscaremos a possibilidade já

referenciada antes (de tentar a reparação antes do desencadeamento); ou o paciente receberá o diagnóstico de neurose, podendo seguir a análise nos moldes próprios a esta estrutura.

O analista deve ter o cuidado de, no caso de recebimento de um paciente psicótico ainda não desencadeado, não propiciar o desencadeamento, que podemos observar da Figura 82 a Figura 84 acima, levando à soltura do elo livre. Após o desencadeamento, uma reparação periférica não será mais suficiente e a então psicose ordinária irá mudar seu *status*, tornando-se uma psicose extraordinária, sendo necessário uma nova reparação que estabilize a cadeia, tarefa muito mais difícil após o desencadeamento, como podemos comprovar na clínica.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que não buscamos aqui uma nova forma de tratamento, ou mesmo apostar na psicose ordinária como um novo diagnóstico. Apenas buscamos um refinamento clínico que nos permita lidar com estes pacientes que se apresentam de maneira diferente daqueles quadros fantásticos vistos outrora. Esta psicose silenciosa pode nos ensinar muito em nossa prática clínica, em especial se atentarmos para o aviso lacaniano de meados da década de 1950: “acontece recebermos pré-psicóticos em análise, e sabemos em que isso dá – isso dá em psicóticos” (Lacan, 1955-1956/2002, p. 285). Tomando a psicose ordinária como critério de prudência, esperamos evitar que o aviso lacaniano se concretize.

6 A REALIDADE MOSTRADA À MANEIRA DOS GEÔMETRAS

Chegamos finalmente ao ponto central de nosso trabalho, após termos percorrido um longo e necessário caminho que nos preparou para o que agora encontraremos. Como todos os pontos utilizados em nossa apresentação já foram tratados anteriormente, nos permitiremos não utilizar citações, mas sempre nos referenciaremos aos itens nos quais os temas foram tratados. Esta apresentação segue a ordem sintética do método geométrico, partindo de conceitos mais básicos para os demais. No capítulo seguinte (cf. item 7 abaixo) tomaremos a ordem inversa, analítica, posto que lá teremos os efeitos dos quais nos serviremos para buscar mostrar a causa.

Ainda um ponto a mais é importante ser posto para que possamos seguir. Mesmo sabendo que esta parte inicial poderia ser apresentada juntamente com o restante do método, decidimos por expô-la aqui, com o intuito de facilitar a leitura de nossa proposta. Desde o início (cf. item 2.1 acima) apresentamos nosso método como híbrido, entre a Matemática, a Filosofia e a Psicanálise. Agora é o momento de realmente nos depararmos com tal método. Teremos ao longo deste capítulo argumentos (Filosofia) organizados em forma axiomática, ou geométrica (Matemática, Filosofia), e que nos remeterão às figuras de Lacan que abordamos ao longo de nosso texto até aqui, o que propomos como uma mostração (Psicanálise, Matemática), ainda que a mostração definitiva se encontre no capítulo subsequente, com o estudo do caso freudiano do Homem dos Lobos.

Assim, ainda devemos nos posicionar quanto ao método de inferência que utilizaremos, para que o caminho da argumentação seja melhor percorrido. Tomemos as três formas básicas para que possamos nos localizar: dedução, indução e abdução. Utilizaremos como referência, ao longo desta breve discussão sobre as inferências, a *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos* (Branquinho, Murcho, & Gomes, 2006) e o livro de Amster *Notas matemáticas para ler Lacan* (2015), a partir dos quais faremos esta curta diferenciação das três formas de inferência.

O primeiro ponto é apresentar o que é uma inferência, que é algo, a princípio, bastante simples: se de uma ou mais afirmações, podemos obter uma outra, estamos fazendo uma inferência (Branquinho, Murcho, & Gomes, 2006). O que deixa tudo bem mais complexo é que existem várias formas de inferência, sobretudo se pensarmos que é possível, dentro de cada grande forma (por exemplo: dedução, indução e abdução), fazer subdivisões (por exemplo o *modus ponens* [o método de afirmação] e o *modus tolens* [o método da negação], na inferência

dedutiva). Tomaremos as formas que nos interessam aqui em uma visão bastante simples, apenas para apresentar a forma de inferência escolhida para nossa axiomática.

Para apresentar as três formas, tomaremos como base sempre as mesmas três afirmações, como segue:

- A. Todos os limões da caixa estão maduros.
- B. Todos os limões da mesa vieram da caixa.
- C. Todos os limões da mesa estão maduros.

Vamos agora às três formas de inferência que nos interessam. A dedução é a forma que necessariamente conduz à verdade. Posto que se as premissas são verdadeiras, sua conclusão também o é (Branquinho, Murcho, & Gomes, 2006). Utilizando nosso exemplo, podemos apresentar a seguinte fórmula: $(A \wedge B) \rightarrow C$ (podemos ler esta fórmula da seguinte maneira: A e B, então C⁹⁶). Entretanto, ainda que nos traga a verdade, posto que o caminho sempre parte do geral em direção ao particular ou ao singular, tal forma não nos traz, obviamente, nenhuma novidade. Isto se dá porque a dedução *subtrai* a verdade da conclusão, de uma verdade já incluída nas premissas (Amster, 2015).

A forma da indução, diferentemente da dedução, pode nos trazer algum conhecimento novo, porém não implica mais em uma certeza da verdade, mas sim uma boa probabilidade (Branquinho, Murcho, & Gomes, 2006). Podemos apresentar esta forma com o mesmo exemplo, entretanto, invertendo a ordem. Vejamos: $(B \wedge C) \Rightarrow A$ (podemos ler esta fórmula da seguinte maneira: B e C, provavelmente A). Entretanto, basta encontrarmos um único limão não maduro dentro da caixa para que nossa conclusão seja inverídica. Esta foi uma das grandes críticas do epistemólogo Karl Popper à Psicanálise, posto que a Psicanálise trabalha em grande medida com o método indutivo. Basta lembrar dos casos clínicos de Freud nos quais, a partir de um caso bem apresentado, podemos inferir algo mais geral. Aqui parte-se do singular ou do particular em direção ao geral, sempre sabendo que esta generalização não pode ser inferida com total certeza, posto que, de certa forma, na indução, sempre se diz mais na conclusão do que está afirmado nas premissas (Amster, 2015).

Por fim, a abdução. Esta forma nos traz ainda mais problemas quanto à certeza de sua validade enquanto inferência, porém pode nos trazer muitos novos conhecimentos. Sua fórmula seria $(A \wedge C) \rightarrow B$ (podemos ler esta fórmula da seguinte maneira: A e C, possivelmente B). De maneira geral, a inferência abdutiva parte de hipóteses das quais escolhe-se a melhor (ou as

⁹⁶ As setas que apresentam a maneira lógica de cada uma das formas a seguir são apresentadas distintamente apenas para mostrar didaticamente a diferença das conclusões, mesmo que elas não tenham uma significação lógica existente na literatura.

melhores) para explicar o fato e, por isto, é considerada como a “lógica da melhor explicação” (Amster, 2015, p. 195). É uma explicação que pode ser verdadeira, requerendo sempre futuras pesquisas para que o fato seja realmente comprovado, mas traz algo da criação, o que não encontramos de maneira tão clara nas outras formas de inferência.

Muito do nosso conhecimento surge de inferências como esta, mas há vários riscos, como a conhecida *falácia da afirmação da consequente*, que podemos exemplificar assim: “se choveu a rua estará molhada; a rua está molhada; logo, choveu”. Mas não há dúvida que outros acontecimentos podem molhar a rua, como um simples vazamento no sistema de água da cidade. Para que a abdução tenha realmente seu valor, há que se buscar mais relações causais entre o fato de origem e seu efeito. Ainda no mesmo exemplo, poderíamos constatar que os telhados estão também molhados, e também que uma grande área da região está molhada, assim como verificar que não há um vazamento no sistema de água da cidade. Tais circunstâncias nos permitiriam supor com mais propriedade que a rua está molhada porque realmente choveu (Branquinho, Murcho, & Gomes, 2006).

Esta forma de buscar uma certa confirmação para a forma abdutiva a aproxima muito de uma inferência indutiva, como é o caso dos testes de medicamentos. Vejamos outro exemplo: um medicamento X cura a doença Y na pessoa A. Também cura na pessoa B, na pessoa C, na pessoa D, etc.. Portanto, há uma grande chance que o medicamento X cure a doença Y na pessoa Z.

Depois desta pequena diferenciação, podemos apresentar nossa forma de inferência como abdutiva pois, partindo de algumas hipóteses iniciais sobre o que seria a realidade (cf. item 4 acima), avaliamos e escolhemos a melhor hipótese, aquela que parece melhor explicar o conceito por nós estudado – a realidade humana. Depois de tal escolha, cabe a nós apresentar algum exemplo que sirva como uma certa confirmação de nossa hipótese, afastando outras que não são por nós consideradas como válidas (cf. item 7 abaixo).

Ao longo de nosso texto deixamos claro que não pensamos a realidade como duas formas distintas, uma interna e outra externa, uma psíquica e outra material, tal qual encontramos em Freud. Nossa ideia é muito mais de que a soma destes dois fatores forma o conjunto daquilo que chamamos de realidade. Devido a este motivo, apresentaremos a realidade a partir de uma concepção lacaniana, na qual o dentro e o fora estão em continuidade, não havendo uma fronteira nítida entre eles. Serão três momentos: um primeiro dentro do que chamamos de primeiro Lacan, mais próximo de nossa apresentação da topologia de superfície; um segundo momento dentro de um segundo Lacan, com a proposta nodal; e um terceiro momento, também com a proposta nodal, porém, apresentando nossa própria visão da realidade,

o efeito do enodamento dos três registros auxiliado, suplementado, reparado, por um quarto elo, que ainda poderia ser feito com a ajuda de outros mais (polirreparação).

6.1 DEFINIÇÕES

As definições que agora trazemos nos servem de base para todas as três visões que nos dispomos a apresentar, mesmo sabendo que algumas não estão presentes em todas as três. Ainda assim, em respeito a uma proposta mais concisa, apresentamos todas de uma única vez, e nos serviremos de cada uma a seu tempo, de acordo com a necessidade de nossa exposição.

6.1.1 Definição I

Real – R: Entendemos por Real algo, ainda que não substancializado, impossível de ser simbolizado. Um ponto que escapa a toda e qualquer forma de apreensão, seja pelos sentidos, seja pelo entendimento, apresentando-se como pura negatividade. O impossível, aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar, o que não cessa de não se escrever, são formas de dizer deste Real, ainda que só negativamente. Uma pura potência indizível, externa a todo sentido que, ainda que muito aproximativamente, poderíamos localizar como um vazio, que mesmo assim causa. É algo como, nas leituras que fazemos de Freud, o objeto perdido que deve sempre ser reencontrado, posto que para sempre perdido. Não se confunde com a realidade ou mesmo com a materialidade das coisas, embora se aproxime das coisas mesmas enquanto impossíveis de serem apreendidas. É o lugar do sem-sentido, ou do ab-senso, um fora do sentido.

6.1.2 Definição II

Imaginário – I: Entendemos por Imaginário o que faz corpo, dando borda ao que não o tinha, e trazendo uma primeira apreensão possível. Não se confunde com a imaginação, ainda que o

valor imagético esteja presente nas construções imaginárias. É o lugar do engodo, da ilusão e da captação alienante. Por ser também o lugar do eu por excelência, tende ao marco corporal que faz fronteira entre o eu e o outro, tudo isto sem a mediação das palavras, o que traz tudo para um ponto de especularidade, no qual eu e outro se misturam. É o lugar do sentido unívoco, e por conseguinte, da semelhança.

6.1.3 Definição III

Simbólico – S: Entendemos por Simbólico aquilo que nos permite fazer comparações: igualdade, diferença, etc.. É a própria morada da linguagem e do significante enquanto pura diferença e, por isto, o lugar da lei – a lei paterna e sua função. Também é morada da palavra e da abstração, a morte da coisa. É o lugar específico do equívoco, do lapso, das formações do Inconsciente. É falho justamente por não conseguir representar tudo, ou abstrair tudo. Por remeter uma significação a outra significação, por permitir às representações que se organizem segundo as leis do Inconsciente, faz jus a toda equivocidade possível na linguagem. Tem o caráter de insistência, pois não cessa de se escrever. É o lugar do duplo sentido.

6.1.4 Definição IV

Sinthome – Σ: Entendemos por *Sinthome* ou *Sinthoma* a reparação da cadeia, seja borromeana ou olímpica, no exato local onde se deu o lapso. Não se confunde com o sintoma, mas o engloba, assim como às outras formas, a saber, a inibição e a angústia, além de outras maneiras de suplência do Nome-do-Pai. Por ser uma reparação na cadeia, uma suplência, uma solução, tem sempre o aspecto de um quarto nó, ou mesmo de outros nós em conjunto, que fazem a reparação do ponto ou dos pontos de lapso, mantendo toda a cadeia novamente enodada, com um aspecto próximo ao logicamente original (uma cadeia borromeana de três elos). Por ser a função de amarração hipostasiada no quarto nó, pode ser assumida por diversos elementos, variando segundo a singularidade de cada situação. Não é algo definitivo, uma solução ou suplência perfeita, mas algo que sustenta a cadeia por um momento indefinido de maneira eficaz, podendo

ser substituído por outra forma de enodamento, a depender, também, da singularidade de cada situação.

6.1.5 Definição V

Ex-sistência: Entendemos por ex-sistência a característica de existir fora, ou de posicionar-se fora de um determinado contexto. Característica principal do registro do Real, que ex-siste a qualquer forma de apreensão ou representação, também pode ser atribuída a qualquer outro registro, em relação aos demais elementos que constituem a cadeia borromeana. Assim, podemos falar de relações de ex-sistência entre elementos, como a relação do sentido com o Real como ab-senso, da qual podemos dizer que o sentido ex-siste ao Real, ou seja, o Real é o lugar do sem sentido, conforme Definição I; em outro exemplo podemos dizer de uma ex-sistência do gozo fálico, $G(\varphi)$, em relação ao Imaginário (cf. Figura 41 acima).

6.1.6 Definição VI

Consistência: Entendemos por consistência a característica própria do registro Imaginário, que dá corpo, faz borda e permite a apreensão inicial dos registros. Podemos tomá-la como a própria consistência da corda do nó que não permite o desenodamento. Apesar de ser característica do Imaginário, pode ser atribuída a cada um dos elos da cadeia, posto que todos eles possuem uma consistência. Todos eles são elos que não se rompem, e que, justamente devido a esta consistência, se mantêm enodados, além de impedir a troca de tipo de cadeia (entre olímpica e borromeana).

6.1.7 Definição VII

Buraco: Entendemos por buraco a característica principal do Simbólico de fazer furo, mostrando a falha da linguagem em dar conta de tudo, apresentando o Inconsciente como um furo no saber. Assim como a ex-sistência e a consistência, o buraco também pode ser pensado em relação aos outros registros. Mesmo sendo característica do Simbólico, pode ser atribuída aos demais elos pois somente pelo buraco existente em cada elo é que outro elo pode passar para enodar, seja borromeamente, sem interpenetração, seja olímpicamente, como interpenetração.

6.1.8 Definição VIII

Nome-do-Pai – NP: Entendemos como Nome-do-Pai um significante primordial que cumpre a função de diferenciação entre as cadeias e que pode ou não estar presente, conduzindo, na primeira opção, a uma cadeia borromeana, e na segunda, a uma cadeia olímpica. Por ser uma função, pode ser exercida por diversos atores, não necessitando ser exercida pela pessoa do pai – o genitor. Não se confunde com os Nomes do Pai, mas tem com eles uma grande relação. Sua presença ou ausência determina a estrutura subjetiva, sendo um momento inicial de organização psíquica. Logicamente poderia ser pensado como a função do enodamento na cadeia borromeana de três elementos, entretanto, na cadeia de quatro elementos tem a função de direcionar a cadeia para um enodamento borromeano ou olímpico. A partir da consequência de sua presença ou ausência faz-se necessário o surgimento dos Nomes do Pai como forma de reparação possível, visando a estabilidade da cadeia como um todo.

6.1.9 Definição IX

Significação fálica – Φ : Entendemos como significação fálica a consequência direta da presença do Nome-do-Pai. Esta significação pode então ser aceita ou contestada/desmentida, e

permite um compartilhamento de experiências e representações entre os indivíduos que dela dispõem. Não se confunde com a realidade, mas faz parte do substrato da realidade, da qual fugimos ou contestamos/desmentimos, por achá-la insuportável. Posto ser consequência direta do Nome-do-Pai, pode faltar quando da falta deste significante primordial. Há diversas combinações possíveis entre o Nome-do-Pai e a significação fálica, ainda que de uma maneira mais simplista não possamos pensar em uma separação entre os dois, ou seja, a existência de um sem a existência do outro. Entretanto, em nossa contemporaneidade, formas distintas são possíveis, nas quais podemos encontrar a presença de um, paralela à ausência do outro.

6.2 PRIMEIRA VISÃO SOBRE A REALIDADE

A primeira proposta de leitura da realidade em Psicanálise parte de um Lacan próximo aos anos 1950. Não nos referimos a Freud neste momento por pensarmos a realidade não como uma dualidade (cf. item 2.3.2 acima), mas sim como uma continuidade entre o dentro e o fora. Outro ponto em favor de partirmos do início da teorização lacaniana diz respeito ao fato de que neste momento encontramos um Lacan investido de seu interesse pelo retorno a Freud, discutindo e tornando ainda mais rigorosas as propostas freudianas, o que nos leva a pensar que, mesmo que haja diferenças, o primeiro Lacan é, sobretudo, freudiano. Como dito anteriormente (cf. item 2.2.3 acima), esta proposta lacaniana se coloca bem próxima à teoria dos conjuntos, com a qual buscamos certa afinidade em nossa apresentação.

6.2.1 Postulados

6.2.1.1 Postulado I

Há Real – Ø: Não uma substância, mas algo passível de ser deduzido, inferido, teorizado, conjecturado. Algo, conforme a Definição I, do que só podemos dizer negativamente. Como é algo alheio a toda significação, alheio ao sentido, só podemos dizer do Real aproximativamente,

como por analogias. Assim, pensando pelo viés do sentido, tomamos o registro do Real como um vazio que buscamos mostrar, a partir da teoria dos conjuntos, pela seguinte representação: \emptyset . Trata-se de um imenso caos criador, gerador de gozo. Este vazio sem borda é insuportável, necessitando de alguma contenção por parte do sujeito. O encontro com este vazio é sempre faltoso, pois nos faltam palavras para dar conta do mesmo, levando-nos a buscar alguma forma de tratar esta angústia gerada pela falta de sentido.

6.2.1.2 Postulado II

Há Imaginário – $\{\emptyset\}$: Uma primeira forma de dar borda ao vazio insustentável do Real. Partindo da teoria dos conjuntos e ainda que por analogia, podemos pensar em uma tentativa de mostrar esta borda com a seguinte representação: $\{\emptyset\}$. Tal borda dá corpo ao que se apresenta como insuportável, uma tentativa de dar existência àquilo que é por excelência irrepresentável. Conforme a Definição II, esta primeira representação, ainda sem palavras, não é suficiente para um apaziguamento, e, portanto, leva ao engodo, a um sentido unívoco recheado de imagens.

6.2.1.3 Postulado III

Há Simbólico – $\{\emptyset\}$, $\{\emptyset\}$: A partir da linguagem, e das diversas possibilidades de representação, podemos finalmente buscar algum apaziguamento (lembrando que o apaziguamento não é uma solução definitiva, mas algo falho). Com o Simbólico e sua equivocidade, conforme a Definição III, podemos fazer comparações entre as diferentes representações dadas pelo Imaginário, buscando similitudes, diferenças e identidades, entre outros. Uma maneira de mostrar esta capacidade simbólica pode ser dada, ainda a partir da teoria dos conjuntos, pelas seguintes representações: $\{\emptyset\} \neq \{\emptyset\}$; $\{\emptyset\} = \{\emptyset\}$; $\{\emptyset\} \approx \{\emptyset\}$, e outras. Como características da linguagem de que o signo é arbitrário, não ligando uma palavra a uma coisa, mas sim um conceito a uma imagem acústica, tudo dado no plano psíquico, as combinações entre as diferentes representações se tornam infinitas, ainda que não consigam dar

conta de simbolizar tudo. Há um buraco permanente na simbolização justamente neste ponto, posto que nem tudo é passível de simbolização.

6.2.2 Proposições

6.2.2.1 Proposição I

O Real não é uma substância: As mostrações do Real não se reduzem a uma localização qualquer que seja. Sua eventual aparição (ou seus avatares possíveis: vazio, furo, buraco) se dá a título de representação possível de um impossível, posto que não é possível conhecer o Real, mas somente deduzi-lo.

6.2.2.2 Proposição II

A realidade é o efeito de extração do Real: Para que a realidade inicialmente se formule, é necessário um efeito de fechamento, uma organização simbólico-imaginária que termina por excluir o regime de inconsistências que veiculam o impossível em jogo em qualquer fechamento. O Real é menos um núcleo duro e coisificado que precisa ser expulso para que a realidade se dê de forma organizada do que o efeito de se sustentar uma realidade única e coerente. Neste sentido o que se expulsa é o fundamento incoerente, múltiplo e caótico da própria realidade.

6.2.2.3 Proposição III

A realidade é dada na interseção entre Simbólico e Imaginário: Uma primeira tentativa de dar conta da realidade pode ser pensada pela interseção entre o Simbólico e o Imaginário. Representando com nomes e conceitos algo que já tinha uma representação por imagens,

podemos propor uma significação ao nosso mundo, um sentido que não é somente o sentido unívoco do Imaginário, nem tampouco o duplo sentido do Simbólico, mas uma possibilidade de se compartilhar o sentido. Este compartilhamento é possível posto que há nesta interseção entre Simbólico e Imaginário, uma aproximação entre o Nome-do-Pai e a Significação fálica. Podemos pensar duas possibilidades de mostração para esta visão mais geral sobre a realidade, uma dada pelo Esquema R (cf. Figura 55 acima), na qual podemos nitidamente perceber a interseção entre Simbólico e Imaginário; e outra dada pelo *cross cap* (cf. Figura 33 acima), no qual podemos observar que os pontos P, o Nome-do-Pai, e ϕ , a significação fálica, se encontram no mesmo local desta interessante figura.

6.2.2.4 Proposição IV

A realidade é o ponto de sentido desde o qual o Real é deduzido: Se realidade e Real são distintos (cf. item 2.4 acima), deduz-se das figuras apresentadas na Proposição III, que a realidade é uma tentativa de dar conta do insuportável advindo do Real.

6.2.2.5 Proposição V

O Real fica subentendido na realidade: Observando as figuras apresentadas para a mostração da Proposição III, notamos que não há, em nenhuma das duas, um lugar no qual podemos encontrar o registro do Real, lembrando que o R que dá nome ao Esquema R é, na verdade, a realidade. Consequentemente, pelas Proposições I e II, supomos que o Real fica subentendido na realidade, apresentando-se de maneira diferente em cada estrutura subjetiva.

6.2.2.5.1 Teorema I

Na neurose o Real subentendido se apresenta como o objeto a extraído: Segue-se das proposições anteriores que, na neurose, o que podemos apreender do registro do Real é o objeto para sempre perdido discutido por Freud, que aqui tomamos como uma das faces do objeto a lacaniano. Este traço de Real, o objeto a , é tudo que podemos supor existente sobre o véu da realidade que recobre o Real nesta visão sobre a realidade.

6.2.2.5.1.1 Corolário I

Na neurose a realidade é fantasmática: Com a extração do objeto a , resta ao sujeito sua incompletude e uma necessidade imperiosa de buscar enquadrar o Real. A fuga da realidade insuportável é uma fuga deste encontro faltoso com o Real. Apresenta-se como uma janela posta entre o sujeito ($\$$), agora incompleto, e o objeto (a), o ponto de Real que lhe falta, por ter sido extraído. Podemos alegoricamente reconhecer tal janela para o Real no símbolo da punção (\diamond). Com isto apresenta-se o matema do fantasma – $\$ \diamond a$ – que é este primeiro enquadre da realidade neurótica. A mostração da realidade fantasmática na neurose pode ser obtida a partir da relação entre o *cross cap* e o matema do fantasma (cf. Figura 36 acima).

6.2.2.5.2 Teorema II

Na psicose o Real subentendido se apresenta como o retorno no Real do que foi foracluído no Simbólico: Se pensarmos que na psicose não ocorre a extração do objeto a como na neurose, então o que podemos encontrar do registro do Real são os retornos no Real daquilo que foi foracluído no Simbólico. Os fenômenos elementares como critério de reconhecimento desta estrutura subjetiva nada mais são que mostras deste retorno.

6.2.2.5.2.1 Corolário II

Na psicose a realidade é delirante: Posto que não há a extração do objeto *a*, a construção fantasmática da realidade se torna inviável, fazendo-se necessária uma nova forma – uma reconstrução da realidade perdida. Tal reconstrução é empreendida pela via do delírio. A mostração de tal reconstrução delirante da realidade é dada pelo Esquema I (cf. Figura 56 acima).

6.2.2.6 Proposição VI

O tipo de construção da realidade é definido a partir da pertinência ou não de um determinado elemento no sistema: Posto que nos baseamos nesta primeira visão sobre a realidade, em uma proposta conjuntista, o que irá diferenciar o tipo de construção da realidade será a pertinência ou não de um elemento, a saber, o Nome-do-Pai. Caso haja tal elemento no conjunto, podemos ter duas possibilidades: a aceitação de tal lei paterna (neurose) ou sua contestação (perversão). A falta do significante do Nome-do-Pai direciona a construção da realidade para outra estrutura subjetiva: a psicose.

6.2.2.6.1 Teorema III

Na neurose, a significação fálica decorrente da pertinência do NP faz laço social (compartilha-se a realidade): A significação fálica, conforme a Definição IX, nos permite o compartilhamento de experiências, possibilitando que o laço social se estabeleça com mais firmeza. Portanto, a lei simbólica advinda do Nome-do-Pai e sua consequência, a significação fálica, permite ao neurótico compartilhar sua realidade, o que lhe dá uma sensação de segurança quanto ao que percebe e pensa, supondo que a realidade é exatamente como ele a compreende.

6.2.2.6.2 Teorema IV

Na psicose, a não significação fálica inviabiliza a entrada no laço social, tornando a realidade difícil de ser compartilhada: A falta da lei do Nome-do-Pai e a conseqüente não significação fálica dificultam muito o compartilhamento da realidade do psicótico, tornando sua forma de construção ainda mais singular. Ainda que possam haver momentos de cruzamento com a realidade construída pelo neurótico, sua maneira de lidar com a construção delirante o leva a pensar a realidade com certo estranhamento. A discordância com a realidade compartilhada pela grande maioria através do laço social, pode acrescentar conteúdos ao delírio que serão incluídos em sua reconstrução da realidade.

6.3 SEGUNDA VISÃO SOBRE A REALIDADE

A segunda proposta de leitura da realidade em Psicanálise parte de um Lacan próximo aos anos 1970. Algo da proposta anterior se mantém, como o Nome-do-Pai como o que faz a distinção entre as estruturas subjetivas, mas a significação fálica agora perde força, dando lugar aos Nomes do Pai, uma outra forma de *fazer com* a realidade, ainda que tais Nomes do Pai tenham alguma relação com a significação fálica. Como dito anteriormente (cf. item 2.2.3 acima), esta proposta lacaniana se coloca bem próxima à teoria das categorias, com a qual buscamos certa afinidade em nossa apresentação.

6.3.1 Postulados

6.3.1.1 Postulado IV

O Real ex-siste: Conforme às definições I e V, temos a ex-sistência como característica principal do registro do Real. O Real ex-siste ao sentido, é ab-senso a toda forma de apreensão,

a toda forma de simbolização, à própria tentativa de coisificá-lo, aproximando-o da materialidade das coisas. É inapreensível em todos os sentidos, permitindo-nos apenas aproximações. Esta propriedade de existir fora da existência dificulta sua apreensão, mas permite a relação com os demais registros auxiliando no enodamento.

6.3.1.2 Postulado V

O Imaginário consiste: Conforme às Definições II e VI, cabe ao Imaginário a consistência. Sua característica fundamental permite o enodamento, impedindo o rompimento dos elos da cadeia, assim como a mudança de uma cadeia em outra. A consistência própria da corda do nó pode ser atribuída a todos os três registros, posto que todos se apresentam como nós.

6.3.1.3 Postulado VI

O Simbólico faz buracos: Conforme às Definições III e VII é característica do Simbólico o buraco – fazer buracos no Real com a linguagem. Uma tentativa de transformar gozo em prazer. Nomear, apreender, dar sentido – ainda que falho – esta é a forma de o Simbólico se fazer notar. Lugar da Lei, da linguagem e do Inconsciente, posto que este é estruturado como uma linguagem. É justamente por fazer buracos que o Simbólico permite o enodamento dos registros, pois é pelo buraco que os elos se enodam, seja interpenetrando-se ou não.

6.3.1.4 Postulado VII

O *Sinthome* faz o enodamento dos três registros, RSI, reparando os lapsos da cadeia: Conforme às Definições IV, VIII e IX, o *Sinthome* é o que faz a amarração dos elos, posto que os registros não se enodam por si mesmos. Ainda que pensemos a cadeia borromeana de três elos como o ponto de partida para se pensar os lapsos, esta é apenas uma construção lógica. Sempre é necessário o quarto elo, ou mesmo outros mais, para que haja a reparação do lapso da

cadeia. O quarto elo não é o próprio Nome-do-Pai, já que este é o que define a forma de enodamento da cadeia – borromeana ou olímpica – a função de reparação é chamada de Nomes do Pai. Nesta função assume formas diferentes na neurose e na psicose, conduzindo a uma significação fálica na primeira e a uma falha nesta significação na segunda.

6.3.2 Proposições

6.3.2.1 Proposição VII

A primeira visão sobre a realidade não é mais suficiente, postos os demais elementos – R e Σ : Com a inclusão de novos elementos, sobretudo o Real de maneira mais marcada, e o quarto elo como algo absolutamente novo, faz-se necessário que se reformule toda a concepção sobre a realidade. Também temos que pensar que há uma nova proposta matemática como base, o que nos permite novas operações que não existiam na proposta anterior. Todos estes avanços nos possibilitam uma nova visão sobre a realidade.

6.3.2.2 Proposição VIII

A realidade não é o sentido: Se pensarmos a realidade como a interseção entre os registros do Simbólico com o Imaginário, conforme à Proposição III, então ela fará oposição ao Real, criando uma dualidade. Este sentido dado na junção dos registros do Simbólico e do Imaginário se apresenta devido às características próprias destes dois registros, respectivamente, o duplo sentido e o sentido unívoco. O Real estaria fora por ser o lugar do sem sentido, o ab-senso. Tomando então a realidade como o sentido, estaríamos retornando à primeira visão sobre a realidade, na qual o Real fica subentendido, e sequer teríamos a possibilidade de pensar um outro elo dentro da relação. Assim, por exclusão, a realidade não é o sentido.

6.3.2.3 Proposição IX

A realidade psíquica não é a realidade humana como um todo: Pensar a realidade psíquica, tal qual proposto por Freud, como tudo aquilo que nos interessa, é deixar de fora uma parte da questão. Se o próprio Freud apresentava uma dualidade de realidades (cf. item 2.3.2 acima), psíquica e material, tomar a realidade psíquica como o todo de nossa realidade humana é amputar a dualidade freudiana de sua parte material, construindo uma proposta idealista da realidade. Pensar a realidade humana como um todo supõe que a realidade psíquica seja uma das partes da questão.

6.3.2.3.1 Teorema V

A realidade psíquica é uma das possibilidades de amarração, portanto, exerce função de amarração: Posto que a realidade psíquica é um dos termos em questão quando tomamos a realidade humana como um todo, podemos pensá-la como uma das possibilidades de amarração, um quarto elo que pode auxiliar no enodamento dos três registros. Assim, uma das formas de se pensar a realidade psíquica, seria imaginá-la como um dos possíveis Nomes do Pai, ou seja, um quarto elo que faça o enodamento, como pudemos ver, por exemplo, na Figura 57 acima.

6.3.2.4 Proposição X

A pertinência ou não de um determinado elemento (NP) na cadeia modifica sua forma de apresentação: O Nome-do-Pai, como elemento que faz a distinção das estruturas subjetivas, mantém seu valor dentro da nova visão sobre a realidade. Sua função seria mais fundamental, estruturante, definindo o tipo de cadeia apresentada pelos elos. Assim, uma cadeia borromeana suportaria o Nome-do-Pai, posto que permite reparações que mantêm a cadeia borromeana; uma cadeia olímpica não suportaria o Nome-do-Pai, necessitando de reparações que não mais podem torná-la borromeana. Podemos pensar as mostrações das duas formas: borromeana e olímpica.

No caso das cadeias borromeanas podemos pensar em uma fuga neurótica da realidade, mas que mantém a cadeia como estava originalmente, borromeana. Assim a fuga da realidade mantém a forma borromeana da cadeia (cf. item 5.2 acima). Nas cadeias olímpicas devemos pensar na reconstrução da realidade perdida pelo psicótico, uma reconstrução que não retorna a cadeia à sua forma borromeana (cf. item 5.3 acima).

6.3.2.4.1 Teorema VI

A clínica psicanalítica do segundo Lacan não é continuísta; há a distinção entre neurose e psicose: Com as diferentes cadeias, borromeana e olímpica, e a impossibilidade de troca entre elas, temos que a clínica psicanalítica do segundo Lacan não pode ser continuísta, ou seja, uma clínica em que as fronteiras entre neurose e psicose não mais existem. Se há a diferença entre as cadeias e se não há a possibilidade de mudança de uma forma para a outra, o que podemos dizer é que há casos em que neurose e psicose se aproximam muito, mas ainda assim, resta algo de distinto entre tais estruturas subjetivas.

6.3.2.4.2 Teorema VII

O teorema anterior não é um retorno ao estruturalismo: Dizer que a segunda proposta lacaniana é descontinuísta não implica em dizer que há um retorno à primeira proposta, mais centrada na estrutura. Devemos estar atentos ao fato de que a nova proposta não invalida a primeira, mas a amplia. Assim, a teoria das categorias, plano de fundo do segundo Lacan, não exclui a teoria dos conjuntos, plano de fundo do primeiro Lacan (cf. item 2.2.3 acima).

6.3.2.5 Proposição XI

A nova proposta lacaniana, baseada na teoria das categorias, amplia o leque de possibilidades de entendimento do par neurose/psicose: Ainda que haja a distinção entre as

estruturas subjetivas, dada pela presença ou não de um elemento, o Nome-do-Pai, o que irá diferenciar as cadeias neuróticas (borromeanas) e psicóticas (olímpicas), este não será o único ponto a ser tomado nas relações entre os registros e o quarto elo. Com a teoria das categorias, as relações se tornam mais amplas e o quarto elo pode, a cada momento, apresentar uma função diferente de amarração, o que pode ser examinado com a noção de Nomes do Pai – diferentes possibilidades de amarração nas diferentes apresentações de cada cadeia formada pelos três registros.

6.3.2.5.1 Teorema VIII

Há uma pluralidade de elementos que podem ser pensados em relação no sistema (não mais apenas o NP): Uma infinidade de soluções pode ser obtida tomando o quarto elo como aquele que vem trazer a reparação dos lapsos do nó. O Nome-do-Pai seria então o ponto distintivo das cadeias, diferenciando-as, enquanto os Nomes do Pai seriam os elementos reparadores, que trazem a amarração. Estaríamos assim concordando com a proposta freudiana de dois tempos para o adoecimento em ambas as estruturas: um primeiro fundante, e outro desencadeador que requer uma solução. Podemos mostrar estas várias possibilidades de reparação a partir das seis possibilidades geradas pela inibição, sintoma e angústia (cf. Figura 71 a Figura 76 acima), pelas reparações psicóticas (cf. Figura 77 a Figura 79 acima), pelas possibilidades de polirreparações (quando há mais de um ponto a ser reparado e cada uma destas reparações é feita por um elo distinto) e também pelas amarrações não-*sinthomáticas* (quando há a reparação não no próprio local do lapso, o que pode trazer uma estabilidade precária para a cadeia).

6.3.2.5.2 Teorema IX

Diversos elementos (Nomes do Pai) se arranjam de maneira a dar estabilidade à cadeia: Os Nomes do Pai, como elos reparadores, podem trazer estabilidade à cadeia, sem, no entanto, mudar sua forma (borromeana ou olímpica). Estas reparações são necessárias para que os três

registros não fiquem à deriva. Diversos são os elementos que podem servir como Nomes do Pai, trazendo estabilidade à cadeia.

6.3.2.5.3 Teorema X

As diversas relações entre estes elementos produzem efeitos diferenciados em cada um: A cada nova forma de amarração temos novos efeitos produzidos. As diferentes formas de enodar os três registros nos trazem uma primeira forma de particularizar as diversas situações que podemos mostrar na cadeia.

6.3.2.6 Proposição XII

A realidade pode ser fantasmática (neurose e perversão) ou delirante (psicose): A cadeia borromeana implica sempre o objeto a em seu interior, no entrecruzamento dos três registros, ponto pelo qual sempre deve passar o quarto elo para que haja enodamento. Isto supõe uma tentativa de enlaçar o objeto para sempre perdido, supondo um enlaçamento pela via do fantasma ($S \diamond a$). Nas cadeias olímpicas, nem sempre necessitamos passar por este ponto para produzir a estabilização, devido ao fato de termos elos interpenetrados. Podemos pensar que esta forma de solução não se produz pela via do fantasma, sendo, nas cadeias olímpicas, uma via delirante de solução.

6.3.2.6.1 Teorema XI

As propostas da visão anterior sobre a realidade não são invalidadas; apenas assumem outro papel: Desta proposição tomamos o fato de que a proposta de leitura da realidade neurótica pela via do fantasma e psicótica pela via delirante não é deixada de lado. O que

encontramos é uma nova forma de se manejar os elementos e as relações estabelecidas entre eles, assim como também temos uma maior possibilidade de elementos.

6.4 NOSSA VISÃO SOBRE A REALIDADE

6.4.1 Proposições

6.4.1.1 Proposição XIII

A realidade não é a função de amarração, mas seu efeito: Conforme às Definições IV, VIII e IX, a realidade não pode ser a própria função de amarração, posto que tal função é feita pelos Nomes do Pai. O Nome-do-Pai também não se confunde com a realidade, pois sua função é distinguir as possíveis cadeias (borromeana e olímpica), resultando em um efeito direto – a significação fálica. Esta se aproxima em certa medida do sentido dado pela incidência do Nome-do-Pai. Posto então que a realidade não é a função de amarração dos registros, ela só pode ser o efeito de tal amarração.

6.4.1.2 Proposição XIV

Como efeito, a realidade humana é singular, mas pode (neurose) ou não (psicose) ser compartilhada: O efeito de tal amarração, ao que chamamos realidade, pode ser em certa medida compartilhado. Ainda que seja singular, a realidade de cada um possui certos pontos em comum nas diversas realidades singulares, o que nos permite fazer laço social. Esta possibilidade de cruzamento entre as diversas realidades singulares nos é proporcionada pela significação fálica, efeito da incidência do Nome-do-Pai. Nos casos em que não há esta incidência, e conseqüentemente há uma não significação fálica, o compartilhamento da realidade se torna mais difícil.

6.4.1.3 Proposição XV

Amarrações idênticas não produzem realidades idênticas, mas compartilhadas: Ainda que possamos ter um número enorme de possibilidades de amarrações, podemos encontrar amarrações iguais em pessoas diferentes, mas tais amarrações não produzem exatamente o mesmo efeito. Estas amarrações iguais podem ser compartilhadas, havendo pontos em comum em duas ou mais pessoas.

6.4.1.3.1 Teorema XII

A história pessoal de cada um permite representações diferentes para os mesmos fatos, singularizando formas iguais de amarração: Como característica própria do Simbólico, conforme à Definição III, podemos ter representações diferentes para os mesmos fatos, assim como significados diferentes para as mesmas representações, o que torna infinita a possibilidade de representações e seus significados. Assim, amarrações iguais podem gerar uma infinidade de significações distintas de realidade, singularizando as realidades.

6.4.1.3.1.1 Corolário III

A infinidade de possíveis significações permitidas pelo Simbólico deixa praticamente impossível a possibilidade de arranjos iguais de realidade: Devido à enormidade de possibilidades de significação dada às possíveis amarrações, torna-se extremamente remota a possibilidade de obtermos realidades iguais, devido à característica própria do Simbólico de criar sentidos diferentes (o duplo sentido), ainda que possamos dizer que é logicamente possível.

6.4.1.4 Proposição XVI

Mesmo em casos em que a realidade não é compartilhada (psicose) há pontos de interseção com outras realidades compartilhadas, permitindo entrecruzamentos: Mesmo nos casos em que não há uma significação fálica, devido à não inserção do Nome-do-Pai, a realidade delirante de alguns psicóticos pode ser compartilhada em grande medida com outras pessoas.

6.4.1.4.1 Teorema XIII

O psicótico não está no discurso, mas está na linguagem: Ainda que possamos pensar que o delírio psicótico não faça laço como o fantasma neurótico, as possibilidades de entrecruzamento de suas realidades permitem que o neurótico faça laço no delírio psicótico. Posto que o psicótico está na linguagem, sua realidade delirante pode ser em certa medida compartilhada com os demais seres falantes.

6.4.1.4.1.1 Corolário IV

É possível a análise de psicóticos: Ainda que pareça óbvio, o fato de estar fora do discurso não impede ao psicótico que fale de seu sofrimento. Como está na linguagem, sua fala pode ser tomada por um analista e este pode, com as devidas especificidades clínicas de tal estrutura, conduzir uma análise satisfatória.

6.4.1.5 Proposição XVII

A deriva de algum dos elementos, qualquer um dos três elos RSI, ou mesmos os três, traz a sensação do insuportável: Devido ao lapso na cadeia, sejam formando cadeias borromeanas (cf. item 5.2.1 acima) ou olímpicas (cf. item 5.3 acima), um ou mais elos podem ficar soltos,

trazendo ao sujeito algo de insuportável. Este fato nos conduz à ideia de que a deriva de um ou mais elos é sentida pelo sujeito como um momento de sofrimento.

6.4.1.5.1 Teorema XIV

Os diversos desencadeamentos (neuróticos ou psicóticos) dizem de momentos insuportáveis: Os momentos de crise de qualquer estrutura subjetiva são caracterizados, em uma mostraçã nodal, pelo desencadeamento dos elos, seja um dos elos como na psicose, seja a soltura de todos os três como na neurose. Este momento em que um ou mais elos se soltam é sentido pelo sujeito como algo de insuportável.

6.4.1.5.1.1 Corolário V

Tais momentos podem ocorrer a qualquer um, em momentos específicos, necessitando nova reparação: A cada um, em sua própria história de vida, pode ocorrer um momento desencadeante, relacionado a fatos diversos, não apenas empíricos. A vivência do insuportável requer algo que traga novamente o encadeamento dos elos, portanto, uma forma de reparação dos lapsos ocorridos no momento do desencadeamento.

6.4.1.5.1.2 Corolário VI

Uma reparação não-sinthomática, ainda que permita uma estabilidade precária, mantém algo do insuportável, e também necessita de nova reparação: As reparações não-sinthomáticas, aquelas que reenodam a cadeia em pontos diferentes do lapso original (cf. Figura 90 abaixo) permitem alguma estabilização, mas o insuportável ainda se mantém, o que leva à busca de nova reparação, no próprio lapso da cadeia – uma reparação *sinthomática*.

6.4.1.5.2 Teorema XV

Sempre será necessária a amarração, a reparação dos lapsos da cadeia: Posto que não é possível a cadeia borromeana de três elos (cf. item 5.2 acima), sempre há a necessidade de reparação dos lapsos da cadeia. A deriva de um ou mais elos é tomada sempre como insuportável.

6.4.1.5.2.1 Corolário VII

É insuportável, beira o impossível, viver fora da realidade: Posta a necessidade do quarto elo como reparador dos lapsos da cadeia para que a sensação do insuportável seja apaziguada, podemos dizer que esta sensação se aproxima de momentos em que a realidade se esvai devido à deriva de um elo ou de todos os três, necessitando ser reorganizada ou, em termos nodais, reenodada. Não se pode viver fora de alguma construção de realidade.

6.4.1.6 Proposição XVIII

A realidade tem efeito apaziguador: As consequências da Proposição XVII nos levam a pensar que a construção da realidade tem efeito apaziguador. Seja pela via fantasmática, seja pela via delirante, alguma forma de realidade é necessária para que não surja o insuportável. Como não é possível a cadeia de três elos, sempre haverá a necessidade de um quarto elo que faça a reparação do lapso da cadeia, o que nos sugere que seja impossível viver sem um fantasma ou delírio, ainda que rudimentares (não-*sinthomáticos*).

6.4.1.6.1 Teorema XVI

Nem o fantasma, nem o delírio são passíveis de serem retirados, sob pena de rompimento geral com a realidade; são inamovíveis, mas não insubstituíveis: O delírio e o fantasma são necessários para que haja certa coesão, o enodamento dos elos. Posta sua necessidade, torna-se impossível retirá-los, pois conduziriam ao insuportável do rompimento com a realidade. Em uma maneira nodal de fazer tal mostraçã, supomos a necessidade de um quarto elo em todas as situações. Este quarto elo pode ser substituído ao longo da vida de cada um, mas nunca eliminado.

6.4.1.6.2 Teorema XVII

Ainda que não seja algo definitivo, o *Sinthome* traz apaziguamento pela via de uma amarração mais estável: dada a possibilidade de substituição do quarto elo por outra forma, há sempre que se buscar por uma amarração mais estável, que pode ser caracterizada por uma amarração *sinthomática*. Ainda assim, esta amarração não é definitiva, podendo ser necessária nova amarração em casos em que a anterior não mais resulte em apaziguamento.

6.4.1.7 Proposição XIX

Toda realidade humana é efeito de haver sujeito: Tomados os pontos anteriores que nos remetem à construção fantasmática ou delirante da realidade (Teoremas I e II, Proposição XII e Teorema XVI), segue-se que toda construção da realidade humana é um efeito de haver sujeito do Inconsciente, posto que é na relação deste sujeito com o objeto que se dá a construção inicial da realidade.

6.5 TESE

Passados todos os pontos discutidos ao longo deste item, uma única conclusão se impõe a nós: *a realidade humana é o efeito da amarração dos três registros (RSI) auxiliada por um quarto elo (ou mais elos em caso de polirreparação)*, um efeito de haver sujeito.

A realidade não pode ser a função que determina a estrutura, pois esta é cumprida pelo Nome-do-Pai; não pode ser a função de reparação dos lapsos da cadeia, porque esta é cumprida pelos Nomes do Pai. Tampouco é o sentido, como externo ao Real, posto que este traria uma dicotomia, ou no máximo seria uma tentativa de domar o Real, o que seria impossível. Para que a realidade humana possa minimamente incluir o todo de seu próprio mundo, lembrando que este todo é singular, somos obrigados a incluir os três registros e também aquilo que os enoda. Assim, a realidade não pode ser uma parte do processo, mas também não pode ser o processo mesmo como um todo.

A proposta freudiana de uma dualidade de realidades não é incompleta ou errada; apenas apresenta dividido algo que na verdade deveria ser um todo. A realidade, quando pensada enquanto uma divisão entre o externo e o interno, entre o psíquico e o material, pode, a partir desta dualidade, supor que damos maior ênfase a uma das partes do conflito, desprezando o outro. Neste sentido, somente poderíamos pensar a realidade como a soma dos dois polos apresentados por Freud. A tomada de posição por qualquer um dos polos, psíquico ou material, excluindo ou menosprezando o outro, causaria um rompimento com partes importantes que constituem a realidade.

A perda mesma deste todo a que aqui chamamos realidade causa sofrimento, traz o insuportável, sendo, portanto, impossível viver fora da realidade. Alguma forma de construção da realidade é sempre necessária. O grande ponto a se discutir quando tratamos de estruturas subjetivas é que tanto a neurose quanto a psicose, e também a perversão, ainda que esta última não tenha sido citada tão extensamente, sempre necessitam de alguma construção sobre a realidade, o que as coloca em pé de igualdade a todo tempo.

Posto que não é possível viver fora da realidade, por ser insuportável, e também que a realidade não é uma parte do processo de amarração, nem tampouco o processo de amarração como um todo, mas está o tempo todo incluída na relação de amarração dos registros auxiliado por um quarto elo, somente podemos considerar que a realidade é o efeito desta amarração, não restando, em termos nodais, nenhuma outra hipótese possível.

Esta proposta sobre a realidade não apenas exclui as demais por serem improváveis, como também se apresenta como uma maneira bastante adequada a todos os fatos que podemos encontrar quando tratamos da realidade humana: sua singularidade, sua possibilidade de modificação, sua inamobilidade, sua capacidade de apaziguamento, assim como a sensação insuportável quando de sua falta em pequenos instantes. Enquanto proposta abduativa dentro do método geométrico, não há outra possibilidade sustentável para tal.

É assim que seguiremos com a leitura do caso emblemático do Homem dos Lobos, buscando apresentar sua forma de construir a realidade, não apenas como uma colagem entre seu relato sobre o mundo e a cadeia que utilizamos para a mostraçãõ de cada um destes momentos, mas também como uma forma de se pensar o diagnóstico tomando como critério sua relação com a realidade: uma fuga (neurose) ou uma reconstrução (psicose).

7 UMA MOSTRAÇÃO FINAL

Serguei Constantinovitch Pankejeff foi um homem que teve certa influência no pensamento do século XX, ainda que poucas pessoas tenham conhecimento disto. Sua vida foi objeto de estudo de alguns dos maiores pensadores europeus desde o início de tal século até sua morte e ainda continuamos a discutir as diversas visões que cada um destes pensadores teve sobre tal personagem.

Nasceu no sul da Rússia no final do século XIX, em uma rica família da aristocracia rural e foi criado em Odessa. A data e condições de seu nascimento, assim como toda sua história, merecem uma atenção especial. Ele nasceu na noite de natal de 1886, de acordo com o calendário juliano, o que se refere ao dia 06 de janeiro de nosso calendário, o gregoriano. Da maneira como pensamos o natal, ele nasceu na véspera, o dia 24 de dezembro. Mas a maneira como era pensado na Rússia em sua época, que imaginamos ser a mesma maneira que é comemorado na Alemanha até hoje, temos três noites de natal: a primeira (véspera), a segunda (a própria noite) e a terceira (noite seguinte). Geralmente passa-se o natal com as diferentes famílias de cada um: família de origem (os pais), com a própria família (esposa/marido e filhos), e com a família do cônjuge (sogros), sendo uma noite para cada uma das famílias. Ele nasceu na primeira noite de natal, o que nós chamamos de véspera de natal.

Sua história pessoal e a de sua família constroem um romance muito peculiar, que inicia em um período relativamente tranquilo da história da Rússia e da Europa, assim como de sua rica família, e termina em uma morte solitária, em um hospital de Viena, após a perda de toda a fortuna e o fato de haver sobrevivido a duas guerras mundiais e várias mortes importantes e trágicas para ele (Obholzer, 1993).

Quando jovem, após alguns momentos subjetivamente difíceis, resolveu buscar tratamento para seu sofrimento e é neste momento que ele adentra a história que aqui nos interessa. Depois de alguns tratamentos na Rússia, busca além de suas terras um alívio mais duradouro. Surgem então em sua história grandes nomes como Kraepelin e Freud, e posteriormente outros que não o conheceram pessoalmente, mas que também falaram de sua história, como Lacan e Miller, fora os diversos outros nomes menores enquanto fama, mas não menos interessados e não menos importantes em sua vida (Mahony, 1992).

O nome pelo qual ficou conhecido mundialmente talvez perca um pouco da proposta original do criador da alcunha. *Wolfsmann*, um simples nome alemão, tal qual os nossos

conhecidos Pereira ou Oliveira, que nunca remetemos às plantas que nos fornecem a pera e a azeitona, ou mesmo o Lopes, que tanto utilizamos no Brasil e tem relação direta com o *lupus*, palavra latina para lobo, se tornou o *Wolf Man* em inglês, e daí o *Homem dos Lobos* em português. Em todas as outras línguas seguiu caminho semelhante, relacionando a questão do lobo ao personagem. A maneira como o nome surge em português pode remeter a um certo pertencimento do personagem aos lobos, o que nem de longe se aproxima da ideia original (Mahony, 1992).

Fato interessante é que durante o próprio caso clínico de Freud (1918 [1914]/1996) o paciente segue inominado. Não há em nenhum momento deste relato um ponto no qual o paciente receba de Freud um nome ou um apelido qualquer. Somente oito anos depois da publicação do caso clínico que haveria de se tornar o mais longo e famoso da história da Psicanálise, em outro texto, *Inibição, sintoma e medo*, é que Freud (1926 [1925]/1996) iria nomear seu jovem paciente russo com a alcunha com o qual o próprio paciente passou a assinar: *Wolfsmann*. Esta também é a única vez na pena de Freud, ao menos em seus textos publicados, em que esta nomenclatura aparece.

Várias são as pessoas que se ocuparam do Homem dos Lobos antes de Freud. Foi tratado por Vladimir Bekhterev, que se valia dos recursos da hipnose e por Theodor Ziehen em Berlim, um psiquiatra muito famoso na época, até que chegou às mãos da primeira pessoa eminente em seu tratamento: Emil Kraepelin, em Munique. Nenhum destes fez qualquer publicação sobre o caso, até então um simples caso de adoecimento psíquico, muito afeito a crises depressivas. Por isto o primeiro diagnóstico conhecido, dado por Kraepelin, é o de psicose maníaco-depressiva (Roudinesco & Plon, 1998; Jones, 1989).

O encontro com Kraepelin foi infrutífero em todos os sentidos. Não produziu nada do lado do médico, como algum texto do qual pudéssemos nos valer para avaliar a condição do jovem russo no início do século XX; nem tampouco do lado do paciente, que não teve nenhuma remissão de seus sintomas. Mas algo do período em que esteve internado no Sanatório de Neuwittelsbach foi importante em sua história: lá ele conheceu a enfermeira Teresa Keller, por quem se apaixonou (Roudinesco & Plon, 1998).

Como ela era uma plebeia, mãe de uma garotinha, Else, e um pouco mais velha que o paciente, a família dele foi prontamente contrária a esta relação; assim como seu médico, Kraepelin, que não recomendava a sexualidade nos casos de loucura (Roudinesco & Plon, 1998). Ainda assim, ele conseguiu alguns encontros com a jovem enfermeira, mas que não conduziram a nenhum sucesso amoroso mais consistente (Obholzer, 1993). Desistiu do tratamento em Munique e voltou para Odessa, onde começou novo tratamento, com Wullf e

posteriormente com Leonid Drosnes, que tem o mérito de ter conduzido o paciente a Freud, uma das duas opções que lhe fora dada, sendo a outra o doutor Dubois, em Berna (Jones, 1989).

Acabou iniciando tratamento com Freud em fevereiro de 1910 (Jones, 1989) pois este, ao contrário dos demais, não lhe impediu de ver sua amada Teresa, apenas lhe pedindo que terminasse primeiro sua análise, para depois tomar a decisão. Em carta a Ferenczi, datada de 14 de fevereiro deste mesmo ano, Freud (Freud & Ferenczi, 1994, p. 200) diz ter aceitado este jovem e rico paciente russo para tratar “de uma paixão amorosa compulsiva”. Este foi o ponto marcante, o ponto de transferência inicial que levou o Homem dos Lobos a se analisar com Freud.

Esta análise durou quatro anos e terminou, coincidentemente, no dia 28 de junho de 1914⁹⁷, dia em que o arquiduque Francisco Ferdinando foi assassinado em Sarajevo, o que levaria o mundo à sua primeira grande guerra. Duas semanas após, a Áustria entra em guerra contra a Rússia, e Freud teme que seu filho mais velho, Martin, que havia sido convocado para a guerra, pudesse morrer baleado por seu paciente. Sob esta tensão redigiu o caso que intitulou *Sobre a história de uma neurose infantil*⁹⁸, e que somente foi publicado em 1918 (Roudinesco & Plon, 1998). Freud diagnostica o paciente como um caso de neurose obsessiva, mas também comenta sobre seus sintomas histéricos e sua fobia animal.

Alguns pontos merecem destaque na redação do texto freudiano. Primeiro, o ponto de Freud se decidir por escrever apenas sobre a infância do paciente, ainda que o tenha conhecido na fase adulta. Tal fato provavelmente foi motivado pelas discussões teóricas com Jung e Adler, em especial no que tange à sexualidade infantil e à etiologia sexual das neuroses (Mahony, 1992). Também é notória a maneira de escrever, muito diferente da maneira dos outros casos freudianos, mas sobretudo por um certo forçamento dos fatos e das lembranças do paciente, que mais tarde, em entrevista a Karin Obholzer, diz nunca ter acontecido, haja vista que as crianças na Rússia não dormiam no quarto dos pais (Obholzer, 1993).

Depois desta análise, sentindo-se curado, o Homem dos Lobos se casa com Teresa, ainda no mesmo ano, em Odessa. Pouco depois consegue seu diploma de advogado e vive até 1918 na Rússia. Entretanto, o período da primeira guerra e a Revolução Bolchevique, também conhecida como Revolução de Outubro ou Revolução Vermelha, na Rússia, o fizeram retornar

⁹⁷ Mahony (1992) afirma que a data final da análise do Homem dos Lobos foi 14 de julho do mesmo ano, e diz ter sido a véspera da morte do Arquiduque Francisco Ferdinando, o que claramente é um erro, pois o atentado ocorreu no dia 28 de junho daquele ano. Ainda que o fim da análise tenha ocorrido na véspera, deveria ter sido em 27 de junho, e não no dia 14 de julho.

⁹⁸ Título na Edição Standard Brasileira: *História de uma neurose infantil*.

à Áustria, agora sob nova perspectiva – a de um pobre imigrante, auxiliado financeiramente por Freud (Obholzer, 1993).

Com a mudança de situação, o Homem dos Lobos retoma sua análise com Freud, agora por um curto período de quatro meses, de novembro de 1919 a fevereiro de 1920. A ajuda financeira de Freud, que coletava dinheiro entre seus discípulos, contribuiu progressivamente para que o senhor Pankejeff fosse aos poucos assumindo seu papel – O Homem dos Lobos (Roudinesco & Plon, 1998).

Seis anos depois, novamente adoentado, procurou outra vez por Freud que desta vez se recusou a ajudá-lo, mas o encaminhou a uma aluna, Ruth Mack Brunswick que, interessada pelas teorias kleinianas sobre a psicose, acaba por diagnosticar o paciente como um caso de paranoia, ainda que ao fim, de certa forma, concorde com o diagnóstico de Freud de neurose obsessiva (Roudinesco & Plon, 1998; Brunswick, 1928/2002).

Assim como com Freud, com Brunswick também foram dois períodos de análise, que culminaram em um texto chamado *Suplemento à “História de uma neurose infantil” de Freud* que foi publicado em 1928, do qual conhecemos as versões espanhola (Brunswick, 1928/2002) e francesa (Brunswick, 1928/1981).

Com a eclosão da segunda guerra mundial e o suicídio de sua esposa, o Homem dos Lobos se tornou um homem melancólico, sustentado financeiramente em grande parte pelo movimento freudiano, em especial por Kurt Eissler em nome dos *Arquivos Freud* (Roudinesco & Plon, 1998). O próprio Eissler atendeu analiticamente o Homem dos Lobos durante o verão de 1950. Ainda foi tratado posteriormente por um neurologista que lhe disse do retorno de sua melancolia e acabou internado por algumas semanas em um sanatório neurológico, quando foi testado por Frederick Weil, especialista em Rorschach. Depois ainda foi tratado por um outro analista, talvez Wilhelm Solms, em 1956. Por fim, ainda teve diversas sessões com o Dr. Winsterstein, depois ainda outro analista do qual não se conhece o nome, antes do tratamento com um psiquiatra, o Dr. Menniger (Mahony, 1992).

Com o incentivo de Muriel Gardiner, uma paciente de Brunswick, o Homem dos Lobos escreve suas memórias, nas quais fala de sua infância, de sua relação com Freud, de seu casamento, enfim, de sua vida. Muriel Gardiner também publicou textos dos quais fala de sua relação próxima com o senhor Pankejeff. Muitos destes textos estão agrupados na coletânea francesa *L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même* (Gardiner, 1981) e com poucos textos a menos, na versão espanhola *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos* (Gardiner, 2002).

Também é muito conhecido o texto publicado por Karin Obholzer (1993), *Conversas com o Homem dos Lobos*, que é o relato de longas entrevistas com o já ancião senhor Pankejeff. Tais entrevistas apresentam os últimos dias de vida de um senhor atormentado por seus infortúnios, sobretudo no campo amoroso, mesmo motivo de sua entrada em análise segundo o próprio Freud. Estes são os textos publicados por pessoas que estiveram pessoalmente com esta importante figura do século XX.

Outros textos são de grande importância para o entendimento deste caso, mas agora por comentadores da vida do Homem dos Lobos, sobretudo do texto freudiano. É de capital importância a crítica feita por Patrick Mahony em seu *Gritos do Homem dos Lobos* (1992), um grande estudo da escrita freudiana do caso, seus pontos críticos e os bastidores do atendimento do caso.

É de especial interesse para nós a atenção dada por Lacan ao caso, naquilo que seria o primeiro de seus seminários, ainda feito em seu consultório ou na casa de sua esposa, Sylvia, respectivamente os números 5 e 3 da rua de Lille em Paris, ao qual costuma-se chamar, nos submundos da Psicanálise, de *Seminário -I* de 1952 (Lacan, 1952/20__), que inaugura, ainda que sem esta pretensão, o ensino público de Lacan, sendo dedicado em sua maior parte ao caso do Homem dos Lobos (Roudinesco, 1988), além de outros comentários lacanianos ao famoso caso freudiano.

Também nos apoiaremos no livro de Miller, *13 classes sobre el hombre de los lobos* (2010a), e na coletânea de artigos publicada recentemente no Brasil, *O homem dos lobos... com Lacan* (Figueiró & Laia, 2011), sobretudo nos dois artigos iniciais de Agnès Aflalo.

Esperamos com este repertório de textos poder esboçar um bom comentário da história do Homem dos Lobos, buscando uma boa avaliação de seu caso, focando especificamente em sua relação com a realidade e com os pontos capitais de seu tratamento ao longo dos anos. Deteremo-nos sobre aqueles que concederam ao Homem dos Lobos algum diagnóstico, a saber, Kraepelin, Freud, Brunswick, Lacan e Miller. Buscaremos construir na clínica nodal os pontos capitais apresentados por cada um destes autores, baseando-nos nos nós sugeridos por Schejtman e Dafunchio.

Nossa intenção com este trabalho de leituras diversas sobre o mesmo caso é trazer uma mostra mais clara de nossa axiomática, tentando justificar nossa tese de que a realidade é o efeito da amarração dos três registros, auxiliada por um quarto elo, o *Sinthome*. Ao fim, apresentaremos nossa posição em relação aos diversos diagnósticos dedicados ao Homem dos Lobos, partindo de nossa tese, utilizando a proposta freudiana de fuga ou reconstrução da realidade como um critério de diagnóstico.

7.1 COM KRAEPELIN

Não há muito o que dizer sobre o tratamento de Serguei Pankejeff com Kraepelin. Sabemos que ele ficou pouco tempo no sanatório de Neuwittelsbach em Munique, provavelmente em 1908, com diversos tratamentos que se mostraram inúteis – banhos, massagens, etc. Fora o nome de Kraepelin, apenas dois pontos se tornam importantes nesta passagem: o diagnóstico de psicose maníaco-depressiva e o início de seu romance com a enfermeira Teresa Keller. Por enquanto nos referiremos apenas ao diagnóstico.

Pensando com Dafunchio (2008), imaginamos a cadeia da psicose maníaco-depressiva em duas modalidades: uma na qual o elo do Real gira sobre o elo do Imaginário – depressão; e outra em que se dá o inverso, ou seja, o elo do Imaginário gira sobre o elo do Real – mania.

O lapso da cadeia ocorre entre os registros do Real e do Imaginário, deixando estes dois registros interpenetrados e soltando o elo do Simbólico.

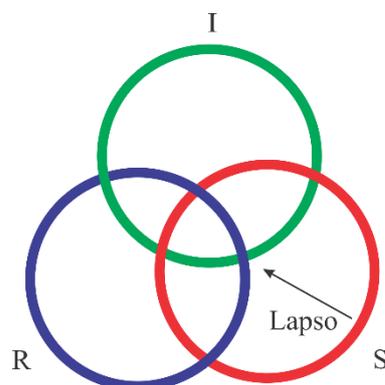


Figura 88 – Lapso na Psicose Maníaco-depressiva
(adaptado de Dafunchio, 2008, p. 89)

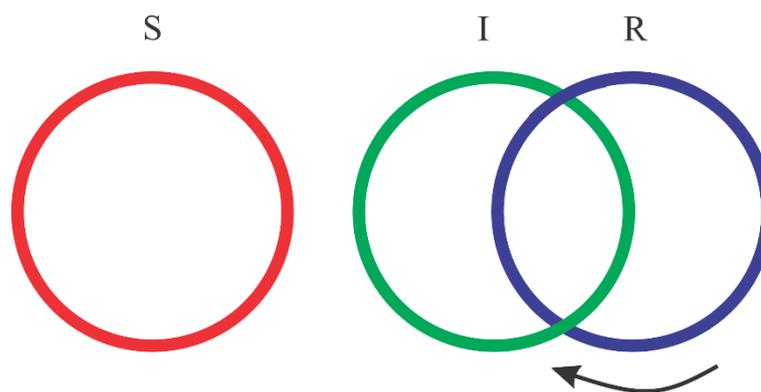


Figura 89 – Melancolia desencadeada
(adaptado de Dafunchio, 2008, p. 119)

As consequências diretas deste estado são os sintomas depressivos mais comuns, mas aqui, pensando-se em uma depressão psicótica, uma melancolia, podemos encontrar delírios de ruína, diminuição global da atividade, do afeto, dos contatos sociais, etc. Como não temos relatos do caso e seu tratamento com Kraepelin, não podemos supor quais são os sintomas apresentados por Serguei Pankejeff neste momento, mas podemos imaginar, neste caso, que seu enamoramento por Teresa foi o que lhe trouxe algum alívio, ou mesmo serviu de motivo para sua saída do hospital (Obholzer, 1993). Supomos então a reparação da cadeia a partir deste ponto, imaginando uma reparação não-*sinthomática*, posto que o pouco que sabemos é que os sintomas não cederam.

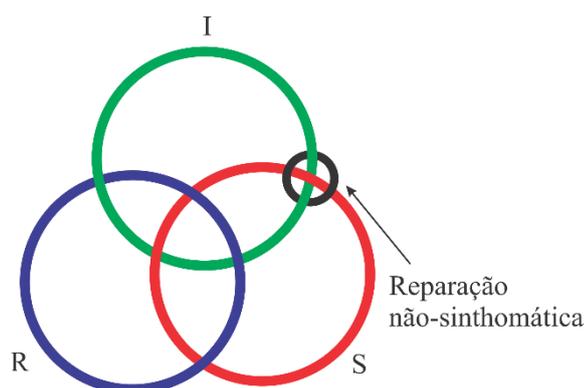


Figura 90 – Amor por Teresa, reparação não-*sinthomática*

Colocamos a reparação no cruzamento periférico entre o Simbólico e o Imaginário. Não é o ponto do lapso que se dava na região central entre Real e Imaginário (cf. Figura 88 acima), mas vemos que o enamoramento por Teresa, enquanto sintoma, cria um certo sentido na vida de Serguei Pankejeff, motivo pelo qual situamos a reparação no entrecruzamento do Simbólico

com o Imaginário, o que o faz buscar novas possibilidades. A construção do caso a partir de Kraepelin como trouxemos aqui é pura especulação, pois não temos nada mais que o diagnóstico e seu enamoramento por Teresa. Por isto, ficaremos apenas neste ponto.

7.2 COM FREUD

Não é novidade que o Homem dos Lobos é o mais detalhado, mais extenso e mais controverso dos casos de Freud. Dos cinco grandes casos escritos por Freud, este foi o único que pôde ser acompanhado ao longo de sua vida e também o único no qual o próprio paciente se interessou em manter o contato com a Psicanálise. Também é fato conhecido que este era o caso mais apreciado por Freud, o que resultou na afirmação do próprio Homem dos Lobos de que ele era o caso mais célebre (Obholzer, 1993).

Há vários fatos que estão por detrás, nos bastidores da construção deste caso, como a discussão com outros grandes nomes, notadamente Kraepelin em relação ao diagnóstico e à forma clínica de atendimento; e também em relação à teoria, contra Adler e Jung, posto que Freud desejava estabelecer a sexualidade infantil, provada pela cena primária, refutando assim as teorias de seus dissidentes (Mahony, 1992).

Também é interessante notar que há semelhanças nas histórias de Freud e de Serguei Pankejeff, que não devem ser supervalorizadas, mas que trazem um colorido interessante ao caso. Citaremos uma apenas. Ambos, Freud e Serguei Pankejeff, nasceram em um âmnio, a membrana que envolve o bebê dentro do útero e que fica repleta do líquido amniótico, que protege o feto. No nascimento dos dois não houve o rompimento da bolsa, fato raro, e que é considerado um sinal de grande sorte e fama futuras. É interessante notar como isto surge no caso do Homem dos Lobos, no início como uma proteção, e posteriormente, como uma infelicidade, por exemplo, com as mulheres (Mahony, 1992).

As citações de Freud sobre Homem dos Lobos são diversas ao longo de sua obra, iniciando mesmo em textos anteriores à publicação do caso, mas que já sinalizam o início da análise e seguem até seus últimos textos. Muitas das vezes é citado como uma fobia animal, o que rapidamente nos remete ao caso Hans, mas quando olhamos mais detidamente, vemos que o animal a que tal fobia se refere é o lobo, o que nos faz retornar a Serguei Pankejeff (Aflalo, 1999/2011; Obholzer, 1993; Mahony, 1992).

Neste sentido, podemos notar que o diagnóstico tem relações iniciais com a histeria e com a fobia, mas culmina em uma neurose obsessiva na fase adulta. Ainda assim, em *Análise com fim e sem fim*⁹⁹, Freud (1937/1996) diz, seguindo sua aluna Brunswick, de um caráter paranoico. Curioso neste momento é que Freud diz esperar a publicação do trabalho de Brunswick que poderia explicar melhor as circunstâncias desta segunda análise, mas o trabalho já havia sido publicado nove anos antes, em 1928. Supomos assim que Freud não tenha lido o texto e daí manteve a possibilidade de sua aluna estar certa.

Um ano depois, em *A cisão do eu no processo de defesa*¹⁰⁰, Freud (1940 [1938]b/1996) aproxima a história clínica do Homem dos Lobos, especificamente a questão da sedução pela irmã e sua reação diante da castração, a um fetiche, dizendo que o paciente criou um substituto para o pênis que não encontrava nas mulheres. Assim, desmentiu/contestou [*verleugnet*] a realidade, mas poupou seu próprio pênis. Lembrando que nesta época da segunda tópica Freud utilizava este mecanismo, o desmentido, para a psicose e para a perversão (cf. item 2.2.1 acima), ele continua dizendo que na verdade o paciente não alucina um pênis onde ele jamais existiu, mas apenas deslocou seu valor para outro lugar do corpo da mulher, não havendo nenhuma modificação quanto à relação com seu próprio pênis. O objeto fetiche neste caso são as nádegas de uma mulher.

Vemos então um afastamento da realidade, muito mais próximo de uma fuga que de uma reconstrução, o que nos conduz novamente para um diagnóstico de neurose e não de psicose. A parte do corpo da mulher que foi fetichizada é um objeto que serve ao propósito de esconder a realidade insuportável – sua própria possível castração – e assim não se compara com o fetiche na perversão ou com a reconstrução da realidade em uma psicose. Temos então que concluir que, apesar de Freud fazer certos desvios em relação ao diagnóstico do Homem dos Lobos, ele se mantém na proposta de uma neurose obsessiva.

Colocada esta questão quanto ao diagnóstico freudiano, podemos trazer certos pontos que nos auxiliarão a compreender melhor o caso. Não é nossa intenção apresentar o caso como um todo, haja vista ser um caso bastante discutido no meio psicanalítico. O que faremos é marcar pontos específicos que podem nos auxiliar em nossa argumentação, para futuramente apresentar a construção nodal do que Freud propõe.

Um dos primeiros pontos, talvez um dos principais que atravessam toda a história clínica do Homem dos Lobos, inclusive a que não está no caso escrito por Freud, é a irmã do paciente:

⁹⁹ Título na Edição Standard Brasileira: *Análise terminável e interminável*

¹⁰⁰ Título na Edição Standard Brasileira: *A divisão do ego no processo de defesa*.

Anna. Apresentam-na como uma moça numa fase pré-esquizofrênica, socialmente retraída, sem beleza física e desconfiada de que seus pretendentes apenas estariam interessados na fortuna da família (Mahony, 1992). Sua cena da sedução com o Homem dos Lobos marcou para sempre a história daquele menino de cerca de três anos. Há uma primeira brincadeira no banheiro, onde a irmã, pouco mais velha que ele, lhe faz a proposta de mostrarem seus traseiros, justo a parte do corpo feminino que será objeto de seu fetiche, como diz Freud em 1938 (1940[1938]/1996). Posteriormente há outras brincadeiras sexuais nas quais a irmã pega o pênis do pequeno Serguei Pankejeff, brinca com o pênis e diz que sua babá faz o mesmo com outros homens.

Também há que se notar que o diminutivo de Anna em russo é Nanya (Abraham & Torok, 1976), mesma palavra utilizada para tratar da babá (*Nanja*, em alemão; lembrando que a letra *j*, em alemão se diz *Jot*, e tem o mesmo som que nosso *i* em português) com quem as duas crianças dormiram durante boa parte da infância, e a quem o pequeno Serguei direcionará uma investida sexual, sendo ameaçado de castração. Neste ponto temos alguns bons entrelaçamentos: a irmã Anna, a babá Nanya, e a questão do traseiro que ligará a história a uma outra babá, Grusha, nome que também traduz a palavra *pera* em russo, e com quem haverá nova cena de ameaça de castração. Lembremos que há uma importante cena com esta outra babá, em que ela está ajoelhada no chão, posição em que o paciente vê a mulher na postura que mais lhe agrada, vendo o formato de suas nádegas, próximo à figura de uma pera de cabeça para baixo (Freud, 1918 [1914]/1996; Mahony, 1992).

Mais uma importante ligação é necessária sobre a questão que envolve a irmã. Já adulto, quando internado no sanatório de Kraepelin, Serguei Pankejeff se apaixona por uma enfermeira – Teresa, com quem se casou depois da análise com Freud. A palavra alemã para enfermeira é *Krankenschwester*, literalmente, a *irmã do doente*. Vale pensar que em russo, sua língua mãe, há também uma certa semelhança, pois *Medsestra*, enfermeira em russo, também contém a palavra *sestra*, que se pronuncia *siestra*, irmã em russo. As duas palavras para *irmã*, em alemão e russo, tem uma sonoridade bastante próxima: *schwester* e *sestra/siestra*. E mais: também há uma boa construção, a qual não iremos reproduzir totalmente aqui, que aproxima o nome Teresa da palavra russa *teret'*, que se pronuncia *tieretsia*, esfregar-se. Ao que parece, tudo gira em torno das palavras irmã, enfermeira, babá, e o esfregar, brincar com o pênis do menino (Abraham & Torok, 1976).

Quis o destino que, para além de todos estes pontos em que a irmã se aproxima psiquicamente de várias pessoas da vida de Serguei Pankejeff, ela também se aproximasse de Teresa de fato. Quando ele tinha 19 anos sua irmã se mata. Pensamos que a partir daí deveria ocorrer algo de extremamente perturbador na vida do paciente, mas ele simplesmente viaja para

o Cáucaso e vai até o rio Tierék onde esboçou (*tieret*) uma paisagem em uma tela, posto que tinha o costume de pintar quadros. Apenas dois anos depois ele conhece Teresa, no mesmo ano em que seu pai morre, provavelmente por suicídio. Quando Serguei tinha cinquenta e um anos sua amada resolve fazer o mesmo que sua irmã: se matar. Diferentemente das outras duas mortes, de sua irmã e de seu pai, pelas quais ele passa sem nenhum sofrimento, esta última lhe causa grande dor (Mahony, 1992). Muito mais poderíamos falar da irmã, como ponto central na neurose do Homem dos Lobos, mas isto já está suficientemente documentado nos textos aos quais nos referimos.

Ainda outro ponto trazemos para nossa discussão: a reação do Homem dos Lobos frente aos diversos episódios de sua vida. Este é um ponto curioso que passa despercebido a muita gente. Como não pretendemos nos demorar muito, apenas citamos alguns dos pontos. Ele sobreviveu às duas grandes guerras mundiais; chegou a ser preso pelos russos por suspeita de espionagem quando, no aniversário da morte de sua irmã, ele perambulava descuidadamente pela zona russa da Viena ocupada; passou, como dissemos, pelo provável suicídio de seu pai e pelo suicídio de sua querida irmã, além da morte da mãe; e também perdeu toda sua fortuna, mudando de um aristocrata russo milionário a um pobre funcionário de uma firma de seguros, sustentado em boa parte pela boa vontade de um grupo de pessoas que, de alguma forma, o reconheciam como alguém a quem este grupo devia algo (Mahony, 1992; Obholzer, 1993; Gardiner, 2002). Em relação a todos estes pontos o Homem dos Lobos simplesmente parece inabalável, ou mais ainda, inafetável. Apenas a morte de Teresa parece realmente tirá-lo de sua postura absolutamente impassível.

Entretanto, estes pontos não foram observados por Freud, pois boa parte deles ocorreu quando Freud não o atendia (antes e depois das análises com Freud), ou até mesmo quando Freud já havia morrido. Também devemos lembrar que o relato de Freud se limita à infância do paciente e não à sua vida adulta. Os pontos que trazemos, em relação à irmã e também em relação à sua atitude desligada frente aos fatos da vida, apenas corroboram com o que Freud disse da infância do paciente.

Ainda mais alguns pontos antes de passarmos à leitura nodal do texto freudiano, este agora também em relação ao diagnóstico, e que tomaremos a partir de uma frase freudiana, depois retomada por Lacan e Miller: “um recalque [*Verdrängung*] é algo muito diferente de uma rejeição [*Verwerfung*]” (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 88). Esta frase surge após longa discussão sobre a castração. O que parece mais claro, e é também o que Miller (2010a) e Aflalo (1994/2011; 1999/2011) dizem, é que o Homem dos Lobos passa pelo recalque, mas rejeita a castração. Lembremos que o texto freudiano é escrito dentro do intervalo que chamamos de

primeira tópica. Neste intervalo, indiscutivelmente, podemos dizer que todos, indiferente ao diagnóstico clínico (neurose, psicose ou perversão), passam pelo recalque. O que poderíamos pensar, ainda que como uma suposição, é que esta rejeição da castração seria uma forma de fugir da realidade, fugindo da significação fálica, tal qual Lacan propõe em sua construção do esquema R. Porém, quanto a este ponto somente discutiremos mais adiante, ainda que, de forma mais geral, isto também já tenha sido apresentado anteriormente (cf. item 4.3.1 acima, assim como item 7.4 abaixo).

Depois de toda esta apresentação, tomaremos o texto freudiano para a exposição nodal do caso. Conhecemos a história. A cena primária, a sedução pela irmã, as ameaças de castração, as constipações intestinais e falta de apetite, o medo do lobo, a religião. Tudo isto se mostra em uma forma da escrita freudiana que vai e volta na apresentação do caso. Entretanto, há um parágrafo que resume, de maneira bastante objetiva, a neurose infantil do Homem dos Lobos. Nós o reproduzimos em grande parte:

estou inclinado à opinião de que essa perturbação do apetite deva ser considerada como a primeira das doenças neuróticas do paciente. Se assim foi, o distúrbio no apetite, a fobia aos lobos e a devoção obsessiva constituiriam a série completa de perturbações infantis que estabeleceu a predisposição para o seu colapso neurótico, após haver passado a puberdade. [...]. Estou pronto a afirmar que toda neurose em um adulto é construída sobre uma neurose que ocorreu em sua infância, mas que não foi grave o bastante para chamar a atenção e ser reconhecida como tal. [...]. Se o nosso paciente não houvesse sofrido de uma obsessiva devoção piedosa, que se juntou à perturbação no apetite e à fobia animal, sua história não teria sido perceptivelmente diferente da de outras crianças, e estaríamos empobrecidos pela perda de precioso material, que pode nos prevenir contra certos erros plausíveis (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 106).

Neste parágrafo encontramos um resumo do que Freud apresenta como a neurose infantil do Homem dos Lobos, uma base histórica que tem uma forma intermediária fóbica e culmina em uma neurose obsessiva. Para deixar bem claro a base histórica, recorremos a um trecho anterior do caso no qual Freud diz: “reconheci a importância, para o que eu pretendia, da perturbação intestinal; representava o pequeno traço característico da histeria que se encontra regularmente na raiz de uma neurose obsessiva” (1918 [1914]/1996, p. 84). Fica claro nesta afirmação que a perda do apetite é o ponto ao qual Freud se refere como raiz da neurose obsessiva.

Este ponto da perturbação do apetite ocorre entre a cena primária e o sonho dos lobos e foi abandonado após várias repreensões e lembretes de que isto poderia levá-lo à morte. Foi o medo da morte associado às repreensões que fizeram com que o paciente abandonasse tal

sintoma (Freud, 1918 [1914]/1996). Não há no texto freudiano uma apresentação de como este sintoma surgiu ou mesmo uma análise que apresente seu sentido. Há apenas este relato breve, de um único parágrafo. Por isto, apresentamos uma das formas mais comuns de sintoma, o sintoma na maneira como Freud o pensava mais genericamente, como uma satisfação substitutiva ou, na linguagem lacaniana, uma metáfora. Usaremos ao longo desta apresentação os nós tal como Schejtman os propõe (cf. item 5.2.1 acima):

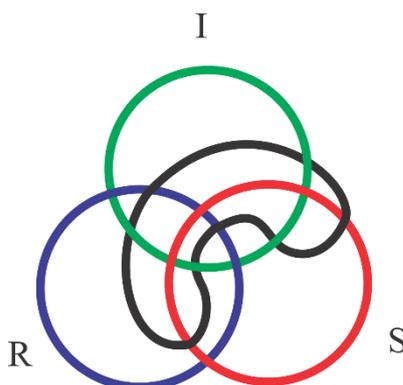


Figura 91 – A falta de apetite do Homem dos Lobos

Como dissemos, tal sintoma desaparece pouco depois, devido às diversas repreensões sofridas pelo menino, assim como o medo de morrer. Podemos dizer então que este sintoma caduca, o que representamos na figura abaixo com a linha pontilhada, deixando novamente os elos soltos. Há que se conseguir nova forma de amarração.

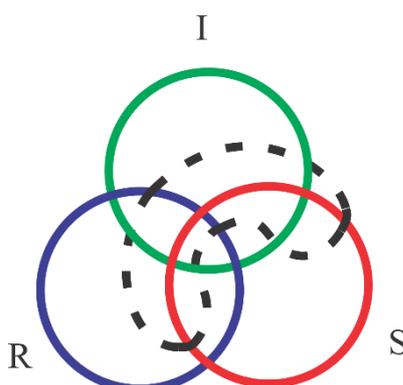


Figura 92 - O sintoma que caduca

Neste ponto surgem então outras situações que podem fazer um enlaçamento. Destacamos três: primeiro, o sonho dos lobos; depois, uma história do lobo que adentra o quarto do alfaiate, contada pelo avô; e por fim, a irmã que aterroriza o menino com a figura do lobo

em pé nas histórias infantis. Tomaremos apenas um destes três pontos para discutir – a história contada pelo avô – pois os outros dois, o sonho dos lobos e a irmã que aterrorizava o menino com a figura do lobo já foram bastante discutidos entre os psicanalistas ao longo do tempo, incluindo o próprio Freud. Vejamos então a história que o avô conta, possível causa do sonho, ou pelo menos de parte dele. A história é contada por Freud da seguinte maneira:

um alfaiate [*Schneider*] estava sentado trabalhando em seu quarto, quando a janela se abriu e um lobo pulou para dentro. O alfaiate bateu-lhe [*schlägt*] com seu bastão — não (corrigiu-se), apanhou-o pela cauda [*Schwanz*] e arrancou-a fora, de modo que o lobo fugiu correndo, aterrorizado [*erschreckt*]. Algum tempo mais tarde, o alfaiate foi até a floresta e subitamente viu uma alcateia de lobos vindo em sua direção; então trepou numa árvore para fugir-lhes. A princípio, os lobos ficaram perplexos; mas o aleijado, que se achava entre eles e queria vingar-se do alfaiate, propôs que trepassem uns sobre os outros, até que o último pudesse apanhá-lo. Ele próprio — tratava-se de um animal velho e vigoroso — ficaria na base da pirâmide. Os lobos fizeram como ele sugerira, mas o alfaiate reconheceu o visitante a que havia castigado e de repente gritou, como fizera antes: “Apanhem o cinzento pela cauda!” O lobo sem rabo, aterrorizado pela recordação, correu, e todos os outros desmoronaram (Freud, 1918 [1914]/1996, pp. 42-43).

Há uma palavra que modificamos (substituímos *perseguiu-o* por *bateu-lhe*) pois a tradução brasileira retira o que em alemão teria uma certa sonoridade típica das histórias infantis. Marcamos quatro palavras que tem esta sonoridade próxima – *Schneider*, *schlägt*, *Schwanz*, *erschreckt*. Tomemos cada uma. *Schneider*, alfaiate, é uma palavra construída a partir de um verbo, utilizando o sufixo *er* que traz a ideia de uma profissão. Assim, o verbo *schneiden* acrescido do *er* se torna o cortador, o alfaiate. Na história o alfaiate arranca a cauda [*Schwanz*] do lobo, mas também podemos pensar em sua ação de cortar [*schneiden*] a cauda. Entretanto, na história relatada pelo Homem dos Lobos a Freud, o alfaiate não corta, mas bate [*schlägt*] na cauda com um bastão. Com esta ação por parte do alfaiate, o lobo foge aterrorizado [*erschreckt*, palavra derivada de *Schreck*, susto]. A estas quatro palavras acrescentamos mais duas que nos serão importantes dentro em pouco – *Schwester*, irmã em alemão, e *Schleier*, véu em alemão, mas por enquanto apenas a citamos por causa da sonoridade.

Vários pontos podem agora nos trazer alguma luz sobre a leitura freudiana do medo dos lobos. O medo pode ter surgido a partir do medo de sua própria castração, ter seu pênis cortado, como foi cortada a cauda do lobo que adentrou o quarto do alfaiate. É fato notório a relação do Homem dos Lobos adulto com os alfaiates, subornando-os, importunando-os com seus pedidos (Obholzer, 1993; Mahony, 1992).

Há ainda mais alguns pontos interessantes neste momento que parecem ter escapado a Freud, mas não a seus comentadores. Freud se pergunta por que seis ou sete lobos na árvore, ainda que no desenho existam apenas cinco. Ele traz para sua explicação a história infantil *O lobo e os sete cabritinhos* e também algo da história do *Chapeuzinho Vermelho*, sendo esta última, provavelmente, a história que continha a figura utilizada pela irmã para apavorar o menino. Mahony (1992) traz uma leitura diversificada, baseada nas propostas de Abrahan e Torok (1976), que passamos a apresentar. Estas propostas são bastante criticadas. O próprio Lacan critica não apenas o texto de Abrahan e Torok, mas também o prefácio de Derrida ao livro, dizendo ser uma forma delirante, com um certo mau gosto (Lacan, 1976-1977/2017). Há ainda as críticas de Mahony (1992) e de Pasternac (2000a) que falam dos abusos do método de Abrahan e Torok, mas também elogiam seu conhecimento das línguas russa e alemã para fazer o trabalho com as palavras do Homem dos Lobos, do qual tomaremos apenas algumas mais significativas.

A palavra russa para *seis* é *Chiest*, que também significa *poste* e *mastro*, e possivelmente pode ser usada como uma alusão aos órgãos sexuais masculinos, uma gíria. Outras palavras russas, *Chiestiero* e *Chiestierka* significam *uma quantidade de seis*, algo como o nosso português *meia dúzia*. A palavra russa *Siestierka* é o diminutivo de irmã, irmãzinha, e possui uma sonoridade muito próxima à palavra *Chiestierka*. Assim, Mahony (1992), embasado nas propostas de Abrahan e Torok (1976), infere que os seis lobos na verdade podem representar a irmã. A irmã que aterrorizava [*erschrekt*] com a imagem do lobo de pé. A irmã que seduzia, pegando no pênis do menino (*Chiest, seis*, ou talvez o *órgão sexual, siestra, irmã*).

Há mais uma aproximação. O diminutivo de Teresa em russo é *Terka*, que pronuncia-se *Tierka*. Já falamos da aproximação entre o nome Teresa e a palavra russa *tieretsia*, esfregar-se. Daí o *Chiestierka* poderia ser algo como esfregar no pênis. Ou sendo ainda mais contundente: *irmãzinha, esfregue meu pênis*. E ainda mais, algo que nos possibilita uma chave de leitura sobre um sintoma apresentado mais adiante, depois da análise com Freud, e que retomaremos com Brunswick: *tieret* em russo também é ferida, cicatriz, e também tem uma sonoridade muito próxima ao diminutivo de Teresa, *Tierka* (Mahony, 1992; Abrahan & Torok, 1976), mas esta aproximação é bem mais forçada.

Por fim, apresentamos um esquema que pode nos auxiliar na visualização do quão é intrincada a cadeia de palavras envolvidas neste caso. Bem ao centro do diagrama, encontramos a irmã, obviamente o centro do *complexo da irmã*, como se referia o próprio Homem dos Lobos ao falar deste tipo de relação. Em preto estão as palavras em sua tradução portuguesa, exceto as palavras entre colchetes, que apenas indicam a que tal palavra em outro idioma se refere; e

as palavras entre parêntese, que são significados diferentes para as mesmas palavras em outro idioma. Em azul temos as palavras alemãs e em vermelho as palavras russas. Em verde, as aproximações mais forçadas de Abrahan e Torok.

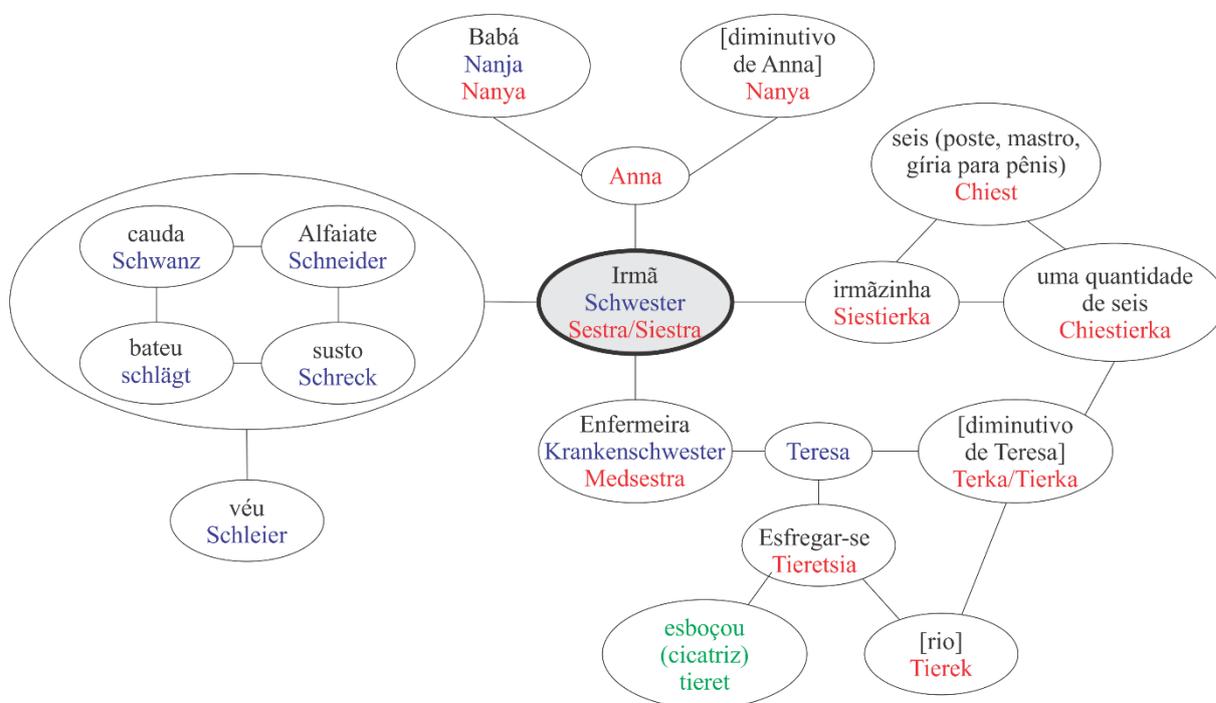


Figura 93 – Rede de palavras

Vemos assim como a irmã está no centro, remetendo, de alguma forma, a todas as outras palavras. É uma grande rede em que os significantes deslizam gerando muitas significações. Vários dos pontos que apresentamos e ainda iremos apresentar se unem nesta intrincada rede, gerando diversos sintomas ao longo da vida do Homem dos Lobos. Todo este desvio pela sonoridade das palavras russas e suas relações com a irmã do paciente serve para buscar algumas justificativas para o medo do lobo. Como se pode notar, muito da história clínica do paciente gira em torno da cena da sedução com a irmã, e assim, o medo do lobo poderia ser relacionado então ao seu medo da castração, sendo o lobo a representação substitutiva que se liga ao afeto modificado em medo (cf. item 5.1 acima). Além de representar este medo da castração, o lobo também é, segundo Freud, um substituto para o pai, mas trazido para o sonho pela história do avô e, supomos, pela relação com a irmã (Freud, 1918 [1914]/1996).

Podemos então apresentar a forma nodal de se pensar este medo, uma fobia animal com as características que apresentamos acima.

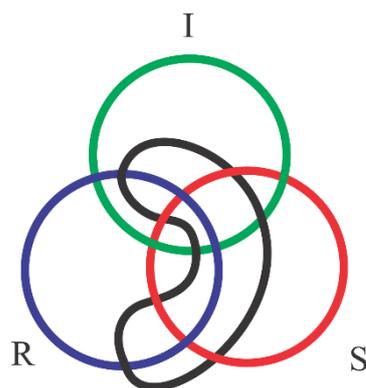


Figura 94 – A fobia do Homem dos Lobos

Esta foi uma nova maneira de amarração obtida pelo menino, depois que seu sintoma de falta de apetite não mais era suficiente para manter a cadeia estável (cf. Figura 92 acima). Os pontos que discutimos anteriormente formam este enodamento, uma simbolização de algo que transborda do Real. O medo do lobo serve para enlaçar novamente os três registros que se soltaram devido às repreensões e o medo da morte, em relação à falta de apetite.

Entretanto, esta também não é a forma final do Homem dos Lobos em Freud. Mesmo este medo desaparece, por não ser mais necessário, e isto se dá quando a mãe o inicia no cristianismo.

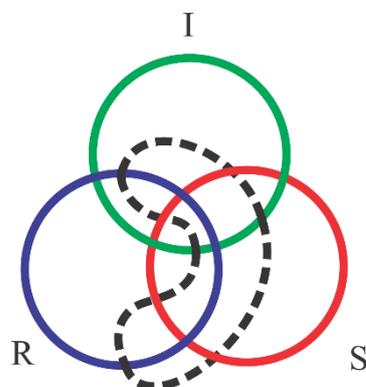


Figura 95 – O desaparecimento do medo do lobo

Neste momento ele passa a cumprir diversos rituais como fazer o sinal da cruz e expirar profundamente; assim como beijar as diversas imagens, fazer orações e outros mais. Também havia uma tendência contrária. Primeiramente pensava se Cristo teria um traseiro e se ele defecava. Aqui claramente vemos novamente a relação com as cenas de sedução por parte da irmã. Mas também havia com Cristo uma identificação, o que colocava seu próprio pai em uma posição relativa à de Deus, o pai de Cristo. Também dizia blasfêmias como Deus porco, ou

Deus merda. Todos estes pontos em relação à religião são apresentados por Freud como a maneira em que a neurose obsessiva toma o lugar do medo do lobo, instalando-se finalmente na vida do Homem dos Lobos. Como boa parte dos rituais apresentados são evitações e maneiras nas quais o pensamento é bastante proeminente, pensamos em mostrar esta fase como uma forma de inibição, bem característica de uma intrusão do Imaginário no Simbólico

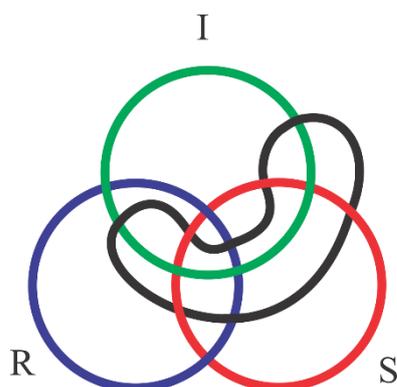


Figura 96 – A religião como inibição no Homem dos Lobos

Na verdade, este não é o ponto final em relação ao caso do Homem dos Lobos. O que vemos ao longo dos relatos de Freud sobre o caso, mesmo em outros textos, é que há um trânsito entre estas formas de inibição, sintoma e medo. Mas o essencial, o diagnóstico que prevalece, é sempre o de neurose, mais especificamente, na fase adulta, uma neurose obsessiva.

Apenas mais um ponto nos interessa aqui apresentar, buscando um fechamento do caso do Homem dos Lobos em Freud, fechamento com chave de ouro, posto que é o mesmo ponto do início – o âmnio.

O âmnio era o véu que o escondia do mundo e que escondia o mundo dele. A queixa que fez era, na realidade, uma fantasia plena de desejos, realizada: mostrava-o outra vez de volta no útero e era, na verdade, uma fantasia plena de desejos de fugir do mundo. Pode traduzir-se assim: ‘A vida torna-me tão infeliz! Tenho que voltar para dentro do útero!’ (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 107).

Vemos neste trecho algo que seria utilizado por Freud pouco tempo depois da publicação do caso do Homem dos Lobos como uma diferenciação entre neurose e psicose. Já dissemos deste ponto diversas vezes, mas a interpretação freudiana sobre o âmnio reaviva nosso interesse: o âmnio era o véu que o escondia do mundo, que lhe permitia fugir do mundo. Esta fuga de uma realidade insuportável, tal como expressa na citação acima, nos remete novamente à clareza do diagnóstico freudiano: trata-se de uma neurose.

Terminamos aqui com Freud. Muito ainda há a se dizer sobre o Homem dos Lobos, mas cada detalhe será melhor avaliado com os próximos analistas que se ocuparam dele. Freud, como dissemos, foi o primeiro dos terapeutas do Homem dos Lobos que escreveu sobre o caso. De seus terapeutas, apenas a aluna de Freud, a Sra. Brunswick, iria também expor sua posição sobre o caso em forma escrita, em um momento muito distinto, como veremos a seguir.

7.3 COM BRUNSWICK

O Homem dos Lobos descrito por Ruth Mack Brunswick é bem distinto do descrito por Freud. A Sra. Brunswick era analisanda e aluna de Freud mas, segundo Roudinesco e Plon (1998) estava às voltas com a proposta kleiniana, o que pode tê-la levado a fazer seu diagnóstico, muito diferente do freudiano. Para que não soe estranho, é preciso antes marcar que a forma de diagnosticar de Brunswick não segue o raciocínio estrutural, com o qual estamos tão propensos a trabalhar desde Lacan. Neste sentido, uma neurose pode tornar-se uma psicose e depois retornar a seu ponto inicial. Este ponto também é contrário às posições freudianas com as quais podemos pensar que na psicose há um ponto inicial que a diferencia da neurose, tal como vimos nos dois textos de 1924 sobre a neurose e a psicose (Freud, 1924 [1923]/1996; 1924/1996).

Brunswick recebeu o Homem dos Lobos por indicação de Freud em outubro de 1926 e esta primeira análise com ela durou cerca de cinco meses, finalizando, com sucesso segundo a analista, em fevereiro de 1927. Dois anos depois retornou para uma análise mais irregular que durou vários anos, na qual, segundo Brunswick, não restava mais nenhum rastro de uma tendência paranoide (Brunswick, 1928/2002). O texto escrito por ela refere-se basicamente à primeira análise, na qual foi imputado ao Homem dos Lobos o diagnóstico de paranoia. Sigamos os principais pontos.

A autora revela que o Homem dos Lobos sofria de uma ideia fixa hipocondríaca: toda uma questão que girava em torno de seu nariz e de alguns procedimentos feitos nele, sobretudo uma eletrólise no tratamento de glândulas sebáceas obstruídas, que lhe teriam deixado com algumas cicatrizes, após a extirpação de uma glândula, feita por um certo Professor X. Tal extirpação, a princípio, lhe deixou muito satisfeito, mas depois as cicatrizes foram alvos de muitas queixas. Porém, esta não era a única queixa. Havia também diversas outras ligadas a

várias outras doenças que teve desde a tenra idade. Neste sentido havia uma grande identificação com a mãe que era marcada por uma frase dela, que ele repetia muitas vezes “Assim eu não posso mais viver” [*So kann ich nicht mehr leben*]. De toda forma a Sra. Brunswick considera que esta nova doença nada mais é que um resto transferencial da análise com Freud, sendo assim, uma nova forma da velha doença (Brunswick, 1928/2002).

Alguns pontos parecem ter desencadeado a crise paranoica do Homem dos Lobos. Entre eles o adoecimento de Freud e a vinda da mãe da Rússia para Viena, com uma grande verruga no nariz. O paciente vivia com um pequeno espelho com o qual se mantinha vigilante quanto a seu nariz. Também era recorrente um problema dentário que lhe fez buscar vários dentistas, curiosamente, dois deles com o nome de Dr. Wolf. Dizendo de uma conversa com Freud, Brunswick afirma que o pai da Psicanálise lhe dissera que o problema com os dentistas era uma reedição do mesmo problema que levava o paciente a procurar insistentemente também os alfaiates (Brunswick, 1928/2002).

Era fato marcante para a analista que o paciente havia sofrido uma grande mudança de caráter, de um homem muito honesto na época da análise com Freud, para um homem mesquinho, que escondia seu próprio dinheiro com o intuito de continuar recebendo a ajuda que Freud coletava de seus discípulos. Justificava tudo dizendo que Freud era o culpado da perda de sua fortuna, pois o havia sugerido não viajar à Rússia no período da Revolução Bolchevique. Dizia também que a relação do paciente com ela era excelente e que somente a transferência com uma analista mulher o fazia escapar de sua posição homossexual inconsciente. Ainda assim, mantinha uma relação ambivalente com Freud – era o paciente preferido, uma espécie de filho predileto do qual esperava alguma forma de herança quando Freud morresse, o que era considerado por Brunswick como um delírio de grandeza; mas também era perseguido por este pai (Brunswick, 1928/2002).

Ainda que suas doenças tivessem um fundo real, palpável (a gonorreia, os dentes, as glândulas do nariz, etc.) a analista dizia que sua relação com as cicatrizes do nariz era puramente imaginária, ainda que tenha se consultado com vários dermatologistas e eles lhe dissessem que sobre estas cicatrizes nada se podia fazer (Brunswick, 1928/2002). Este é um ponto em que questionamos Brunswick. Se as cicatrizes eram imaginárias como ela diz, como os dermatologistas não poderiam fazer nada sobre elas? Qual é o ponto imaginário, que pensamos que Brunswick considera delirante, que não estava atrelado a uma doença real? Havia ou não cicatrizes no nariz?

De toda forma, tudo se resolve muito simples e rapidamente depois da análise de um sonho em que o paciente caminha pela rua com um dermatologista. No sonho ele fala do seu

tratamento para a gonorreia da juventude e menciona o nome do médico que lhe tratou. Neste ponto o dermatologista do sonho diz “não, não, ele não, o outro” (Brunswick, 1928/2002, p. 210). Para a analista, neste momento o paciente reconhece sua castração, simbolizada no sonho na forma da intervenção feita pelo médico da juventude, e relaciona com a culpa que ele conferia ao pai pelo adoecimento da mãe nesta época, assim como ao tratamento feito em seu nariz pelo Professor X. O texto não é tão claro, mas parece que o que Brunswick quer dizer é que o paciente conferia a culpa de seus problemas a alguém, talvez os médicos e dentistas que lhe tratavam, mas agora não, é outro o culpado, mais diretamente o pai, e posteriormente Freud e o Professor X como substitutos deste pai. Reconhece também que o problema de seu nariz não é um fato, mas uma ideia, e com isto “abandona real e completamente o delírio” (Brunswick, 1928/2002, p. 210).

Este é outro ponto a ser questionado: se o delírio, pela definição clássica da Psiquiatria, é inamovível, incorrigível, como poderia o Homem dos Lobos deixá-lo de lado? Como poderia resolver toda a questão paranoica a partir de um sonho? Talvez o que a Sra. Brunswick chama de delírio possa ser algo distinto do que costumamos pensar. Talvez algo mais próximo a uma ideia deliroide, uma supervalorização de uma situação ou de uma ideia com base em fatos ou acontecimentos, ideia esta que pode ser facilmente explicada pela história do indivíduo (Jaspers, 1987). Um bom exemplo na literatura brasileira é o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, no qual Bentinho tem uma supervalorização da situação entre sua amada Capitu e seu amigo Escobar, fazendo surgir daí uma ideia deliroide de ciúmes (Assis, 1996).

Deixemos nossos questionamentos de lado e sigamos acompanhando Brunswick. Após este relato do caso, a analista cria uma lista de nove argumentos em favor de seu diagnóstico de paranoia:

1. O delírio hipocondríaco.
2. O delírio persecutório.
3. A regressão narcísica, tal como se manifesta no delírio de grandeza.
4. A ausência de alucinações em presença de delírio.
5. Ligeiras ideias de referência.
6. Ausência de deterioração mental.
7. A mudança de caráter.
8. A natureza monossintomática da psicose [...]
9. O êxtase experimentado pelo paciente quando X lhe extirpou a glândula do nariz [...]. Um neurótico pode desejar e temer a castração [...]. O delírio hipocondríaco oculta as ideias de perseguição (Brunswick, 1928/2002, p. 214).

Por fim, a analista conclui que a segunda análise, o que supomos ser a primeira feita com ela, e não a segunda feita por Freud, seria uma confirmação da primeira, não lhe acrescentando nenhum material novo (Brunswick, 1928/2002). Este é um ponto que gera muita dúvida. Após este texto de Brunswick há uma grande cisão no que se refere aos diagnósticos apresentados ao Homem dos Lobos – neurose ou psicose (Roudinesco & Plon, 1998). Esta analista apresenta um paciente absolutamente diverso do de Freud, concede-lhe um diagnóstico muito distante do freudiano, e por fim, talvez por um temor edípico do grande pai da Psicanálise, seu professor, analista e supervisor, diz que nada de novo foi acrescentado e que a segunda análise corrobora inteiramente a primeira, estando Freud, portanto, correto, o que soa absolutamente estranho.

Entretanto, como nossa proposta neste momento não é criticar as posições dos analistas que se debruçaram sobre o Homem dos Lobos, mas apenas apresentar suas posições, façamos a apresentação do caso em termos nodais. Temos que partir de onde Freud parou, momento final de sua apresentação do Homem dos Lobos: uma neurose obsessiva tal qual apresentamos anteriormente (cf. Figura 96 acima). Depois disto, ainda que pensemos hoje com Lacan na impossibilidade de trânsito entre estruturas subjetivas diferentes, seremos obrigados a supor uma forma de apresentação que leve nosso paciente a uma paranoia.

Seguindo Dafunchio (2008), apresentamos a paranoia como uma sutura dos três registros, nos três pontos de cruzamento periféricos, representados pelos círculos amarelos da figura abaixo:

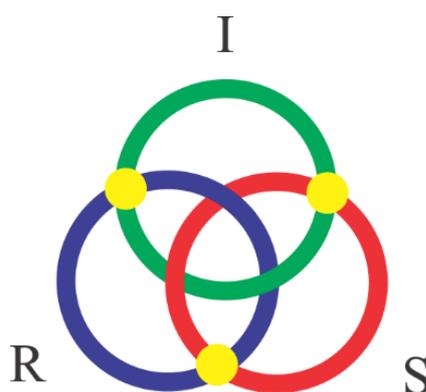


Figura 97 – Sutura dos três registros
(adaptado de Dafunchio, 2008, p. 163)

Tal sutura nos levaria então a uma apresentação distinta, que fora apresentada por Lacan em seu seminário 23 como o nó da paranoia:

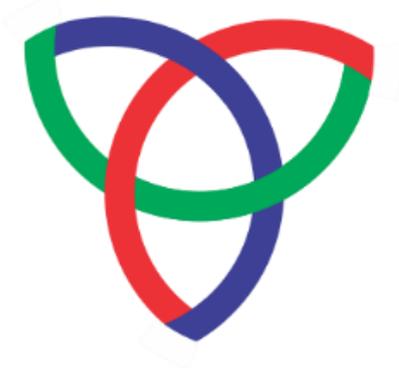


Figura 98 – Nó da paranoia
(adaptado de Lacan, 1975-1976/2007, p. 104)

Notemos que este nó, um verdadeiro nó, não uma cadeia, é o nó de trevo. Ele surge aqui como se fosse o miolo da cadeia borromeana de três elos, portanto, partindo da ideia da sutura dos elos, podemos pensar em uma continuidade entre os três registros.

Poderíamos pensar as três formas de delírio apresentadas por Brunswick como as três suturas? Um delírio hipocondríaco, um delírio de perseguição e um delírio de grandeza? Vale lembrar que tudo o que podemos fazer são hipóteses pois, com a lógica nodal não há a possibilidade de passarmos de uma cadeia borromeana (neurose) a um nó de trevo (paranoia). De toda forma, destes três pontos, supomos que em um deles ocorre um lapso, devido à extirpação da glândula no nariz, promovendo uma mudança de um nó de trevo genuíno para um nó de trevo falso



Figura 99 – Nó de trevo e nó de trevo com lapso
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 180)

Este seria o momento da crise do Homem dos Lobos. Sua crise paranoica mais evidente, suas queixas em relação ao pai e seus substitutos: Freud e o Professor X. Entretanto,

diferentemente do que se espera de um caso de paranoia, em que o delírio progride criando uma solução no local mesmo do lapso, como vemos abaixo

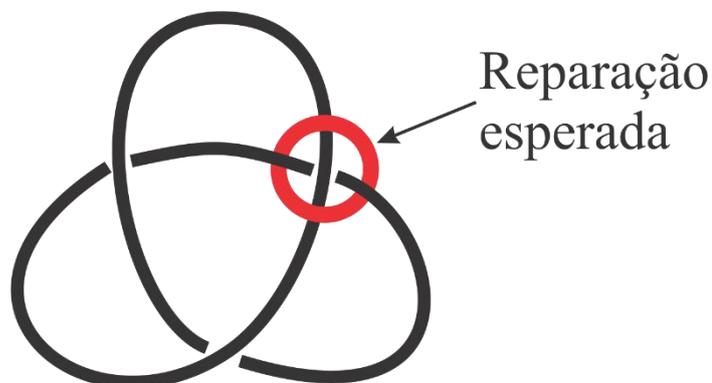


Figura 100 – Reparação esperada para a paranoia
(adaptado de Schejtman, 2013c, p. 179)

o que temos é uma solução tão diversa quanto a proposta diagnóstica original. Da mesma forma em que a neurose obsessiva original se transformou em paranoia, agora a paranoia retorna a uma neurose obsessiva, depois do sonho da caminhada com o dermatologista. Tudo se passa como se os três registros fossem novamente separados, tornando-se novamente borromeanos, retornando assim à forma original do fim da análise com Freud (cf. Figura 96 acima). Supomos que este seja o ponto pelo qual, para Brunswick, a segunda análise corrobora inteiramente a primeira, pois retorna a seu ponto de origem. É como se o paciente apenas tivesse apresentado uma crise psicótica transitória, que surgiu e desapareceu da mesma forma que o sintoma relacionado ao nariz surge e desaparece.

Terminamos aqui nosso terceiro relato do caso do Homem dos Lobos apresentando os dois únicos que foram publicados por quem o tratou. De agora em diante os relatos são de outros grandes analistas que se ocuparam do caso, mas focando na leitura do texto freudiano, o que nos lembra a análise feita por Freud de Schreber, uma análise de um texto, não de um paciente.

7.4 COM LACAN

Lacan discutiu o Homem dos Lobos durante muito tempo em sua obra, sobretudo em seu primeiro ensino. Como é um longo percurso, focaremos em três pontos que pensamos ser

os principais para a compreensão da leitura lacaniana deste caso tão controverso: o primeiro deles será o seminário sobre o Homem dos Lobos, sobre o qual Lacan relembra a seus ouvintes várias vezes ao longo de seu ensino público – o *Seminário -I*, de 1952; o segundo ponto será a introdução do conceito de forclusão, que ocorre entre os seminários 3 e 5; e por fim discutiremos a questão do diagnóstico, que parece não ser algo assim tão definido em Lacan ao longo de sua obra.

Começemos então pelo primeiro ponto. Apresentamos anteriormente de forma breve o *Seminário -I* (cf. item 7 acima), ainda restrito a poucas pessoas e do qual temos apenas algumas notas feitas por alunos de Lacan. Em tal seminário há os rudimentos daquilo que seria a importante teoria lacaniana dos anos vindouros em relação à função paterna, ao pai simbólico e ao pai real. Ali Lacan diz que o pai do Homem dos Lobos não é castrador nem em seus atos, nem em seu ser, aparentando ser mais castrado que castrador. Também há um esboço de diagnóstico por parte de Lacan, que provém da ideia de que o paciente não teve seu processo em relação ao Édipo completado, o que lhe permitiria obter apenas fragmentos de tal complexo. Além disto, tal processo se encontrava invertido, o que o encaminharia também para uma fixação homossexual inconsciente (Lacan, 1952/20__). Fica ambíguo o sentido proposto por Lacan neste ponto pois, ao fim, não sabemos se o terceiro tempo culminou em um Édipo invertido ou se este tempo sequer chegou a ser completado.

Lacan diz também que não há uma imagem paterna que cumpra a função simbólica do pai. Comenta sobre o instrutor que chega e apresenta críticas à religião e que nem mesmo ele pode ser efetivo nesta função paterna. Com isto, na relação edípica encontramos uma identificação com a mãe e o pai como objeto de desejo. Entretanto, esta posição homossexual, derivada da identificação invertida no terceiro tempo do Édipo, é recalcada e permanece inconsciente (Lacan, 1952/20__).

No mesmo seminário, Lacan (1952/20__) diz de duas formas de pai: os castradores – dos quais o Homem dos Lobos não guarda rancor (como os dentistas, e em alguns momentos, Freud); e os mortíferos (como o professor X, e em outros momentos Freud). Tudo isto pode ser relacionado à cena primária, que remete ao medo e à atitude passiva frente ao pai. Entretanto, este pai real é gentil, mas o Homem dos Lobos quer um pai simbólico, castrador. Por fim, Lacan afirma que o que se transmite deste pai é o patrimônio e que a morte da irmã tem para ele um significado muito distinto: *ser o único herdeiro*; algo que podemos ligar ao fato de que, posteriormente à perda de sua fortuna, fato cuja culpa é atribuída a Freud, o paciente tenha se mantido por doações de Freud e seus alunos por muito tempo, e posteriormente pelos Arquivos

Freud, sendo assim, de certa forma, o *único* paciente herdeiro de Freud, mesmo que de uma maneira um tanto estranha.

Lacan ainda faz uma crítica à suposta análise feita por Brunswick. Para o psicanalista francês, na verdade, o que houve foi uma psicopedagogia na qual se discute a realidade e não uma análise de fato. Ele ainda aponta a identificação de Brunswick com a irmã do paciente, Anna, a primeira como aluna (filha) do pai Freud, a segunda como filha de seu genitor. O Homem dos Lobos rivalizava com ambas em relação ao amor/herança do pai.

Neste mesmo seminário Lacan traz a ideia de que o Homem dos Lobos apresentou um comportamento psicótico após a análise com Freud. Também faz uma crítica em relação à cena primária apresentada por Freud, ressaltando o fato de que mesmo Freud já havia dito, em relação às históricas, que boa parte das cenas de sedução não são factuais, o que o conduziu para sua teoria da fantasia, abandonando a teoria da sedução. Mesmo assim, em relação ao Homem dos Lobos, Freud insiste na veracidade da cena. Estes pontos são também comentados por outros autores (cf. Mahony, 1992; e Obholzer, 1993).

Tomemos agora o segundo ponto por nós escolhido: o forjamento do conceito de forclusão. É claro que isto já vinha sendo gestado desde o seminário que discutimos em nosso primeiro ponto, mas tal construção vai se tornando mais robusta quando nos aproximamos dos seminários 3 e 5. Sigamos esta aproximação.

No *Seminário 1* (Lacan, 1953-1954/1986), encontramos como referência ao Homem dos Lobos alguns pontos interessantes. Inicialmente, a discussão da tradução do termo *Verwerfung*, que Lacan, até aquele momento, traduzia como *rejeição* ou *recusa*, seguindo as traduções mais comuns daquela época; e depois o primeiro comentário sobre a famosa frase de Freud que encontramos no Homem dos Lobos, que diferencia recalque de rejeição (cf. item 7.2 acima) (1953-1954/1986, pp. 55-56), sobretudo dizendo que há uma rejeição da experiência genital; outro ponto, o diagnóstico de *neurose de caráter* ou *neurose narcísica* (1953-1954/1986, p. 119); e finalmente, logo adiante, a questão da cunhagem [*Prägung*] do trauma a partir da cena primária (1953-1954/1986, p. 220). Esta cunhagem seria uma marca indelével do trauma, ponto fundamental da estruturação psíquica do Homem dos Lobos.

No *Seminário 2* (Lacan, 1954-1955/1985) Lacan comenta as dificuldades do caso do Homem dos Lobos que fazem com que o caso acabe degenerando em uma psicose (1954-1955/1985, p. 223); adiante, comenta sobre a função do pai, dizendo de uma diferenciação feita anteriormente, provavelmente no *Seminário -1*, sobre o pai simbólico – que Lacan denomina aqui de *nome do pai* – e o pai imaginário, rival do pai real (1954-1955/1985, p. 326). Nestes

dois seminários, como podemos ver, apenas há a introdução do que será tratado a partir de então.

Devemos lembrar também que este segundo seminário é contemporâneo a três textos que se encontram nos *Escritos* e que se referem à discussão sobre o texto d’*A negação* de Freud. Sobretudo em sua resposta ao comentário de Jean Hyppolite (1954/1998), Lacan retoma a discussão da tradução do termo *Verwerfung*, e sugere uma nova tradução – *supressão*¹⁰¹ [*retranchement*], que sabemos não ser o termo final com o qual traduz o vocábulo freudiano. Entretanto, podemos ver aqui a extração deste novo conceito, mesmo que sem sua alcunha oficial. A nova tradução do termo *Verwerfung*, forjando o conceito que hoje conhecemos como forclusão, sem dúvida auxilia na possibilidade de teorização e tratamento das psicoses. Vejamos o que o Homem dos Lobos tem a ver com este forjamento.

Não se trata apenas do comentário da frase freudiana que diferencia o recalque da rejeição, a qual ele também discute neste texto. Mais um ponto é de singular importância para Lacan no que diz respeito ao Homem dos Lobos em sua resposta a Jean Hyppolite. E é sobre tal ponto, a questão da alucinação do dedo cortado do Homem dos Lobos, que nos deteremos um pouco mais.

Este ponto é crucial para o diagnóstico de psicose imputado por Lacan ao Homem dos Lobos, sendo uma consequência direta da *Verwerfung* que Lacan discute. É que Lacan, comentando a *Verwerfung* e a alucinação do dedo cortado do Homem dos Lobos diz que

o real, como suprimido da simbolização primordial, *já está presente*. [...] E o sujeito pode vê-lo emergir dela sob a forma de uma coisa que está longe de ser um objeto que o satisfaça, e que só da maneira mais incongruente concerne à sua intencionalidade atual: é a alucinação (1954/1998, p. 391, grifos do autor).

Um ponto necessita ser esclarecido para o melhor entendimento desta passagem: o termo *suprimido*, bem ao início da citação, refere-se ao *Verwerfung* de Freud, como vimos pouco acima na primeira proposta de tradução de Lacan. Assim, temos o que o Homem dos Lobos suprimiu, ou em nossa tradução mais atual, forcluiu, algo que emerge novamente, mas de outra forma. Neste texto já encontramos a maneira como isto se dá, mas a abordaremos a partir do *Seminário 3*, no qual tal fórmula se apresenta ainda mais explicitamente.

¹⁰¹ Caso esta fosse a terminologia definitiva adotada por Lacan, ela ainda traria uma nova dificuldade. Normalmente, a *Edição Standard Brasileira* do texto freudiano adota o termo *suprimido* como tradução para o alemão *unterdrückt*, o qual traduzimos como *reprimido*. Este seria, sem dúvida, mais um ponto de confusão nas traduções. Felizmente, Lacan não adota esta tradução definitivamente.

No *Seminário 3* (Lacan, 1955-1956/2002), logo na primeira lição, podemos encontrar a discussão da *Verwerfung* novamente. Agora não mais enquanto tradução, mas enquanto conceito. Comentando o Homem dos Lobos, Lacan diz da alucinação do dedo cortado e da *Verwerfung* da castração. Ele discute a questão de que o que é recalçado volta como o retorno do recalçado nas formações do Inconsciente. Entretanto, o que se dá com a *Verwerfung* é algo totalmente distinto, pois “o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, retorna no real” (1955-1956/2002, p. 22). Esta frase é um aforismo lacaniano que sofrerá pequenas modificações ao longo do tempo, mas que não é algo assim tão novo, posto que é uma reedição de uma frase freudiana: “o que foi abolido internamente retorna de fora” [*daß das innerlich Aufgehobene von außen wiederkehrt*] (Freud, 1911b/1996, p. 78). Neste momento Lacan retoma a alucinação do dedo cortado quando o pequeno Homem dos Lobos tinha cerca de cinco anos, marcando esta alucinação como algo que explicitaria o retorno no Real do que foi recusado, foracluído, no Simbólico. Esta alucinação seria o pivô do diagnóstico para a curta paranoia apresentada pelo paciente de Freud, após sua análise com o analista vienense.

Há nesta mesma lição algo de interessante que nos faz supor um Lacan ainda muito freudiano que segue as propostas de Freud para as defesas nas entidades nosológicas apresentadas pela Psicanálise. Neste momento Lacan ainda parece pensar o recalque como fundamental a todas as entidades nosológicas. Vejamos em sua própria fala: “a origem do recalçado neurótico não se situa no simbólico no mesmo nível de história que o do recalçado de que se trata na psicose” (1955-1956/2002, p. 22). Esta diferença nos daria o destino do retorno: retorno do recalçado na neurose, retorno no Real na psicose.

Algo mais é importante destacar sobre o *Seminário 3*. Foi em sua última lição que Lacan finalmente propôs a tradução para o termo *Verwerfung*, a tradução que desde então tomamos como um conceito fundamental para o entendimento da psicose – a *forclusão*. Mas havia algo a ser distinguido em relação à classificação mesma da psicose. O que seria foracluído? Até então, tratando do Homem dos Lobos, o que Lacan propõe é que há uma *Verwerfung*, uma forclusão da castração, ou da experiência genital, como disse no *Seminário 1*.

No *Seminário 4* (1956-1957/1995) encontramos Lacan retomando a distinção entre o pai imaginário, o pai simbólico e o pai real, novamente ao comentar sobre o Homem dos Lobos, e continua dizendo que tal distinção é fundamental para que possamos entender o caso. O pai simbólico aqui é o pai do significante, um pai que não está representado em parte alguma e que somente pode ser alcançado por uma construção mítica. O pai imaginário seria o pai com o qual lidamos o tempo todo, responsável pela identificação e, conseqüentemente pela agressividade. Este é o pai assustador que está no fundo de tantas experiências neuróticas. Quanto ao pai real,

ele é o responsável direto pelo complexo de castração, ainda que pensemos paradoxalmente na função normativa do Édipo, simbólica. Neste momento da teorização lacaniana, o pai real parece em alguns momentos ser o pai da realidade, o pai indivíduo, o genitor mesmo, aquele que pode encarnar a função do pai castrador. Desta maneira podemos unir o pai simbólico castrador do *Seminário -1* ao pai real castrador do *Seminário 4*, pois o pai real que aqui castra é o portador da função simbólica da castração. Nesta complexa situação, o Homem dos Lobos se apresenta então em uma relação de passividade frente ao pai imaginário, e ao mesmo tempo há uma identificação com a mãe na saída do Édipo, o que justifica seu complexo invertido – a homossexualidade inconsciente.

No *Seminário 5* (1957-1958/1999) não encontramos muitas referências ao Homem dos Lobos, mas o que se encontra lá é bastante instigante. Mais ao fim do seminário, Lacan ressalta a importância dada por Freud à evolução e à economia de seus pacientes obsessivos de formação cristã, e cita dois grandes casos: o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos. É interessante que neste momento, diferentemente do que vinha produzindo até então, Lacan apresenta o Homem dos Lobos como um neurótico (1957-1958/1999, p. 517). O que é realmente interessante nesta colocação é que não podemos considerá-la como uma falha, um lapso de Lacan, pois ele imputa o diagnóstico de neurose obsessiva para o Homem dos Lobos em outros momentos, diretamente no *Discurso de Roma* (1953/2003, p. 160) e também no *Seminário 10* (1962-1963/2005, p. 350), neste último novamente citando o paciente em conjunto com o Homem dos Ratos; e indiretamente, tratando do fantasma como enquadramento do Real, em vários seminários em sequência, dos quais citamos aqui alguns exemplos: no *Seminário 9* (1961-1962/2003, p. 414), no *Seminário 10* (1962-1963/2005, p. 85), no *Seminário 11* (1964/1998, pp. 43-44) e no *Seminário 12* (1964-1965/2006, p. 432). Nos pontos em que Lacan cita o Homem dos Lobos e trata de seu fantasma, supomos que Lacan o considera neurótico levando em consideração o fato de que, nas neuroses e perversões há a extração do objeto a , constituindo o matema do fantasma ($\$ \diamond a$). Nas psicoses este fato não ocorre, deixando o psicótico com o objeto a no bolso (cf. item 4.2.1 acima).

Temos também que atentar para o fato de que a primeira aparição do sintagma *foraclusão do Nome-do-Pai*, no texto *De uma questão preliminar* (Lacan, 1957-1958/1998, p. 570), ali comentando sobre o Caso Schreber de Freud, ocorre simultaneamente ao momento em que as lições centrais do *Seminário 5* são ditadas – momento da construção do esquema R (cf. item 4.3.1 acima). Neste momento temos uma boa finalização do processo de construção teórica sobre a psicose: há a foraclusão do Nome-do-Pai (P_0) e conseqüentemente a não inclusão da

significação fálica (Φ_0), que pode ser melhor explicada a partir do caso Schreber. Mas, e quanto às afirmações anteriores de Lacan, de que o Homem dos Lobos faria uma forclusão da castração? Poderíamos pensar que não há uma forclusão do Nome-do-Pai? Que esta forclusão só incide sobre a significação fálica? Caso seja este o ponto, seria este um caso real de psicose? Seria este o ponto de confusão diagnóstica em relação ao Homem dos Lobos, que inclusive se apresenta na própria teorização lacaniana, que ora o apresenta como psicótico, ora como neurótico?

Há mais um ponto interessante que surge no seminário 10, mas apenas nas versões que se encontram fora dos textos estabelecidos por Jacques-Alain Miller. Na classe 6, do dia 19 de dezembro de 1962, Lacan apresenta o Homem dos Lobos como um caso *borderline*, o que não surge nos textos estabelecidos, nem na versão brasileira, nem na francesa. Na versão francesa que encontramos no site *Staferla* temos a seguinte frase: “*ce qui pour un schizophrène remplit le rôle que les loups jouent pour ce cas border-line qu’est L’homme aux loups, ici des signifiants*” (Lacan, 1962-1963/2017, p. 42, grifos nossos), enquanto na versão brasileira dos textos estabelecidos encontramos apenas “para o sujeito em questão, o que exerce o papel desempenhado pelos lobos para o Homem dos Lobos são significantes” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 86), sem a palavra *borderline*. Esta versão brasileira é bem fiel ao texto estabelecido em francês, por isto não o reproduzimos também aqui. Entretanto, no áudio gravado desta lição, por volta dos 29 minutos de fala de Lacan, podemos claramente acompanhar exatamente o que está escrito na transcrição disponível no site *Staferla*, com a palavra *borderline* (Lacan, 1962/2017). Este ponto será posteriormente abordado por nós, quando tratarmos da leitura de Miller (cf. item 7.5 abaixo).

Depois destes pontos por nós apresentados, há muito pouco sobre o Homem dos Lobos ao longo do restante da obra de Lacan. Apenas alguns comentários esparsos sem maiores novidades. Basicamente o que interessa do comentário de Lacan ao caso se encontra até o *Seminário 12*.

Assim, passamos à mostração nodal do caso, a partir da construção lacaniana, mas precisamos tomar antes uma decisão: qual diagnóstico apresentar, o de paranoia ou o de neurose obsessiva? Decidimos pela apresentação da paranoia devido ao fato de o caso do Homem dos Lobos ter servido a Lacan enormemente em sua construção teórica sobre a psicose. Suas pontuações do caso como neurose não apresentam grandes discussões. Temos também que deixar claro que Lacan não atendeu ou sequer conheceu Serguei Pankejeff, mas fez seus

apontamentos a partir do caso escrito por Freud e Ruth Brunswick. Lacan também não elaborou um histórico do caso, dizendo como era no início, como se desenvolve e como finaliza.

Pensando o caso como uma paranoia, temos os pontos principais necessários ao diagnóstico: há um fenômeno elementar (a alucinação do dedo cortado) que nos apresenta um retorno no Real. Se tomarmos o retorno no Real como algo que foi originalmente foracluído no Simbólico, devemos pensar que houve uma foraclusão do Nome-do-Pai. Mas este é o grande entrave da situação. O que Lacan diz é que o que foi foracluído foi a castração, que seria uma consequência do advento do Nome-do-Pai. Há um meio de resolver o imbróglio a favor de Lacan. Se pensarmos que o Nome-do-Pai e a significação fálica são frente e verso de uma figura que não tem frente e verso, ou seja, se pensarmos que estes dois conceitos são representados no *cross cap* pelo mesmo ponto (cf. Figura 32 acima), logicamente uma foraclusão da castração, aqui pensada no lugar da significação fálica, também supõe uma não inscrição do Nome-do-Pai, da mesma maneira que o caminho inverso é pensado (foraclusão do Nome-do-Pai e consequente não significação fálica).

Como dissemos ao longo deste item, Lacan não desenvolve o caso, mas apenas aponta critérios que o auxiliam na construção de sua teoria da psicose. Assim, toda a mostraçõ que trazemos aqui são suposições a partir de sua teorizaçõ. Desta feita, podemos pensar o Homem dos Lobos em seu diagnóstico de paranoia, segundo Lacan, supondo desde o início, um lapso que surge na alucinaçõ do dedo cortado.

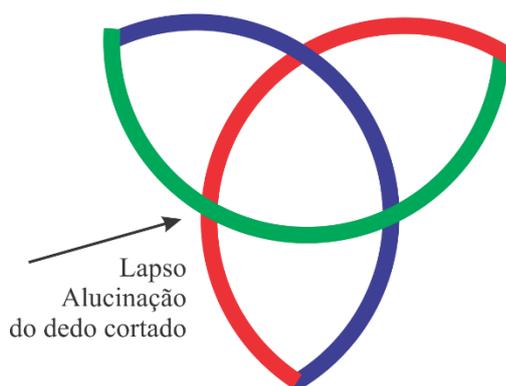


Figura 101 – Alucinação do dedo cortado no Homem dos Lobos

Escolhemos este cruzamento para o lapso pensando nos seguintes critérios: primeiro, a alucinação se dá no corpo, é uma alucinação cenestésica, por isto adotamos este ponto para o lapso – entre o Simbólico e o Imaginário; em segundo lugar, levando em consideração o aforismo lacaniano de que o que foi foracluído no Simbólico (aqui mostrado na inversão do

cruzamento em que o Simbólico, que antes estava por cima, passa agora por baixo) retorna no Real (posto que se os elos na paranoia fossem completos, o lapso em questão estaria no buraco do Real); em terceiro lugar, é que este ponto se encontra não apenas no buraco do Real, como também no campo de gozo nomeado por Lacan como o gozo fálico: $G(\phi)$ (cf. Figura 41 acima). Com esta mostração do lapso podemos supor uma falha na simbolização em rela o com o falo e a significa o fálica, que se apresenta como uma alucina o cenest sica, um retorno no Real daquilo que foi foracluído no Simbólico.

Lacan não apresenta uma soluço para este lapso, assim como não diz que a partir deste momento o paciente tenha desencadeado uma psicose. O que temos   que ele conseguiu viver sua vida com certa estabilidade até a fase adulta e então supomos que tenha ocorrido algo exatamente no mesmo ponto do lapso e que possa ter realmente cumprido a fun o de um *Sinthome* mas, como não temos nenhuma indica o do que Lacan pensa a respeito deste fato, deixamos como uma interroga o.

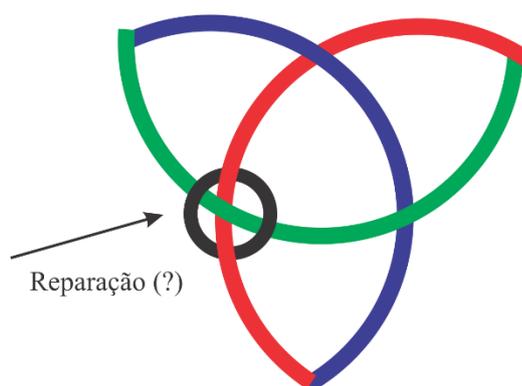


Figura 102 – Repara o no Homem dos Lobos

Mais adiante, quando da análise com Brunswick, Lacan diz que aí sim o paciente apresentou uma paranoia curta, e retoma a situa o pensando suas queixas sobre a cicatriz no nariz. Este momento foi um pouco menos visitado por Lacan, por isto temos menos elementos para a constru o. Mesmo assim tentaremos fazer alguma constru o nodal. Supomos agora o lapso em um lugar diferente: no cruzamento entre o Real e o Imaginário, posto que agora se trata de algo que se apresenta no Real do corpo, um buraco no corpo que a princípio deveria ser visível por outros, em especial pelos médicos que dele tratavam, mas que Ruth Brunswick diz ser totalmente imaginária (lembrando que a acep o da palavra imaginária para Brunswick não se aproxima da no o lacaniana).

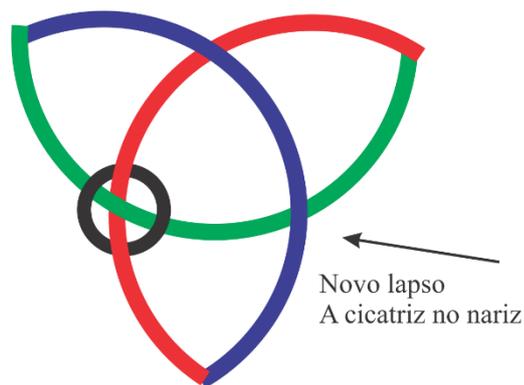


Figura 103 – A cicatriz no nariz

Desta maneira, mais uma vez o nó de trevo da paranoia se deforma e faz-se necessária nova reparação. Posto que Lacan não apresenta como foi feita esta reparação mas afirma ser uma paranoia curta, supõe-se novamente que algo cumpriu a função de *Sinthome*, corrigindo mais uma vez o lapso do nó e dando estabilidade ao caso.

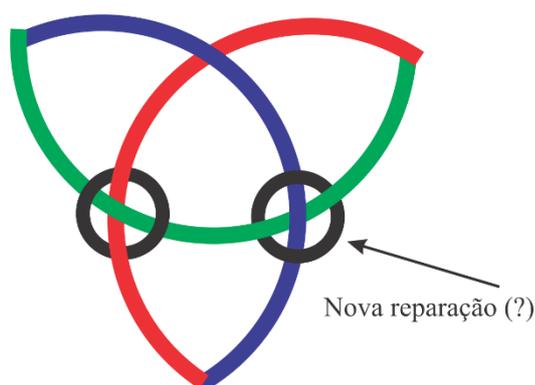


Figura 104 – Reparação do lapso da cicatriz

Este seria o ponto final de estabilização da psicose do Homem dos Lobos, partindo dos apontamentos lacanianos. Como dissemos, ainda que Lacan construa grande parte de sua teoria das psicoses a partir deste caso freudiano, ele não o discute de maneira que possamos seguir o caso clínico passo a passo, sendo apenas possível imaginar alguns pontos, notadamente o diagnóstico de paranoia e algumas suposições dos lapsos, na primeira irrupção de um fenômeno elementar – a alucinação do dedo cortado – e posteriormente no curto episódio de paranoia apresentado quando dos atendimentos de Brunswick. Desta maneira, deixamos o caso e passamos a uma nova leitura, a de Jacques-Allain Miller.

7.5 COM MILLER

Jacques-Allain Miller é mais um grande nome da Psicanálise que não conheceu o Homem dos Lobos, mas que também se interessou em publicar algo sobre ele. Podemos situar sua aproximação do caso freudiano em dois momentos. Um primeiro na virada de 1987 para 1988, quando dedica algumas classes de seu seminário de investigação sobre a clínica diferencial das psicoses para o Diploma de Estudos Aprofundados, em Paris VIII, durante um período de quatro meses. A transcrição destas classes pode ser encontrada em espanhol no livro *13 clases sobre El Hombre de los Lobos* (Miller, 2010a) e, em português, divididas em duas partes, em dois números da revista *Opção lacaniana*, sob o título de *O homem dos lobos* (Miller, 2009c e 2011). As versões são ligeiramente diferentes, parecendo haver algo como uma escolha de transcrição por parte de cada editor, mas em essência, são muito semelhantes. Nestes textos há um grande trabalho de revisitação do caso freudiano pela via lacaniana.

O segundo momento pode ser encontrado em um breve comentário ao Homem dos Lobos no final de um texto chamado *Efecto retorno sobre la psicosis ordinaria* (Miller, 2010b). Neste texto, transcrição de uma conferência ministrada em Paris em 2008, passadas as três conversações francófonas, Miller se propõe a classificar o Homem dos Lobos em um novo ramo da nosologia psicanalítica por ele proposto: a psicose ordinária. Tal avaliação foi retirada, ao que parece, das conclusões das lições que apresentaremos no primeiro momento (as transcrições das conferências de 1987/1988) e do relato do caso feito por Ruth Brunswick. Tomaremos os dois tempos em separado, sabendo de uma sinalização do segundo momento no primeiro, ou seja, que já havia na leitura de Miller do fim da década de 1980, algo que podemos pensar como os rudimentos de sua teorização das psicoses ordinárias, do fim da década de 2000.

Tomemos o primeiro momento da discussão de Miller. A principal questão em torno da qual gira o texto de Miller nestas classes é a que diz respeito à rejeição/foraclusão da castração, e não do Nome-do-Pai, tal qual abordamos ao trabalhar o Homem dos Lobos em Freud (cf. item 7.2 acima) e Lacan (cf. item 7.4 acima). Mas esta proposta agora é estudada mais detidamente. Tal foraclusão terá também como correlato um grande estudo sobre o papel do pai no caso do Homem dos Lobos.

Miller nos aponta quatro formas possíveis de lidar com a relação entre o Nome-do-Pai e a castração. A primeira delas é a clássica forma neurótica $P \rightarrow \Phi$. Outra maneira é a clássica forma psicótica do caso Schreber $P_0 \rightarrow \Phi_0$. As outras possibilidades são o caso que ele aponta

como *borderline* $P \rightarrow \Phi_0$, e seu inverso $P_0 \rightarrow \Phi$, sendo esta última não nomeada por Miller (Miller, 2010a). Neste momento da leitura de Miller há uma colocação de Φ_0 como a escrita da forclusão da castração, algo que apenas sugerimos no item anterior; também deixa claro a relação entre a significação fálica e a castração, as quais, segundo ele, usamos normalmente como idênticas.

Mas ainda assim é importante que façamos uma distinção, tal qual Miller aponta mais adiante. A castração, ou significação fálica (Φ) não é o mesmo que o falo imaginário (φ). O falo imaginário é aquele que o Homem dos Lobos teme perder e que toda vez em que esta situação se aproxima há alguma desestruturação. Por outro lado, a significação fálica é decorrente da própria castração, que é simbólica. Nas palavras de Miller “o que ele [Lacan] chamará Φ se opõe então à metáfora $NP \rightarrow \varphi$; mas Φ ao mesmo tempo resume a relação entre o Nome-do-Pai e o falo imaginário” (Miller, 2010a, p. 85)¹⁰².

Miller também distingue no caso três diferentes castrações: a primeira em relação à cena da sedução com a irmã que produz uma regressão ao estágio anal; a segunda, ligada ao sonho dos lobos, que produz uma regressão ao estágio oral; a terceira, ligada à iniciação religiosa que põe ordem às coisas, levando o sujeito à ordem genital. Estas três formas de castração são esquematizadas por Miller da seguinte forma: a primeira, imaginária, com o pensamento de uma possibilidade da castração, mas sem crença nesta possibilidade; a segunda, real, com pensamento e crença, portanto uma convicção da realidade da castração, e a terceira, simbólica, com uma assunção do símbolo da castração, sendo que esta terceira teria um sentido de promessa, que parece faltar ao Homem dos Lobos (Miller, 2010a).

Temos então três posicionamentos distintos em relação à castração que Miller aponta seguindo a proposta freudiana: o Homem dos Lobos poderia aceitá-la, reconhecendo sua homossexualidade; poderia também rechaçá-la, adotando uma posição viril; ou finalmente, rejeitá-la, regredindo a estádios anteriores. A escolha foi pela terceira opção, havendo a rejeição [*Verwerfung*] da castração, o que é apontado como uma rejeição da realidade/efetividade da castração (Miller, 2010a).

Segundo Miller (2010a) há um ponto fundamental no qual se distingue a concepção freudiana da lacaniana – a alucinação do dedo cortado. Para Freud, seria o momento em que há a convicção da efetividade da castração e, posto que Freud distingue bem entre *Verdrängung* e

¹⁰² No original espanhol: “lo que él llamará Φ se opone entonces a la metáfora $NP \rightarrow \varphi$; pero Φ al mismo tempo resume la relación entre el Nombre del Padre y el falo imaginario”.

Verwerfung, esta última não seria para ele motivo para o diagnóstico de psicose. Podemos pensar assim, com termos lacanianos, que para Freud esta alucinação seria o retorno do recaiado, um retorno no Simbólico, de algo recaiado no próprio Simbólico. Em Lacan isto se daria de outra maneira, sendo a alucinação um retorno no Real de algo foracluído no Simbólico e, portanto, um índice de psicose (cf. itens 7.2 e 7.4 acima).

Quanto ao pai, há também a necessidade de alguma explicação. Há uma relação muito estreita entre o pai e o falo (cf. item 4.3 acima), o pai não é apenas aquele que castra, que interdita a mãe. Ele também tem uma função apaziguadora. É quem retira a criança deste lugar no qual ela é colocada pelo desejo da mãe, um lugar onde há a possibilidade de devoração. Neste sentido, a castração, apesar de produzir certa angústia, tem por finalidade uma diminuição de gozo; esta é a dupla função do pai. Desta forma, aproximamos mais uma vez, a partir das construções de Miller, o Φ do gozo fálico. Pois o pai, quando castra, traz apaziguamento ao gozo, ordenando-o pela via genital. Em suas palavras:

o sintoma do Nome-do-Pai é aquele que faz desse gozo o ‘mais paz’. O ‘mais’ pacificador dos sintomas. O que é a angústia de castração nesse gozo que é angústia? É o momento em que o que ali é gozo e angústia vai adquirir a significação genital (Miller, 2009c, p. 45).

Entretanto, no caso do Homem dos Lobos encontramos um grande problema. Seu pai é mais castrado que castrador. As formas em que a castração surge são sempre trazidas por mulheres: a irmã, a mãe e a babá Grusha. Há outro caso freudiano em que algo semelhante acontece – uma castração exercida por mulheres e um pai que não exerce sua função – este caso é o do Pequeno Hans (Freud, 1909a/1996). Vemos aqui também o quanto Freud é coerente em sua teorização. Nos dois casos, há uma castração feita a partir da mulher e um pai pouco castrador. O resultado de ambos é o mesmo – uma fobia. Constrói-se um objeto fóbico, em ambos os casos um animal, que deve substituir a representação original, no caso o pai, aliando-se a um afeto já modificado. Assim, o que era agressividade contra o pai, se torna o medo do animal (cf. item 5.1 acima).

A teorização de Miller no decorrer das classes não escapa muito ao que apresentamos, mas retoma seus principais pontos a partir do texto freudiano, apresentando diferenciações com a leitura lacianiana. O principal é a distinção dos três momentos da castração e da atitude do Homem dos Lobos frente a cada uma delas. São avaliados os momentos de identificação com a mulher, a relação com o pai, a sedução pela irmã e outros pontos que foram apresentados nos itens anteriores, quase que os traduzindo para uma linguagem mais lacianiana. Por fim, ainda

que vejamos um encaminhamento para um diagnóstico de psicose, esta decisão não é definida com todas as letras. Mas a própria definição de *borderline* ($P \rightarrow \Phi_0$), ainda que saibamos que esta não é uma categoria que queda balizada pela Psicanálise lacaniana, nos encaminha para a teorização futura de Miller sobre a psicose ordinária, ponto que passamos a discutir agora.

Esta segunda proposta é algo que ocorre muito rapidamente em uma conferência de Miller, e não passa de um parágrafo. Ela surge em uma resposta a um dos presentes que pergunta sobre um erro freudiano de se apegar muito ao pai e que a noção de psicose ordinária traria uma concepção mais geral da psicose. Miller responde dizendo que está de acordo com este ponto e cita que Freud teve um caso de psicose ordinária: o Homem dos Lobos. Vejamos com as próprias palavras de Miller:

era psicótico e era uma psicose ordinária porque estava cheio de traços de neurose. [...]. Quando leem Freud, podem duvidar de sua psicose, mas quando o seguem em Ruth Mack Brunswick, é difícil duvidar. [...]. Mas de todo modo, o ponto de capitonagem desta questão não está no livro de Freud, mas sim no livro de Ruth Mack Brunswick (Miller, 2010b, p. 28)¹⁰³.

Aqui então tentamos unir os dois momentos da proposta de Miller. Se tomarmos de um lado a fórmula do primeiro momento na qual Miller coloca o Homem dos Lobos como um caso *borderline* ($P \rightarrow \Phi_0$), e de outro lado tomarmos seu diagnóstico de psicose ordinária no segundo momento, temos que supor que nesta teorização há uma aproximação entre os casos *borderlines*, fronteiriços, inclassificáveis, e a psicose ordinária. Ou então temos que pensar, de outro modo, que houve uma inversão na proposta, assumindo a psicose ordinária como o inverso $P_0 \rightarrow \Phi$, o que não parece ser a leitura de Miller.

Supondo a primeira maneira, $P \rightarrow \Phi_0$, temos uma dificuldade enorme para pensar o caso em termos nodais, pois, como vimos anteriormente (cf. itens 5.2, 5.3 e 5.4 acima), a maneira nodal de apresentar que a função paterna foi exercida (P) é feita pela construção da cadeia de forma borromeana; da mesma forma, a apresentação de que tal função não se exerceu (P_0) é feita pela construção de cadeias olímpicas. Como construir então uma cadeia borromeana (P) que ainda assim seja uma psicose?

¹⁰³ No original espanhol: *Era psicótico y era una psicosis ordinaria porque estaba lleno de rasgos de la neurosis. [...]. Cuando leen a Freud, pueden dudar de su psicosis, pero cuando lo siguen en Ruth Mack Brunswick, es difícil dudar. [...]. Pero de todos modos, el punto de capitón de esta cuestión no está en el libro de Freud, sino en el libro de Ruth Mack Brunswick.*

O máximo que podemos imaginar, ainda que se constitua como um absurdo, é pensarmos dois elos unidos borromeamente ao quarto elo (Σ) e um outro elo solto. De toda forma isto nos traria mais dificuldades. Primeiro que, dependendo do elo que deixamos solto, e seguindo as propostas de Dafunchio (2008), encaminhamos a apresentação para os diferentes tipos clínicos da psicose, a saber, o elo do Imaginário solto para a esquizofrenia; o elo do Simbólico solto para a psicose maníaco-depressiva; e o elo do Real solto para a parafrenia. A paranoia, diagnóstico dado por Brunswick e que Miller diz seguir, seria apresentada pelo nó de trevo, que não possui nenhum elo solto, mas sim a sutura dos três registros, colocados em continuidade. Talvez uma outra possibilidade seria pensar não no nó de trevo, mas nos três elos enodados não borromeamente, porém suturados. O problema é que Lacan já havia dito que os três elos não se atam naturalmente (Lacan, 1975-1976/2007), sendo necessário o quarto elemento para uni-los. De todas as formas incorreríamos em erro em nossa mostraçãõ.

Sabendo dos erros contidos nestas mostrações, ainda assim nos dispomos a construí-las, apenas para ilustrar o que dissemos acima. Primeiramente, pensando em dois elos enodados pelo quarto (Σ) e um terceiro solto, no caso, o Imaginário, devido a todas as questões do Homem dos Lobos com seu corpo (o pênis, o nariz, a constipação intestinal, etc.).

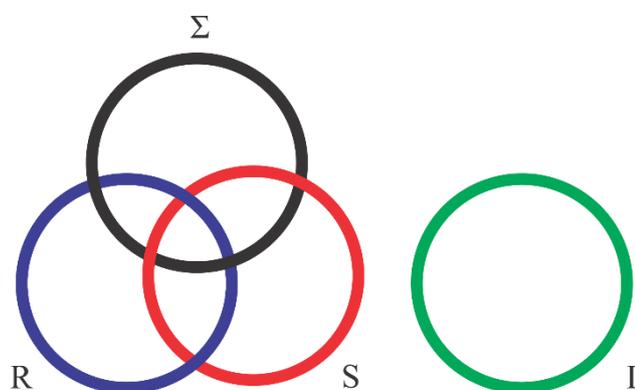


Figura 105 – Um quarto elo que não enlaça os três registros?

A outra opção é bem próxima da mostração que fizemos ao apresentar a paranoia com Brunswick (cf. Figura 97 acima), porém agora não apenas delimitando o nó de trevo ao centro da cadeia borromeana, mas sim suturando todos os seis cruzamentos, o que é representado abaixo por pequenos círculos amarelos. Suturamos os seis para diferenciar da paranoia (nó de trevo), e aproximar a algo dos *traços de neurose* propostos por Miller (os três elos enodados borromeamente, mas suturados), lembrando que esta também é uma construção absurda enquanto proposta da clínica nodal.

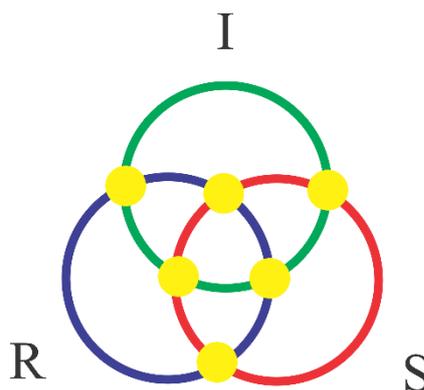


Figura 106 – Sutura dos seis cruzamentos

Sabemos da impossibilidade de construção destas duas formas pelos pontos que citamos anteriormente. Há que se pensar também que Miller não faz uma reconstrução do caso, no sentido de um acompanhamento histórico, no sentido de pensar um início, um desencadeamento e uma estabilização. Por isto não o fazemos também aqui. Com estas mostrações finalizamos nossa leitura do Homem dos Lobos pela perspectiva dos grandes autores por nós escolhidos.

7.6 CONOSCO

Passamos finalmente ao ponto em que buscamos mostrar a parte central de nossa tese, de que a realidade é o efeito da amarração dos registros, o que é obtido com o auxílio de um quarto elo. Este ponto será realizado retomando as principais construções teóricas de cada um dos autores apresentados por nós ao longo deste capítulo, e acrescentando ainda outras pessoas que escreveram sobre o Homem dos Lobos, além de nossa própria interpretação do caso. Para isto, precisamos inicialmente, fazer uma pequena classificação dos autores com quem discutimos.

Primeiramente temos Kraepelin, um grande nome da psiquiatria, que atendeu o Homem dos Lobos, mas nada escreveu sobre ele. Por isto ele fica em um conjunto à parte, sozinho, ainda que faça interseção com o grupo dos grandes nomes do campo psi que pertencem à história do Homem dos Lobos (Freud, Lacan e Miller), e com o grupo que o atendeu clinicamente (Freud e Brunswick). Como dissemos, existe um grupo de pessoas que atenderam clinicamente o Homem dos Lobos, no qual incluímos, além de Kraepelin, Freud e Brunswick. Também temos o grupo dos grandes nomes que escreveram sobre o caso. Neste grupo

encontram-se Freud, Lacan e Miller. Note-se que excluímos deste grupo Ruth Brunswick, pois acreditamos que seu nome só entrou para a história da Psicanálise devido ao fato de Freud ter encaminhado seu mais famoso paciente para ela. Neste sentido, o paciente é bem mais importante que a analista.

Temos também um grupo de pessoas que conviveram com o Homem dos Lobos e escreveram sobre ele, mas nem o atenderam clinicamente, nem são grandes nomes do campo psi. Colocamos neste grupo Muriel Gardiner e Karin Obholzer. Há ainda um grupo de pessoas que escreveram sobre o Homem dos Lobos, que é mais vasto – Freud, Brunswick, Lacan, Miller, Gardiner, Obholzer, Agnès Aflalo, Patrick Mahony, Nicolas Abrahan e Maria Torok, e o próprio Homem dos Lobos, do qual destacamos um subgrupo, daqueles que sequer conheceram o paciente, a saber, Lacan, Miller, Agnès Aflalo, Patrick Mahony, Nicolas Abrahan e Maria Torok. Estes cinco últimos também se encontram em uma parte diferenciada de nossa classificação, pois não conheceram o Homem dos Lobos, não o atenderam clinicamente e não fazem parte dos grandes nomes do campo psi. Entretanto, seus trabalhos de análise do caso são, sem dúvida, primorosos, ainda que o trabalho de Abrahan e Torok sofra grandes críticas (cf. item 7.2 acima).

O papel que nos resta então é o de leitor crítico da situação, dos diversos textos escritos, buscando fazer a leitura mais imparcial possível da história como um todo, para talvez, chegar ao ponto de ter uma leitura diferenciada das demais. Posta esta localização, passemos então a nossas críticas e construções, tomando cada um dos autores que apresentamos anteriormente neste mesmo capítulo.

Primeiramente Kraepelin. Não há muito o que discutir sobre a posição deste grande mestre da psiquiatria, posto que ele nada escreveu sobre o caso. Tudo o que temos é seu diagnóstico – psicose maníaco-depressiva – provavelmente conferido ao Homem dos Lobos devido ao que o próprio paciente chamava de suas crises de depressão. Supomos ser um diagnóstico equivocado, baseado apenas na sintomatologia.

Depois de Kraepelin, Freud. Este sem dúvida foi o grande nome que esteve ao lado do Homem dos Lobos, inclusive tornando o paciente mundialmente famoso. Não fosse a análise com Freud e a publicação do caso, jamais o desconhecido milionário russo, Serguei Constantinovitch Pankejeff, se tornaria o mundialmente famoso personagem *Wolfsmann*, o nosso Homem dos Lobos.

O texto de Freud está cheio de pontos que estão por detrás da escrita, como a discussão teórica com Jung e Adler, assim como a discussão diagnóstica com Kraepelin. Talvez por isto a palavra *Uberzeugung*, convicção, convencimento, esteja tão presente ao longo do texto. O

intento de Freud era convencer a todos de que sua teoria estava correta: há a sexualidade infantil, e agora havia um caso que poderia demonstrar tal teoria, a partir da história de uma neurose infantil, expressão que dá título ao texto freudiano. Mas ainda há algo mais a dizer sobre tal palavra alemã. No caso do Homem dos Ratos (Freud, 1909b/1996, p. 202), em um momento em que trata da dúvida e da incerteza do obsessivo, Freud vai dizer, em nota de rodapé, sobre a questão da testemunha, em alemão *Zeuge*, literalmente o procriador, aquele que, durante seu testemunho, insemina com a certeza. É um fato interessante que o verbo *zeugen* em alemão signifique ao mesmo tempo *testemunhar* e *procriar*, o que nos remete diretamente à cena primária do Homem dos Lobos, na qual ele *testemunha* o ato de *procriação* dos pais. De toda forma, parece ser este um grande ponto de Freud em relação ao Homem dos Lobos: Freud está procriando a Psicanálise, através de seu paciente preferido, convencendo a todos de que sua teoria está correta (Mahony, 1992).

O grande problema de Freud, supomos, é que ele não tinha à sua disposição algo que somente a teorização final de Lacan permite: o entendimento de um caso tão complexo que escapa à forma clássica com a qual trabalhamos normalmente, classificando os casos entre neurose e psicose. O caso do Homem dos Lobos é extremamente complexo e possui algo de nossa contemporaneidade, o que Freud provavelmente não poderia imaginar.

Temos de pensar que a época freudiana era uma época em que imperava o sentido. Havia uma moral sexual cultural que ordenava o mundo, a função paterna em termos lacanianos, que não apenas apaziguava como também orientava a significação fálica das relações. Nosso momento atual não apresenta mais esta mesma clareza, como podemos notar em jargões da Psicanálise atual como *o declínio da função paterna*. Não pensamos que este declínio diga de uma inexistência do Nome-do-Pai (P_0), o que levaria a todos ao insuportável da psicose, ao insuportável do delírio, um ponto de caos onde todos deliraríamos. Pensamos sim em um enfraquecimento de tal função, levando a uma significação não tão fálica da realidade, tal qual o Homem dos Lobos apresenta: uma rejeição da castração, da significação fálica do mundo, ainda que seja, segundo Freud, um caso de neurose obsessiva. Por fim deixamos nossa crítica ao diagnóstico de Freud em suspenso, posto que ele parece ter realmente observado pontos fundamentais para a construção do caso, mas talvez não tivesse todas as ferramentas disponíveis e obviamente não partilhava da mesma lógica diagnóstica que hoje temos à nossa disposição para elucidar o caso de maneira definitiva.

Passemos então a Brunswick. Em nossa leitura, pensamos que ela fez na verdade um grande desfavor à Psicanálise. Ao apresentar o diagnóstico de paranoia, que por fim ela mesma desconstrói, talvez por um medo edípico do pai da Psicanálise, Brunswick traz ao mundo

psicanalítico o grande impasse diagnóstico que se apresenta até os dias de hoje. Ainda que a discussão tenha conseguido bons frutos, como, por exemplo, a teorização lacaniana sobre a psicose, supomos também que ela trouxe alguns malefícios.

No item específico sobre seu texto (cf. item 7.3 acima), apresentamos ao final alguns comentários que podem sugerir um erro de diagnóstico por parte da analista, como a possível confusão entre delírio e ideia deliroide e a forma absolutamente mágica como a psicose se desfaz, a partir de uma simples análise de um sonho. Em nosso posicionamento, deixamos o diagnóstico de Brunswick como um flagrante erro diagnóstico, que mais trouxe malefícios que benefícios à Psicanálise.

Agora Lacan. O Homem dos Lobos serviu a Lacan como uma luva para a construção de seu conceito de forclusão, talvez o único ponto de real vantagem do diagnóstico de Brunswick para a Psicanálise. Partindo de sua leitura atenta e subversiva da letra de Freud, assim como do texto de Brunswick, Lacan consegue trazer diversas contribuições para a clínica das psicoses, formalizando e possibilitando o atendimento de tal quadro, o que com Freud era ainda contraindicado.

Fato curioso é que, apesar de toda a construção sobre a forclusão [*Verwerfung*] partir do caso do Homem dos Lobos, quando Lacan realmente formaliza a questão, em seu texto *De uma questão preliminar* (1957-1958/1998), ele vai deixar de lado o Homem dos Lobos e passará a trabalhar com Schreber. Deste momento da teorização lacaniana em diante o Homem dos Lobos não mais aparecerá nas discussões como um caso de psicose, mas sim como um neurótico, até o fim de sua obra. Supomos que, a partir do momento em que sua teoria da psicose se formaliza, o Homem dos Lobos não mais pode ser diagnosticado desta maneira; então Lacan passa a tratá-lo como Freud: um caso de neurose. Mesmo nas últimas propostas teóricas de Lacan, quando já estava de posse de uma nova teoria que permite uma grande ampliação das construções clínicas, a teoria dos nós, Lacan não retoma o Homem dos Lobos, mas sim Joyce, para discutir sua nova proposta de uma psicose não desencadeada.

Mas há um ponto que se torna enigmático e necessita de esclarecimento. Como pensar a alucinação do dedo cortado? Se Lacan está certo em sua teorização, esta alucinação só poderia ser possível na psicose, impossibilitando definitivamente o diagnóstico de neurose para o caso. Para o esclarecimento desta questão, tomemos o relato de Freud sobre este ponto, que surge em dois momentos: um primeiro, que parece ocorrer quando ainda atendia o paciente, em *Fausse reconnaissance (déjà raconté) no tratamento psicanalítico* (Freud, 1914b/1996), e outro no próprio texto do caso.

No primeiro texto o relato surge da seguinte maneira: “Quando me achava brincando no jardim com um canivete (isso se deu quando eu tinha cinco anos de idade) e cortei fora meu dedo mindinho — oh, eu só pensei que ele fora cortado” (Freud, 1914b/1996, p. 209). Logo após há o relato completo, exatamente igual ao escrito no texto do caso, que citamos na íntegra agora:

quando eu tinha cinco anos, estava brincando no jardim perto da babá, fazendo cortes com meu canivete na casca de uma das nogueiras que aparecem em meu sonho também. De repente, para meu inexprimível terror, notei ter cortado fora o dedo mínimo da mão (direita ou esquerda?), de modo que ele se achava dependurado, preso apenas pela pele. Não senti dor, mas um grande medo. Não me atrevi a dizer nada à babá, que se encontrava a apenas alguns passos de distância, mas deixei-me cair sobre o assento mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de dirigir outro olhar ao meu dedo. Por fim, me acalmei, olhei para ele e vi que estava inteiramente ileso (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 93).

Freud apresenta este relato como uma alucinação e o discute nos parágrafos seguintes também como uma alucinação. Mas há uma nota inserida no parágrafo seguinte ao relato da alucinação no texto do caso, e durante o próprio relato no texto sobre as falsas recordações, que trazem uma correção feita pelo próprio paciente. Citamos a correção também na íntegra: “não creio que estivesse talhando o tronco da árvore. Isso foi confusão com outra recordação, que também deve ter sido alucinatoriamente falsificada” (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 93). Logo após, no texto do caso, Freud diz qual seria esta outra recordação que se intromete no relato do dedo cortado:

essa alucinação do dedo ferido foi instigada, conforme relatou mais tarde, pela história de uma conhecida sua, que havia nascido com seis dedos nos pés e tivera esse sexto dedo decepado, em cada pé, por um machado, imediatamente após o nascimento. As mulheres, então, não tinham pênis porque este lhes era cortado ao nascer (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 94).

Retomemos o relato ponto a ponto. No primeiro deles, o mais curto, o paciente diz ter *pensado* que cortou o dedo, mas não se refere a uma alucinação. Depois no relato maior, há a correção sobre o fato de talhar a árvore, mas o ponto principal é a intrusão de outra lembrança, da menina que teve o sexto dedo do pé cortado com um machado e que pode ter sido *alucinatoriamente* falsificado em sua recordação.

O que podemos notar então é que o *pensamento* de ter cortado o dedo, não a *alucinação*, se impõe como uma representação que se condensou com outra, a da menina com seis dedos.

A falsa recordação não é apenas o fato de que o Homem dos Lobos pensou que já tinha contado a história a Freud, mas a própria alucinação pode ser entendida como uma falsa recordação.

Lembremos aqui que o termo alucinação em Freud não se refere somente ao fenômeno que na psicopatologia chamamos de transtornos da percepção, mas também se refere a formas de satisfação e realização de desejos, como no sonho, que é a realização de um desejo de maneira alucinada, ou seja, de uma maneira regressiva dentro do aparelho psíquico. Neste sentido, podemos pensar que as duas lembranças do Homem dos Lobos, a de seu próprio dedo cortado e a dos dedos cortados nos pés de uma conhecida, podem ter se confundido, condensado, bem ao estilo do processo primário do Inconsciente, e com isto ser uma forma de se reconhecer a castração, tal qual Freud teoriza logo após o relato no texto do caso. Desta forma, resolvemos o problema, pois o que Freud diz é que há um retorno simbólico no próprio Simbólico, o retorno do recalado, caracterizando o caso como neurose.

Ainda assim, pensando pelo ponto de vista da teorização lacaniana, podemos dizer que sua proposta não se perde, pois, sua teorização sobre a alucinação, o retorno no Real daquilo que fora rejeitado no Simbólico, continua absolutamente válida. Entretanto, quanto ao diagnóstico, podemos dizer que talvez o que tenha lhe escapado foi a pequena correção feita pelo próprio Homem dos Lobos, que modifica a ideia de alucinação proposta por Freud: não uma alucinação psicótica, retorno fora do que foi abolido dentro; mas uma realização alucinada de desejo, retorno do recalado.

Supomos por fim, no viés lacaniano, que ao ter percebido que sua teoria da década de 1950 não era suficiente para diagnosticar o Homem dos Lobos como um paranoico, algo que Lacan propõe em seus primeiros seminários, ele abandona a questão e passa a tratá-lo com o diagnóstico que o próprio Freud lhe concedeu – neurose obsessiva.

Por fim, a leitura de Miller. Pensamos que a leitura de Miller incorre em um erro fundamental, talvez por sua tentativa de validar o diagnóstico de Brunswick – a paranoia. Ao discutir o Homem dos Lobos, como vimos acima, Miller apresenta o caso sob a seguinte fórmula $P \rightarrow \Phi_0$, que ele nomeia *borderline*, e alguns anos depois aproxima de sua psicose ordinária. Apontamos anteriormente as dificuldades que tal proposta nos apresenta no item próprio à leitura do caso por Miller (cf. item 7.5 acima). O que pensamos é que Miller, na tentativa de justificar sua proposta, acaba invertendo um ponto fundamental: se pensarmos que uma psicose ordinária é uma psicose, como ele mesmo apresenta no caso do Homem dos Lobos, então necessariamente não poderia haver o Nome-do-Pai, e a fórmula correta para esta apresentação da psicose seria $P_0 \rightarrow \Phi$, ou seja, uma psicose (P_0) em que algo está ainda fazendo

as vias de uma significação fálica, mesmo que seja de pura aparência, muito mais próximo da leitura que apresentamos anteriormente para a psicose ordinária (cf. item 5.4 acima). Em nosso olhar, Miller erra duplamente, primeiro ao seguir Brunswick, que supomos ter feito um diagnóstico equivocado, e depois ao inverter as fórmulas que apresenta, tomando por psicose ordinária algo que não é uma psicose, mas uma neurose contemporânea.

Há mais um detalhe que pode ser destacado ao observarmos o diagnóstico apresentado por cada autor ao mesmo paciente: Kraepelin – psicose maníaco-depressiva; Freud – Neurose obsessiva; Brunswick – paranoia, depois neurose obsessiva; Lacan – paranoia, depois neurose obsessiva; Miller, psicose ordinária. Notemos que Kraepelin, grande teórico das loucuras, o diagnostica com a loucura maníaco-depressiva; Freud, o grande teórico das neuroses, o diagnostica como um neurótico obsessivo; Brunswick, que como dissemos, estava interessada nas teorias kleinianas, o diagnostica como paranoia, mas depois cede, voltando ao diagnóstico freudiano; Lacan, que apresenta a psicose como o paradigma da clínica psicanalítica, e notadamente a paranoia como a grande referência, o diagnostica como paranoico, pelo menos até o momento em que terminou de formalizar sua teoria da psicose, e daí em diante passa ao diagnóstico de neurose; Miller, como propositor da psicose ordinária, o diagnostica como um psicótico ordinário.

Talvez a grande dificuldade de diagnóstico que tanto se discute ao longo dos anos sobre o caso do Homem dos Lobos esteja muito mais próxima de como cada autor deseja se servir deste caso para justificar sua própria teoria. Fora estes grandes nomes que discutiram seu diagnóstico, outros, que consideramos menores em fama, mas não em suas discussões, nos apresentam diagnósticos diversos, seja pendendo para a neurose, seja para a psicose. Mas é fato notório que Obholzer e Gardiner, que conviveram com ele, não pensam o Homem dos Lobos como psicótico. Claro, Obholzer não era psicanalista, ou mesmo uma pertencente do mundo psi, mas em nenhum momento ela apresenta algo que possamos ler e inferir como um caso de psicose.

Após estas críticas que apresentamos sobre as diversas leituras e diagnósticos, tomemos agora nosso próprio posicionamento, sobretudo com o intuito de apresentar nossa própria teoria, a da realidade como efeito do enlaçamento dos registros auxiliado pelo quarto elo. Neste sentido não nos distanciamos tanto assim dos autores aos quais fizemos críticas, pois também tomamos o Homem dos Lobos a favor de nossa própria teoria, mas tentaremos, na medida do que nos é possível, buscar a imparcialidade à qual nos propomos.

Como já foi bastante sinalizado, não consideramos o diagnóstico de psicose como correto e, assim, temos que partir do texto freudiano, que seria, em nosso ponto de vista, o mais

adequado. Não apenas porque Freud esteve com ele em várias sessões, por alguns anos, como ainda se correspondeu com ele e supervisionou os atendimentos de Brunswick. Não haveria ninguém que pudesse estar tão próximo de um diagnóstico correto quanto o próprio Freud, fato que parece ter sido notado por Lacan depois de seus seminários iniciais. Por termos feito a mostração nodal do caso em Freud, partindo de uma histeria de base, caminhando por uma fobia até chegar a uma neurose obsessiva, não retomaremos estes pontos. Continuaremos a partir deles.

Tomemos então alguns pontos que são centrais na vida deste russo e que não se encontram no texto de Freud nem no de Brunswick, mas sim nos próprios relatos de Serguei Pankejeff, em sua entrevista a Obholzer e no texto de Gardiner: a reação à morte da irmã, a notícia do adoecimento de Freud e seus sintomas com a questão do nariz, o suicídio de Teresa, a perda de sua fortuna, a prisão pelos russos, a passagem pelas duas grandes guerras, a morte da mãe, enfim, os principais pontos de sua tragédia pessoal. Temos em todos estes pontos momentos de ruptura e momentos de fuga. Sim: fuga da realidade, tal qual Freud apresenta para os casos de neurose. Sigamos cada um deles.

Primeiro a morte da irmã. Quando o paciente tinha cerca de 19 anos, sua irmã Anna se mata durante uma viagem. Ele então viaja à Geórgia, região do Cáucaso, mesmo local onde a irmã havia se matado, pouco depois de seu suicídio. Vejamos o que Mahony diz sobre esta viagem do Homem dos Lobos: “‘Geórgia’ é pronunciada *Grouja* em russo, e por essa república passava o rio Terek, pronunciado *Tierék*, que o aflito Serguei esboçou numa tela, e cujo caráter fonêmico antecipava o nome de Teresa, a substituta da irmã” (1992, p. 86)¹⁰⁴.

Seu próprio relato do funeral da irmã que havia se envenenado com mercúrio, o que ocasionou a perda de seus dentes, fato que podemos ligar também aos diversos tratamentos do Homem dos Lobos com diversos dentistas, inclusive dois com nome Wolf, nos mostra o protótipo de sua reação frente aos momentos marcantes de sua vida – a fuga da realidade: “parecia que meu sentir e meus pensamentos estiveram paralisados. Tudo o que se sucedia diante de meus olhos me fazia irreal; tudo parecia um sonho mau”¹⁰⁵ (Pankejeff, 2002, p. 41). Não derramou uma única lágrima no funeral de sua irmã, mas, em sua própria viagem ao

¹⁰⁴ Para fins de esclarecimento, a pronúncia de Geórgia em russo, *Gouja*, é muito próximo ao nome da famosa babá, Grusha. Também devemos marcar, conforme a Figura 93 acima, que *esboçar e ferir*, assim como mais distante um pouco enquanto significação, *cicatriz*, são a mesma palavra em russo, *tieret*, também com uma sonoridade muito próxima ao nome do rio e ao nome de Teresa. Mudamos o nome do personagem nesta citação para o verdadeiro nome de Serguei, pois a versão brasileira faz um aportuguesamento do nome real do Homem dos Lobos.

¹⁰⁵ Em espanhol: “Parecía que mi sentir e mis pensamientos estuvieran paralizados. Todo lo que sucedía ante mis ojos se me hacía irreal; todo parecía un mal sueño”.

Cáucaso, ele visitou o túmulo do poeta russo Lermontov, onde derramou lágrimas amargas. Somente depois disse a Freud que seu pai comparava os trabalhos da irmã morta aos do grande poeta (Freud, 1918 [1914]/1996). Também em relação à morte da irmã diz que ao perder aquela que considerava sua única camarada, passou por um período de grande depressão, outro ponto sempre recorrente em sua vida – as crises depressivas.

Esta forma de fugir da realidade surge em todos os outros grandes momentos de sua vida, com alguns momentos de instabilidade diante de alguns fatos. Foi assim, ao que parece, com a morte do pai, que talvez também tenha se matado (Mahony, 1992). No mesmo ano do provável suicídio do pai, mas pouco antes deste fato, conheceu Teresa no sanatório de Kraepelin. Foi a paixão por Teresa que o levou a entrar em análise com Freud. Neste primeiro momento com o pai da Psicanálise, o que há de relato sobre seu estado é “que se encontrava inteiramente incapacitado e dependente de outras pessoas” (Freud, 1918 [1914]/1996, p. 19). Segundo Jones (1989, p. 278), “incapaz até mesmo de se vestir ou enfrentar qualquer aspecto da vida”; um exagero em relação às palavras de Freud, que foi refutado pelo próprio paciente em suas conversas com Obholzer (1993, p. 199): “são conversas sem fundamento. As pessoas fantasiam. Como aquele que escreveu que eu não conseguia mais me vestir”. De toda forma, o que parece é que a incapacidade citada por Freud estava mais no âmbito da inibição, ou talvez de uma depressão, o que não inviabiliza a primeira, se tomarmos a depressão como uma possível forma de inibição, mas não em uma incapacidade de realizar suas atividades diárias.

Também foi assim, fugindo da realidade, que ele lidou com a perda de sua fortuna. Atribuiu a culpa a Freud, que o desaconselhou a voltar à Rússia para recuperar seu patrimônio; mas conseguiu viver, com certa tranquilidade, com as doações de Freud, escondendo dele as joias de família que ainda possuía, o que foi tratado por Brunswick como uma grande alteração de caráter, de um homem muito ético, a um homem mesquinho e sem muitos escrúpulos (Brunswick, 1928/2002).

Da questão da análise com Brunswick, em especial o diagnóstico de paranoia e a relação deste diagnóstico com a questão do nariz, muito há que ser dito. Começamos do princípio. Parece novamente que tudo gira em torno do *complexo da irmã*, como o próprio paciente se referia. Anna desde criança se achava feia e pensava ter um nariz vermelho [*rote Nase*]. Quando a irmã queria saber se havia algo errado com seu nariz, perguntava a Serguei: *Esanetor?*, que é nariz vermelho em alemão, de trás pra frente, ao que ele respondia: não, você não tem nada, está tudo em ordem” (Obholzer, 1993, p. 102). Ele próprio durante a escola já tinha problemas com seu nariz, o que lhe rendeu na escola o apelido de *buldogue*. Entre os doze e treze anos teve problemas nasais para os quais se submeteu a um tratamento (Mahony, 1992).

Ainda temos que incluir, na mesma época que Brunswick chama de sua crise paranoica, que sua mãe havia voltado a morar com ele e chegara com uma verruga no nariz, além é claro, do adoecimento de Freud, motivo pelo qual o pai da Psicanálise o encaminhou a Brunswick. Temos que lembrar que a própria Brunswick várias vezes aponta a identificação com a mãe, hipocondríaca, inclusive na frase que se torna um jargão neste momento: “Assim eu não posso mais viver” [*So kann ich nicht mehr leben*] (Brunswick, 1928/2002). São muitos pontos que se juntam e podem ser pensados como um grande acúmulo de significantes em torno de seu nariz, o que lhe deixou bastante preocupado. É interessante notar que Brunswick considera totalmente imaginária a questão das cicatrizes no nariz. Se pensarmos que o termo *imaginário* para a analista não se aproxima do termo lacaniano, mas sim de algo como um devaneio ou um delírio, algo que não estaria ali de fato, como puderam os dermatologistas fazer os procedimentos médicos sobre tal ponto *imaginário*? Esta marca no nariz não estaria novamente ligada ao *complexo da irmã*, sobretudo se retomamos a sonoridade das palavras Teresa e cicatriz em russo?

De toda forma, a explicação do Homem dos Lobos para a cura mágica de sua paranoia em nada confirma as suposições de Brunswick. Lembremos que a analista diz que ele se cura após uma interpretação que ela faz de um sonho dele, onde caminha com um dermatologista (cf. item 7.3 acima). Diz ele: “sua explicação dos sonhos etc., não prestei a menor atenção àquilo. [...]. Só uma coisa fez efeito comigo, foi quando ela pronunciou a palavra paranoia. Aí, então, tudo correu numa velocidade fantástica” (Obholzer, 1993, p. 76), justificando o que havia dito pouco antes a Obholzer em sua entrevista: “o tratamento não adiantou absolutamente nada, até ela me falar de paranoia. Foi apenas nesse momento que essa ideia começou a me revoltar, porque eu já conhecia a paranoia” (Obholzer, 1993, p. 74). Seu tio preferido, Pedro, foi diagnosticado como um autêntico paranoico pelo famoso psiquiatra russo Korsakoff, devido a seu comportamento peculiar (Pankejeff, 2002).

Tudo se passa então, segundo o próprio paciente, como um comportamento realmente estranho que ele possuía, mas que foi eliminado com um pouco de trabalho, não devido diretamente à análise com Brunswick, mas como um efeito colateral da análise (ainda que central para a solução do caso), no caso, ele ter se revoltado com o diagnóstico de paranoia, o que lhe fez se organizar quanto a tal comportamento. Não acreditamos que seja possível encontrar nenhum relato clínico no qual um paciente paranoico se cura de sua psicose desta maneira, o que reforça novamente nossa ideia de uma fuga da realidade, uma ideia deliroide, e não de uma construção delirante.

Este não foi o único momento de crise pelo qual passou o Homem dos Lobos depois de sua análise com Freud. Outro momento o deixou bastante angustiado, vagando pelas ruas de Viena – o suicídio de sua amada Teresa. Na primavera de 1938, com o advento do nazismo em Viena, Teresa se mata com gás no apartamento em que vivia com o Homem dos Lobos. Ele sai pelas ruas transtornado e encontra Muriel Gardiner. Chora muito e, inconformado com a morte da mulher pergunta a Gardiner: *por que ela se matou? Que faço agora?* (Gardiner, 2002). Ainda assim, Gardiner diz que, apesar do intenso sofrimento, a reação do Homem dos Lobos foi a mesma de sempre, uma falta de contato com a realidade, que se expressou em sua busca por Brunswick em Londres e posterior retorno a Viena, sem se dar conta dos fatos gritantes ao seu redor – a Segunda Guerra Mundial. Também foi assim com a morte da mãe, e até mesmo com o curioso fato de ter sido preso pelos russos quando vagava distraidamente pelas ruas da Viena ocupada no pós-guerra, no dia do aniversário de morte de sua irmã (Gardiner, 2002).

Temos então, no fim das contas, algo que Freud já havia apontado: o véu [*Schleier*] que o retirava da realidade e que só era rompido quando lhe era aplicado um enema. Este véu, que a princípio lhe foi dito ser um sinal de sorte, devido ao fato de ter nascido sem o rompimento do âmnio, para ele na verdade só se configurou em azar: azar nos fatos da vida, azar nas relações com as mulheres, etc. Mas este véu na verdade se apresenta como a forma peculiar que o próprio paciente tinha de se defender da realidade insuportável, encapsulando-se em uma realidade mais aceitável, ainda que com certo sofrimento.

Passamos assim à mostraçãõ nodal de nossa própria leitura do caso. Tomemos dois pontos iniciais. Concordamos com o diagnóstico freudiano de neurose obsessiva, mas indicamos que o paciente de Freud não era um neurótico comum para sua época. Era um paciente moderno, como disse Miller (2009c, p. 20), um neurótico mais próximo ao que encontramos hoje, em nosso mundo contemporâneo onde um sentido geral, uma significação fálica da realidade não tem mais tanta força. Assim, pensamos que, após as construções freudianas que apresentamos anteriormente, temos que pensar em sua vida adulta, próximo do encontro com Freud.

Primeiro o suicídio da irmã, fato que levou o paciente a um distanciamento da realidade (não derramou uma única lágrima) mas que foi posteriormente ressignificado no túmulo do poeta russo. Tomamos este fato novamente como a forma final que se apresenta em nossa mostraçãõ nodal do caso em Freud, quando da iniciação religiosa, ou seja, uma certa significação da situação do momento (cf. Figura 96 acima). Assim temos o momento em que o Homem dos Lobos chega a Freud, apresentando uma inibição. Não há relatos da vida do paciente durante a análise com Freud, por isto passamos aos pontos posteriores à sua análise.

Um ponto que há de se mostrar é a crise chamada por Brunswick de paranoica, mas que apresentaremos como um momento em que a inibição, tal qual era apresentada até então pelo paciente, não mais mantinha os elos enodados. Com a crise em relação ao nariz, o *Sinthome*, que havia até então, caduca, e há então o movimento de identificação com a mãe e suas crises hipocondríacas em relação ao nariz

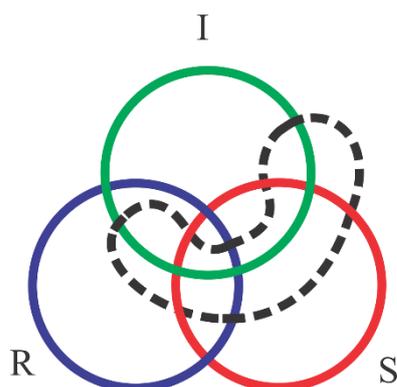


Figura 107 – A crise em relação ao nariz

Pensamos assim, diferentemente de Brunswick, não em um enlaçamento delirante, mas em um desencadeamento que lhe afasta da realidade, como se o véu estivesse novamente posto. Entretanto, a solução que apresentamos agora, difere da proposta freudiana, pois não apresentamos uma solução pela via do sentido, mas sim algo mais próximo de uma inibição na qual o sentido falha, algo mais próximo ao $P \rightarrow \Phi_0$, uma solução neurótica, que escapa à significação fálica. Uma proposta fiel ao texto freudiano, mas que, como dissemos, não era possível a Freud naquele momento. Temos assim uma nova forma de inibição, que reforça o imaginário do corpo, mas que o faz em relação com o Real, não mais com o Simbólico.

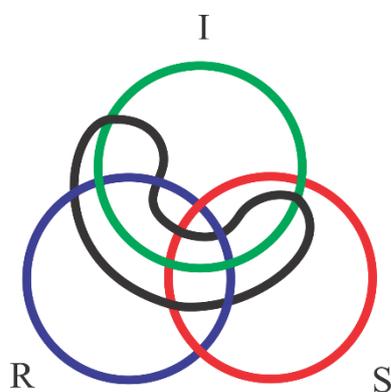


Figura 108 – A forma de inibição típica do Homem dos Lobos

Esta parece ser a forma final encontrada pelo Homem dos Lobos em sua idade adulta. Outras crises surgiram, como a morte de sua amada Teresa, mas parece que ele sempre retornava a esta forma de amarração, uma forma na qual o sentido não interfere tanto; uma forma onde a significação fálica do mundo deixa a desejar. Talvez seja este o ponto enigmático que Freud não conseguiu abordar em seu caso, pois ele sempre buscava o sentido dos sintomas, sua interpretação, seu deciframento. Mas o que podemos inferir da rejeição da castração é que esta amarração por nós proposta sim, toca a questão do gozo fálico ($G[\phi]$), e é por aqui que o Homem dos Lobos organiza sua realidade, uma realidade fantasmática que é apenas uma janela para o Real, tornando suportáveis os fatos desastrosos de sua própria tragédia.

O efeito desta amarração é bastante diferente de todos os demais que apresentamos nas leituras dos diversos autores, mas é mais coerente com o que podemos encontrar dos relatos de todos os que conviveram com o Homem dos Lobos. Sua realidade se apresenta sempre como um estado de fuga, que pensamos poder ser mostrada pelas diversas variações dos quatro elos na cadeia borromeana. Caso fosse uma psicose, a cadeia seria olímpica, então seria necessária uma reconstrução, que não mais seria borromeana.

A fuga da realidade, tal como apresentada por Freud, é um ponto fundamental para o entendimento da neurose, pois não se trata de uma reconstrução de uma realidade perdida, mas sim uma nova forma de enodar, ou reorganizar a realidade insuportável. Vimos (cf. item 5.2 acima) que há várias formas de se fazer tal fuga, a partir do sintoma, da inibição ou da angústia, conforme Lacan extraiu do texto de Freud, e que podemos passar por estes destinos como forma de fugir da realidade. Em nossa apresentação do caso do Homem dos Lobos, após todas as discussões precedentes, vemos que a forma encontrada para sua fuga da realidade foi a elaboração por meio de uma inibição, mas não da forma como Freud pensava, e sim de uma forma que passava por outra via que não a do sentido, uma via mais próxima do Real, tocando a significação fálica que Freud diz que ele rejeitou. Supomos então que esta é a maneira como ele produz seu *Sinthoma*, uma forma que corrige o próprio lapso do nó, trazendo mais estabilidade.

Na prática o que temos é um homem moderno em relação aos de sua época, em que o sentido compartilhado por todos não se apresentava como o principal ponto de enodamento. Isto o mantinha em laço social com os demais, mas não lhe oferecia a mesma forma de enodamento pelo sentido, como podemos encontrar em outros pacientes de Freud. Sua vida parece o tempo todo carecer deste sentido, uma vida vazia, ainda que cheia de fatos importantes, mas pelos quais ele passa sem se dar conta da relevância de cada um deles. Sua realidade não é

operante pela via do sentido, mas muito mais próxima da via do gozo, bem mais próxima de nossas neuroses contemporâneas, nas quais o sentido se enfraquece.

8 UM MOMENTO PARA CONCLUIR

Cabe-nos agora iniciar uma revisão geral dos argumentos que expusemos ao longo de nosso texto para que possamos dar fim ao processo como um todo. Como tais temas já foram tratados, buscaremos apenas fazer breves comentários que indiquem o caminho por nós percorrido ao longo deste trabalho. Seguiremos a mesma sequência de argumentos disposta anteriormente para maior precisão.

Quanto ao método por nós escolhido não cremos haver maiores dificuldades. A junção das características da Filosofia, da Matemática e da Psicanálise não são estranhas aos leitores de Lacan e nos permitiram caminhar pelos diversos pontos de nossa argumentação sem maiores dificuldades. A inspiração do método geométrico esteve sempre em mente, sobretudo na forma de pensar a construção e ordenação dos capítulos, todos seguindo o mesmo padrão: uma apresentação geral do tema; logo após Freud; e então Lacan.

Assim iniciamos nossa proposta pelos caminhos da Psicanálise apresentando o percurso histórico de Freud e Lacan, algumas das divisões propostas de suas obras, exemplos de suas exposições nosológicas, e também movimentos de mudanças internas em suas próprias teorias. Buscamos com isto afastar de nossa escrita uma leitura dos textos de Freud enviesada pela teoria lacaniana, posto que Freud, obviamente, não poderia ser lacaniano. Também há o apontamento de uma grande mudança em Lacan, sobretudo no momento em que o mesmo deixa a teoria dos conjuntos e passa a utilizar a teoria das categorias, contemporâneo ao surgimento da teorização sobre o nó borromeano.

Após isto nos dedicamos a pesquisar as dualidades freudianas – os conflitos tão caros a Freud em diversos pontos de sua teoria. Encontramos aí boa parte dos conceitos freudianos montados como pares de opostos que funcionam como dualidades, não podendo um dos pares existir sem o outro. Como exemplo temos o par pulsional (pulsão sexual X pulsão do Eu; pulsão de vida X pulsão de morte), o par de princípios (princípio de prazer X princípio de realidade), o par de mundos (mundo interno X mundo externo) e também o par de realidades (realidade psíquica X realidade material), entre tantos outros.

Interessou-nos particularmente a discussão sobre as realidades e sobre os mundos, ficando claro que, em Freud, há pares de opostos bem distintos quanto a estes pontos, ainda que estes pares não possam existir sem seus dois elementos. Pudemos então perceber que há uma

fronteira bem estabelecida entre os mundos interno e externo, assim como entre a realidade psíquica e a material.

Em Lacan esta fronteira não se apresenta assim tão bem estabelecida. Quando tratamos da possível dualidade entre Real e realidade, o que pudemos notar foi que estes são conceitos bem distintos que sequer tratam do mesmo ponto, mas que necessitariam de maior aprofundamento para que pudéssemos compreender a proposta lacaniana. Com esta intenção, e também com a de apresentar uma parte fundamental de nosso método, direcionamo-nos então para o campo da topologia.

Após apresentar um breve histórico sobre o tema, e também discutir os lugares dos aparelhos psíquicos freudianos, tomamos uma parte do que Lacan trabalha com a topologia: a topologia dos grafos e da superfície em um primeiro momento, e em um segundo, a topologia dos nós. Neste ponto encontramos uma grande diferença entre Freud e Lacan. Se em Freud havia uma dualidade de mundos, um interno e outro externo, em Lacan, sobretudo com a topologia de superfície, o dentro e o fora passam a estar em continuidade trazendo-nos novas perspectivas para pensar a realidade. Estas perspectivas foram por nós trabalhadas sobretudo em duas figuras utilizadas por Lacan: a banda de Möbius e o *cross cap*.

Como já dissemos, com a proposta borromeana as possibilidades tornam-se ainda maiores, posto que as relações entre os diversos atores em cena podem ser melhor apresentadas. Há também neste segundo Lacan a elaboração de mais conceitos que nos permitem uma visão bem mais ampla da teoria e da clínica psicanalítica.

Postos estes pontos iniciais que nos serviram de base, pudemos caminhar para a discussão sobre a realidade, sempre partindo de uma visão mais geral do assunto até chegar ao contexto psicanalítico. Em Freud tomamos como pontos fundamentais a discussão sobre o momento fundador do psiquismo, que criaria a divisão interno X externo; psíquico X material, ambos apresentados como dualidades. Há aqui uma primeira proposta, depois retomada por Lacan de maneira um pouco diferente em relação ao objeto e à lei, sendo esta uma escolha primordial que diferenciaria as estruturas subjetivas.

Outros pontos mereceram discussão na proposta freudiana, notadamente a prova de realidade e a perda da realidade. Nestes dois pontos Freud discute a realidade como a proveniente do mundo externo, necessitando ser testada a todo momento para verificação de possível adequação à realidade psíquica, com a qual a Psicanálise trabalharia. O segundo ponto, o da perda da realidade, aconteceria em proporções diferentes nas estruturas subjetivas, levando a soluções diferentes em um segundo momento: à fuga da realidade na neurose e à reconstrução da realidade na psicose.

Quanto à Lacan, temos posições distintas ao longo de sua construção teórica. Em um primeiro Lacan, mais afeito à linguística e ao estruturalismo, encontraríamos uma teorização bem definida sobre a realidade na neurose e na psicose, sobretudo em seus esquemas R e I respectivamente. O esquema R seria topologicamente homeomorfo de um *cross cap*, sugerindo uma continuidade entre o dentro e o fora, o que por si só contribui bastante para a revisão da dualidade freudiana. No segundo Lacan não há um estudo tão detido sobre a realidade como um todo, mas apenas uma aproximação inicial da realidade psíquica freudiana com o Complexo de Édipo e o Nome-do-Pai, surgindo como um quarto elo que poderia trazer sustentação para a cadeia borromeana.

Neste momento, se impôs a nós a necessidade do estudo das cadeias borromeanas propostas por Lacan para que pudéssemos avançar em nossa leitura sobre a realidade. Como as propostas lacanianas surgem na discussão do que Lacan chamou de nomenclatura, e a princípio estas eram chamadas de inibição, sintoma e angústia, precisamos fazer um pequeno retorno a Freud para estudar o desenvolvimento do conceito de recalque e o retorno daquilo que foi recalcado.

A motivação para tal retorno é que em Freud há três possíveis destinos para o que foi recalcado, sobretudo no que se refere a seu retorno, distinguindo a histeria de conversão, a neurose obsessiva e a histeria de medo/fobia. A conceptualização do recalque surge ainda nos primórdios da Psicanálise e caminha até 1926 quando Freud culmina sua teoria em três formas de retorno do recalcado, a saber, a inibição, o sintoma e o medo. Discutimos de maneira bastante profunda a tradução dos termos freudianos para que pudéssemos chegar às características destas três formas. Apontamos também a escolha de tradução do termo alemão *Angst* não por medo, mas por angústia, nos textos de Lacan.

Com estas colocações pudemos adentrar nas propostas lacanianas de uma possível clínica nodal, tendo como base a escola argentina que trabalha tal clínica. Apresentamos então as bases para estas construções na neurose e na psicose, trazendo também nossa proposta de uma leitura nodal para as psicoses ordinárias sugeridas por Miller.

Após todo este percurso, pudemos finalmente alcançar o ponto central de nosso trabalho: uma mostra da realidade, seguindo o método geométrico. Neste momento nos propusemos três mostrações, todas baseadas em Lacan, posto que tomamos a primeira visão sobre a realidade como uma forma próxima à freudiana com pequenas alterações dadas pelo psicanalista francês.

Nesta primeira visão, a realidade é mostrada como uma interseção entre o Simbólico e o Imaginário, estando tudo em continuidade, não apenas estes dois registros, como também o

dentro e o fora. Em uma segunda visão, com a entrada de novos elementos na discussão, sobretudo o registro do Real de maneira mais clara e o *Sinthome*, tomamos a forma nodal de mostrar a realidade, com enodamentos distintos para a neurose e para a psicose.

Finalmente adotamos nossa própria visão da realidade que, pelo método de inferência abdução, tomamos como a melhor possibilidade de mostrar nossa tese de que *a realidade é o efeito da amarração dos três registros auxiliado por um quarto elo*. Trouxemos argumentos contra a proposta de a realidade ser um sentido que recobre o Real, e também contra a realidade ser tomada apenas como a realidade psíquica, o que retiraria parte dos elementos da discussão. Também apresentamos argumentos de que a realidade não pode ser o Nome-do-Pai, significante estruturador que determina a forma da cadeia, nem os Nomes do Pai, elementos que reparam a cadeia. Excluídas todas estas possibilidades, nos restou como a melhor dentre elas nossa própria proposta.

Como esta é uma proposta advinda de uma inferência abdução, é importante não apenas chegarmos a esta conclusão, mas mostrá-la, o que procuramos fazer através o intrincado caso freudiano do Homem dos Lobos. Fizemos tal mostraçãõ com alguns grandes nomes que se ocuparam do Homem dos Lobos: Kraepelin, Freud, Brunswick, Lacan e Miller. Apontamos em cada um dos autores os pontos fortes e fracos de sua leitura do caso. Por fim tomamos posição pelo diagnóstico freudiano, mas com uma outra forma de pensá-lo, dentro da vertente nodal de Lacan: o Homem dos Lobos seria um obsessivo moderno, tal qual os de nossos dias, nos quais vivemos um declínio das significações culturais preexistentes, o chamado declínio da função paterna, pensando que, se nossa tese está correta, então nossa mostraçãõ nodal deve condizer com a história de vida deste personagem.

Esta ferramenta possibilitada pela teorizaçãõ lacaniana dos nós é o que nos permite entender o caso em sua maneira mais fiel à vida do próprio Serguei Pankejeff, e com isto supomos mostrar o que nos propomos – *a realidade como efeito do enodamento dos três registros auxiliado por um quarto elo*. Posto assim todo o fio de nossa argumentaçãõ, passemos às discussões que nos parecem cabíveis a partir de tal tese, mesmo que algumas já tenham sido tratadas ao longo de nossos argumentos.

Um primeiro ponto a ser deixado claro é que não imputamos erros às concepções anteriores, como por exemplo à dualidade de realidades em Freud. Vemos que esta forma de apresentaçãõ em termos de conflitos é cara ao psicanalista vienense e circula por toda sua teorizaçãõ. Sua proposta é condizente com sua época e com a situaçãõ de criaçãõ da Psicanálise. Quanto a Lacan também podemos dizer o mesmo. Ainda que possamos ver um grande desenvolvimento teórico ao longo dos anos, suas primeiras teorizações não se perdem quando

da chegada da proposta borromeana, mas se ampliam consideravelmente. O gênio destes dois homens deve ser levado em consideração nas construções que fizeram ao longo de quase um século, dando-nos um terreno seguro para edificar nossa própria proposta. Consideramos estes pontos; não os descartamos. Apenas buscamos utilizá-los em nossa forma de pensar a realidade como algo não alheio a nós, independente, mas sim como algo que nos inclui enquanto sujeitos em sua construção.

Freud incluía os dois polos em sua teorização, pois a dualidade de realidades não exclui um deles, mas talvez as limitações de sua época não o permitiam avançar em outra maneira de apresentar a realidade. Se tomarmos como certo que não há uma realidade externa a nós, independente de nós, nem tampouco que a realidade é pura construção psíquica, precisamos buscar uma forma de colocar as duas apresentações como uma única maneira, e isto só nos foi possível com a mostração dos nós e seus enlaçamentos.

Desde as propostas freudianas sobre o Inconsciente e sobretudo com os refinamentos elaborados por Lacan ao longo de seu ensino, não há como excluir um sujeito que faça o papel de tecelão, trançando os fios dos nós, enlaçando os registros e constituindo assim realidades diversas que não excluem o mundo externo ao nosso psiquismo, mas buscam sempre alguma relação com ele, seja pela via do fantasma, seja pela via do delírio.

Se a realidade humana é o efeito da amarração dos três registros com o auxílio de um quarto elo, isto se dá devido a um sujeito que faz o enlaçamento, o que nos leva a uma fórmula que se apresenta concomitantemente à nossa tese: a de que a realidade humana é o efeito de haver sujeito, somente sendo possível quando bancamos a hipótese do Inconsciente.

Se tomarmos aforismos lacanianos como: *o desejo do homem é o desejo do Outro, o Inconsciente é o discurso do Outro, o sintoma é o significado do Outro*, entramos no que Lacan chamou de inmixão de alteridade, posto que incluímos o Outro o tempo todo em nossas mais simples relações. Esta inclusão do Outro, e até mesmo do outro, aqui tomados em suas diversas apresentações, coloca este mundo externo definitivamente dentro de nossa realidade.

Foi sobretudo com a topologia dos grafos e da superfície que pudemos mostrar como o dentro e o fora, o interno e o externo, estão em continuidade na realidade humana. A inmixão de alteridade é definitivamente mostrada na figura do *cross cap* e a partir daí pensamos não ser mais possível dividir a realidade em psíquica e material, a não ser didaticamente.

Com a leitura borromeana, a proposta de que a realidade seria a interseção entre o Simbólico e o Imaginário deixaria de fora nada mais, nada menos, que o registro do Real, o nos traria de volta às dualidades freudianas reeditadas. Como nossa proposta é de uma realidade humana não dividida em partes, não podemos deixar qualquer dos registros fora da realidade.

Uma realidade que excluísse o Real seria uma realidade parcial. A única leitura que nos foi possível foi a de que a realidade humana incluiria todos os três registros, e ainda necessitaria de um quarto elo que fizesse a amarração destes registros, tendo como agente, o tecelão, o sujeito do Inconsciente. O efeito desta amarração então seria a realidade. A maneira de apresentar nossa proposta, foi pela mostração do caso clínico do Homem dos Lobos. Pensamos que nossa leitura do caso é condizente com o que o próprio Serguei Pankejeff viveu e relatou, assim como com os relatos daqueles que estiveram próximos a ele depois de suas análises com Freud e Brunswick.

Temos então que a mostração proporcionada pela clínica nodal, não apenas nos mostra o momento clínico de cada paciente em sua singularidade, mas pode nos dar também uma boa visão da singularidade com que cada um de nós constrói sua realidade. É claro que não é possível apresentar cada fato da vida, mas é possível mostrar como fazemos amarrações distintas para diversas posições que tomamos frente a estes fatos. Que uma mesma forma de amarração, um sintoma por exemplo, possa ser a mostração de um momento específico, uma fração da realidade construída por alguém, não implica dizer que todos os sintomas são iguais, mas pode mostrar como muitos de nós usamos determinados elementos em um determinado arranjo para construirmos nossa realidade. Ainda que a maneira de amarrar seja particular, ou seja, que muitos de nós possamos nos utilizar da mesma maneira, cada um de nós traz elementos diversos para fazer a mesma amarração, o que nos singulariza. Isto é bastante próximo à forma freudiana de construir a Psicanálise: um caso clínico de uma pessoa qualquer, apesar de singular, pode nos trazer algo de generalizável, algo que apresenta uma possibilidade de amarração que muitos possam fazer.

Fora então de qualquer apresentação de um caso clínico, mas apenas tratando da vida de qualquer um de nós, tendo como base nossa tese de que a realidade é o efeito da amarração dos três registros com o auxílio de um quarto elo, correlato da expressão de que a realidade é um efeito de haver sujeito, ou seja, que o sujeito do Inconsciente é o agente da amarração, podemos finalmente pensar que a realidade humana só pode ser dividida em partes se a quisermos apresentar didaticamente. Em nosso dia-a-dia, nenhum de nós divide a realidade em uma realidade psíquica e outra material, para tomar o exemplo freudiano, sob pena de tomar uma delas como mais real que a outra, dando a alguma delas a primazia.

A realidade humana tomada como um todo deve conter então todos os elementos que entram em sua constituição: aquilo que é material e está localizado no mundo externo, assim como nossas representações diversas, tanto do mundo externo como do mundo interno. Levando em consideração todos os elementos, podemos então supor algo que dê significação a

tudo isto, ou em nossa linguagem nodal, algo que mantenha tudo isto coeso, amarrado. Este algo é o sujeito do Inconsciente, que busca as formas necessárias para que este todo possa minimamente ser coerente.

Fato importante de ser notado é que esta não é uma visão centrada na estrutura neurótica, como se a visão que o neurótico tem do mundo fosse a verdade. Indiferente à estrutura subjetiva teremos um sujeito que fará suas amarrações – de maneiras diferentes, é preciso concordar – mas todos farão alguma forma de amarração para constituir uma realidade, não sendo uma mais verdadeira que a outra quando tomamos as diferenças entre as estruturas subjetivas.

Este arranjo da realidade, seja neurótico, psicótico ou perverso, ao buscar englobar todos os elementos possíveis, colhe os frutos de seus efeitos, ao que chamamos realidade. Este efeito é apaziguador, diminuindo bastante o mal-estar inerente a todos nós. A realidade teria então a função de apaziguamento, sendo insuportável viver fora dela, ainda que por pequenos instantes. Esta nossa necessidade imperiosa de produzir uma realidade a todo momento pode nos levar a erros importantes, alguns tomados como adoecimentos, o que nos levaria a um novo mal-estar, e nos conduziria, por exemplo, a um analista.

O analista não seria o guardião da realidade, aquele que possui a chave para a verdade última das coisas, mas aquele que ao ouvir o sofrimento de cada um, pode ajudar na construção de novos enodamentos, menos sofridos, ainda que, como todo enodamento, transitório e passível de novos arranjos e desarranjos.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia* (5 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Abraham, N., & Torok, M. (1976). *Cryptonymie: le verbier de l'homme aux loups*. Paris: Aubier-Flammarion.
- Adams, C. C. (2004). *The knot book: an elementary introduction to the mathematical theory of knots*. Providence: American Mathematical Society.
- Aflalo, A. (1994/2011). Perspectivas do final da análise do Homem dos Lobos. Em A. M. Figueiró, & S. Laia, *O homem dos lobos... com Lacan* (pp. 15-52). Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Aflalo, A. (1999/2011). Reavaliação do caso do Homem dos Lobos. Em A. M. Figueiró, & S. Laia, *O homem dos lobos... com Lacan* (pp. 53-122). Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Amster, P. (2000). *Diccionario de los términos matemáticos empleados por Jacques Lacan*. Fonte: Comunidad Virtual Russell: <http://www.comunidadrussell.com/>
- Amster, P. (2001). *La matemática en la enseñanza de Lacan: antes de Babel*. Buenos Aires: LecTour Editorial.
- Amster, P. (2015). *Notas matemáticas para ler Lacan*. São Paulo: V. de Moura Mendonça - Livros (Scriptorium).
- Araújo, M. E. (2014). *Topologia da realidade: um percurso da realidade*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Assis, M. (1996). *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Ática.
- Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Badiou, A. (2002). *Breve tratado de ontología transitoria*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Berti, E. (1998). *As razões de Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola.
- Branquinho, J., Murcho, D., & Gomes, N. G. (2006). *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Breuer, J., & Freud, S. (1893-1895/1996). Estudos sobre a histeria. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Brunswick, R. M. (1928/1981). Supplément à l'"Extrait de l'histoire d'une névrose infantile" de Freud. Em M. G. (org), *L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même* (pp. 268-313). Paris: Éditions Gallimard.

- Brunswick, R. M. (1928/2002). Suplemento a la "Historia de una neurosis infantil" de Freud. Em M. G. (org), *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos* (pp. 179-221). Buenos Aires: Nueva Visión.
- Bunge, M. A. (1974). *Teoria e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Bunge, M. A. (2010). *Caçando a realidade: a luta pelo realismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Cartier, P., & Charraud, N. (2004). *Le réel en mathématiques: psychanalyse et mathématiques*. Paris: Agalma Éditeur.
- Cochet, A. (1998). *Lacan géomètre*. Paris: Anthropos.
- Cossutta, F. (1994). *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dafunchio, N. S. (2008). *Confines de las psicosis*. Buenos Aires: Del Bucle.
- Dafunchio, N. S. (2010). *Inhibición, Síntoma y Angustia*. Buenos Aires: Del Bucle.
- Darmon, M. (1994). *Ensaio sobre a topologia Lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Descartes, R. (1985). *Regras para a direção do espírito*. Lisboa: Edições 70.
- Descartes, R. (1996). *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes.
- Descartes, R. (2005). *Meditações metafísicas* (2 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Domingues, H. H. (1982). *Espaços métricos e introdução à topologia*. São Paulo: Atual.
- Dyck, P. (out de 1987). "Et si Schreber avait ri", une topologie. *Quarto*, 28/29, pp. 65-68.
- Eidelsztein, A. (2012). *La topología en la clínica psicoanalítica* (2 ed.). Buenos Aires: Letra Viva.
- Elia, L. (2000). Psicanálise: clínica e pesquisa. Em S. Alberti, & L. Elia, *Clínica e pesquisa em psicanálise*. (pp. 19-35). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Elmer, D. (2000). *Una lectura de R.S.I*. Buenos Aires: LecTour Editorial.
- Euclides. (2009). *Os elementos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Faria, E. (1962). *Dicionário escolar latino-português* (3 ed.). Brasília: Ministério da Educação e Cultura.
- Ferreira, A. B. (2009). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (4 ed.). Curitiba: Ed. Positivo.
- Figueiró, A. M., & Laia, S. (2011). *O homem dos lobos... com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Fragoso, E. Â. (2011). *O método geométrico em Descartes e Spinoza*. Fortaleza: EdUECE.
- Freud, S. (1891/2014). *Afásias: sobre a concepção das afásias*. (R. D. Mundt, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1891/2016). *Sobre a concepção das afásias: um estudo crítico*. (E. B. Rossi, Trad.) Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Freud, S. (1894/1996). As neuropsicoses de defesa. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 49-72). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1896/1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1900/1996). A interpretação dos sonhos. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1900/1999). Die Traumdeutung. Em S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 2/3). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1901/1996). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1909a/1996). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 10, pp. 11-133). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1909b/1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 10, pp. 135-276). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1911/1999). Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides). Em S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 8, pp. 239-320). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1911a/1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 231-244). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1911b/1996). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp. 13-89). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Freud, S. (1913 [1912-13]/1996). Totem e tabu. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 11-163). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1913 [1912-13]/1999). Totem und Tabu. Em S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 9). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1914a/1996). A história do movimento psicanalítico. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 13-73). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1914b/1996). Fausse reconnaissance (déjà raconté) no tratamento psicanalítico. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 203-212). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1915a/1996). A repressão. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 163-222). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1915a/1999). Das Unbewußte. Em S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 10, pp. 263-303). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1915b/1996). O inconsciente. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 163-222). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1915b/1999). Die Verdrängung. Em S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 10, pp. 247-261). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Freud, S. (1915c/1996). Os instintos e suas vicissitudes. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1916 [1915-16]/1996). Conferência X: simbolismo nos sonhos. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 15, pp. 151-170). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1917 [1915]a/1996). Luto e Melancolia. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 243-266). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1917 [1915]b/1996). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 223-241). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Freud, S. (1917 [1916-17]/1996). Conferência XVI: psicanálise e psiquiatria. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 16, pp. 251-263). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1918 [1914]/1996). História de uma neurose infantil. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 13-129). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1919/1996). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 191-218). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1920/1996). Além do princípio de prazer. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 11-75). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1923 [1922]/1996). Dois verbetes de enciclopédia. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 249-274). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1923/1996). O Ego e o Id. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1924 [1923]a/1996). Neurose e psicose. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 163-171). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1924 [1923]b/1996). Uma breve descrição da psicanálise. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 211-234). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1924/1996). A perda da realidade na neurose e na psicose. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 201-209). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1925/1996). A negativa. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 261-269). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1925/1999). Die Verneinung. Em S. Freud, *Gesammelte Werke* (Vol. 14, pp. 9-15). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.

- Freud, S. (1925/2007). A negativa. Em S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 3, pp. 145-157). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1926 [1925]/1996). Inibições, sintomas e ansiedade. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 79-171). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1927/1996). Fetichismo. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 149-160). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1928 [1927]/1996). Dostoiévski e o parricídio. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 179-200). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1930[1929]/1996). O mal-estar na civilização. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1933 [1932]a/1996). Conferência XXXI - A dissecação da personalidade psíquica. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 63-84). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1933 [1932]b/1996). Conferência XXXV: a questão de uma Weltanschauung. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 155-177). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1937/1996). Análise terminável e interminável. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 223-270). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1939 [1934-38]/1996). Moisés e o monoteísmo. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 13-150). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1940 [1938]a/1996). Esboço de psicanálise. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 151-221). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1940 [1938]b/1996). A divisão do ego no processo de defesa. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 289-296). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Freud, S. (1950 [1895]/1996). Projeto para uma psicologia científica. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 333-454). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S., & Ferenczi, S. (1994). *Correspondência: 1908-1911* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S., & Fliess, W. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. (J. M. Masson, Ed.) Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia, C. (2003). Lacan e companhia. Em V. Safatle, *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise* (pp. 305-329). São Paulo: Editora UNESP.
- Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana: sobre as afasias (1891) - o projeto de 1895* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (2000). *Introdução à metapsicologia freudiana: Artigos de metapsicologia - narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917)* (5 ed., Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L. A. (2002). *Introdução à metapsicologia Freudiana: A interpretação do sonho (1900)* (6 ed., Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gardiner, M. (1981). *L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*. Paris: Éditions Gallimard.
- Gardiner, M. (2002). *El hombre de los lobos por el hombre de los lobos*. Buenos Aires: Nueva visión.
- Gerbase, J. (julho de 1987). Fantasia ou fantasma. *Falo: Revista brasileira do campo freudiano*, 1, pp. 45-50.
- Godoy, H. C. (2010). A topologia é a estrutura. *Cadernos 5 - A escrita de Jacques Lacan: matemas, esquemas, grafo, a lógica e a topologia*, 5, pp. 127-138.
- Granon-Lafont, J. (1990). *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Guerra, A. M. (2007). *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo - parte I* (15 ed.). (M. S. Schuback, Trad.) Petrópolis: Editora Vozes.
- Herrmann, F., & Lowenkron, T. (2004). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Huisman, D. (2000). *Dicionário de obras filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Huisman, D. (2001). *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes.

- Jaspers, K. (1987). *Psicopatologia geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia* (2 ed., Vol. 1). Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Atheneu.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud: a maturidade (1901-1919)* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Jorge, M. A. (2010). *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar.
- Kaplan, F. (1998). *L'Ethique de Spinoza: et la méthode géométrique*. Paris: Flammarion.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Keller, A. J. (2002). *Michaelis: minidicionário alemão: alemão-português, português-alemão*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Lacan, J. ([1960] 1964/1998). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (19__/1998). De nossos antecedentes. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 69-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1952/20__). *Seminário -I: el hombre de los lobos*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1953/2003). Discurso de Roma. Em J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 139-172). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1953/2005). O simbólico, o imaginário e o real. Em J. Lacan, *Nomes-do-Pai* (pp. 9-53). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1953-1954/1986). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1954/1998). Resposta ao comentário de Jean Hypollite sobre a “Verneinung” de Freud. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 383-401). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1954-1955/1985). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1955-1956/2002). *O seminário, livro 3: as psicoses* (2. ed. rev. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1956 [1955]/1998). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 402-437). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Lacan, J. (1956-1957/1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1957-1958/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1957-1958/1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1961-1962/2003). *A identificação: seminário 1961-1962*. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.
- Lacan, J. (1962). Lição do dia 19/12/1962. Paris, França. Acesso em 2017, disponível em http://www.valas.fr/IMG/mp3/lacan_angoisse_19_12_62_7.mp3
- Lacan, J. (1962/2017). Lição do dia 19/12/1962. Paris, França. Acesso em 2017, disponível em http://www.valas.fr/IMG/mp3/lacan_angoisse_19_12_62_7.mp3
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1962-1963/2017). *L'Angoisse - 1962-1963*. Acesso em 25 de 07 de 2017, disponível em Staferla: <http://staferla.free.fr/S10/S10%20L'ANGOISSE.pdf>
- Lacan, J. (1964/1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1964-1965/2006). *Problemas cruciais para a psicanálise: seminário 1964-1965*. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.
- Lacan, J. (1965-1966/1998). De um desígnio. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 365-369). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1965-1966/20__). *Seminário 13 - El objeto del psicoanálisis*. (J. Tarella, Trad.) Buenos Aires: Escuela Freudiana de la Argentina.
- Lacan, J. (1966/1998). A ciência e a verdade. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1966/2003). Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. Em J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 219-223). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1966-1967/2008). *A lógica do fantasma: seminário 1966 - 1967*. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife.
- Lacan, J. (1967/2016). *École lacanienne de psychanalyse*. Acesso em 21 de fev de 2017, disponível em 1967-11-10: Petit discours aux psychiatres: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-11-10.pdf>
- Lacan, J. (1971-1972/2012). *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1972/2003). O aturdito. Em J. Lacan, *Outros Escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1972-1973/1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1973-1974/20__). *Seminario 21: Los incautos no yerran (Los nombres del padre)*. (R. M. Ramos, Trad.) Buenos Aires: Escuela Freudiana de la Argentina.
- Lacan, J. (1974-1975/19__). *R.S.I. O seminário*.
- Lacan, J. (24 de novembro de 1975). *Pas-tout Lacan*. Acesso em 11 de 06 de 2017, disponível em École lacanienne de psychanalyse: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1975-11-24b.pdf>
- Lacan, J. (1975/2007). Joyce, o sintoma. Em J. Lacan, *O seminário, livro 23: o sinthoma* (pp. 157-165). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1976-1977/2017). *L'insu que sait de l' une-bévue s'aile à mourre - 1976-1977*. Acesso em 25 de 07 de 2017, disponível em Staferla: <http://staferla.free.fr/S24/S24%20LINSU....pdf>
- Lacan, J. (1978-1979/20__). *Seminario 26 - La topología y el tiempo*. (P. G. Kaina, Trad.) Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1979[1975]/2003). Joyce, o sintoma. Em J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 560-566). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (12 de julho de 1980). *Pas-tout Lacan*. Acesso em 11 de 06 de 2017, disponível em École lacanienne de psychanalyse: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1926-1981-Pas-tout-Lacan.pdf>
- Lalande, A. (1999). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins fontes.
- Laplanche, J. (1992). *O inconsciente e o Id - seguido de: O inconsciente: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lavendhomme, R. (2001). *Lieux du sujet: psychanalyse et mathématique*. Paris: Éditions du Seuil.
- Mahony, P. (1992). *Gritos do homem dos lobos*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Mazzuca, R., Schejtman, F., & Slotnik, M. (2000). *Las dos clínicas de Lacan: introducción a la clínica de los nudos*. Buenos Aires: Tres Haches.

- Miller, J.-A. (2002). *Percurso de Lacan: uma introdução* (2 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.-A. (2009a). *La psicosis ordinaria: la convención de Antibes*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2009b). *Perspectivas do seminário 23 de Lacan: o Sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J.-A. (julho de 2009c). O Homem dos Lobos. *Opção Lacaniana - Revista brasileira internacional de psicanálise*, 56/57, pp. 9-65.
- Miller, J.-A. (2010a). *13 classes sobre el Hombre de los Lobos*. Buenos Aires: Pasaje 865.
- Miller, J.-A. (novembro de 2010b). Efecto retorno sobre la psicosis ordinaria. *El caldero de la escuela*, 14, pp. 12-29.
- Miller, J.-A. (março de 2011). O Homem dos Lobos: segunda parte e final. *Opção Lacaniana - Revista brasileira internacional de psicanálise*, 59, pp. 9-64.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Nasio, J.-D. (2011). *Introdução à topologia de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Obholzer, K. (1993). *Conversas com o homem dos lobos: uma psicanálise e suas consequências*. Rio de Janeiro: Horge Zahar Ed.
- Pankejeff, S. C. (2002). Las memorias del Hombre de los Lobos. Em M. Gardiner, *El hombre de los lobos or el hombre de los lobos* (pp. 15-177). Buenos Aires: Nueva Visión.
- Pasternac, M. (2000a). *1236 errores, erratas, omisiones y discrepancias en los Escritos de Lacan en español*. Buenos Aires: Oficio analítico.
- Pasternac, M. (novembro de 2000b). Lacan, Derrida y "El verbario de Abraham y Torok". *Relatos de la Clínica*, 1.
- Pastor, J. R., & Babini, J. (1985). *Historia de la matemática* (Vol. 1). Barcelona: Gedisa.
- Platão. (2007). Sofista (ou do ser). Em Platão, *Dialógos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)*. (E. Bini, Trad., Vol. 1, pp. 157-247). Bauru: EDIPRO.
- Porchat, P. (2005). *Freud e o teste de realidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rona, P. M. (2012). *O significante, o conjunto e o número: a topologia na psicanálise de Jacques Lacan*. São Paulo: Annablume.
- Roudinesco, E. (1988). *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos - 1925-1985* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, E. (2008). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Schejtman, F. (2013a). *Elaboraciones lacanianas sobre la neurosis*. Olivos: Grama Ediciones.
- Schejtman, F. (2013b). *Elaboraciones lacanianas sobre la psicosis*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Schejtman, F. (2013c). *Sinthome, ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Olivos: Grama Ediciones.
- Skriabine, P. (2011). Lacan topologue. *Nouvelle revue de psychanalyse – Lacan au miroir des sorcières – La cause freudienne*(n. 5), pp. 259-271.
- Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Spinoza, B. d. (2013). *Ética* (2 ed.). (T. Tadeu, Trad.) Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Tavares, P. H. (2011). *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- The emblem.* (22 de abr de 2017). Fonte: http://cms.gruppozenit.com/publish/isle_borromeo_2/en/home/storia_dei_borromeo/lo_stemma
- Tomei, M. C. (1993). *Topologia elemental: un saber previo a la lectura de Jacques Lacan*. Buenos Aires: SRL.
- Vandermersch, B. (21 de 04 de 2017). *Le cross cap de Lacan ou "asphère"*. Fonte: Association lacanienne internationale: http://www.freud-lacan.com/index.php/fr/1-a-l-i/44-categories-fr/site/1273-Le_cross_cap_de_Lacan_ou_asphere
- Vidal, E. (1988). Comentários sobre Die Verneinung. *Revista Letra Freudiana: Die Verneinung (A negação)*(Ano VII, n. 5), pp. 8-31.
- Wittgenstein, L. (1968). *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Wolfson, H. A. (1999). *La philosophie de Spinoza*. Paris: Gallimard.

